

A ENCARNAÇÃO DE JESUS CRISTO

POR

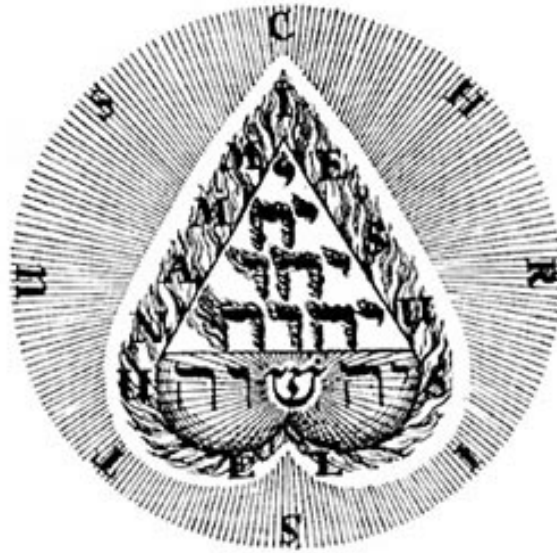
Jacob Boehme

DESCRITO NOS SEGUINTE TRATADOS:

LIVRO 1: COMO O VERBO ETERNO TORNOU-SE HOMEM;

LIVRO 2: COMO DEVEMOS PENETRAR O SOFRIMENTO;

LIVRO 3: A ÁRVORE DA FÉ CRISTÃ;



TRADUZIDO DO INGLÊS:

"THE INCARNATION OF JESUS CHRIST"

**A ENCARNAÇÃO
DE
JESUS CRISTO**

EXPOSTA EM TRÊS PARTES:

- I. Como o Verbo eterno tornou-se homem; Maria, a Virgem, quem Ela era no princípio, e que tipo de mãe se tornou através da concepção de seu filho, Jesus Cristo.
- II. Como devemos penetrar o sofrimento, agonia e morte de Cristo; como devemos, com ele e através dele, ressurgir de sua morte, nos tornarmos a sua imagem e viver eternamente nele.
- III. A árvore da fé Cristã. Uma verdadeira instrução, mostrando como muitos podem ser *um* espírito com Deus, e o que é preciso para se operar as obras de Deus.

Escrito conforme iluminação Divina por

Jacob Boehme
No ano de 1620

“Temo que em muitas passagens de meus escritos, dificilmente serei compreendido. Mas por Deus, sou facilmente compreendido pelo Leitor, se sua alma encontra-se fundamentada em Deus, é Dele o único conhecimento do qual escrevo. Pouco sei sobre a ciência histórica deste mundo, e não escrevo por vaidade. Não fui gerado pela ciência deste mundo, mas da vida de Deus, a fim de frutificar no paradisíaco jardim de rosas de Deus. Não só para mim mesmo, mas também para meus irmãos e irmãs, para que nos tornemos um santo corpo em Cristo, para Deus nosso Pai, que nos amou e nos ordenou em Cristo, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida”.

Carta de Jacob Boehme à
Christian Bernhard, 14 de Novembro de 1619

LIVRO I

**COMO O VERBO ETERNO TORNOU-SE HOMEM, MARIA, A VIRGEM,
QUEM ELA ERA NO PRINCÍPIO, E QUE TIPO DE MÃE SE TORNOU
ATRAVÉS DA CONCEPÇÃO DE SEU FILHO, JESUS CRISTO.**

CAPÍTULO I

A pessoa de Cristo, assim como a sua encarnação, não pode ser conhecida pela compreensão comum ou pela letra das Santas Escrituras, sem a Iluminação Divina. E ainda, sobre a origem do Ser Divino e Eterno

1. Quando Jesus perguntou a seus discípulos: “Quem, dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda, que é Jeremias ou um dos profetas” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as

chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. Em seguida, proibiu severamente os discípulos de falarem a alguém que ele era o Cristo. A partir dessa época, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia”. (Mt.16, 13-21). Sua intenção era mostrar que a razão pessoal, no conhecimento e sabedoria deste mundo, não poderia conhecer ou compreender a pessoa que era Deus e homem; mas que essa pessoa seria corretamente conhecida daqueles capazes de entregar-se inteiramente a ele, e por seu Nome suportar a cruz, a tribulação e a perseguição, de forma fiel. De fato, embora essa pessoa vivesse visivelmente entre nós neste mundo, era pouco conhecido pelo sábio da razão. E embora caminhasse nas maravilhas Divinas, a razão exterior era tão cega e tola que aquelas grandes maravilhas ou milagres foram atribuídos, pelos mais sábios da ciência da razão, ao demônio. Exatamente como no tempo em que vivia visivelmente neste mundo, ele permanece desconhecido da razão e do conhecimento pessoal, de modo que é e continua sendo, até agora, irreconhecível e desconhecido da razão exterior.

2. Tantas contentas e disputas surgiram sobre a sua pessoa, na medida em que a razão exterior sempre acredita ter compreendido o que é Deus e o homem, e como podem ser uma só pessoa. Essa disputa preencheu a terra, pois a razão pessoal sempre pretendeu ter apoderado-se da pérola, sem refletir que o reino de Deus não pertence a este mundo e que a carne e o sangue não podem conhecer ou compreendê-lo, muito menos penetrá-lo.
3. Do mesmo modo, convém a todos que pretendem falar sobre os mistérios Divinos ou mesmo ensiná-los, que possuam o Espírito de Deus, e que saibam à luz Divina o que expressar como verdade; nunca se deve extrair o ensinamento de sua própria razão, nem se apoiar meramente na letra, sem o conhecimento Divino, arrastando-se nas Escrituras, como faz a razão. Muitos erros surgem daqui, pois os homens tem buscado o conhecimento Divino em sua própria compreensão e ciência, passando da verdade de Deus para a razão pessoal, considerando a encarnação de Cristo como algo remoto e distante, enquanto todos devemos nascer novamente de Deus, nesta encarnação, se pretendemos escapar da cólera da natureza Eterna.
4. Cabe aos filhos de Deus uma obra íntima e inerente, com a qual deveriam ocupar-se de hora em hora, diariamente, a fim de penetrar continuamente a encarnação de Cristo, deixar a razão terrestre, e assim, durante esta vida de sofrimento, nascer no nascimento e encarnação de Cristo, caso queiram ser os filhos de Deus em Cristo: Eu me propus a escrever sobre este alto mistério, de acordo com meu conhecimento e dons, para um memorial, para que eu possa assim, ter a oportunidade de recriar e renovar a mim mesmo cordialmente com meu Emanuel, - pois, encontro-me como outros filhos de Deus neste nascimento, - para que eu tenha um memorial e um apoio, caso os trevosos e terrestres, carne e sangue, colocarem em mim o veneno do demônio, obscurecendo minha imagem. Proponho este trabalho como um exercício de fé, através do qual minha alma possa, como um ramo em sua árvore, Jesus Cristo, renovar-se com sua seiva e poder. Assim, não com instrução e grandes discursos da ciência ou luzes da razão deste mundo, mas segundo o conhecimento que tenho de minha árvore que é o Cristo, para que meu ramo também possa florescer e crescer, ao lado de outros, na árvore e vida de Deus. Embora meu fundamento seja elevado e profundo, explicarei de forma clara; contudo devo dizer ao leitor, que sem o espírito de Deus, tudo será para ele um mistério incompreendido. Portanto, que cada um reflita sobre o julgamento que emprega, a fim de não cair no julgamento de Deus, ser agarrado por sua própria *turba*, e derrotado pela razão. Digo isto com boa intenção e afeição, para reflexão do leitor.

5. Se iremos escrever sobre a encarnação e nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus, corretamente, devemos refletir sobre a causa, considerando o que movimentou Deus a tornar-se homem, tendo em vista que isso não era necessário para a realização de seu ser. Não se pode dizer que o ser de Deus, propriamente dito, tenha sido modificado na encarnação. Deus é imutável, e ainda assim tornou-se o que Ele não era; mas sua propriedade permaneceu, ao mesmo tempo, imutável. Foi unicamente por causa da queda e salvação do homem, para que Ele pudesse trazê-lo novamente ao Paraíso. É preciso considerar o primeiro homem, da forma que era antes da queda, o que motivou a movimentação da Divindade.
6. Sabemos que Moisés diz: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Compreenda, então, que Deus, que é um Espírito, olhou a si mesmo numa imagem, como numa semelhança. Ele também criou este mundo, para que pudesse manifestar a Natureza Eterna em essência e substância, assim como nas criaturas e figuras viventes, para que tudo isso pudesse ser uma semelhança e uma produção da Natureza Eterna do primeiro Princípio. Semelhança, que antes dos tempos do mundo, permanecia na sabedoria de Deus, como uma *magia* oculta, e que foi vista na sabedoria pelo Espírito de Deus, que no princípio deste mundo movimentou a Natureza Eterna, manifestando e revelando a semelhança do mundo divino oculto. Pois, o mundo ígneo encontrava-se como que absorvido e oculto na luz de Deus, a luz da Majestade reinava sozinha em si mesma. Não se deve pensar, no entanto, que o mundo ígneo não existia. Existia; mas separado em seu próprio princípio, e não estava manifestado na luz da Majestade de Deus. Podemos conceber este fato, observando o fogo e a luz; o fogo é, de fato, a causa da luz, e a luz habita no fogo, sem ser capturada por ele, e tendo uma outra vida além do fogo. Pois, o fogo é ferocidade e consome, e a luz é brandura, e de seu poder surge a substancialidade, como a água ou enxofre de algo, que o fogo atrai para si e usa para sua força e vida, formando com isso um laço eterno.
7. Este fogo e a luz divina permaneceram, desde a eternidade, em si mesmos, cada um em sua ordem, em seu princípio, sem possuir fundamento ou começo. Pois o fogo tem em si sua própria forma como fonte, a saber, o Desejo, no qual e do qual todas as formas da natureza são geradas, uma como causa da outra, como já foi detalhado em outros escritos. Encontramos, na luz da natureza, que o fogo em sua essência própria, na fonte amarga do desejo, era trevas, e estava como que absorvido na brandura de Deus, sem inflamação; embora queimasse, só era perceptível como um princípio especial, na brandura de Deus. Pois, desde a eternidade só haviam dois princípios: o mundo ígneo, em si mesmo, e o outro também contido em si mesmo, o mundo da luz-flamejante; embora não estivessem separados, como o fogo e a luz não estão separados, a luz habitava o fogo, sem ser capturada por ele.
8. Devemos compreender dois tipos de espíritos unidos um no outro, ou seja, primeiro um espírito ígneo, em conformidade com a essência da natureza severa e amarga, procedendo do fogo essencial feroz que é frio e quente, conhecido como sendo o espírito da cólera de Deus, pertencente à propriedade do Pai, de acordo com a qual ele se denomina um Deus ciumento e colérico; um fogo consumidor pelo qual o Primeiro Princípio é compreendido. Segundo, um espírito gentil de luz-flamejante, que desde a eternidade recebe sua transformação no centro da luz; pois no Primeiro Princípio, na propriedade do Pai, esse é um espírito ígneo, e no segundo Princípio, na luz, um espírito brando de luz-flamejante, gerado desta forma desde a eternidade, sendo um, não dois. Mas que é compreendido numa fonte dupla, ou seja, no fogo e na luz, segundo a propriedade de cada fonte, como pode ser suficientemente compreendido em qualquer fogo exterior, onde a fonte do fogo origina um espírito feroz e consumidor, e a fonte da luz fornece um espírito amoroso e brando, ainda que originalmente haja senão um espírito.

9. Da mesma forma, devemos considerar o Ser da eternidade ou a Santa Trindade, que na luz da Majestade reconhecemos como sendo a Divindade, e no fogo como sendo a Natureza Eterna. Pois o espírito todo poderoso de Deus, com os dois Princípios, tem sido desde a eternidade o Todo; não há nada anterior a ele, ele é o próprio fundamento e o não fundamento. O Ser divino é considerado especialmente como uma única existência em si, habitando fora da natureza e propriedade ígnea, na propriedade da luz, e é chamado Deus; não da propriedade do fogo, mas da propriedade da luz, embora as duas propriedades sejam inseparáveis. Como vemos neste mundo, que um fogo oculto permanece oculto nas profundezas da natureza e em todos os seres, sem o qual nenhum fogo exterior poderia ser produzido. Observamos como a brandura da água mantém esse fogo oculto aprisionado em si mesma, a fim de que ele não possa ser revelado; pois está como que absorvido na água, sendo portanto essencial e não substancial, sendo conhecido e qualificado ao despertar-se; tudo era um nada e um não fundamento sem o fogo.
10. Assim, compreendemos também que o terceiro Princípio, ou a fonte e o espírito deste mundo encontrava-se oculto, desde a eternidade, na Natureza Eterna da propriedade do Pai, e que fora visto pelo Espírito de luz-flamejante na santa Magia, na sabedoria de Deus e na tintura divina. Consequentemente, a Divindade movimentou-se de acordo com a natureza da *genetrix*, manifestando o grande mistério, onde encontra-se tudo o que a Natureza Eterna pode fazer. Isso era, contudo, apenas um *mysterium*, e não assemelhava-se a nenhuma criatura, mas que continha tudo em si, como num caos. A natureza colérica e feroz gerou um caos escuro, e a natureza de luz-flamejante, em sua propriedade, gerou chamas na Majestade e na brandura, que tem sido, desde a eternidade, a fonte de água e causa da santa e divina essencialidade. Era somente poder e espírito, sem paralelo, nada era discernido ali, senão o Espírito de Deus numa fonte e forma dupla, ou seja, a severa fonte do fogo, fria e quente, e a branda fonte do amor, na forma de fogo e luz.
11. É como um mistério que penetra um no outro, sem que um compreenda o outro, mas que ao mesmo tempo permanecia em dois princípios. Aqui então o azedume ou o pai da natureza busca a essência no mistério, onde quer que tivesse sido formada como que numa imagem, ainda que não houvesse nenhuma imagem, mas como que a sombra de uma imagem. Tudo sempre teve, no mistério, um eterno começo, e não se pode dizer que algo tenha surgido sem ter sua figura como sombra na grande Magia eterna; mas não havia ser, somente uma vibração espiritual, uma na outra, constituindo a Magia das grandes maravilhas de Deus, onde sempre houve origem, onde não havia nada, senão uma existência infundada. Este *nada*, na natureza do fogo e da luz, avançou para um fundamento, ainda que tenha saído do nada senão do espírito da fonte, que não é um ser, mas uma fonte que origina-se de si mesma em si mesma em duas propriedades, e da mesma forma, separa-se em dois princípios. Não há separador ou realizador, nem qualquer causa de sua própria criatividade, ela própria é a causa.
12. Assim, somos capazes agora de reconhecer a criação deste mundo, incluindo tanto a criação dos anjos como a do homem e de todas as criaturas. Tudo foi criado a partir do grande mistério. Pois, o terceiro Princípio posicionou-se diante de Deus como uma magia, não sendo manifestado por inteiro. Deus não tinha nenhuma semelhança, na qual pudesse manter seu próprio ser, mas somente a sabedoria. Este era seu anseio, e estava lá em sua vontade, com seu espírito, como uma grande maravilha na magia divina de luz-flamejante do Espírito de Deus. Pois, a sabedoria era a morada do Espírito de Deus, e não uma *genetrix*, mas a revelação de Deus, uma virgem e causa da divina essencialidade, pois nela encontra-se a tintura divina de luz-flamejante para o coração de Deus, assim como para o Verbo da vida da Divindade, a revelação da Santa Trindade. Não que a sabedoria tenha manifestado a Deus através de seu próprio poder e produtividade, mas o centro divino, ou seja, o coração de Deus ou ser,

manifestou-se nela. A sabedoria é como se fosse o espelho da Divindade; pois nenhum espelho produz ou mantém qualquer imagem, apenas recebe a imagem. Da mesma forma esta virgem da sabedoria é um espelho da Divindade, no qual o Espírito de Deus se mantém, assim como todas as maravilhas da magia, que chegaram à existência com a criação do terceiro Princípio. Tudo foi criado a partir do grande mistério, e a virgem da sabedoria de Deus permaneceu no mistério e nela o Espírito de Deus viu as formas das criaturas. Pois isto é aquilo que é pronunciado, aquilo que o Pai pronuncia através do Espírito Santo, a partir de seu centro da propriedade divina de luz-flamejante, do centro de seu coração, do Verbo da Divindade. A sabedoria permanece diante da Divindade como Seu reflexo ou espelho, onde a Divindade se mantém, e nela repousa o reino divino da alegria e da vontade divina, ou seja, as grandes maravilhas da eternidade, que não tem começo nem fim, nem número, mas tudo é um eterno começo e um eterno fim, e juntos assemelham-se a um olho que vê, onde contudo não há nada a vista, ainda que a vista surja da essência do fogo e da luz.

13. Assim, compreenda na essência do fogo, a propriedade do Pai e o primeiro Princípio; na fonte e propriedade da Luz a natureza do Filho ou o segundo Princípio; e o Espírito governante que procede destas duas propriedades compreenda como o Espírito de Deus, que no primeiro Princípio é colérico, severo, amargo, azedo, frio e feroz, o espírito propulsor na cólera. Portanto ele não reside na cólera e na ferocidade, mas sai e sopra o fogo essencial, unindo-se novamente à essência do fogo, pois as essências ígneas atraem o espírito novamente para si, já que o espírito é a sua fonte e a sua vida; novamente, no fogo inflamado na luz, o espírito procede do Pai e do Filho, revelando as essências ígneas na fonte da luz, através da qual as essências ígneas queimam num grande desejo de amor, e a fonte austera rigorosa não é conhecida na fonte da luz, a fim de que a severidade do fogo seja apenas uma causa da majestade da luz-flamejante e o amor desejoso.
14. Assim, devemos compreender o Ser da Divindade e também da Natureza Eterna. Compreendamos sempre o ser divino na luz da majestade, pois a luz branda torna a natureza severa do Pai gentil, amorosa e misericordiosa, quando Deus é denominado um Pai de misericórdia, de acordo com seu coração ou Filho. Pois a propriedade do Pai encontra-se no fogo e na luz. Ele é o Ser de todos os seres. Ele é o não fundamento e o fundamento, e no nascimento eterno divide-se em três princípios, embora na eternidade haja senão dois princípios no ser, e o terceiro é como um espelho dos dois primeiros, do qual este mundo foi criado como uma existência palpável num começo e fim.

CAPÍTULO II

A MANIFESTAÇÃO DA DIVINDADE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DOS ANJOS E HOMENS A PARTIR DA ESSÊNCIA DIVINA.

1. Visto que houve um mistério desde a eternidade, consideraremos agora a sua manifestação. Podemos falar da eternidade somente como se falássemos de um espírito, pois o todo era unicamente espírito; mesmo assim, da eternidade gerou a si mesmo em substância, através da ânsia e do desejo. Não podemos dizer que na eternidade não havia substância, pois nenhum fogo existe sem substância. Tampouco há brandura, sem a produção de substância. Pois a brandura produz a água e o fogo a absorve, transformando-a em si mesmo, uma parte nos céus e firmamento, e a outra parte no enxofre, onde o espírito-ígnico com sua roda de essências, produz um mercúrio e desperta o Vulcão (lança fogo), através do qual o terceiro espírito ou o ar é gerado. No meio encontra-se a tinteira pura, como um lustre de cores, e que possui sua origem

da sabedoria de Deus. Cada cor permanece com sua essência, na brandura da fonte de água, obscura, a qual tem sua origem da ferocidade amarga.

2. Cada forma anseia pela outra, e pela ânsia do desejo, uma forma é impregnada pela outra, sendo que uma traz a outra à existência, de forma que a eternidade permanece num perpétua magia, onde a natureza encontra-se num processo de crescimento e fortalecimento, o fogo a consome e a origina, formando um laço eterno. Mas a luz da Majestade e da Trindade de Deus é imutável; pois o fogo não pode apreender a luz, que vive livre em si mesma.
3. Reconhecemos e observamos, contudo, que a luz do amor deseja as maravilhas e imagens na sabedoria; em tal desejo, este mundo foi percebido, desde a eternidade, como um modelo (forma espelhada), na sabedoria, na profunda e oculta magia de Deus; pois o desejo de amor busca o fundamento e o não fundamento. O desejo da cólera, ou seja, da fonte severa e amarga na natureza e propriedade do Pai, aqui encontra-se misturado, desde a eternidade. Assim, a imagem dos anjos e homens na propriedade divina, assim como na propriedade da cólera, os demônios, foram vistos na sabedoria de Deus desde a eternidade: ainda não como algum ser, mas da mesma forma que um pensamento surge nas profundezas da mente, sendo trazida diante de seu próprio espelho da alma, onde um objeto que não tem ser, aparece freqüentemente.
4. Assim as duas *genetrices*, a da cólera no fogo e a do amor na luz, trouxeram sua forma na sabedoria, onde o coração de Deus desejou, no amor, produzir sua forma espelhada numa imagem angélica, composta pela essência divina, a fim de que estas formas pudessem ser imagem e semelhança da Divindade e habitar na sabedoria de Deus, preenchendo a ânsia da Divindade e para o eterno deleite do divino reino da alegria.
5. Precisamos considerar agora o *Verbum Fiat*, que os abarcou e os trouxe a uma substância e a um ser corporal, pois a vontade desta imagem surgiu do Pai, da propriedade do Pai, no Verbo ou coração de Deus desde a eternidade, como uma vontade que deseja a criatura e a manifestação da Divindade. Porque, contudo, Deus não colocou-se em movimento até o momento da criação dos anjos; portanto, não ocorreu criação alguma até a criação dos anjos. Mas a razão e causa disto não cabe a nós conhecermos; Deus guardou em seu poder, como foi que alguma vez se colocou em movimento, sendo que é, de fato, um Deus imutável. Não devemos ir além nesta questão, o que iria nos confundir.
6. Mas sobre a criação temos o poder de falar, pois trata-se de uma obra no ser de Deus. Compreendemos, que a vontade do Verbo ou o coração de Deus, é retida pelo Fiat amargo, no centro da natureza do Pai, com seus sete espíritos e formas da Natureza eterna, e que na forma de um trono, através do qual o Fiat amargo apareceu não como um realizador, mas como um agente na propriedade de cada essência, ou seja, nas grandes maravilhas da sabedoria. Assim como as imagens foram retidas, desde a eternidade na sabedoria, foram agora abarcadas pelo Fiat na Vontade-espírito de Deus, e não foram tomadas de forma alienatória, mas da essência de Deus, ou da natureza do Pai. Elas foram, com a Vontade-espírito de Deus, introduzidas na luz da Majestade, onde passaram a ser os filhos de Deus e não estranhos; nasceram e foram criadas, da natureza e propriedade eterna do Pai, e o espírito de sua vontade foi direcionada à natureza e propriedade do Filho. Eles podiam se alimentar e deveriam fazê-lo do amor e essencialidade de Deus, na luz da Majestade; com isso, sua propriedade feroz, proveniente da natureza do Pai, era transformada em amor e alegria. Assim procederam todos, com exceção de um trono e reino, que se voltou para longe da luz do amor, e desejou, na severa natureza-ígnea, reinar sobre a brandura e o amor de Deus. Consequentemente, este trono foi dirigido para fora da propriedade do Pai, fora do lugar próprio da criatura para as trevas eternas, para o abismo do Fiat

adstringente; ali deve permanecer em sua própria eternidade; desta forma, a cólera da Natureza Eterna também foi satisfeita.

7. Mas não se deve pensar que o Rei Lúcifer não poderia ter permanecido firme. Ele possuía a luz da Majestade diante dele, da mesma forma que os outros anjos-tronos. Se sua imaginação tivesse ocorrido na luz, teria permanecido um anjo; mas ele se retirou do amor de Deus, e penetrou a cólera, passando a ser um inimigo do amor de Deus e de todos os santos anjos.
8. Além do mais, precisamos considerar aqui, a hostil inflamação dos espíritos expulsos, quando ainda encontravam-se na propriedade do Pai; como acenderam, através da imaginação, a natureza da essencialidade, fazendo com que a terra e as pedras fossem produzidas da Essência celeste, e o espírito brando da água, na qualificação do fogo, tornou-se o firmamento abrasador. Imediatamente sucedeu-se a criação deste mundo como o terceiro Princípio; este mundo foi provido de uma outra luz, ou seja, o sol; com isso, o demônio foi privado de sua pompa, sendo fechado nas trevas como um prisioneiro, entre o reino de Deus e o reino deste mundo, a fim de que seu domínio neste mundo não se estenda além da *turba*, onde a cólera e a ira de Deus é despertada, e ali ele é um carrasco. Ele é um perpétuo mentiroso, caluniador e enganador das criaturas; ele transforma tudo o que é bom naquilo que é mal, assim que tem a oportunidade. O que quer que seja terrível e resplandecente, ali ele exhibe seu poder, desejando sempre estar acima de Deus. Mas o céu, criado do meio das águas como um firmamento brando, abate sua pompa e orgulho, assim ele não é um príncipe soberano deste mundo, mas um príncipe da cólera.
9. Mas visto que o demônio foi expulso de seu lugar, este lugar ou trono (destituído de sua hoste angélica) desejou enormemente o seu príncipe; mas ele havia sido expulso. Deus então, criou um novo príncipe para este lugar, Adão, o primeiro homem, que também era um príncipe-trono diante de Deus. É preciso considerarmos aqui esta criação corretamente, assim como sua queda, o que fez com que o coração de Deus se movimentasse e se tornasse homem.
10. A criação do homem não é uma questão trivial, pois foi por causa de sua queda que Deus tornou-se homem, a fim de poder restaurá-lo. Portanto, sua queda não consiste no simples ato de se morder uma maçã; sua criação não ocorreu da forma que a razão acredita, na medida em que compreende o primeiro Adão, em sua criação, como sendo um mero torrão de terra. Não, cara alma, Deus não tornou-se homem por causa de um torrão de terra; também não foi uma mera questão de desobediência, diante da qual Deus tornou-se tão colérico a ponto de sua cólera não ser apaziguada, a menos que ele se vingasse de seu Filho e o matasse.
11. Para nós homens, após a perda da imagem paradisíaca, isto é um mistério e permaneceu oculto, exceto para alguns que conseguiram apreender novamente o mistério celeste; para estes, algo foi revelado, de acordo com o homem interior. Pois, em Adão estamos mortos para o Paraíso e devemos, através da morte e da putrefação do corpo, florescer novamente no Paraíso, como num outro mundo, na vida de Deus, na essencialidade e corporalidade celeste. Mas ainda que o mistério possa estar em alguns, para terem adquirido novamente na alma, a essencialidade de Deus (ou o corpo de Cristo), ainda assim o Adão terrestre e corrupto encobriu o santo e puro mistério, sendo que o grande segredo permaneceu oculto da razão. Deus não habita neste mundo, no Princípio externo, mas sim no Princípio interno. Certamente, ele habita no lugar deste mundo, mas este mundo não o apreende. Como então poderia o homem terrestre apreender os mistérios de Deus? Se algum homem pretende apreendê-los, deve fazê-lo de acordo com o homem interior, nascido novamente de Deus.

12. Mas, visto que o Mistério divino irá então, revelar-se inteiramente, apresentando-se ao homem de forma compreensível, a fim de que ele compreenda o segredo claramente, é preciso refletir bem sobre o que isso significa, - nada menos do que a colheita deste mundo. Pois o início encontrou o fim e o meio foi colocado em separação. Que isto seja dito a vós, sim aos filhos, que herdarão o reino de Deus: É hora de grande seriedade; o campo deve ser preparado; o bem e o mal devem ser separados; o dia se vai; isto é um fato!
13. Se iremos falar do homem, compreendê-lo corretamente, do que foi feito, devemos considerar a Divindade como Ser de todas os seres, pois o homem foi criado à semelhança de Deus, a partir dos três princípios, uma imagem completa e semelhante a toda esfera de existência. Ele não era para ser somente uma imagem deste mundo, pois a imagem deste mundo é animal, e não foi por causa de uma imagem animal que Deus tornou-se homem. Nem Deus criou o homem para viver assim, na propriedade animal, como vivemos agora, após a queda, mas Ele o criou no Paraíso, na Vida eterna. O homem não tinha esta carne animal, mas a carne celestial; com a queda, ela tornou-se terrestre e animal. Não devemos, no entanto, entender que o homem nada tinha deste mundo em si, mas os quatro elementos não reinavam nele, pois estavam reunidos em um, e o reino terrestre permanecia oculto. Ele deveria viver na qualidade celestial; embora tudo estivesse despertado no homem, ele deveria reinar com a qualidade celeste do segundo Princípio; a qualidade terrestre, o reino e a qualidade das estrelas e elementos deveriam estar sujeitas à qualidade paradisíaca. Nenhum calor, frio, doença ou miséria, nenhum temor deveria atingi-lo ou amendontrá-lo. Seu corpo poderia passar através das pedras e da terra sem prejudicar nenhum deles. Não havia nenhum homem eterno, que pudesse ser controlado terreamente e que fosse frágil.
14. Portanto, é preciso considerar o homem corretamente. Não se trata de uma questão de sofisticação ou imaginação, mas de saber e compreender no espírito de Deus. É dito: “É preciso renascer, se quiseres ver de novo o reino de Deus, o qual abandonastes”. A ciência nada ajudará, senão o espírito de Deus, que abre a porta do céu à imagem do homem, para que ele veja com os três olhos. Pois o homem vive numa vida ternária, se é filho de Deus; caso contrário, vive somente uma vida binária. Sabemos, muito bem, que Adão abandonou, com a reta e santa imagem, que era a semelhança da Santa Trindade, o Ser Divino e imaginou na terrenidade, introduzindo o reino terrestre na imagem divina, o que provocou a sua corrupção e obscuridade; com isso, perdemos também a vista paradisíaca. Além do mais, Deus retirou o Paraíso do homem, o que o deixou frágil, fraco e sem poder ; imediatamente, os quatro elementos e as estrelas tornaram-se poderosos no homem; portanto, com Adão caímos sob a sua influência. Esta foi também a causa da mulher; Deus dividiu Adão quando não pode permanecer firme, trazendo-o para duas tinturas, de acordo com o fogo e a água, uma fornecendo a alma, outra o espírito. Após a queda, o homem tornou-se uma entidade animal, devendo propagar-se através de uma propriedade animal, já que o Céu, o Paraíso e a Divindade tornaram-se um mistério para ele; aquilo que é eterno no homem , ou seja, a alma pura, ainda existe, mas coberta por uma vestimenta terrestre, obscura e infectada pela qualidade terrestre, envenenada pela falsa imaginação, o que o impede de ser reconhecido como filho de Deus; foi por causa disso que Deus tornou-se homem, a fim de libertar a alma da obscura terrenidade e introduzi-la novamente na essencialidade celestial, na carne e sangue de Cristo que preenche os céus.

CAPÍTULO III

O PORTÃO DA CRIAÇÃO DO HOMEM

1. Embora isso já tenha sido explicado suficientemente em outros livros, como nem todos os tem em mãos, é necessário que se faça um resumo sobre a criação do homem, a fim de que a encarnação de Cristo seja, mais à frente, bem compreendida. Também por causa das pérolas, as quais no curso de sua busca, cabem mais e mais ao homem, sendo reveladas e concedidas à ele. Recriar a mim mesmo com Deus, produz em mim grande satisfação.
2. A criação do homem ocorreu em todos os três Princípios, ou seja, na natureza e propriedade eterna do Pai, na natureza e propriedade eterna do Filho, e na natureza e propriedade deste mundo. No homem, criado pelo *Verbum Fiat*, foi soprado o espírito ternário para sua vida, a partir de três princípios e fontes. Por um Fiat triplo ele foi criado, compreenda o que é corporal e essencial; a vontade do coração do Pai introduziu no homem o espírito, de acordo com todos os três Princípios. Compreenda isso da seguinte forma:
3. O homem foi criado inteiramente à semelhança de Deus. Deus manifestou-se na humanidade numa imagem, que deveria ser como Ele próprio. Pois Deus é tudo e tudo surgiu dele; como nem tudo é bom, conseqüentemente o tudo não é chamado Deus. Pois, com relação à pura divindade, Deus é um espírito de luz-flamejante e habita em nada, unicamente em si mesmo; não há nada como ele mesmo. Mas com relação à propriedade do fogo, de onde a luz é gerada, conhecemos a propriedade do fogo como sendo a natureza, que é a causa da vida, movimento e espírito, de outra forma não haveria nenhum espírito, nenhuma luz, nenhum ser, mas uma eterna quietude; não haveria características, nem virtudes, mas somente um não fundamento sem nenhum ser.
4. Embora a luz da Majestade habite o não fundamento (falta de fundamento) sem ser capturada pela natureza e propriedade ígnea, devemos considerar o fogo e a luz, da seguinte forma: O fogo possui e produz uma fonte terrível e consumidora. Ora, há na fonte um decair, como um morrer, ou uma livre desistência. Esta livre rendição atinge a liberdade fora da fonte, como na morte, sem que haja morte alguma; mas ela descende um grau mais profundo em si mesma sendo libertada do tormento da angústia do fogo, mantendo a aspereza do fogo – mas não na angústia e sim na liberdade.
5. Com isso, a liberdade e o não fundamento passam a ser uma vida, e tornam-se uma luz; pois a liberdade recebe um lampejo da fonte angustiante e passa a desejar a substancialidade; o desejo se faz fecundo com a substancialidade da liberdade e da brandura. Pois aquilo que se aprofunda ou se volta para longe da fonte da angústia, regozija-se por estar livre da angústia, atraindo a satisfação para dentro de si e passa, com sua vontade, para fora de si, penetrando a vida e o espírito de alegria. Para expressar tal fato necessitaríamos de uma linguagem angélica. Mas na seqüência, ofereceremos ao leitor que ama à Deus, uma curta notificação para sua reflexão, a fim de compreender a substancialidade celeste.
6. Em Deus tudo é poder, espírito e vida; mas o que é substância não é espírito. Aquilo que descende do fogo, no não poder, é substância. Pois o espírito continua no fogo, mas separado em duas fontes: a do fogo e a que se inclina para a liberdade e para a luz. Esta última é chamada Deus, pois é branda e amorosa, contendo em si o reino da satisfação. O mundo angélico é compreendido na liberdade que descende da substancialidade.
7. Por termos abandonado a liberdade do mundo angélico para penetrarmos a fonte de trevas, cujo abismo é o fogo, não haveria remédio para nós, a menos que o poder e o Verbo da luz, como um Verbo da Vida Divina, torna-se um homem, a fim de nos tirar das trevas, através do tormento do fogo, da morte no fogo, penetrando novamente a liberdade da Vida divina, a essencialidade

divina. Portanto, o Cristo tinha que morrer e com o espírito da alma passar pelo fogo da Natureza eterna, ou seja, pelo inferno e pela cólera da Natureza eterna, para a essencialidade divina, fazendo de nossa alma um caminho através da morte e da cólera, neste caminho devemos com Cristo e em Cristo penetrar a morte para a Vida divina eterna.

8. Mas com relação a essencialidade divina, ou seja, com relação a corporalidade divina, devemos compreender o seguinte: A luz fornece a brandura como um amor ; ora, a angústia do fogo deseja a brandura, capaz de saciar sua grande sede; pois o fogo é um desejar e a brandura um ceder, já que cede a si mesma. Assim, no desejo da brandura, o ser é produzido, como uma essencialidade substancial que escapou da ferocidade, que doa livremente sua própria vida: tal é a corporalidade. Pois, através do poder na brandura, torna-se substancial, sendo atraída e retida pelo amargor, ou seja, pelo Fiat eterno. Chama-se substancialidade ou corporalidade porque encontra-se rebaixada à fonte-ígneia e espírito, estando relativamente fraca, morta ou sem poder, embora seja uma vida essencial.
9. É preciso que o leitor entenda bem. Quando Deus criou os anjos, apenas dois Princípios estavam manifestados no ser, ou seja, a existência no fogo e na luz, quer dizer, primeiro envolvendo a essencialidade ígnea no Fiat severo e amargo, com as formas da natureza ígnea; em segundo lugar, envolvendo a essencialidade celeste do santo poder com as fontes-aquosas da brandura da vida de satisfação, na qual, como no amor e na brandura, o divino sulfúrio foi gerado, seu Fiat foi a vontade desejosa de Deus.
10. Desta Essência divina, assim como da Natureza de Deus, os anjos foram criados como criaturas. O espírito dos anjos, ou fonte de vida, continua no fogo; pois sem fogo não existe espírito algum. Mas passam do fogo para a luz, onde recebem a fonte do amor. O fogo foi apenas a causa de suas vidas; mas a ferocidade do fogo foi extinta pelo amor, na luz.
11. Lucifer desprezou isso e permaneceu um espírito de fogo. Assim, ele se elevou e acendeu a essencialidade em seu *locus*, de onde a terra e as pedras foram produzidas; ele foi banido. Começa aqui a terceira corporalidade e o terceiro Princípio, juntamente com o reino deste mundo.
12. Como o demônio foi banido do terceiro Princípio para as trevas, Deus criou uma outra imagem à Sua semelhança para esta região. Mas se esta imagem deveria ser a imagem de Deus, segundo todos os três Princípios, tinha que ser tirada de todos os três, e de cada entidade desta região, assim como o Fiat tinha, na criação, se manifestado no éter, em conexão com o trono principesco de Lúcifer. Pois o homem ocupou o lugar de Lúcifer; desde então, a grande inveja dos demônios não atribui ao homem esta honra, mas o tem guiado continuamente pelo caminho corrupto e demoníaco, a fim de poderem aumentar seu reino. Fazem isso em rebeldia à brandura ou ao amor de Deus. Além do mais, acreditam, por viverem na ferocidade do forte poder, serem maiores do que o Espírito de Deus, que consiste de amor e brandura.
13. Assim, a Vontade-Espírito de Deus ou o santo Espírito dispôs o Fiat duplo em dois princípios, ou seja, o interno no mundo angélico e o externo neste mundo, criando o homem (*Mesch* ou *Mensch*) como uma pessoa mista. Pois deveria ser uma imagem do mundo interior e exterior, devendo reinar pela qualidade interior sobre a qualidade exterior: desta forma ele seria a semelhança de Deus; pois a natureza exterior estava suspensa na natureza interior. O paraíso florescia através da terra e o homem estava neste mundo, na terra, no Paraíso. O fruto paradisíaco crescia para ele até a queda. Quando o Senhor amaldiçoou a terra, o Paraíso passou para o mistério, tornando-se para o homem um mistério ou segredo; contudo, se o homem

nascer de novo de Deus, habitará pelo homem interior, no Paraíso, mas pelo homem exterior, neste mundo.

14. Iremos mais além no que se refere à origem do homem. Deus criou seu corpo da matriz da terra, de onde a terra foi criada. Tudo encontrava-se misturado, e ainda assim dividido em três Princípios coexistentes com os três tipos de essências, no entanto aquela da cólera feroz não era conhecida. Se Adão tivesse permanecido na inocência, teria vivido o tempo todo deste mundo em dois Princípios unicamente, e teria reinado por um sobre todos; o reino da cólera feroz nunca teria sido manifestado ou conhecido, embora este reino estivesse dentro dele.
15. O corpo de Adão foi criado pelo Fiat interno, a partir do elemento interior, onde permanece o firmamento interno e o céu com as essências celestes; foi criado também, pelo Fiat externo, a partir dos quatro elementos da natureza externa e das estrelas. Pois, na matriz da terra o Fiat interno e externo encontravam-se misturados. O paraíso estava lá, e o corpo foi criado mais que nada para o Paraíso. Ele possuía a essencialidade terrestre e divina em si; mas a terrestre encontrava-se como que absorvida na essencialidade divina ou desprovida de poder. A substância ou matéria da qual o corpo foi feito ou criado era uma massa, ou uma água e um fogo, com as essências dos dois Princípios; embora o primeiro também estivesse contido nele, não estava ativo. Cada Princípio deveria permanecer em seu lugar, sem se misturar com os outros, como ocorre em Deus: desta forma, o homem seria uma completa semelhança do ser de Deus.

SOBRE A INSUFLAÇÃO DA ALMA E DO ESPÍRITO

16. O corpo é uma semelhança, de acordo com a substancialidade de Deus, e a alma e o espírito uma semelhança, de acordo com a Santíssima Trindade. Deus deu ao corpo sua substancialidade a partir dos três Princípios, e o espírito e a alma a partir da fonte do Espírito ternário da Divindade Onipresente. Devemos compreender que a alma com sua imagem e seu espírito exterior surgiu dos três Princípios, sendo soprada e introduzida no corpo, como afirma Moisés: “Deus soprou nas narinas do homem o sopro da vida, e o homem tornou-se uma alma vivente” (Gen. 2,7).
17. Ora, o sopro e o espírito de Deus incluem três tipos de fontes. No primeiro Princípio é um sopro-ígneo ou espírito, que consiste na verdadeira causa da vida e que encontra-se na qualidade do Pai, como no centro da natureza ígnea. No segundo Princípio, o sopro e o espírito de Deus é a luz-flamejante ou espírito-amor, o verdadeiro espírito da Cabeça de Deus, cujo espírito é conhecido como Deus o Espírito Santo. No terceiro Princípio, como na similitude de Deus, o sopro de Deus é o espírito-ar, sobre o qual o Espírito Santo se movimenta, como diz Davi: “O Senhor caminha sobre as asas do vento” (Ps. Civ. 3); e Moisés: “O Espírito de Deus moveu-se pela face das águas, sobre o golfo de onde surge o vento (*spiritus mundi*) (Gen.1,2).
18. Esse espírito ternário contém o Deus completo soprado e introduzido na imagem criada, a partir de todos os três Princípios. Primeiro, o espírito-fogo, que Deus introduziu no homem de dentro, não pelas narinas, mas no coração, na dupla tintura do sangue interno e externo, embora o exterior não fosse conhecido, pois era um mistério. O sangue interior contudo, estava em evidência e possuía duas tinturas, uma que derivava-se do fogo e outra da luz. Esse espírito-fogo é a verdadeira alma essencial, pois possui o *centrum naturae* com suas quatro formas como seu fogo-poder. Ela mesma inflama o fogo, transformando-se na roda das essências.

19. Este não é, de fato, a verdadeira imagem de acordo com a Divindade, mas um fogo mágico e sem fim, que nunca teve um início, nem tampouco terá fim. Compreenda que Deus introduziu o eterno fogo sem origem (que desde a eternidade existe por si só, na Magia eterna, ou seja, na vontade de Deus, no desejo da natureza eterna, como um eterno centro parturiente) nesta imagem, que deveria ser a Sua imagem.
20. Em segundo lugar, ao mesmo tempo, o fogo essencial da alma, o Espírito Santo, introduziu a luz-flamejante do espírito-amor, de si mesmo no homem, unicamente no segundo Princípio, onde a Divindade é compreendida; não nas narinas, mas como o fogo e a luz encontram-se suspensos um para o outro sendo *um*, embora em duas fontes. Assim o bom espírito-amor foi introduzido em seu coração, com o espírito-fogo essencial, e cada fonte trouxe consigo sua tintura própria, como uma vida especial de si mesma. Na tintura-amor compreende-se o verdadeiro espírito, a imagem de Deus, uma semelhança da pura e verdadeira Divindade, que assemelha-se ao homem completo e preenche todo o homem, mas em seu Princípio.
21. A alma é, por si só, um olho de fogo ou um espelho de fogo, no qual a Divindade se manifestou, segundo o Primeiro Princípio, ou seja, de acordo com a natureza; pois ela é uma criatura, sem ter sido criada como semelhança. Mas sua imagem, gerada a partir de seu olho de fogo na luz, é a verdadeira criatura, por causa da qual Deus tornou-se homem e trouxe-a novamente para o santo ternário, resgatando-a da cólera da Natureza eterna.
22. Certamente, a alma e sua imagem são juntas um espírito; mas a alma é um fogo faminto e deve ter substância, caso contrário torna-se um abismo obscuro e faminto, como ocorreu com os demônios. A alma produz o fogo e a vida, e a brandura da imagem produz o amor e a essencialidade celeste. Assim, o fogo da alma é moderado e repleto de amor; pois a imagem contém água da fonte de Deus, e flui para a vida eterna; essa água é amor e brandura, extraindo estas qualidades da Majestade de Deus. Como se pode ver num fogo aceso, o fogo em si possui qualidade fervente e ígnea, e a luz uma qualidade branda e graciosa; e como nas profundezas deste mundo, a água é produzida da luz e do ar, o mesmo ocorre aqui.
23. Em terceiro lugar, Deus soprou nas narinas do homem, ao mesmo tempo e de uma só vez, o espírito deste mundo, com a fonte das estrelas e dos elementos, ou seja, o ar (*spiritus mundi*). Ele deveria ser um administrador no reino externo e revelar as maravilhas do mundo exterior, foi para este fim que Deus criou o homem também na vida exterior. Mas o espírito exterior não deveria transgredir a imagem de Deus, nem a imagem de Deus deveria abrigar em si o espírito exterior, permitindo que este governasse sobre Si, pois seu alimento provinha do Verbo e poder de Deus. O corpo exterior recebia o alimento paradisíaco- que não era tomado no estômago ou carcaça, já que o homem não possuía este apêndice. Além disso, ele não possuía forma masculina ou feminina, pois era os dois, contendo as duas tinturas, ou seja, a da alma e a do espírito, do fogo e da luz, e deveria produzir de si mesmo um outro homem, segundo a sua semelhança. Ele era uma virgem casta no puro amor; amava a si mesmo e se fazia fecundo pela imaginação, e desta forma ocorria a sua reprodução. Ele era o senhor das estrelas e dos elementos, a semelhança de Deus. Como Deus habita nas estrelas e nos elementos, sem que nada O apreenda, Ele reina sobre todas as coisas: da mesma forma foi criado o homem. A fonte terrestre não encontrava-se totalmente ativa nele. De fato, ele possuía o espírito-ar, mas o frio e o calor não o afetava, pois a essencialidade de Deus tudo penetrava. Como o Paraíso germinava e florescia pela terra, também a essencialidade celeste cresce no ser externo de seu corpo e espírito exterior. O que parece estranho a nós na vida terrestre, certamente é possível em Deus.

24. Em quarto lugar, através da introdução de sua pura imagem celeste no Espírito de Deus, Adão recebia também o Verbo vivificante de Deus, esse era o alimento de sua alma e imagem. O mesmo Verbo vivificante era envolvido pela divina Virgem da sabedoria; a imagem da alma permanecia na imagem virgem, que na Divindade havia sido vista desde a eternidade. A pura imagem de Adão surgiu da sabedoria de Deus. Pois Deus desejou ver e manifestar a si mesmo assim, numa imagem, esta era a semelhança, segundo o Espírito de Deus, segundo a Trindade, uma imagem inteiramente casta, como os anjos de Deus. Nesta imagem Adão era o filho de Deus, não apenas uma semelhança, mas um filho, nascido de Deus, do Ser de todas as coisas.
25. Mostramos assim, de forma breve, que tipo de imagem era Adão antes de sua queda e como Deus o criou, a fim de melhor compreendermos o motivo pelo qual o Verbo de Deus tornou-se homem, como isso ocorreu e o que foi com isso realizado.

CAPÍTULO IV

SOBRE A ESFERA E O DOMÍNIO PARADISIACO, MOSTRANDO COMO TERIA SIDO SE O HOMEM TIVESSE PERMANECIDO NA INOCÊNCIA

1. O demônio possui muitos argumentos, através dos quais procura desculpar-se, dizendo que Deus também o criou, embora sua forma angélica primitiva, sua fonte e sua imagem, sempre o revelam um mentiroso. Ele faz o mesmo com o pobre homem caído: introduz nele, continuamente, o reino terrestre, com seu poder e faculdade, para que o homem tenha sempre um espelho diante de si e acuse à Deus de tê-lo criado terrestre e mal. Mas ele deixa longe de vista o que há de melhor, o Paraíso, onde o homem foi criado, e também a onipotência de Deus, que o homem não vive só de pão, mas do poder e do Verbo de Deus, e que o Paraíso reinava com sua fonte sobre a terrenidade. Ele mostra ao homem somente sua forma nua, carnal, miserável e pesada; mas a forma na inocência, quando Adão não sabia que estava nu, ele esconde-a, a fim de iludir o homem.
2. Isso se encontra totalmente oculto de nós, pobres filhos de Eva, e de fato o miserável terrestre não é digno de conhecer, ainda que este conhecimento seja bastante necessário a nossas mentes; é fundamental recorrer ao verdadeiro porteiro (aquele que possui a chave), suplicá-lo e nos entregarmos totalmente a ele, a fim de que queira nos abrir o portão do Paraíso, no centro interno de nossa imagem, para que a luz paradisiaca brilhe sobre nós, em nossas mentes e possamos, assim, nos tornarmos desejosos de habitar novamente com nosso Emanuel, segundo o interno e novo homem, no Paraíso; pois, sem esta abertura, nada compreendemos do Paraíso e de nossa imagem primitiva na inocência.
3. Mas, como Cristo, o Filho de Deus, nos gerou novamente quanto a forma paradisiaca, não devemos ser tão indolentes a ponto de confiar na ciência e na razão terrestre. Não encontraremos o Paraíso e o Cristo (que deve tornar-se homem em nós, se quisermos ver a Deus) em nossa razão. Nela tudo é cego e morto. Devemos abandonar a razão e penetrar a encarnação de Cristo; para tanto, devemos ser instruídos por Deus. Então, teremos poder para falar sobre Deus, sobre o Paraíso e sobre o Reino do Céu. Na razão terrestre, que tem sua origem apenas nas estrelas, somos tolos diante de Deus, se tentarmos falar sobre o mistério de forma celeste, pois falamos de algo que não conhecemos e nunca vimos. Mas um filho conhece sua mãe. Da mesma forma, todo aquele que nasceu novamente de Deus conhece sua mãe, não com os olhos terrestres, mas com os olhos divinos e com os olhos da mãe de quem nasceu. Falamos com toda sinceridade ao leitor, a fim de que reflita sobre o que deve fazer, e com que espírito e compreensão iremos escrever.

4. A razão do mundo exterior insiste em afirmar que Deus criou o homem no domínio externo, na fonte das estrelas e dos quatro elementos. Se assim fosse, teríamos sido criados na angústia e na morte, pois estas são as condições do céu astral; quando a razão atinge este céu astral, ela abandona a criatura da qual era líder. Então, o domínio e o ser da criatura, sujeita ao céu exterior, morre; vemos, de fato, como decaímos e morremos quando o céu exterior, com os elementos nos abandona, a ponto de até mesmo uma criança no ventre estar velha o bastante para morrer; além do mais, freqüentemente perece quando ainda está sem vida, no *Fiat* do domínio exterior, no processo de crescimento do corpo, antes que o *centrum naturae* acenda o fogo da alma. Sem dúvida, conhecemos a morte e a agonia através da queda de Adão (tão logo tornou-se terrestre), Adão morreu no Paraíso e tornou-se morto para o reino de Deus; portanto necessitávamos de regeneração, de outra forma não poderíamos ser revividos.
5. Deus realmente proibiu Adão de tocar o fruto terrestre, o qual era misto; além disso, realmente criou senão um homem, com propriedade feminina e masculina, com as duas tinturas, ou seja, a do fogo e a da luz no amor, trazendo-o de uma só vez ao Paraíso (sim, o homem foi criado no Paraíso); assim, não podemos admitir as conclusões da Razão que, em consequência da infeção do demônio, diz que o homem foi criado terrestre. Pois, o que quer que seja criado sozinho e isolado na vida ou fonte terrestre animal, tem um começo e um fim, não compreende a eternidade, já que dela não procede. Ora, aquilo que não procede do Eterno é transitório, um mero espelho, onde a sabedoria eterna manteve a si mesma em imagem e semelhança. Dela permanece ali senão uma sombra, sem vida ou ser; ela passa como um vento, que surge e se vai. Não foi por causa de tal criatura que o Verbo de Deus tornou-se homem; o Eterno não penetrou a natureza perecível por causa do que é transitório. Nem tampouco penetrou o que é terrestre a ponto de fazer surgir e introduzir o terreno e perecível no poder da Majestade; mas por causa daquilo que surgiu do poder da Majestade, mas que tornou-se mal e terrestre, e que foi como que eclipsado na morte, para que possa ser vivificado, despertar novamente e surgir no poder da majestade, nas alturas onde se encontrava, antes de ser uma criatura.
6. Devemos compreender o homem de forma diferente do que temos feito até aqui, no que se refere ao homem como um animal. De fato, ele tornou-se um animal, de acordo com a propriedade deste mundo; ao morrer em Adão, passou a viver para este mundo e não para Deus. Mas se ele penetrasse com o espírito de sua vontade em Deus, a Vontade-Espírito obteria novamente a imagem pura e viveria de acordo com essa imagem em Deus e de acordo com a propriedade animal neste mundo. Assim, ele estaria na morte, embora ainda estivesse vivo. Assim, o Verbo de Deus tornou-se homem, a fim de poder uni-lo novamente à Deus, para que possa nascer novamente, de forma completa, em Deus, e que o Paraíso possa ser perceptível nele.
7. Devemos considerar a imagem paradisíaca da seguinte forma: Sabemos e afirmamos que Adão foi criado bom, puro e sem vergonha, assim como Lúcifer, com suas hostes. Ele possuía olhos puros e duplos. Pois possuía os dois reinos em si, ou seja, o reino de Deus e o reino deste mundo. Como Deus é Senhor de tudo, também deveria o homem, no poder de Deus, ser o senhor deste mundo; do mesmo modo que Deus governa todas as coisas e passa através de todas as coisas, imperceptivelmente, o homem divino e oculto era capaz de passar e ver através de todas as coisas. O homem externo encontrava-se, de fato, no externo, mas senhor do externo; este estava submetido a ele e não o restringia. Ele poderia, sem esforço, quebrar pedras. A tintura da terra não estava distinta para ele; ele teria descoberto todas as maravilhas da terra. Pois para este fim Adão havia sido criado, também na vida externa, para que pudesse manifestar

em imagens e realizar obras que haviam sido vistas na sabedoria eterna; pois ele tinha a virgem Sabedoria em si.

8. Ouro, prata e metais preciosos, ao deixarem a magia celeste, também foram encerrados pela inflamação. Temos aqui algo diferente da terra. O homem ama os metais preciosos e os emprega para seu sustento, mas não conhece seu fundamento e origem. Não é por nada que são amados pela mente; se refletirmos sobre eles, veremos que possuem uma origem elevada. Mas não diremos nada sobre isto aqui, pois mesmo sem dizer nada o homem já os amam demasiadamente, e com isso abandonam o Espírito de Deus. Não se deve amar o corpo mais que ao espírito, pois o espírito é a vida.
9. Mas saibam que eles foram dados ao homem para seu divertimento e ornamento, o homem os tinha por direito da natureza, pertencem a ele, a saber, ao corpo externo, pois a tintura do corpo externo e a tintura metálica possuem um parentesco próximo. Mas quando a tintura do corpo exterior foi corrompida pelo desejo mal do demônio, a tintura metálica também tornou-se oculta e hostil para a tintura humana, pois ela é mais pura que a tintura corrupta no homem exterior.
10. Que isto fique claro a vós, que buscam a tintura metálica: Se queres encontrar a *lâpis philosophorum*, atenha-se ao novo nascimento em Cristo, ao contrário será difícil apreendê-la. Pois ela possui considerável comunhão com a substancialidade celeste, o que seria notável caso fosse libertada da cólera feroz. Seu brilho indica algo que certamente reconheceríamos, se tivéssemos olhos paradisiacos. O fundamento afetivo (das Gemüth) nos mostra isso, mas a compreensão e completa cognição encontram-se mortas quanto ao Paraíso. Por usarmos o que é nobre para desonrar à Deus e para nossa própria perdição, e não louvarmos à Deus com isso, não penetramos com nosso espírito o Espírito de Deus, mas abandonamos o espírito e nos apegamos à substância; a tintura metálica tornou-se um mistério para nós, porque nós nos tornamos alienados à ela.
11. O homem foi criado para ser um Senhor da tintura, que foi sujeita à ele; mas ele tornou-se seu servo, e além do mais, alienado à ela. Assim, ele busca somente o ouro e encontra a terra. Porque ele abandonou o espírito e penetrou a substância; esta o tomou prisioneiro e o encerrou na morte. Como a tintura da terra está encerrada na cólera, até o julgamento de Deus, também está o espírito do homem, encerrado na cólera, a menos que ele saia e nasça em Deus. Pois o demônio desejou ser o príncipe soberano com sua cólera na Essencialidade celeste; portanto ela se fechou para ele, tomando a forma de terra e pedras, portanto ele não é um príncipe, mas um prisioneiro na cólera, e a essencialidade não o beneficia em nada. Pois ele é espírito e desprezou a Essencialidade celeste, e inflamou a mãe natureza, que com isso tornou todas as coisas corpóreas; Deus juntou tudo isso num amalgama. Mas a essencialidade poderia ser conhecida do homem. Ele tinha o poder para revelar a tintura e manifestar a pérola pura para sua alegria e satisfação, assim como para a honra e magnificência de Deus, caso tivesse permanecido na inocência.
12. Com relação ao comer e beber do homem, através dos quais ele deveria fornecer substância e alimento ao seu fogo, ocorria o seguinte: Ele tinha dois tipos de fogo dentro de si, o fogo da alma e o fogo exterior, do sol e das estrelas. Ora, todo fogo tem que ter enxofre ou substância, ao contrário, não subsiste, ou seja, não queima. Com isso compreendemos que a natureza divina deveria ser o alimento do homem. Pois, como já foi dito acima, o fogo da alma é alimentado com o amor, a brandura e a essencialidade de Deus, com tudo aquilo que o Verbo, como o centro divino, manifesta. Pois a alma procede do fogo mágico eterno; conseqüentemente, a alma necessita de alimento mágico, ou seja, via imaginação. Se a alma possui a imagem de Deus,

imagina o amor de Deus, na essencialidade divina, e toma do alimento de Deus, do alimento dos anjos. Mas se ela não possui a imagem de Deus, então se alimenta daquilo que sua imaginação penetra, ou seja, da fonte terrestre ou hostil. Ela também cai nesta matriz, não como uma substância, mas fica repleta de substância, que começa a operar na alma, da mesma forma que um veneno na carne.

13. Conhecemos bem a alimentação do corpo exterior. Havia, de fato, o homem exterior, mas encontrava-se metade absorvido pelo homem interior. O homem interior reinava completamente, como o fogo no ferro incandescente, e cada vida tomava seu alimento de sua propriedade. A imagem de Deus, ou o espírito da alma alimentava-se da essencialidade divina e celeste, o corpo exterior alimentava-se do fruto paradisíaco na boca, não no estômago. Pois como o corpo exterior encontrava-se meio absorvido pelo interior, o mesmo ocorria com o fruto do paraíso. A essência divina brotava através da essência terrestre, tendo absorvido a essência terrestre no fruto paradisíaco, desta forma, o fruto não era conhecido como terrestre. Consequentemente, o desabrochar através da cólera era chamado de Paraíso, já que o amor de Deus florescia na cólera e produzia frutos.
14. Isso nos leva a compreender melhor como é que Deus habita neste mundo, e o mundo está como que absorvido em Nele. O mundo Nele é desprovido de poder, sendo Ele o todo poderoso. Assim era o homem e assim alimentava-se: sua alimentação terrestre, era celeste. Da mesma forma que devemos nascer novamente, o fruto paradisíaco nascia novamente da cólera, na essência celeste; como da terra amarga cresce uma erva boa e doce, a qual o sol qualifica de forma diferente daquela que a terra havia qualificado. Desta forma o homem santo qualificava o fruto paradisíaco em sua boca, a fim de que a terrenidade fosse absorvida como um nada, e não tocasse o homem; sabemos que no final, a terra será absorvida, deixando de ser um corpo palpável.
15. Assim ocorria até mesmo com a alimentação externa do homem. Ele comia o fruto com sua boca, não necessitava de dentes para tanto, pois neste instante aparecia a separação do poder. Havia dois centros de poder na boca de Adão, cada um tomava o que lhe cabia. O que era terrestre transformava-se em qualidade celeste, exatamente como devemos ser transformados em nosso corpo, a fim de adquirirmos um corpo de poder celeste. A transformação na boca ocorria da mesma forma; o corpo recebia o poder, pois o reino de Deus encontrava-se no poder. Com isso o homem continuava no reino de Deus, pois ele era imortal e um filho de Deus. Mas trazendo o seu alimento para o intestino, provocando tamanho mal cheiro como agora, pergunto à Razão se isto pode ser o paraíso, e se o espírito de Deus pode habitar ali; do mesmo modo que o Espírito de Deus deveria habitar em Adão, como na criatura de Deus.
16. Sua obra no paraíso, na terra, era pueril, mas com sabedoria celestial. Ele deveria plantar árvores e ervas, à vontade. Ali crescia para ele o fruto paradisíaco, tudo era puro para ele. Ele fazia o que tinha vontade, e fazia corretamente. Ele não tinha lei, senão aquela da imaginação e do desejo; estes ele deveria colocar, com seu espírito, em Deus; assim deveria permanecer eternamente. Ainda que Deus tenha transformado a terra, mesmo assim o homem poderia ter permanecido sem a necessidade e a morte; tudo poderia ser transformado, por ele, em essência celeste.
17. O mesmo se aplica ao beber. O homem interior bebia a água da vida eterna, que vinha da natureza de Deus e o homem exterior bebia água na terra. Mas como o sol e o ar absorvem a água sem serem preenchidos por ela, o mesmo ocorria na boca do homem: tal absorção dissolvia-se no mistério. Tudo o que era terrestre tinha que, pela boca do homem, penetrar

novamente aquilo que era antes da criação do mundo. O espírito e a virtude portanto pertenciam ao homem, e não um corpo terrestre; pois Deus criou para ele de uma só vez um corpo, que era eterno. Ele não necessitava de outro ato criador. Ele era um trono principesco (compreenda Adão), feito de céu, terra, estrelas e elementos, assim como da essência de Deus, um senhor do mundo e um filho de Deus.

18. Observem isso, vós Filósofos! Este é o verdadeiro fundamento e o alto conhecimento. Não misture a ela nenhuma verborrêia proveniente das escolas, ela é suficientemente clara. Palpites não ajudam em nada; somente o verdadeiro espírito, nascido de Deus, conhece isso bem. Toda opinião sem conhecimento não passa de tolice terrestre, compreendendo a terra e os quatro elementos; mas o Espírito de Deus compreende um só elemento, onde quatro permanecem ocultos. O quatro não deveria reinar em Adão, mas um sobre quatro; o elemento celeste sobre os quatro elementos deste mundo. Assim precisamos voltar a ser, se pretendemos possuir o Paraíso; é por isso que Deus tornou-se homem.
19. Que isto lhe seja dito, competidores acadêmicos: vocês caminham em círculos e não conseguem entrar, como um gato, que teme o calor, caminha ao redor do caldo quente; assim são vocês, temerosos e envergonhados diante do fogo de Deus. Tão pouco quanto o gato aproveita o caldo cheirando ao seu redor, pouco aproveita o homem do fruto paradisíaco, a menos que deixe a pele de Adão, solidificada pelo demônio, e penetre o novo nascimento de Cristo. Ele deve penetrar o círculo, abandonar a pele da razão; então obterá a compreensão humana e o conhecimento divino; nenhum aprendizado terá valor, somente o nascimento.

CAPÍTULO V

SOBRE A LAMENTÁVEL E MISERÁVEL QUEDA DO HOMEM

1. Para descrever claramente a encarnação de Jesus Cristo, é necessário expor-lhes as causas pelas quais Deus tornou-se homem. Não se trata de algo sem importância ou de pouco valor como consideram os Judeus e os Turcos, e mesmo entre os Cristãos, fica meio que sem sentido; não pode ser senão uma causa importante, o que colocou o Deus imutável em movimento. Guarde bem isso, iremos expor-lhes as causas.
2. Adão era um homem e uma imagem de Deus, uma completa semelhança de Deus, embora Deus não seja imagem. Ele é o reino e o poder, também a glória e a eternidade, tudo em tudo. Mas a profundidade infundada desejou manifestar-se em similitudes; de fato, tal manifestação ocorreu da eternidade, na sabedoria de Deus, como numa imagem virginal, que contudo não era uma genetrix, mas um espelho da Divindade e da eternidade, como se apresenta no fundamento e no não fundamento, um olho da glória de Deus. De acordo com este mesmo olho, foi criado ali os tronos dos príncipes como anjos e por fim, o homem, que tinha novamente o trono em si; ele foi criado da magia eterna, da Essência de Deus, do nada para algo, do espírito para o corpo. Como a magia eterna o gerou de si mesma, no olho das maravilhas e sabedoria de Deus, da mesma forma ele poderia e deveria gerar de si mesmo um outro homem, de forma mágica, sem a dilaceração de seu corpo; pois o homem foi concebido no desejo ardente de Deus, sendo gerado e trazido à luz pelo desejo de Deus. Consequentemente, ele possuía o mesmo desejo ardente em si, para sua própria fecundação. Pois, a tintura de Vênus é a matriz, e se torna fecunda com a substância, como com o enxofre no fogo, o qual ainda obtém a substância na água de Vênus. A tintura do fogo oferece a alma; a tintura da luz oferece o espírito; a água ou a substância oferece o corpo; o Mercúrio ou o *centrum naturae* oferece a roda das essências e a grande vida no fogo

e água, celeste e terrestre; o Sal, celeste e terrestre, mantém tudo isso no ser, pois ele (o Sal) é o *Fiat*.

3. O homem tem em si a constelação externa, que é a sua roda das essências do mundo exterior e a causa da fundação afetiva (*Gemüth*); mas ele tem também a constelação interna, do centro das essências ígneas e, no segundo princípio, aquela das essências divinas de luz-flamejante. Ele tinha toda a magia do Ser de todas as coisas em si. A possibilidade estava nele: ele era capaz de criar de forma mágica, pois amava a si mesmo, desejando, de seu centro, a semelhança. Tendo sido concebido do desejo de Deus, e trazido à luz pela genetrix no *Fiat*, da mesma forma deveria trazer à luz sua hoste angélica ou humana.
4. Mas se tudo deveria ser gerado de um, ou seja, do trono principesco, ou um do outro, não é necessário saber. Basta-nos saber o que somos e qual é o nosso reino. Contudo, acredito, no fundo, no centro, que um surgia do outro; pois o centro celeste, assim como o terrestre tem seus momentos, que estão sempre surgindo, já que a roda das essências em todos os três Princípios está sempre em movimento, revelando continuamente uma maravilha após a outra. Assim foi construída e composta a imagem do homem, na sabedoria de Deus, onde encontram-se inumeráveis maravilhas; estas deveriam ser reveladas pela hoste humana. Sem dúvida, com o curso do tempo, uma maravilha maior seria revelada, mais em um do que no outro, sempre de acordo com as maravilhosas variações da criação celeste e terrestre; de fato, este é o caso atual, onde encontramos uma maior ciência e compreensão em um indivíduo do que em outro. Portanto, concluo que um homem nascia e dava origem a outro, em conexão com as grandes maravilhas e para a alegria e deleite do homem, já que cada homem criaria seu próprio companheiro. Desta forma, a raça humana teria permanecido num processo de nascimento até Deus colocar o terceiro Princípio deste mundo em seu éter novamente, pois este é um globo com começo e fim. Quando o começo atinge o fim, e o que era último for o primeiro, tudo está consumado. Então o meio será purificado e penetrará novamente aquilo onde encontrava-se antes dos tempos deste mundo, exceto as maravilhas que persistem na sabedoria de Deus, na grande magia, como uma sombra deste mundo.
5. Visto que Adão era uma imagem tão gloriosa, e além do mais, que estava no lugar de Lúcifer, que havia sido expulso, o demônio invejou sua posição, teve um ciúme violento, estabelecendo seu alvo e sua ânsia continuamente diante de Adão, deslizou com sua ânsia na terrenalidade do fruto, fazendo com que Adão acreditasse que a grande glória residia em sua terrenidade incandescente. Se bem que Adão não o conheceu; pois ele não apareceu em sua forma própria, mas na forma de serpente, como na forma de uma besta argilosa; ele praticou truques simiescos como um tolo, que seduz os pássaros e os captura. Ele havia mais que nada, com seu ímpeto de orgulho, infectado e aniquilado metade do reino terrestre, que tornou-se inteiramente corrompido e vão, ainda que tivesse sido gradualmente libertado da vaidade. E como o demônio sentiu que Adão era um filho de Deus, que possuía glória e poder, ele o perseguiu veementemente. A cólera incandescente de Deus também perseguiu Adão, a fim de se deleitar nesta imagem viva.
6. Como vemos, tudo atraía Adão e desejava possuí-lo. O reino do céu desejava-o para si, pois ele havia sido criado para esse reino. Da mesma forma, o reino terrestre o desejava, pois tinha uma parte nele; o reino terrestre desejava ser seu mestre, já que ele era apenas uma criatura. A cólera feroz lançou suas garras, desejando tornar-se criatura e essencial, a fim de saciar sua grande e aguda fome. Adão então, foi tentado por quarenta dias, tanto quanto o Cristo foi tentado no deserto e Israel, no monte Sinai, quando Deus deu a eles a lei, para ver se aquele povo teria condições de permanecer firme na qualificação do Pai, na lei, diante de Deus; ver se o homem

poderia continuar em obediência, de tal forma que poderia colocar sua imaginação em Deus, a fim de que Deus não precisasse se tornar homem: por conta disso, Deus realizou aquelas maravilhas no Egito, para que o homem visse que há um Deus, e que amasse e temesse a Ele. Mas o demônio era um mentiroso e um enganador, Israel foi afastada por ele, construindo um bezerro, ao qual adorou como a um Deus. Não foi mais possível permanecer firme. Portanto, Moisés desceu da montanha com as tábuas onde a lei havia sido escrita e as quebrou, matando os adoradores de bezerro. Com isso, Moisés não deveria conduzir o povo à terra prometida; isto era impossível. Josué teria que fazê-lo e posteriormente Jesus, que na tentação permaneceu firme diante do demônio e da cólera de Deus, aquele que venceu a cólera e despedaçou a morte, como fez Moisés com as tábuas da lei. O primeiro Adão não conseguiu permanecer firme, ainda que estivesse no Paraíso e o reino de Deus estivesse diante de seus olhos. A cólera de Deus encontrava-se muito mais inflamada, atraindo Adão; a cólera encontrava-se muito mais inflamada na terra, por causa da imaginação e vontade poderosa do demônio.

7. A Razão diz: Será que o demônio tinha tanto poder? Sim, caro homem, e o homem também tem; ele pode remover montanhas, se a penetrar fortemente com sua imaginação. O demônio procedeu da grande magia de Deus e era um príncipe ou rei de seu trono. Ele penetrou o forte poder do fogo, com a intenção de ser senhor de todas as hostes celestes. Assim, a magia tornou-se inflamada e a grande turba foi gerada, a qual lutou com Adão para ver se ele era forte o bastante para possuir o reino do demônio e reinar ali, em outra fonte. O espírito da razão de Adão, é verdade, não compreendeu isso; mas as essências mágicas, de onde surgem o desejo e a vontade, satisfizeram uma a outra, até que Adão começasse a imaginar a terrenidade e desejasse obter o fruto terrestre. Assim foi feito. Pois sua imagem pura, que deveria alimentar-se unicamente do Verbo de Deus, tornou-se infectada e obscurecida: a árvore terrestre da tentação cresceu imediatamente, pois assim desejou e permitiu a luxúria de Adão. Ele tinha que ser tentado, para ver se permaneceria firme. Surge então o severo mandamento de Deus, que disse à Adão: “Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” (Ge. 2. 16,17). Quer dizer, morrer para o reino do céu e tornar-se terrestre. Adão conhecia muito bem o mandamento, portanto não comeu, mas imaginou ali e foi tomado prisioneiro de sua imaginação, e totalmente sem vigor, fraco e debilitado, foi vencido; Adão caiu então no sono.
8. Desta forma, ele caiu diante da magia e sua glória foi perdida. Pois adormecer indica morte e subjugação. O reino terrestre o subjugou e desejou governá-lo. O reino sideral desejou possuir Adão e realizar suas maravilhas através dele, pois nenhuma outra criatura havia jamais sido tão elevada quanto o homem, capaz de conter o reino sideral. Portanto, Adão foi atraído e devidamente tentado, para ver se poderia ser senhor e rei das estrelas e elementos. O demônio estava a serviço e também pensou em atrair o homem e trazê-lo sob o seu poder, a fim de que este trono pudesse finalmente permanecer seu reino; pois ele sabia muito bem que se o homem deixasse a vontade de Deus, ele se tornaria terrestre. Sabia também que o abismo do inferno encontrava-se no reino terrestre; portanto, ele tinha muito o que fazer. Pois se Adão tivesse se manifestado magicamente, o Paraíso teria continuado na terra. Isso não interessava ao demônio, ele não gostava do Paraíso e nem o queria em seu reino; pois esse não cheirava a enxofre e fogo, mas a amor e doçura. Então, pensou o demônio: Tu não irás comer desta erva, pois deixarias de ser um senhor no fogo.
9. Assim, a queda de Adão permanece inteiramente na essência terrestre. Ele perdeu a essência celeste, de onde surge o amor Divino, e adquiriu a essência terrestre, de onde surge a cólera, a malícia, o veneno, a doença e a miséria; perdeu também os olhos celestes. Além do mais, não mais podia comer de forma paradisíaca, mas imaginava o fruto proibido, no qual o bem e o mal

estavam misturados, como ainda estão hoje em dia, todos os frutos na terra. Assim, os quatro elementos tornaram-se ativos e operaram efetivamente nele, pois sua vontade, através da imaginação, tomou o reino terrestre para habitar o fogo da alma. Desta forma, abandonamos o Espírito de Deus para penetrar o espírito das estrelas e dos elementos; estes o receberam e regozijaram-se nele, pois ali vieram a ser vivos e poderosos. Anteriormente, eram compelidos a serem submissos e contraídos; mas agora haviam obtido o domínio.

10. Com isso, o demônio deve ter rido e zombado de Deus; mas ele não sabia o que estava por trás; ele ainda nada sabia sobre a esmagadora da serpente, que afastaria o seu trono e destruiria seu reino. E assim Adão afundou-se no sono, na magia, pois Deus viu que ele não permaneceria firme. Portanto, disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gen. 2. 18). Através da qual pudesse edificar sua descendência e se propagar. Pois ele viu a queda e veio ao seu auxílio de outra forma, já que não desejava que sua imagem percesse.
11. A Razão pergunta: Por que Deus deixou crescer a árvore pela qual Adão foi tentado? Deve ter sido de Sua vontade que Adão fosse tentado. A Razão irá então atribuir a queda à vontade de Deus, e pensa que Deus quis que Adão caísse. Deus, segundo ela, desejou ter um certo número de individualidades no céu e um certo número no inferno, senão teria evitado o mal e preservado Adão, a fim de que ele continuasse bom e no paraíso. Assim julga o mundo presente. Pois, diz, se Deus não fizesse nada que fosse mal, não haveria nada mal, já que tudo é dele proveniente, e só ele é o criador, quem tudo fez. Seguindo este raciocínio, ele fez o que é mal e o que é bom. A Razão insiste em manter esta posição. Pensa também que se não houvesse nada com que o demônio e também o homem fosse cativado, vindo a ser mal, o demônio teria permanecido um anjo e o homem no Paraíso.
12. Resposta: Sim, cara Razão, agora atingistes o ponto; não podes fracassar se não és cega. Ouça atentamente: Por que falas da luz, já que padeces no fogo? Que deleites não terias, caso não habitasse o fogo. Colocaria minha tenda junto a ti, mas tu habitas o fogo; Eu não posso. Tudo o que tens a fazer é dizer à luz: saia do fogo, então serás esplendida e encantadora. E se a luz te obedecer, encontrarás um grande tesouro. Como irás te regozijar se puderes habitar a luz! Quando o fogo não puder te queimar. Assim tão longe vai a Razão.
13. Mas veja corretamente com os olhos mágicos, compreenda com os olhos divinos e também com os olhos naturais, então isso lhe será mostrado, ou seja, se não fores cega e morta. Observe, digo isso para que compreenda por analogia, visto que a Razão é tola e nada compreende sobre o espírito de Deus. Imagine, então, que eu tivesse o poder de tirar a luz do fogo (o que não pode ser) e ver o que se segue. Reflita! Se eu separar a luz do fogo, (1) a luz perde a sua essência. Através da qual brilha; (2) ela perde a sua vida e se torna desprovida de poder; (3) ela é perseguida e superada pelas trevas, extinta em si mesma e se torna um nada, pois ela é a liberdade eterna e um não fundamento; enquanto brilha, é boa, e quando se extingue é um nada.
14. Observe mais! O que eu ainda conservo do fogo se separar dele a luz e o brilho? Nada, senão um desejo seco e trevas. Ele perde essência e vida, perde o desejo e se torna como um nada. Seu sulfúrio anterior é morte; consome a si mesmo enquanto existir essência. Quando não mais houver essência, haverá um nada, um não fundamento, onde não permanecerá vestígio algum.
15. Então, cara alma que busca, medite sobre isto: Deus é a luz eterna, sua fonte e poder reside na luz. A luz produz brandura, e da brandura o ser é produzido; esse ser é o ser de Deus, e a fonte da luz é o Espírito de Deus, que é a origem. Não há outro Deus do que este Deus. Na luz está o

poder, e o poder é o reino. A luz e o poder possuem apenas uma vontade-amor, que não deseja nada mal; ela, de fato, deseja ser, mas a partir de sua própria essência, ou a partir do amor e da doçura, pois isso é como a luz. Mas, a luz surge do fogo, e sem o fogo ela não seria nada, não haveria essência sem o fogo. O fogo provoca a vida e o movimento e é a natureza, mas tem uma vontade diferente da luz. Pois ele é uma fúria ou voracidade e seu único desejo é consumir. Ele só tira e cresce no orgulho; enquanto que a luz nada tira, mas oferece, sendo assim preservado o fogo. A fonte do fogo é a ferocidade, sua essência é amarga, seu ferrão é hostil e desagradável. Ele é um inimigo em si, e se auto consome; e se a luz não vier em seu auxílio, ele se devora, a fim de se tornar um nada.

16. Portanto, cara alma que busca, reflita sobre isto, e logo irás alcançar o objetivo e a paz. Deus é, desde a eternidade, o poder e a luz, sendo chamado de Deus, de acordo com a luz e de acordo com o poder da luz, de acordo com o espírito da luz e não segundo o espírito do fogo. Pois o espírito do fogo é chamado de sua ira, cólera e não é denominado Deus, mas um fogo consumidor do poder de Deus. O fogo é chamado natureza e a luz não é chamada natureza; é verdade que ela possui a propriedade do fogo, mas transmudada, de cólera em amor, de devoradora e consumidora em realizadora, de inimigo e dor amarga em doce beneficência, desejo amigável e plenitude perpétua; pois o desejo-amor extrai a brandura da luz e é uma virgem fecundada, ou seja, fecundada com a compreensão e sabedoria do poder da Divindade.
17. Assim, estamos altamente qualificados para reconhecer o que é Deus e a natureza, o fundamento e o não fundamento, e também a profundidade da eternidade. Reconhecemos, então, que o fogo eterno é mágico e que é gerado na vontade que deseja. Se o eterno e insondável é mágico, também é mágico o que nasce do eterno, pois a partir do desejo surgiram todas as coisas. O céu e a terra são mágicos, assim como a mente e as essências; se pudéssemos ao menos conhecer a nós mesmos!
18. Ora, o que pode fazer a luz se o fogo captura e absorve algo, quando, contudo, o objeto capturado pelo fogo também é mágico? Se tem uma vida, poder e compreensão da luz, por que então corre para o fogo? O demônio era um anjo e Adão uma imagem de Deus; ambos possuíam o fogo e a luz, e mais que isso, possuíam a compreensão divina em si. Por que o demônio imaginou no fogo e Adão na terra? Eles eram livres. Não foi a luz e o poder de Deus o que atraiu o demônio para o fogo, mas a cólera da natureza. Por que seu espírito consentiu? A Magia fez por ele, aquilo que ele tinha dentro de si. O demônio fez para si o inferno, era isso o que ele tinha. Adão se fez terrestre, é isso o que ele é. Deus não é uma criatura, nem um realizador, mas um Espírito e um Revelador. Com o evento da criação, a posição pode ser considerada e apreendida da seguinte forma: O fogo e a luz despertaram, ao mesmo tempo, no desejo, e desejaram um espelho ou imagem de acordo com a eternidade; o conhecimento real nos diz, que a ferocidade ou a natureza do fogo não é realizadora; ela não tornou nada substancial de si mesma, pois isto não pode ser; mas ela tem feito fonte e espírito. Ora, nenhuma criatura tem sua subsistência apenas na essência. Se uma criatura tiver que existir, deve ser através da substância, assim como pelo poder ou enxofre, deve consistir do sal espiritual; então, do fogo-fonte surge um mercúrio e uma verdadeira vida essencial; além disso ela deve ter brilho, caso se queira encontrar nela inteligência e cognição.
19. Assim, sabemos que toda criatura tem sua subsistência no enxofre, mercúrio e sal espiritual. Mas o espírito por si só não realiza tudo isso; deve haver enxofre, onde há o Fiat, ou seja, a matriz salgada para o *centrum naturae*, onde o espírito é mantido; é preciso haver substância. Pois onde não há substância, não há forma. Um espírito criaturalizado não é um ser compreensível; ele precisa atrair substância para si, através da imaginação, caso contrário não subsiste.

20. Se o demônio atraiu ferocidade em seu espírito, e o homem a materialidade, o que poderia o amor da essencialidade de Deus fazer com relação a isso? Pois o amor e a brandura de Deus, com a essência divina, estava presente e se ofereceu ao demônio, assim como ao homem. Quem pode acusar a Deus? Que a essência colérica era demasiadamente forte no demônio, a ponto de extinguir a essência-amor: o que Deus pode fazer? Se uma boa árvore for plantada, e mesmo assim morrer, o que pode a terra fazer? Ela concede à árvore, no entanto, seiva e energia. Por que a árvore não as toma para si? Tu poderás dizer: Suas essências são muito frágeis. Mas o que pode a terra fazer, ou mesmo aquele que plantou a árvore? Sua vontade é apenas que cresça, para sua satisfação, uma boa árvore, e pensa em aproveitar o seu fruto. Se ele soubesse que a árvore fosse perecer, nunca a teria plantado.
21. Temos que reconhecer que os anjos foram criados, não como uma árvore que foi plantada, mas a partir do movimento de Deus, a partir dos dois princípios, ou seja, da luz e das trevas, onde o fogo está oculto. O fogo não queimou no ato da criação e no movimento, como não queima agora, pois ele tem seu princípio próprio. Por que Lúcifer o despertou? A vontade surgiu de seu ser criaturalizado, e não de fora dele. Ele desejava ser o senhor do fogo e da luz; desejou extinguir a luz, e ignorou a brandura; ele desejou ser o senhor-fogo. Vendo que ele desprezou a luz e o seu nascimento na brandura, acabou sendo simplesmente expulso. Desta forma, perdeu o fogo e a luz, tendo que habitar no abismo das trevas. Se ele tivesse o fogo, ele o inflamaria com sua malícia, na imaginação. Além disso, este fogo não queima propriamente para ele, mas somente na fonte essencial feroz, de acordo com as quatro formas no *centrum naturae* que fornece o fogo em si mesmas. A primeira forma é azeda, dura, áspera e fria; a segunda forma, no centro, é amarga, aguda, hostil; a terceira forma é ansiedade, dor e tormento; e com a ansiedade, como no movimento e na vida, ele (Lúcifer) lançou fogo na dura amargura, entre a dureza e o amargor azedo, a fim de brilhar como um raio de luz, que é a quarta forma. E se não há brandura ou essência da brandura, não se produz a luz, mas unicamente um lampejo; pois a angústia terá a liberdade, mas é muito aguda, e a tem senão como um lampejo, ou seja, fogo, ainda que não possua nenhuma estabilidade ou fundamento. Assim, o demônio deve habitar nas trevas, e tem apenas o lampejo ígneo em si mesmo; além do mais, toda a imagem de sua habitação é como um lampejo ígneo, como se houvesse um trovão: assim a propriedade infernal se apresenta na fonte.
22. Desta mesma forma devemos compreender a árvore da tentação, a qual Adão despertou através de sua imaginação: ele desejou, e a *matrix naturae* apresentou-lhe aquilo que ele desejava. Deus o proibiu de tocá-la; mas a *matrix* terrestre teria Adão, pois ela reconheceu nele o poder divino. Isto porque o poder divino havia se tornado terrestre através da inflamação do demônio, embora não estivesse morto, ele buscava ser o que era antes, ou seja, buscava a liberdade, para ficar livre da vaidade; e em Adão estava a liberdade.
23. Foi assim que ela atraiu Adão, a fim de que ele começasse a imaginar; e Adão cobiçou a vontade e o comando de Deus, como encontramos em Paulo: “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gal. 5, 17). A carne de Adão era metade celeste e metade terrestre, e assim o espírito de Adão também havia trazido, pela imaginação, um poder para a terra, e a *matrix naturae* deu a ele aquilo que ele desejou. Ele havia que ser tentado, para ver se podia permanecer firme, como um anjo no lugar de Lúcifer. Portanto, Deus não o criou meramente como um anjo, a fim de que, se ele caísse e não permanecesse firme, Ele poderia ajudá-lo, para que ele não percesse na cólera feroz, como Lúcifer. Por causa disso, Adão foi criado da matéria, e seu espírito foi introduzido na matéria, ou seja, num sulfúrio de água e fogo, para que Deus fosse capaz de gerar nele uma nova vida: como uma bela flor, doce

e perfumada, cresce da terra. Este era o objetivo de Deus também porque ele sabia que o homem não ficaria firme. Paulo também diz: “Somos pré ordenados em Cristo Jesus antes da fundação do mundo”, ou seja, quando Lúcifer caiu, a fundação do mundo ainda não estava estabelecida, mas o homem já havia sido visto na sabedoria de Deus. Se, contudo, ele haveria de ser criado a partir dos três princípios, já havia perigo, por conta do enxofre inflamado dos materiais. Embora ele houvesse sido criado acima da terra, mesmo assim o enxofre havia sido extraído da *matrix* da terra, como uma floração da terra, o perigo já existia. Aqui, o doce nome de Jesus introduziu-se formativamente, como um salvador e um regenerador; pois o homem é o maior mistério produzido por Deus. Ele tem a imagem na qual se vê como a Natureza Divina tem, desde a eternidade, se gerado a partir da ferocidade, a partir do fogo, mergulhando, perecendo, num outro princípio, de uma outra fonte. Assim, ele também é resgatado da morte, e cresce da morte num outro princípio, de outra fonte e poder, onde é totalmente libertado da terrenidade.

24. É extremamente benéfico para nós que tenhamos, com relação a parte terrestre, caído a ponto de dividir a terra, se é que ao mesmo tempo, obtemos a parte divina. Pois desta forma, fazemos de nós mesmos praticamente puros, voltando ao reino de Deus totalmente perfeitos, apesar de qualquer anelo do demônio. Somos um mistério muito maior do que os anjos. Devemos também superá-los em essência divina. Pois eles são chamas de fogo, iluminados pela luz; mas nós possuímos a grande fonte de brandura e amor que surge na santa essência de Deus.
25. Portanto, comportam-se falsa e erroneamente aqueles que dizem que Deus não quis ter todos os homens no céu. Ele quis que todos fossem salvos; é a própria falta do homem, o que não permite que ele seja salvo; muito embora, muitos tenham uma tendência má, isto não procede de Deus, mas da *matrix naturae*. Poderias tu acusar à Deus? Mentas; o Espírito de Deus não se extrai de nenhum outro. Expulsa tua fraqueza, penetra a brandura, a verdade, o amor e te entrega à Deus, então serás salvo; foi por isso que Jesus nasceu, porque ele quis salvar. Tu dizes: Estou preso, não posso. Realmente! Tu irás então desejar; assim como o demônio desejou. Se és um cavaleiro, por que não lutas contra o mal? Mas se lutas contra o bem, és um inimigo de Deus. Pensas que Deus irá colocar uma coroa angélica sobre o demônio? Se és um inimigo, não és amigo. Se pretendes ser um amigo, abandona a inimizade e vá até ao Pai, então serás um filho. Onde quer que seja, quem quer que seja que acuse à Deus é um mentiroso e um assassino como o demônio. Tu és, de fato, teu próprio realizador, por que te fazes mal? Embora sejas um material de má espécie, Deus deu a ti seu coração e espírito. Use estes dons para a realização de si mesmo, e farás de ti algo bom. Mas se usas a inveja e o orgulho, e também o prazer da vida terrestre, o que Deus pode fazer? Irá Deus se posicionar junto ao teu orgulho desprezível? Não, esta não é sua fonte. Mas tu dirás: Eu sou uma fonte mal, e não posso, estou preso. Bem, deixe a fonte demoníaca de lado e penetre com tua Vontade-Espírito no amor-espírito de Deus, entrega-te à Sua misericórdia; algum dia, certamente serás libertado da fonte má. Esta nasce da morte. Quando a terra recebe o corpo, ela pode tomar para si a maldade que pertence ao corpo; mas tu és e continuas sendo um espírito na vontade de Deus, em seu amor. Deixe que o mal Adão morra; um novo e bom irá florescer do velho, em ti, como uma bela flor floresce do adubo mal cheiroso. Tenha o cuidado de manter o espírito em Deus. Não há necessidade de grandes preocupações quanto ao corpo mal, que está repleto de maus efeitos. Se ele tiver uma inclinação à fraqueza, não lhe dê o que é bom; não lhe dê a oportunidade de exercitar a lascívia. Mantê-lo em restrição é um bom remédio; Mas abusar da bebida e da comida é afundar-se com o demônio na lama, onde ele se enlameia como um suíno. Ser sóbrio, ter uma vida equilibrada, é um excelente purgatório para o mal ignorante; não dar a ele aquilo que anseia, deixa-lo jejuar freqüentemente, a fim de que não impeça a oração, é extremamente

benéfico. Ele recusa, é claro, mas a Compreensão deve ser mestre e senhora, pois contém a imagem de Deus.

26. Na verdade, isto não é nada agradável ao mundo da Razão, na esfera dos prazeres carnis. Mas por não ser agradável, e além disso atrair e beber nada além da sensualidade terrestre e má, a cólera mistura-se a ela, fazendo com que passe com Adão constantemente para fora do Paraíso, e com Lúcifer para o abismo. Lá irás comer e beber aquilo que, na vida presente atraiu voluntariamente para ti. Mas à Deus não deves acusar; senão serás um mentiroso e inimigo da verdade. Deus não habita em nenhum mal, nem há nele qualquer pensamento mal. Ele tem senão uma só fonte, ou seja, a do amor e da alegria; mas sua cólera feroz, ou seja, a natureza, tem muitas fontes. Portanto, que cada um tome cuidado com o que faz. Cada homem é seu próprio Deus e também seu próprio demônio: a fonte para a qual se inclina e para a qual se entrega, é aquela que o impele e o guia: ele se torna seu operário.
27. É uma grande miséria o fato do homem ser tão cego a ponto de não reconhecer o que é Deus, embora ele viva em Deus. Há homens que até mesmo fazem disso assunto proibido, afirmando, que não se deve questionar sobre o que é Deus, ao mesmo tempo que são reconhecidos como mestres de Deus. Estes são mestres do demônio, trabalhando para que ele e seu reino de falsidades hipócritas não seja revelado e conhecido.

CAPÍTULO VI

SOBRE O SONO DE ADÃO; COMO DEUS FEZ, A PARTIR DELE, UMA MULHER; COMO ELE SE TORNOU INTEIRAMENTE TERRESTRE; COMO DEUS, ATRAVÉS DA MALDIÇÃO, RETIROU DELE O PARAÍSO

1. Quando o homem está exausto e esgotado, ele cai no sono, como na magia. É como se ele não estivesse neste mundo, pois todas as suas percepções sensoriais cessam, a roda das essências entra num estado de repouso, é como se o homem fosse essencial e não substancial. Ele assemelha-se unicamente à magia, pois nada sabe sobre seu corpo; ele deita-se como se estivesse morto, sem estar morto; seu espírito tranquiliza-se. As essências satisfazem-se e só o espírito da alma enxerga. Então é revelado, no espírito sideral, tudo aquilo que o céu astral traz consigo, sendo colocado magicamente na mente, como em um espelho, no qual o espírito do grande mundo observa e conduz o que vê no espelho para as essências; as essências emergem ali, como se concluíssem seu trabalho no espírito; as essências, mais que nada, emanam suas obras no espírito, como sonhos e prefigurações.
2. Devemos reconhecer, então, que quando a terrenidade lutou com Adão e ele colocou nela a sua imaginação, foi prontamente infectado, tornando-se obscuro e feroz em sua alma; pois a terrenidade começou a ser operativa, como uma água que começa a ferver; a fonte astral manifestou-se, passando a ser senhora do corpo. Moisés disse verdadeiramente: “Deus fez com que um sono profundo caísse sobre Adão”. Ou seja, tendo em vista que sua Vontade-Espírito desejou a terrenidade, Deus o deixou cair. Pois com seu desejo ele introduziu a terrenidade na essencialidade celeste, e isto o Espírito de Deus, que é um Espírito de luz, não pôde aceitar. O espírito de Adão era uma criatura, que abandonou o amor-espírito de Deus. Certamente, Ele não o abandonou por vontade própria, mas a terrenidade já o havia capturado. Quando Ele o abandonou, este afundou-se numa falta de poder, caindo no poder do terceiro Princípio, ou seja, das estrelas e dos quatro elementos; o homem foi envolvido na magia terrestre. Mas ele não se tornou totalmente terrestre; ele permanece no mistério, oculto entre o reino de Deus e o reino deste mundo, já que os dois Fiat, o divino e o terrestre, estavam ativos em nele; os dois reinos, o

reino de Deus e o reino do inferno, encontravam-se agora em conflito por causa do homem. Se o precioso nome de Jesus, não tivesse sido imprimido em Adão, mesmo antes de sua criação, na essencialidade de Deus, onde estava a Virgem da sabedoria de Deus, onde Adão foi criado, ele ainda estaria, com certeza, dormindo, na morte terrestre.

3. Esta é a razão pela qual o segundo Adão, o Cristo, teve que descansar até o terceiro dia na terra, no sono do primeiro Adão, e fazer ressurgir o primeiro Adão fora da terrenalidade. Pois o Cristo também tinha uma alma e um espírito proveniente de Adão, e o Verbo precioso da Divindade, com o Espírito de Deus manifestou-se novamente na carne de Cristo a essencialidade morta do enxofre, ou o corpo que estava morto em Adão, restaurando-o no poder da Majestade de Deus; ali, todos nós fomos restaurados!
4. Todos aqueles que pela fé e desejo penetram a carne e o sangue de Cristo, em sua morte e repouso na terra, todos estes florescem em espírito e vontade na Essencialidade divina, e são uma bela flor na Majestade de Deus. Deus, o Verbo eterno e o poder, irá manifestar em si, no último dia, através de Seu Espírito, o corpo morto, o qual em Adão havia caído no poder da terra. Pois a alma e a carne de Cristo, que são também nossa alma e carne, ou seja, a parte que Adão recebeu da divina Essencialidade, contém Deus em si, e na morte de Cristo separou-se da natureza terrestre e elevou-se, introduzindo-se na Essencialidade divina, como era antes dos tempos, e como era em nós, em Cristo e por Cristo. Há em nós, hoje em dia, uma falta de rendição ou submissão tão grande, o que nos torna vulnerável ao demônio; pois nossa morte foi dissolvida, nosso sono tornou-se vida, em Cristo, por Cristo em Deus, e por Deus na eternidade, sendo que nosso fundamento passou ao não fundamento, ou seja, para a Majestade, sem a natureza do fogo.
5. Ó, cegueira, que não permite conhecermos a nós mesmos! Ó, tu, homem puro! Se conheceste a ti mesmo, quem és, como te regozijaria! Expulsarias o demônio, ele que luta, dia e noite, para tornar nossa mente terrestre, a fim de que não reconhecamos nossa terra verdadeira e nativa, a qual abandonamos! Ó miserável e corrupta Razão, se percebestes senão uma faísca de tua glória primordial, como lutaria por ela! Quão graciosa é a face da Essência Divina! Quão doce é a água da vida eterna, que jorra da Majestade de Deus! Ó preciosíssima Luz, uma vez que te manifestastes, destrua o poder do demônio, que nos mantém cativo! Interrompa o poder do Anticristo e da inveja, e livrai-nos do mal! Desperta-nos, Senhor; temos dormido por um longo período, na armadilha do demônio, na fonte terrestre! Permita vermos, uma vez mais, a tua salvação, manifesta a nova Jerusalém! É dia, por que devemos dormir durante o dia? Venha, tu que rompes a morte, tu poderosa heroína e campeã, destrua o reino do demônio na terra! Dai-nos (a teu Adão doente) mais um alimento de Sion, para que possamos nos revigorar e voltar à nossa verdadeira e nativa terra! Vejam, todas as montanhas, colinas e vales estão repletos da glória do Senhor: Ele germina como uma planta, quem poderia impedi-lo? Aleluia!
6. Ora, quando Adão adormeceu, posicionou-se no mistério, como nas maravilhas de Deus; o que Ele fez com Adão estava feito. Assim, o nome impresso de Jesus colocou o Fiat em movimento, em duas formas, ou seja, na tintura do fogo e na tintura da água. Pois esta primeira imagem havia caído sob o poder do nome de Jesus, no Verbo da vida, e agora o Verbo da vida era o segundo criador (compreende, com o nome impresso de Jesus, que se tornaria homem). Este segundo criador separou as duas tinturas, a do fogo e a da água, uma da outra, não em poder mas em essência; pois na essência da tintura da luz encontrava-se o *sulphur veneris* do amor, ao qual Adão estava destinado e que o fazia capaz de se tornar fecundo. A tintura do fogo fornecia a alma e a tintura da luz fornecia o espírito, como uma imagem de acordo com a imagem exterior. O fogo-vida desejava a luz-vida, e a luz-vida desejava o fogo-vida, ou seja, desejava o

poder essencial de onde brilha a luz; tal posição era uma em Adão, pois ele era homem e mulher. E o Verbo da vida tirou de Adão, a tintura de Vênus com o Fiat celeste e terrestre, tirou também uma costela de seu lado, e a meia-cruz **T** na cabeça, que é a marca da Santíssima Trindade, estampada com o Verbo da Vida, assim como o severo nome de Deus, que possuía a mesma caracterização. **T** indica a cruz de Cristo, na qual iria padecer a morte e regenerar Adão, e no nome de Jesus, introduzi-lo na Santíssima Trindade. O Fiat tomou tudo isso para si, com todas as essências da qualidade humana, da mesma forma que a propriedade do fogo da alma, mas na tintura de Vênus, não de acordo com o poder do centro; e dividiu inteiramente a forma do homem.

7. Assim foi feita a mulher, com todos os membros e propriedades femininas, as mesmas que ela ainda possui; pois o espírito *majoris mundi* tinha agora o Fiat mais forte, e figurou a mulher de acordo com esta forma. Pois a forma angélica havia partido; a geração passaria a ocorrer de forma animal. Desta forma, também foi dado à Adão, tendo em vista que ele havia caído no poder da magia terrestre, uma forma animal e a imagem de membros masculinos; a geração de Adão foi atribuída ao Fiat, que fez dele mesmo uma semelhança. Se sua mente tivesse permanecido celeste, ele poderia ter criado a si mesmo, de forma celeste. Esta geração foi feita então pelo Fiat terrestre e seu corpo exterior tornou-se um animal; ele perdeu também a compreensão celeste e a virtude do Todo-Poderoso.
8. Assim, caro leitor, debes saber que Cristo, o segundo Adão, não sofreu em vão a sua crucificação e a perfuração do lado direito pela lança, e nem seu sangue foi derramado em vão. Temos aqui a chave. Adão foi aberto em seu lado direito, junto à sua costela para a formação da mulher. Neste mesmo lado deve surgir a lança de Longines, com a cólera de Deus, pois ela penetrou Adão e através da terrenidade de Maria, também penetrou o lado de Cristo, e o sangue de Cristo tinha que extinguir a cólera e afastá-la do primeiro Adão; pois o segundo Adão tinha também o sangue celeste, e este tinha que extinguir a turba terrestre, a fim de que o primeiro Adão pudesse ser feito completo novamente.
9. Que seja dito a vós, filhos dos homens, pois isto foi conhecido na santíssima trindade, e não em opiniões e conceitos. A sua alma e o seu corpo estão em risco. Cuidado com o que fazes.
10. Teve início, então, a reprodução humana de forma animal. Pois Adão reteu o limbos, e sua Eva a matriz de Vênus, enquanto as tinturas haviam se separado. Ora, cada tintura é uma mágica completa, como um desejo ardente, no qual nasce o *centrum naturae*, no enxofre. Então a mágica desejosa, com a tintura, é novamente encontrada no enxofre, e ainda assim não pode se ater à vida, a menos que a tintura do fogo penetre a tintura de Vênus. A tintura de Vênus é incapaz de despertar um fogo, pois é muito fraca. Não podendo estar no fogo e visto que, ao mesmo tempo, as duas tinturas desejam a vida, têm início o violento desejo do homem e da mulher, sendo que um deseja misturar-se com o outro; pois a força das essências deseja ser vital, e a tintura impele ali e também o deseja. Pois a tintura pertence à vida eterna, mas está encerrada na substância. Assim, ela deseja viver como vivia desde a eternidade; portanto, o homem deseja a matriz da mulher e a mulher deseja o limbos do homem.
11. A mulher tem uma tintura aquosa e o homem uma tintura ígnea. O homem semeia a alma, a mulher semeia o espírito e ambos semeiam a carne, ou seja, o enxofre. Desta forma o homem e a mulher são um corpo, e os dois produzem um filho; portanto, eles devem permanecer juntos, se alguma vez se fundiram, pois eles se tornaram um corpo. Mas aquele que se funde com outros, ou que se separa, quebra a ordem na natureza, assemelham-se a uma besta bruta, e não consideram que em sua semente reside a tintura eterna, onde está oculta a essencialidade divina,

que neste caso será despertada na parte colérica. Além do mais, esta fornicação é uma obra que segue a sombra do homem, e no final desperta sua angústia na consciência. Pois a tintura na semente, tem sua origem na eternidade; ela é imperecível, aparece na forma de espírito e penetra na mágica do homem, de onde o homem a produziu e a manifestou.

12. Note isto, prostitutas e libertinos: o caminho que segues em segredo, freqüentemente com grande duplicidade, penetra a sua consciência e transforma-se para vós um verme mal e roedor. A tintura é um ser eterno e gostaria de viver no amor de Deus. Mas se, sob o impulso da região astral, através da infecção do demônio, tu a colocas num vaso falso e impuro, na abominação e na desordem, dificilmente irá conter o amor de Deus; ao contrário, passa desejando o primeiro lugar, em ti. Se a tintura se tornou falsa, num falso vaso, não podendo repousar, ela irá te corroer e trazer o abismo infernal para a consciência. Não se trata de ficção ou brincadeira. Não seja portanto, totalmente animal; pois um animal toma sua tintura unicamente deste mundo, mas tu a toma da eternidade. O que é eterno não morre. Ainda que tu corrompas o enxofre, ainda assim a vontade espírito no enxofre penetra a nobre tintura no mistério, e cada mistério toma aquilo que lhe pertence. E no último dia, quando o Espírito de Deus irá se movimentar em todos os três Princípios, o mistério será revelado: ali verás tuas boas obras.
13. Assim a grande misericórdia de Deus com relação à raça humana é altamente reconhecida por nós; pois Deus quis ajudar o homem. Se, ao contrário, Deus tivesse desejado a propriedade animal, ele teria criado imediatamente e logo de início, um macho e uma fêmea; não teria feito um ser único, equipado com as duas tinturas. Mas Deus conhecia bem a queda do homem, assim como a fraude do demônio, que através de Eva fora transformado em escárnio. Quando Adão caiu e adormeceu, o demônio pensou: Agora sou senhor e príncipe da terra; mas a semente da mulher era para ele um obstáculo.
14. Devemos compreender o despertar de Adão. Ele adormeceu para o mundo celeste, e despertou para o mundo terrestre. O espírito do grande mundo o despertou. Então ele viu a mulher, e sabia que ela era sua carne e seu osso, pois a Virgem da sabedoria de Deus ainda estava nele. Ele olhou para ela e colocou sua imaginação ou desejo nela, já que continha a sua matriz, mais que tudo, a tintura de Vênus; imediatamente, uma tintura buscou a outra. Portanto, Adão a tomou para si e disse: Ela será chamada mulher, pois ela foi tirada do homem. Não se deve considerar Eva como uma virgem pura, assim como nenhuma de suas filhas. A turba destruiu a virgindade, e tornou o amor puro, em terrestre; o desejo terrestre destrói a verdadeira virgindade. A sabedoria de Deus é uma virgem pura, na qual o Cristo foi concebido e num verdadeiro e virgem vaso tornou-se homem, como veremos mais adiante.
15. Da mesma forma, a virgem terrestre não poderia permanecer no Paraíso. Embora, o homem e a mulher ainda estivessem no Paraíso, e ambos ainda possuíssem a natureza paradisíaca, mesmo que esta estivesse misturada com a ânsia terrestre. Eles estavam nus, e tinham seus membros bestiais para a procriação, mas eles ainda não conheciam estes órgãos e nem estavam envergonhados; pois o espírito do grande mundo não dominava sobre eles, antes de comerem o fruto terrestre. Então seus olhos foram abertos, pois a Virgem celeste da sabedoria de Deus retirou-se deles; Primeiro, eles conheceram o reino das estrelas e dos elementos. Quando o espírito de Deus se foi, o espírito terrestre na fonte fervente e feroz penetrou. Neste instante o demônio foi aceito, infectando e conduzindo-os à cólera e à malícia, como ocorre ainda em nossos dias. Pois a ira de Deus, que surge da Natureza eterna, e a qual o demônio acendeu e despertou, permaneceu no centro terrestre. Nenhuma vida pode nascer sem que o centro seja despertado; pois o Princípio permanece no fogo, onde toda vida está enraizada, e o *centrum naturae* tem em suas formas ferocidade ou abrasamento. Portanto, é dito: Curve-se, penetre a

humildade, e leve uma vida correta. Pois vida é fogo e a imagem da vida, que é a semelhança de Deus, está na luz, ou seja, no fogo do amor; o fogo-luz, contudo, não fornece o *centrum naturae*. Assim, o demônio ainda pensa que é um senhor maior do que a criatura no fogo-amor. Certamente ele é mais austero; mas ele vive nas trevas e devora a essencialidade adstringente, o que também o torna um inimigo do amor.

16. Devemos reconhecer que o demônio é a causa pela qual o homem foi criado em seu lugar, e que ele é culpado pela queda do homem, embora Adão e sua Eva, não puderam permanecer firme, quando Deus dividiu Adão. Eles estavam, de fato, no Paraíso, onde deviam se alimentar do fruto paradisíaco, de forma angélica. Mas eles não apreciaram isso, porque a árvore do conhecimento do bem e do mal era mais agradável a eles; e Eva, tão logo foi feita, imaginou na árvore da tentação. E embora Adão tenha lhe revelado o mandamento, o desejo estava unicamente direcionado à árvore; pois as essências terrestres ainda não estavam manifestadas em Adão e Eva, eles ainda estavam ligados; ocorreu que eles germinaram o mesmo desejo, pois desejavam ser senhores e mestres. Por aí surgiu a infecção do demônio, através de sua imaginação falsa e ascendente. Ele se colocou na forma de serpente sobre a árvore, oferecendo o fruto à Eva, com o efeito de que este fruto tornaria sábio aquele que o comece. Sim, realmente! Sábio para conhecer o bem e o mal; grande miséria; dois tipos de fonte para reinar em uma criatura. Não havia conhecimento melhor. Ele disse a ela verdade e mentiras, ao mesmo tempo, ela seria sábia e seus olhos seriam abertos. Claro, era o suficiente. Ela percebeu rapidamente que pela fonte terrestre ela havia caído no espírito deste mundo, que estava nua; ela reconheceu seus membros bestiais, adquiriu intestinos no corpo e uma carcaça fedorenta, cheia de pesar e miséria, na angústia e na tribulação, como está explícito no livro “*De tribus principiis*”. Temos diante de nossos olhos, que tipo de anjos do Paraíso éramos nós, como devemos nos gerar e nos sustentar na angústia, no pesar e na miséria, o que deveria ser feito de forma diferente.
17. Assim, conhecemos suficientemente a queda de Adão e por que ele não podia permanecer no paraíso, o que era o Paraíso, que ainda existe. Mas ele não contém agora o fruto paradisíaco, e nós não temos a natureza e os olhos paradisíacos; nós não o vemos. Pois, Deus amaldiçoou a terra, por causa do homem, a fim de que o paraíso não mais florescesse sobre a terra. Ele se tornou para nós um mistério, e ainda o é; para este mistério partem as almas dos santos, quando o corpo terrestre se separa da alma. Ele está neste mundo e também fora deste mundo, pois a fonte do mundo não o toca. Todo o mundo poderia ter sido como um paraíso, se Adão tivesse permanecido na inocência; mas quando Deus amaldiçoou a terra, o Paraíso desapareceu; pois a maldição de Deus é uma retirada. A Sua retirada não é um recuar, mas um penetrar em outro Princípio, em si mesmo. O Espírito de Deus saiu de Deus para a essência; mas quando esta essência se tornou terrestre, e o demônio, inimigo de Deus, começou a nela habitar, então o Espírito de Deus penetrou o seu próprio Princípio, ou seja, no amor, retirando-se da terrenidade. Ali, isto é apresentado ao homem na luz da vida. Agora, aquele que deseja penetrar o amor de Deus, usa a sua vontade-espírito para atingir o Paraíso. Desta forma, o Paraíso floresce novamente em sua vontade-espírito, e ele passa a receber novamente, em união com sua imagem, a essencialidade celeste, onde reina o Espírito Santo.
18. Que isto seja uma pérola para vós, filhos dos homens; pois este é o verdadeiro fundamento. Aquele que o busca e o encontra tem expressado o seu deleite. É a pérola que permanece oculta no campo, do qual falou o Cristo, que um homem vendeu todos os seus bens e comprou a pérola (Mat. 13 – 45,46).

19. Devemos nos referir ao Querubim, que conduziu Adão e Eva para fora do Paraíso, como o anjo do rigor, o que significa o mutilador da vida terrestre do Paraíso, a fim de que o corpo e a alma se separassem.
20. Sabemos, de fato, que Adão e Eva foram conduzidos para fora de onde se encontrava a árvore da tentação, pois o fruto paradisíaco estava lá; estes eles não mais iriam ver ou comer, pois o que é celeste não pertence ao terrestre. Os animais também foram conduzidos por conta da árvore má; eles não foram capazes de desfrutar do fruto paradisíaco; mas qualquer animal podia comer desta árvore, pois ela era terrestre. Assim, Adão e Eva foram compelidos a deixarem o Paraíso, pois Deus havia, através do espírito do grande mundo, os revestido com as peles das bestas, no lugar da vestimenta celeste e brilhante, e havia pronunciado a eles sentenças com relação ao que deveriam fazer neste mundo, o que deveriam comer e como deveriam conseguir o seu pão com sofrimento e na miséria, até que pudessem retornar à terra, de onde foram, em parte, extraídos.

CAPÍTULO VII

SOBRE A SEMENTE PROMETIDA DA MULHER E ESMAGADORA DA SERPENTE

1. Ver Adão e Eva no Paraíso, como marido e mulher, possuindo ainda a vida e a alegria celestial, embora mistos, era demais para o demônio, sua inveja era enorme. Após provocar a queda de Adão, privando-o de sua forma angélica, passou a observar Eva, como a mulher tirada de Adão, e pensou que poderiam gerar filhos no Paraíso e lá permanecer. Ele disse a si mesmo: “Teu desejo é seduzi-la, a fim de que coma do fruto proibido, isso a tornará terrestre; assim, tu poderás atingir seu coração e trazer teu desejo para dentro dela, então tome-a para o teu reino e continue sendo o príncipe sobre a terra, no terceiro Princípio”. De fato, ele conseguiu, induzindo-a a ceder ao falso fruto, pegar da árvore, arrancar uma maçã e comer, oferecendo-a também à Adão. Vendo Adão que Eva não caíra e morrera imediatamente, também comeu, pois o desejo existia em ambos.
2. Tal foi o pedaço pelo qual o Céu e o Paraíso desapareceram, fazendo com que o Querubim ou mutilador parasse, com sua espada flamejante, diante da porta do Paraíso, e não mais permitisse que eles ali entrassem. Sua espada era o anjo destruidor, que agora corta o homem com o calor, o frio, a doença, com a necessidade e com a morte e por fim, separa a vida terrestre da alma.
3. Quando esta espada estava para ser quebrada na morte de Cristo, a terra tremeu e o sol se obscureceu; as pedras se romperam diante do forte poder de Deus, que dissolveu a morte. A sepultura dos santos foram abertas, e seus corpos se levantaram; pois a espada foi quebrada e o anjo que guardava o Paraíso, removido. Os corpos dos santos entraram novamente no Paraíso.
4. Quando Adão e Eva comeram do fruto terrestre, caíram em meio a assassinos, que os surraram e os despiram, deixando-os meio mortos. A saída deles do Paraíso, é a saída de Jerusalém para Jericó, pois deixaram o céu, rumo a este mundo corrupto e mal, para a casa do pecado, onde sem demora, em suas almas, no *centrum naturae*, a roda dos sentidos começou a qualificar na fonte terrestre; onde cada sentido era adverso ao outro; onde a inveja, o orgulho, a avareza, a ira e a repugnância surgiram em profusão; pois a luz pura do amor havia sido extinta, aquela que tornava a fonte ígnea agradável, amigável e gentil, no qual o Espírito de Deus operava e a bela Virgem da sabedoria de Deus repousava: eles deixaram a bela sabedoria.

5. Deus havia criado Adão na Virgem casta de Sua sabedoria. Mas ele, ao contrário, tomou para si uma companheira terrestre, contrária e má, com a qual tinha que viver numa forma animal, em constante pesar, ansiedade e aflição. Do belo jardim de deleites, que havia dentro de si, surgiu um jardim adverso de espinhos e cardos, onde, de certa forma, ele ainda buscava o fruto virgem. O fruto estava com ele, como que com um ladrão, que se encontrava num belo jardim para guardá-lo e preservá-lo, mas o fruto havia sido retirado de lá por roubo; no entanto, ele comeria alegremente do fruto em questão, mas não pode alcançá-lo; então, caminha em volta, do lado de fora, estendendo sua mão para alcançar o fruto, que o jardineiro tira dele, sendo forçado a se retirar contrariado, sem satisfazer seu desejo. Isto ocorre com o homem, em relação à mulher.
6. Quando Adão se encontrava no amor de Deus, e a mulher era nele uma virgem casta, na sabedoria e doçura de Deus, ele comia o frutos dela, e podia certamente se deleitar com seu próprio amor, na matriz de Vênus. Pois a tintura do fogo tem um grande deleite jubiloso na tintura da luz, e Adão tinha isso em si: ele era homem e mulher. Agora ele deve andar ao redor deste jardim, do lado de fora e tocar a tintura de Vênus somente com um membro; as tinturas internas então recebem uma a outra na semente, e assim operam para produzirem uma vida. Mas o corpo exterior não é digno de desfrutar da inqualificação ou da assimilação do reino interno da satisfação, onde a vida da alma é semeada. Somente as essências internas tem este privilégio, pois pertencem ao Eterno. Mas o homem animal exterior satisfaz unicamente um desejo bestial. Ele nada sabe sobre a alegria das essências, quando uma tintura penetra a outra; o que ocorre onde ainda há algo de Paraíso; mas a essência terrestre intercede imediatamente, e é somente um lance ou brilho jubiloso onde é gerada a vontade para a vida, que se mantém nesta direção e se torna fecunda com o enxofre, até atingir o Princípio e atrair o fogo no centro: então ela atinge uma vida verdadeira, e nasce outra alma.
7. Quando a bela imagem se retirou do amor de Deus, ela soube que passou para um estado diferente. Teve início o terror e o temor da cólera de Deus, que começou a se fazer sentida. Eles olharam um ao outro e se tornaram conscientes da forma animal e de que estavam nus. O demônio deve ter festejado e zombado de Deus. Eles estavam com medo e se esconderam entre as árvores; pegaram folhas de figo, trançaram-nas e as colocaram sobre a sua vergonha, pois a Virgem celeste havia partido. Eles reconheceram a queda e estavam envergonhados; quer dizer, a alma, que pertence ao Eterno, tinha vergonha da natureza bestial: o que ocorre até hoje, temos vergonha de nossos órgãos bestiais. Desde então, a mulher cobre sua vergonha com um pano branco, a fim de que o espírito da alma, que se apresenta nos olhos, não seja atormentado, pois conhece a *matrix* de Vênus e começa imediatamente, no macho, a imaginá-la; se a mulher se cobrisse de preto e velasse seus olhos, isso não ocorreria facilmente, a não ser pela imaginação; as duas tinturas, a do homem e a da mulher buscam uma à outra imediatamente nos olhos, onde o espírito se revela.
8. Quando Adão e Eva se aterrorizaram diante da cólera de Deus, Ele chamou Adão e lhe perguntou: “Onde estás?”, disse ele. “Ouvi teu passo no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi”. Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!”. Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizestes?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu, e eu comi”. (Gen. 3. 9,13).
9. Em relação a isso compreendemos o grande amor de Deus, que lembrou Adão, a fim de que conhecesse, buscasse e encontrasse a si mesmo, voltando-se novamente à Deus. Pois Adão havia estado em Deus, mas abandonou Seu amor, o segundo Princípio, o santo Paraíso de Deus,

para penetrar o reino terrestre exterior deste mundo das estrelas e elementos, no terceiro Princípio. Portanto, Deus disse: “Onde estás Adão?”; “Não vês que não mais estás no céu?” Deus voltou novamente seu semblante gracioso para uma parte em Adão, ou seja, para a parte recebida da essencialidade celeste, aspectando-a novamente com Seu espírito, disse à serpente, no velho demônio: “Pelo que fizestes, serás amaldiçoada”. E tu, serpente criaturalizada, passou a ser uma criatura (pois o demônio havia se transformado, tomando a forma de uma serpente, e como serpente deveria permanecer), Ele disse: “Sobre sua barriga deve se rastejar, e da terra deves provar”. Por ter seduzido o homem, que se tornou terrestre, a imagem do demônio também deveria ser terrestre e provar da qualidade terrestre colérica, ou seja, veneno: esta deveria ser sua característica.

10. É preciso saber que o demônio formou para si mesmo a imagem da serpente, das estrelas e elementos, através de sua imaginação, pois ele tinha grande poder até que o Senhor o amaldiçoou totalmente, e colocou o precioso nome de Jesus como uma marca divisória: então seu grande poder caiu. Pois Deus disse à Adão e Eva: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gen. 3, 15). Ou seja, na cólera de Deus, tu a mata, mas ela irá ressurgir da morte e esmagar tua cabeça, ou seja, afastar teu poder e superar a cólera com o amor. E neste lugar, o Verbo da promessa da semente da mulher, ou seja, o preciosíssimo nome Jesus, se imprimiu com seu sinal na luz vital; e neste mesmo sinal a preciosíssima Virgem da sabedoria de Deus, na qual o Cristo, aquele que venceu a morte, se tornaria um verdadeiro homem, destitui a morte de seu poder e destrói a ferida do demônio; ele pisaria a prensa de vinho da ferocidade e da cólera, penetraria a cólera como no centro do fogo, extinguindo o fogo com seu sangue celeste e com a água da humildade, que jorra da fonte do Espírito de Deus.
11. Tenham a certeza de que, se o Verbo da promessa não tivesse se imprimido na luz da vida, quando Adão e Eva caíram na fonte terrestre, o espírito da alma teria se tornado um demônio feroz e o corpo um besta má, como de fato é. Se a água elementar (que é santa) não abatesse o orgulho da ferocidade, veríamos muito bem como a maioria seria um demônio feroz.
12. Devemos considerar que o mundo, antes da encarnação de Cristo, foi salvo neste Verbo impresso e nome Jesus. Aqueles que inclinaram sua vontade para Deus, receberam o Verbo da promessa e teve a alma tomada ali. Pois toda a lei de Moisés com relação ao sacrifício, não é absolutamente nada senão um tipo de humanidade de Cristo. O que Cristo, em sua humanidade, fez através de seu sacrifício, mergulhando com seu sangue e seu amor a cólera de Deus, Moisés fez através de seu sacrifício com o sangue das bestas. Pois, o verbo da promessa estava presente no pacto por similitude. O nome Jesus estava no pacto e reconciliou pelo desejo, a raiva e a cólera na natureza do Pai. Os judeus certamente não compreenderam, mas o pacto compreendeu; pois o homem animal não era digno de conhecê-lo, até o nascimento de Cristo. Então o som foi emitido, o qual contudo, após um curto tempo, fora novamente encoberto pelo Anticristo em Babel, pois o homem animal da iniquidade, não é digno do precioso nome Jesus; nem ele pertence à parte animal, mas unicamente à parte divina. A parte animal deve permanecer na terra selvagem e no último dia ser consumida pelo fogo de Deus. Mas a parte celeste deve ser introduzida no poder divino; assim, trata-se de uma abominação diante de Deus, que o homem brinque orgulhosamente com a parte animal. Ela não é a imagem de Deus, assim como o sacrifício de Moisés não era a reconciliação, como não havia no pacto senão o Verbo da vida e o pacto da graça.
13. A circuncisão dos judeus, sendo obrigatória unicamente nos meninos, continha em si a seguinte lei: Adão era o único homem criado por Deus, e nele estava a imagem de Deus. Eva, como sua

esposa, Deus não quis criar; a imagem só deveria nascer de um. Mas visto que ele caiu, e que Deus teve que fazer a mulher para sua companhia, o pacto com a promessa passou novamente sobre um, a fim de que todos fossem regenerados e nascessem novamente de um, ou seja, do segundo Adão; não da mulher Maria, mas de Cristo, na qualidade de Adão celeste. Pois o sangue do primeiro homem ou primeiro Adão, recebido da essencialidade de Deus, tinha valor, e não o sangue terrestre da mulher teria que ser efetivo para ele. Portanto, só a espécie masculina era circuncidada, e no mesmo membro que é uma abominação diante de Deus e uma vergonha para a alma, pois a fecundação não estava destinada a ser bestial. A circuncisão era assim, um sinal e uma imagem, indicando que aquele membro deveria ser cortado do homem e não aparecer com ele na eternidade. O Cristo teve que tomar para si a forma de um homem, embora internamente permanece numa imagem virgem, para que o propósito do poder de Deus prevalecesse. Pois a propriedade do fogo ou do homem deve governar, e a propriedade da luz ou da mulher deve abrandar seu fogo e trazê-lo para a branda imagem de Deus.

14. O sangue da mulher não teria reconciliado a cólera de Deus, era necessário que o sangue do homem o fizesse. Pois a mulher pertence ao homem, e irá, no reino de Deus, ser uma virgem masculina, assim como era Adão, não uma mulher. A mulher é salva no pacto do homem; pois o pacto foi feito por causa do homem, ou seja, da virgem masculina, para que pudesse ser reconciliada. Portanto, São Paulo diz: “Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde de que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (1 Tm. 2,15). E não só isso, mas também no pacto do homem, pois ela é uma parte tirada de Adão. Assim cada mulher individual deve ser subjugada ao homem, e ele deve ser o senhor. Deus oferece ao homem além do mais, a Sabedoria Virgem; ele deve governar a mulher, não como um tirano, mas como a sua própria vida. Deve amar sua mulher como seu próprio corpo, pois ela é sua carne e sangue, uma imagem tirada dele, sua colaboradora, seu jardim de rosas. Embora ela seja fraca e terrestre, o homem precisa compreender que ele é a causa disso, ter paciência com ela, e não deixar sua cólera predominar e destruí-la.
15. A mulher também deve entender que é salva no pacto e sangue do homem (o primeiro, virgem); ela é a costela e a tintura do homem e de Adão; a mulher é própria do homem. Ela deve ser humilde. Como um membro serve o corpo, a mulher deve servir o homem e amá-lo como a si mesmo. Ela deve lançar seu amor totalmente a ele, pois assim obtém a Virgem celeste com a Sabedoria divina, e o espírito do pacto.
16. Mas para virgens não casadas e homens sem mulheres, assim como para as viúvas, é dito que têm o pacto de Cristo como esposo ou esposa: diante de tal pacto, devem ser castos e humildes. Pois o Cristo é a noiva do homem, sua virgem casta, a qual Adão perdeu; Ele é também o noivo das virgens e das viúvas: Sua masculinidade é a masculinidade delas, a fim de que assim apareçam diante de Deus, como uma virgem masculina. Pois nossa imagem está sendo gerada agora, na vontade e na fé. Onde quer que estejam a nossa vontade e o nosso coração, lá está também nossa imagem e nosso tesouro.
17. Portanto, protejam-se da prostituição e do falso amor, pois a verdadeira imagem é por ela destruída. A prostituição é a maior fraqueza que o homem opera em si. Outros pecados saem dele para uma imagem; mas a prostituta continua nele; pois ele (ela) produz uma falsa imagem na qual a Virgem de Deus não é conhecida, mas somente uma forma bestial. Que isto seja dito ao homem: Há um horror tão grande por detrás da prostituição, que o céu estremece, diante dela, assim como aquele que não penetram facilmente a imaginação bestial.

SOBRE A VIRGEM MARIA E A ENCARNAÇÃO DE JESUS CRISTO, O FILHO DE DEUS

1. Muitos tomaram para si, o ato de escrever sobre a Virgem Maria, tendo acreditado que ela não era uma filha da terra. Para estes foi apresentado um reflexo da Virgindade eterna, o que os deixou longe do verdadeiro alvo. Alguns simplesmente acreditavam que ela não era a filha de Joaquim e Ana, pois o Cristo é chamado de semente da mulher, e de fato é, atestando ter vindo de cima, do céu; segundo eles, o Cristo deve então ter nascido de uma Virgem totalmente celeste. Mas isso seria pouco útil para nós, pobres filhos de Eva, que nos tornamos terrestres e que conduzimos nossas almas num vaso terrestre. Onde estariam nossas pobres almas, se o Verbo da vida eterna não as tivesse tomado para si? Se Cristo trouxe uma alma do céu, onde estaria nossa alma e o pacto com Adão e Eva, pelo qual a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente? Se Cristo tivesse desejado vir e nascer totalmente celeste, não precisaria ter nascido um homem sobre a terra. Mas onde estava o pacto, no qual o nome da promessa, Jesus, incorporou-se na luz da vida, na tintura da alma, imediatamente no Paraíso, quando Adão caiu, mesmo antes de Adão ser criado? Como diz Pedro: “conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado no fim dos tempos, por causa de vós” (1 Pd 1,20). Deus, em sua sabedoria, sabia da queda; assim, o nome Jesus incorporou-se ali no Verbo da vida, logo em seguida, envolvido pela Virgem da sabedoria, na imagem de Adão com a cruz. Pois a alma também é um nascimento crucial: quando o fogo da alma é aceso, produz no lampejo uma cruz, ou seja, um olho com a cruz e os três Princípios, de acordo com a característica da Santa Trindade.
2. Precisamos compreender que Maria, em quem o Cristo tornou-se homem, foi verdadeiramente, a filha de Joaquim e Ana, pela carne exterior, sendo gerada pela semente deles, de acordo com o homem exterior; mas pela vontade, ela era filha do pacto da promessa, pois ela era a meta para a qual o pacto apontava. Nela encontrava-se o centro do pacto; portanto, ela era altamente conhecida do Espírito Santo no pacto, e altamente abençoada diante e entre todas as mulheres, até mesmo Eva; pois o pacto nela se revelou.
3. Deves nos compreender de forma elevada e sublime: O Verbo com a promessa, que com os judeus permaneceu como um protótipo, como num espelho, no qual Deus, o Pai colérico, imaginou e extinguiu sua cólera, este Verbo e promessa agora movimentou-se de forma essencial, que não ocorreu da eternidade. Pois quando Gabriel trouxe a mensagem à Maria, de que deveria ser fecundada, ela consentiu dizendo: ‘Que seja feito segundo a tua palavra’, então o centro da Santa trindade movimentou-se, revelando o pacto, ou seja, o revelou-se dentro dela, no Verbo da vida, a eterna virgindade que Adão havia perdido. Pois a virgem da sabedoria de Deus envolvia o Verbo da vida ou o centro da Santa Trindade. Assim, o centro foi movimentado, e o Vulcão celeste acendeu o fogo do amor, a fim de que o princípio da chama do amor fosse gerado.
4. Compreenda corretamente. A essência de Maria ou a essência virgem, corrupta em Adão e de onde ele deveria produzir uma imagem virgem, de acordo com a sabedoria de Deus, encontrava-se repleta de fogo e do princípio do amor inflamado; entenda por isso a semente de Maria, quando tornou-se fecunda com o espírito da alma ou com a tintura de Vênus; pois, na tintura de Vênus, ou seja, na fonte do amor, o primeiro fogo de Adão foi aceso no Verbo da vida, e no menino Jesus, as duas tinturas eram perfeitas como em Adão; o Verbo da vida no pacto, compreenda a Santíssima Trindade, era o centro, e o princípio apareceu na esfera do Pai. O Cristo tornou-se homem em Deus e também em Maria e ao mesmo tempo no mundo terrestre, ou seja, em todos os três Princípios. Ele tomou para si a forma de um servo, para que pudesse dar à mão à morte e ao demônio, pois ele seria um príncipe no *locus* deste mundo, no trono

principesco angélico, no lugar e com a autoridade do anjo e príncipe anterior, Lúcifer, sobre todos os três Princípios. Se então (1) ele deveria ser senhor do mundo externo, era preciso habitar no mundo externo, possuindo sua natureza e propriedade; se (2) deveria ser o Filho de Deus, necessariamente deveria nascer de Deus; se (3) deveria extinguir a cólera do Pai, também deveria estar no Pai; se (4) era para ser o Filho do Homem, também deveria ser da essência e natureza do homem, tendo uma alma e um corpo humano, como todos nós temos.

5. Reconhecemos que Maria, sua mãe, assim como o Cristo, através de sua mãe, tinham uma essência humana, no corpo, alma e espírito, e que o Cristo recebeu uma alma da essência de Maria, mas sem a intervenção da semente do homem. O grande mistério de Deus ali foi revelado. O primeiro homem, em seu esconderijo, caído na morte, foi aqui novamente gerado em sua vitalidade, compreenda no princípio de Deus. Por causa disto a Divindade se colocou em movimento, acendendo o fogo no princípio do Pai; assim, o enxofre morto, que havia morrido em Adão, foi novamente despertado; pois o Verbo possuía a essencialidade celeste em si e com ela se revelou na imagem virgem da Divindade. O mesmo ocorre com a Virgem casta, na qual o Verbo da vida tornou-se homem; assim, a Maria exterior foi adornada com a altíssima e abençoada Virgem celeste, sendo abençoada entre todas as mulheres deste mundo. Tudo o que estava morto e enterrado na humanidade, nela foi novamente revivido; portanto ela foi exaltada, como o primeiro homem diante da queda, tornando-se a mãe do Príncipe Real. Contudo, isso não ocorreu por seu próprio poder, mas pelo poder de Deus. Se o centro de Deus não tivesse se colocado em movimento dentro dela, ela não teria sido, de forma alguma, diferente de todas as filhas de Eva. Mas o verbo da vida havia estabelecido este objetivo, em conexão com o pacto da promessa; portanto ela é abençoada entre todas as mulheres e acima de todos os filhos de Eva. Não que ela seja uma deusa, a quem devemos louvar como Deus, pois ela não é o objetivo; e de fato ela disse: “Como pode ser, eu não conheço nenhum homem?” Mas o Verbo da vida no centro do Pai, que pelo movimento da Divindade doou-se para a humanidade e foi revelado na essência humana, é o objetivo: este é o objetivo que devemos buscar para a realização do novo nascimento.
6. O que ocorreu no caso do primeiro Adão, foi uma maravilha ainda maior. Pois o primeiro Adão foi criado dos três Princípios, recebendo seu espírito do próprio Espírito de Deus: neste caso, o Coração de Deus não precisava se movimentar especialmente; o Espírito de Deus, do Coração de Deus apenas moveu-se. Mas aqui o centro do coração de Deus foi colocado em movimento, centro este que havia repousado desde a eternidade; o fogo divino tornou-se aceso e inflamado.

O PORTÃO PRECIOSO

7. Precisamos compreender bem a encarnação de Cristo, o Filho de Deus. Ele não tornou-se homem apenas na Virgem Maria, como se sua divindade ou natureza divina permanecesse confinada lá em cima. Assim como Deus habita em um só lugar, mas é considerado como a plenitude de todas as coisas, assim Deus movimentou-se unicamente em uma parte separada; pois ele não é divisível, mas inteiro em toda parte, e onde quer que ele se manifeste, manifesta-se completamente. Da mesma maneira, Deus não é mensurado, nem se encontra lugar algum para ele, a menos que ele faça um lugar para si numa criatura; mas assim ele estaria, ao mesmo tempo, com a criatura e fora da criatura.
8. Quando o Verbo se colocou em movimento para a revelação da vida, ele se revelou na essencialidade divina, na água da vida eterna; ele a penetrou e se tornou enxofre, ou seja, carne e sangue; produziu a tinteira celestial, que envolve e preenche a Divindade, onde a sabedoria de Deus permanece eternamente com a magia divina. Compreenda corretamente: A Divindade

desejou tornar-se carne e sangue; embora o puro e imaculado Deus permanece espírito, tornou-se o espírito e a vida da carne, operando na carne; assim, quando penetramos, através de nosso desejo, em Deus, nos doando totalmente a ele, podemos dizer que penetramos a carne e sangue de Deus, vivemos em Deus, pois o Verbo se fez homem e Deus é o Verbo.

9. Não abolimos, com isso, a criatura de Cristo, como se ele não fosse considerado uma criatura. Podemos comparar o sol à criatura de Cristo e a profundidade do mundo ao Verbo eterno no Pai. Vemos, contudo, que o sol brilha em toda a profundidade, oferecendo calor e poder; mesmo assim, não podemos dizer que nas profundezas, independente do corpo do sol, o poder e o brilho do sol não existam. Pois, se não existissem, não buscariam o poder e o brilho do sol, já que somente um pode buscar o outro. A profundidade está simplesmente oculta, com relação ao seu brilho; mas se for da vontade de Deus, toda a profundidade poderia ser senão sol. Bastaria acendê-la, a fim de que a água fosse engolida e se tornasse um espírito, então o brilho do sol brilharia em todo lugar; do mesmo modo, o centro do fogo se inflamaria, como no *locus* do sol.
10. Além disso, saibam que: Compreendemos que o coração de Deus repousava desde a eternidade; mas pelo movimento e penetração das essências, manifestou-se em todos os lugares, embora em Deus não haja lugar ou limite, exceto na criatura de Cristo. Ali, toda a santa Trindade se manifestou numa criatura, e através da criatura em todos os céus da criação. Ele nos preparou o lugar onde veremos na sua luz, viveremos em sua essencialidade e dela provaremos; sua essencialidade preenche os céus e o Paraíso. No princípio, fomos feitos da Essência de Deus, por que não poderíamos nela viver? Assim como o ar e a água preenche este mundo, e todos nós deles desfrutamos, também existe um essencialidade divina oculta, a qual apreciamos, se com extrema honestidade nela imaginarmos e com a vontade nos doarmos a ela. Esta é portanto, a carne e o sangue de Cristo no poder divino; pois o corpo e o sangue da criatura de Cristo são ali encontrados, sendo uma realidade, um poder, um espírito, um Deus, uma plenitude, sem ser separado por lugar algum, ainda que estejam em seu próprio princípio. Um homem egoísta pode dizer: Como poderemos dele nos alimentar? Primeiro, procure alcança-lo, pois não irá dele se alimentar com a boca exterior. Ele é um princípio mais profundo, ainda que tenha se tornado exterior. Ele estava na Virgem Maria e também neste mundo, através do nascimento; no último dia, ele irá aparecer em todos os três Princípios diante de todos os homens e demônios.
11. Ele realmente tomou a natureza terrestre sobre si; mas, em sua morte, quando venceu a morte, a natureza divina absorveu a terrestre e afastou o seu domínio. Não que Cristo tenha colocado alguma coisa de lado, mas a natureza externa foi superada e absorvida; a vida que ele vive hoje, ele vive em Deus. O mesmo deveria ter ocorrido com Adão, mas ele não resistiu. Portanto o Verbo teve que se fazer homem e se doar à substância, a fim de que possamos receber poder e, com isso, sermos capazes de viver em Deus.
12. O Cristo trouxe novamente aquilo que Adão havia perdido, sim e muito mais. Pois o Verbo se fez homem em todo lugar, ou seja, está revelado em todo lugar, na essencialidade divina, onde encontra-se nossa humanidade eterna. Pois, na eternidade, viveremos na mesma essência corporal em que está a Virgem de Deus; devemos nos revestir da Virgem de Deus, pois o Cristo dela se revestiu. Ele tornou-se homem na Virgem eterna e também na virgem terrestre, embora esta última não fosse exatamente uma virgem. Mas a Virgem divina e celeste fez dela uma virgem na benção, ou seja, na revelação do Verbo e do pacto. Aquela parte em Maria, herdada de Adão, da essencialidade celeste, que Adão transformou em terrestre, aquela parte foi abençoada. Assim, o elemento terrestre simplesmente morreu dentro dela, o outro elemento passou a viver eternamente, voltando a ser uma virgem casta, não na morte, mas na benção.

Quando Deus revelou a si mesmo dentro dela, ela se revestiu com a bela Virgem de Deus, tornando-se uma virgem viril pela parte celeste.

13. Desta forma, o Cristo nasceu de uma Virgem correta, pura, casta e celeste, pois no momento da bênção, ela recebeu o limbos de Deus em sua matriz, em sua semente. Nenhum elemento estranho, mas o próprio limbos de Deus desabrochou nela, no poder de Deus. Este limbos estava morto em Adão e foi vivificado pelo movimento de Deus. No Verbo da vida, a essência de Deus a penetrou, abrindo o centro da alma, a fim de que Maria se tornasse fecunda com uma alma e com um espírito, tanto de forma celeste como terrestre. Esta foi uma verdadeira imagem de Deus, uma semelhança de Deus, fundamentada na Santíssima Trindade, em todos os três Princípios.

CAPÍTULO IX

SOBRE A VIRGINIDADE DE MARIA, COMO ELA ERA ANTES DA BENÇÃO E NO QUE SE TRANSFORMOU PELA BENÇÃO.

1. É extremamente necessário para nós, pobres filhos de Eva conhecermos este assunto, pois nele reside a salvação eterna; este é o portão de Emanuel; nele reside toda a fé cristã, neste que é o portão do mistério maior. Permanece oculto aqui, o segredo do homem, no qual ele é a imagem e semelhança de Deus.
2. Toda a nossa religião consiste em três pontos, os quais cultivamos e ensinamos. Primeiro, com relação à criação, de qual essência, natureza e propriedade é o homem; se ele é eterno ou não é eterno, e como isso é possível; de onde ele veio, no princípio, e de que propriedade é a origem do homem.
3. Em segundo lugar, o que foi a sua queda, por causa da qual somos mortais e sujeitos à malignidade e a fonte da cólera.
4. Terceiro, no que consiste o novo nascimento, tendo em vista que Deus deseja nos receber novamente na graça; por conta deste desejo, ele nos deu leis e doutrina, confirmando-os com grandes milagres. Em que poder e espírito podemos renascer e ressurgir da morte.
5. Encontramos tudo isso representado em duas imagens, ou seja, na eterna e santa Virgindade, e na virgindade terrestre e perecível; enquanto que o novo nascimento é encontrado na imagem do Cristo, de forma plena e clara. Pois, na Virgindade eterna, na essencialidade de Deus, onde a imagem e semelhança de Deus foi vista como em um espelho, desde a eternidade, sendo conhecida do Espírito de Deus, foi Adão o primeiro homem criado. Ele tinha a virgindade como possessão, como a verdadeira tintura-amor na luz, que deseja a tintura do fogo ou a propriedade das essências, para que possa se tornar uma vida ígnea no poder e glória, e seja na essência do fogo uma *genetrix*, o que não é possível na essência da luz, sem o fogo.
6. Reconhecemos então a Virgindade na sabedoria de Deus, na vontade desejosa da Essência divina, da eternidade. Não uma mulher que gera, mas uma imagem no espelho da sabedoria de Deus, uma imagem pura e casta sem ser, mas ainda em essência; embora não manifesto na essência do fogo, mas na fonte da luz.
7. Deus criou esta imagem num ser, com o auxílio dos três Princípios, para que pudesse ser uma semelhança, de acordo com a Divindade e a eternidade, como um espelho completo do

fundamento e do abismo, do espírito e também da essência; este ser foi criado do eterno, não para uma existência frágil. Mas porque o terrestre e o frágil encontravam-se suspensos para o Eterno; o desejo terrestre introduziu-se no desejo celeste e eterno, infectando a propriedade celeste; pois desejou habitar no desejo eterno, sendo corrompido na cólera de Deus.

8. Assim, a qualidade terrestre corrompeu a celeste e transformou-se na turba desta última, como reconhecemos nas pedras e terra, que, de fato, têm a sua origem do eterno, mas que se deterioraram na cólera e na fonte do fogo: o Fiat fez da essência eterna terra e pedras. Por causa disto, o dia da separação está fixo, quando cada coisa individual penetrará novamente o seu éter, sendo provado pelo fogo.
9. O mesmo ocorre com o homem. Ele foi criado na Virgindade, na sabedoria de Deus, mas foi capturado pela cólera e ira de Deus; assim se tornou, de uma só vez, corrupto e terrestre. E como a terra passa e deve ser testada pelo fogo e penetrar novamente aquilo que era, o mesmo deve fazer o homem: deve penetrar novamente a virgindade na qual foi criado. Mas como não era mais possível que o homem ressurgisse da morte colérica feroz, a fim de penetrar num novo nascimento (pois sua virgindade encontrava-se enclausurada com ele na morte, motivo pelo qual Deus lhe fez uma mulher, tirada dele mesmo), a Divindade teve que se colocar em movimento, revelar e tornar novamente vivo, aquilo que estava enclausurado.
10. Isto foi feito em Maria, a virgem enclausurada, ou seja, na virgindade que Adão herdou da sabedoria de Deus; não da parte terrestre do terceiro Princípio, mas da parte santa e celeste do segundo Princípio, que pela imaginação terrestre e pela sugestão havia sido enclausurada na morte terrestre, na cólera de Deus, e estava como que morta, assim como a terra parecia estar morta. Portanto, o coração de Deus se movimentou, venceu a morte sobre a cruz e gerou novamente a vida.
11. O nascimento e a encarnação de Cristo significa algo poderoso em operação; foi o movimento do próprio coração insondável de Deus, fazendo com que a essencialidade celeste, que se encontrava enclausurada na morte, se tornasse novamente viva, para que agora se possa dizer, com razão: o próprio Deus deteve a sua cólera, já que através do centro de seu coração, que preenchia a eternidade de forma ilimitada, revelou-se novamente, afastando o poder da morte e rompendo a dor da ira e da cólera feroz, vendo que o amor e a brandura haviam sido reveladas na cólera, extinguindo o poder do fogo.
12. Além do mais, é uma enorme glória para nós homens, que Deus tenha se revelado em nossa virgindade morta e em todas as coisas. E que o Verbo, o poder da vida de Deus, tenha se doado novamente à humanidade, à virgindade morta e abandonada, reabrindo a vida virgem, diante disto nós nos regozijamos; penetramos, com a nossa imaginação, o centro no qual Deus revelou a si mesmo na humanidade, ou seja, a encarnação de seu Filho, que se torna, em nossa imaginação, introduzida em sua encarnação, fecundo com seu Verbo revelado e o poder da essencialidade divina celeste – nada que seja estranho, mas ao mesmo tempo estranho ao que é terrestre. O Verbo se revelou em todo lugar, e em toda luz vital do homem; não falta mais nada, a não ser que o Espírito da alma se entregue a ele. Então o espírito da alma se reveste novamente da Virgindade eterna, não como um ornamento, mas em sua própria essência: Deus nasceu ali. Pois Maria, juntamente com todas as filhas de Eva, nasceu terrestre, mas o pacto do amor de Deus evidenciou em sua essência, que Deus poderia abrir novamente a vida dentro dela.

13. Com relação à virgindade de Maria, com relação à vida terrestre, antes da bênção, antes do coração de Deus ter se movido, não podemos dizer, de forma alguma, se ela era uma virgem completa e perfeita, de acordo com a primeira virgem antes da queda; ao contrário, ela era uma filha natural de Eva. Mas se pode dizer com certeza, que em Maria, assim como em todos os filhos de Adão, a Virgindade eterna no pacto da promessa encontrava-se enclausurada, como se estivesse morta, ainda que não sem vida em Deus. Pois o nome Jesus, deixando o centro ou o coração de Deus, imprimiu-se como um espelho na Virgem da sabedoria de Deus, opondo o centro do Pai, ou seja, o centro do fogo e da ferocidade, não da ferocidade no fogo, na essência do fogo, mas no amor na luz, na essência da luz. Além do mais, o homem foi previsto nesta mesma essência no nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida, quando Adão ainda existia na forma de essência celeste, sem um ser natural ou uma criatura. Pois a queda era conhecida na sabedoria, antes do homem se tornar uma criatura, segundo a propriedade do fogo, não na propriedade da luz, mas de acordo com o primeiro Princípio.
14. Segundo o nosso mais profundo conhecimento, afirmamos que Maria, antes da revelação e mensagem do anjo, era uma virgem como Eva, quando deixou o Paraíso, antes que Adão a conhecesse. Eva era, de fato, uma virgem, mas a verdadeira Virgindade estava oculta dentro dela e infectada pelo desejo terrestre; a propriedade animal estava manifestada. A imaginação terrestre quebrou a propriedade celeste, o que fez dela uma mulher e não uma virgem casta, sem mácula; ela era apenas uma porção da Virgindade celeste, a outra porção era Adão. Assim, de Eva não nasceu nenhuma virgem verdadeira e pura, que não estivesse dividida na natureza, - a *turba* destruiu a Virgindade em tudo, - até a chegada do vitorioso em combate: Ele era uma Virgem masculina na sabedoria de Deus, de acordo com a natureza celeste; o elemento terrestre pairava sobre ele, mas o elemento celeste governava sobre o terrestre; assim é que Adão deveria de ser, ele que não permaneceu firme.
15. Dizemos portanto, com fundamento, que Maria era filha de Joaquim, nascida de Ana e pela parte terrestre, continha a essência deles. Em segundo lugar, afirmamos que ela era filha do pacto de Deus, que Deus nela fixou o alvo do novo nascimento; todo o Antigo Testamento buscou este alvo e todos os profetas profetizaram o mesmo alvo (referindo-se a que Deus revelaria novamente a Virgindade eterna). Este alvo foi abençoado; pois, de acordo com sua misericórdia, Deus incorporou a si mesmo neste alvo, pelo pacto da promessa, e o Verbo da promessa permaneceu no pacto, e confrontou a cólera na luz da vida. O primeiro mundo, antes e depois do dilúvio, foi salvo naquele pacto em que Deus colocou diante de si como um espelho. Pois a Virgindade eterna apareceu no pacto como no espelho de Deus, e Ele ali encontrou a satisfação. Quando Israel aceitou o pacto e realizou as suas obras, isto foi aceito por Deus como se a humanidade estivesse no espelho da sabedoria de Deus. Embora, Israel fosse terrestre e mal, mesmo assim, Deus habitou em Israel, em seu pacto, na sabedoria, segundo o seu amor e misericórdia.
16. Desta forma, as obras da lei estavam diante de Deus, no espelho, até que a vida ressurgisse do pacto, atingindo a plenitude. Então, as obras no espelho cessaram, e as obras da plenitude na carne e sangue, na essencialidade celeste, recomeçaram; pois em Maria estava o princípio. Quando o anjo lhe trouxe a mensagem, e ela disse: “Seja feita a sua vontade” (Lc 1,38), o centro da vida no Verbo de Deus, ou seja, o coração de Deus, movimentou-se imediatamente em sua semente celeste morta, despertou-a novamente e a gestação teve início. Pois todos os três Princípios da Divindade foram movimentados, e a tintura divina se fixou na essencialidade celeste morta. Não vamos imaginar que Deus tenha ficado sem essência, mas que o homem estava morto para a essência celeste. Mas com isso, o coração de Deus penetrou a morte, com a essencialidade divina e vivificante, despertando a essencialidade morta. Esta essencialidade

divina não afastou a natureza terrestre, mas a penetrou como seu mestre e conquistador. Pois a verdadeira vida tinha que ser anunciada através da morte e da cólera de Deus, ela que foi concluída na cruz, quando a morte foi despedaçada e a cólera capturada, superada e extinta pelo amor.

17. Compreendemos agora, o que Maria se tornou com a concepção, ou seja, uma virgem pura e verdadeira, de acordo com a parte celeste. Pois quando o coração de Deus se movimentou, e o dia nela alvoreceu, a luz da claridade e pureza de Deus nela brilhou; pois sua Virgindade morta ou a sabedoria de Deus foi revelada e se tornou viva, pois ela foi preenchida pela Virgindade divina, ou seja, pela sabedoria de Deus. Nesta mesma sabedoria e essencialidade divina, assim como na morta e agora viva essencialidade, o Verbo tornou-se carne no sulfúrio pelo *centrum naturae*, por meio das essências do pai e das essências de Maria; da morte surge a vida, um fruto com as duas tinturas em sua perfeição, sendo que as duas tinturas formam senão uma. E por Adão ter se tornado um homem, o Cristo também se tornou um homem, segundo o mundo exterior; pois não era a imagem de Eva, na tintura da mulher, que estava destinada a permanecer, mas a imagem de Adão, quando era homem e mulher. Um dos sinais deve aparecer em consequência do poder do Fiat externo, e que o vitorioso em combate deveria ser novamente estabelecido em todos os três Princípios, o campeão em combate recebeu o sinal masculino; pois o homem possui a tintura do fogo ou a propriedade do Pai. O Pai é a força e o poder de todas as coisas, e o Filho é seu amor. Assim, o Verbo tornou-se homem na essência feminina – mas tornou-se, contudo, um homem – para que seu amor pudesse extinguir a cólera e a ira no Pai; pois a tintura de Vênus possui a fonte-água, e a mulher possui a tintura de Vênus. Consequentemente, o fogo tinha que ser extinto pela água da vida eterna, e as essências ígneas do Pai no fogo, novamente extintas.
18. Conhecemos então Maria, a mãe de Cristo, em carne, alma e espírito, pela benção, como sendo uma virgem casta e pura; pois nisto constitui a sua benção, Deus nela se revelou. Ela carregou em seu corpo o Verbo da vida, e este nela se movimentou. Maria não movimentou o Verbo, mas o Verbo movimentou Maria, ambos os frutos que ela conduziu, e também sua alma juntamente com a parte da essencialidade morta, a fim de que sua alma fosse imediatamente envolvida pela essencialidade divina e vivificante: não de acordo com a parte terrestre ou com o terceiro Princípio, mas de acordo com a parte celeste ou segundo Princípio, para que assim a natureza terrestre apenas pairasse sobre ela. Pois sua alma também tinha que, com o Verbo da vida, que se tornou homem nela, penetrar a qualidade divina e celeste, através da morte e da cólera de Deus. Era necessário que seu homem exterior morresse para a qualidade terrestre, a fim de que este homem exterior pudesse viver para Deus. E por ser abençoada e por ter carregado o alvo no pacto, seu corpo não desapareceu, pois a natureza celeste absorveu a natureza terrestre e a mantém como uma eterna prisioneira, para a glória e honra de Deus. Nunca se deve esquecer que Deus se tornou homem em Maria.
19. Mas aqueles que dizem que ela permaneceu inteiramente na morte, passando pela corrupção, devem examinar a sua razão de outra forma, pois o que é abençoado do alto é incorruptível. Sua parte celeste da essencialidade divina, que a abençoou, é incorruptível; além do mais, a essencialidade de Deus na benção podia mais uma vez cair e morrer, como aconteceu em Adão; foi por causa desta morte que Deus se tornou homem, para que Ele pudesse trazer de volta a vida. Maria de fato morreu, com relação à vida exterior ou qualidade terrestre, mas ela vive com relação à benção na essencialidade de Deus e também em sua própria raiz, ou seja, em um Elemento que encerra os quatro, no Paraíso e no elemento puro, na essencialidade divina, na vida de Deus.

20. Portanto, dizemos que Maria é a maior dentre de todas as filhas de Adão, porque Deus colocou o alvo do pacto nela e somente ela, dentre todas as filhas de Eva obteve a bênção, a saber, a castidade virgem e pura, destruída em todas as filhas de Eva. Mas em seu caso, a Virgindade permaneceu no pacto até que o Verbo da vida lhe concedeu a alta bênção: com isso ela tornou-se uma verdadeira Virgem, pura e casta, de quem Deus nasceu. Pois o Cristo também disse aos Judeus: “Eu sou do alto, mas tu és de baixo; Eu não pertença a este mundo, mas tu és deste mundo” (Jo 8,23). Se ele tivesse se tornado homem num vaso terrestre, e não numa Virgem casta, pura e celeste, ele teria sido deste mundo; mas ele se tornou homem na Virgem celeste e a qualidade terrestre apenas pairava sobre ele. Pois a essência da alma havia sido infectada em nós, pobres filhos dos homens, pela qualidade terrestre; ele tinha que introduzir nossa alma na forma da essência celeste, nele mesmo, através do fogo de Deus na Santíssima Trindade. Pois a alma era de extrema importância, porque havia sido tirada do Eterno, sendo da vontade de Deus não abandoná-la.
21. Portanto, se questionados porque o Verbo e o coração de Deus se doaram, fazendo para si um corpo, se era uma matéria estranha vinda do céu ou se era a essência e semente de Maria: nossa resposta é que o coração de Deus nunca esteve sem essência, pois sua morada encontra-se na eternidade e na luz, e o poder na luz é o coração ou o Verbo do qual Deus falou desde a eternidade. E a manifestação é o Espírito Santo de Deus, que com a manifestação sai do poder da luz, do Verbo pronunciado, para penetrar aquilo que foi manifestado. Aquilo que é manifestado é a maravilha e sabedoria de Deus; isto contém em si o divino espelho da sabedoria, onde o Espírito de Deus vê, e no qual revela suas maravilhas.
22. Compreenda então, que o Verbo, do coração de Deus o Pai (envolvido pela Virgem casta e celeste da sabedoria, que habita na essencialidade celeste) revelou-se na essência e essencialidade de Maria, em sua própria semente, ou seja, na semente do homem, tomando para si a semente de Maria, morta e cega para com Deus, despertando-a para a vida. A essencialidade vivificante veio até a essência metade morta de Maria, e tomou a essência metade morta como um corpo, - não como um corpo corruptível, condenado a desaparecer, mas como um corpo eterno que permaneceria eternamente, pois a vida eterna renasceu aqui.
23. A essencialidade da eternidade em Deus, em seu mais profundo fundamento, e a essencialidade do Adão morto na humanidade, tornaram-se uma essencialidade, um único e completo ser, a fim de que a criatura Cristo, com sua essencialidade, preenchesse, de uma só vez, todo o pai, que não tem limite ou fundamento. Mas, a alma criaturalizada tem permanecido e é uma criatura. E de acordo com o terceiro Princípio, no que se refere à criatura, este mesmo Cristo é uma criatura e um rei dos homens, assim como, de acordo com o segundo Princípio, é um filho do Pai insondável. Aquilo que o Pai é em sua profundidade insondável, o Filho é em sua criatura. Pois o poder na criatura, forma, com o poder fora da criatura, um só poder, uma essencialidade, onde habita os anjos e os homens. Isto proporciona o Paraíso e o deleite, mas na humanidade proporciona também a carne e o sangue; portanto, é e permanece uma criatura, mas incriada, ainda que manifestada, em uma parte de Deus e da eternidade, e em outra parte da humanidade. Deus e homem tornaram-se uma só pessoa, um Cristo, um Deus, um Senhor, uma Santa Trindade, na humanidade, e ao mesmo tempo, em todo lugar; portanto, quando vemos o Cristo, vemos a santa trindade em uma imagem. Sua criatura é como uma imagem, tirada de nós homens, nosso sacerdote e rei, nosso irmão, nosso Emanuel; Seu poder é nosso poder se nascermos novamente de Deus, através da fé Nele. Ele não é estranho ou terrível a nós, mas é nossa tintura de amor. Ele é com seu Poder o apaziguador de nossas almas, nossa vida e a brisa de nossas almas. Quando o encontramos, encontramos o nosso ajudante, assim como Adão deveria o Ter encontrado; mas ele permitiu ser enganado, e por fim encontrou a mulher,

dizendo: “Esta é a carne de minha carne, osso de meu osso, e a tomou para si como uma ajudante, para fazer-lhe companhia” (Gn 2,23).

24. Assim, quando nossa alma O encontra, diz: Esta é a minha virgem, aquela que perdi em Adão, quando foi transformada numa mulher terrestre. Agora encontro novamente minha cara Virgem, que saiu de meu corpo; nunca mais a deixarei partir; ela é minha, meu corpo e sangue, minha força e poder, aquela que perdi em Adão: ela irei manter. Ó, uma retenção amigável! Inqualificação amigável, beleza, fruto, poder e virtude.
25. Diante disto, a pobre alma encontra a tintura de sua luz perdida e sua cara Virgem. Na mulher encontra-se a nobre noiva, pela qual a matrix de Vênus sempre desejou, mas que encontrou apenas um sulfúrio masculino e terrestre, tendo sido obrigada a se tornar fecunda através de uma semente terrestre. Aqui ela toma a tintura do correto fogo e correto homem, e se torna também uma verdadeira virgem masculina, como era Adão em sua inocência.

CAPÍTULO X

Sobre o nascimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus; como ele permaneceu fechado nove meses dentro do útero, igual a todos os filhos dos homens; o que é a sua encarnação propriamente dita.

1. Sempre houve grandes discussões sobre a encarnação de Jesus Cristo, mas sempre levadas às cegas; muitas opiniões se formaram e acabaram afastando o homem desta questão, deixando intocável a verdadeira encarnação, esta que guarda nossa salvação eterna. Isto porque a encarnação foi investigada pela ciência e compreensão exterior, sem conexão com o verdadeiro alvo. Se tivessem penetrado a encarnação de Jesus Cristo e tivessem nascido de Deus, não haveria disputa alguma; o Espírito de Deus revela a encarnação de Cristo a cada um, em seu próprio ser; sem esse Espírito, nada se encontra. Como poderíamos encontrar na razão deste mundo o que não está neste mundo? Na razão exterior encontramos apenas um fraco reflexo; mas, no Espírito de Deus está o verdadeiro encontro.
2. A encarnação de Cristo é um mistério do qual a razão exterior nada sabe; pois ela ocorreu em todos os três Princípios e não pode ser penetrada, a menos que conheçamos totalmente o primeiro homem em sua criação, antes da queda; Adão deveria gerar de si próprio o segundo homem, de acordo com o caráter da Santíssima Trindade, onde o nome Jesus estava incorporado, mas isto não foi possível. Portanto, outro Adão teve que surgir, para quem isto era possível; pois o Cristo é a imagem virgem, segundo o caráter da Santíssima Trindade. Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Ele tinha a essencialidade divina, e sua alma era do primeiro princípio, da propriedade do pai. Ela deveria ser direcionada, através da imaginação, ao coração do Pai, ou seja, ao Verbo e espírito do amor e pureza; deveria alimentar-se da essencialidade do amor; desta forma, preservaria a natureza de Deus em si, no Verbo da vida, podendo se tornar fecunda pelo poder que brotava do coração do Pai; com isso, poderia imaginar, de si mesma, em suas essências; ela mesmo tornaria suas essências fecundas, a fim de que uma completa semelhança, de acordo com a primeira imagem surgiria através da imaginação e da vontade da alma, que a envolve, sendo concebida no poder da essência.
3. Mas como isto não ocorreu em Adão, por causa da terrenidade anexada à ele, veio a acontecer no segundo Adão, que é o Cristo. Desta forma ele foi concebido, através da imaginação e penetração de Deus na imagem do primeiro Adão.

4. Somos capazes de reconhecer, que, o primeiro Adão colocou sua imaginação na terra, tornando-se terrestre, o que contrariou o propósito de Deus; no entanto, o propósito de Deus tinha que prevalecer. Então, Deus estabeleceu seu propósito no filho de Adão, introduzindo sua imaginação na imagem corrupta, tornando-a fecunda com sua essencialidade e poder divino; isto fez com que a vontade da alma se voltasse para longe da terrenidade, para Deus; tanto que Maria engravidou daquela criança, da mesma forma como Adão deveria se tornar fecundo. Isto o poder próprio do indivíduo não poderia realizar e mergulhou no sono, como na magia; como consequência, de Adão foi feita uma mulher, que não deveria ter sido feita, pois Adão deveria se tornar fecundo, na matriz de Vênus e gerar magicamente. Como isso não ocorreu, Adão foi dividido, sua própria vontade de grande poder foi quebrada e encerrada na morte. Como ele não colocaria sua imaginação no Espírito de Deus, seu grande poder tinha que sofrer uma paralisação na morte, permitindo que o espírito de Deus colocasse Sua imaginação ali, fazendo com ele aquilo que Ele quisesse.
5. Portanto, o Espírito de Deus fez surgir a vida para ele, desta morte, tornando-se o espírito desta vida, a fim de que a imagem e a semelhança de Deus (que era conhecida, desde a eternidade, na sabedoria de Deus) pudesse, por fim, nascer e resistir. Pois ela existia antes dos tempos do mundo e desde a eternidade no espelho virgem, na sabedoria de Deus, e em duas formas: segundo o primeiro Princípio, do Pai, no fogo, e no segundo Princípio do Filho, na luz, e só era manifestado na luz; no fogo estava apenas como na magia, ou seja, em uma possibilidade. Como o céu astral imprime, pelo seu poder, uma imagem na mente do homem, em seu sono, da mesma forma era representada a imagem no centro da natureza do fogo, quase invisível; mas na sabedoria, no espelho da Divindade, ela havia aparecido como uma figura, como uma sombra, ainda que sem ser material, na essência do espírito. Este espírito, mantendo-se no espelho da sabedoria, conheceu e viu esta imagem, desejando trazê-la à uma substância, a fim de que Deus pudesse ter uma imagem ou semelhança, no ser substancial, não precisando mais se manter como num espelho, mas encontrar-se em substância. Portanto, quando a primeira imagem imaginou no severo poder e como consequência tornou-se terrestre e morta, o Espírito de Deus encaminhou sua vontade e vida para a morte, e retomou da morte a primeira vida em si, a fim de que a primeira vida pudesse permanecer em completa obediência à Deus, e Ele unicamente pudesse ser a vontade e a realização.
6. Assim, sabemos que Deus penetrou a imagem metade morta, ou seja, Maria, com a mesma forma virgem, enclausurada na morte, na qual Adão deveria se tornar fecundo e gerar uma imagem semelhante a si mesmo, em castidade virgem. Nesta enclausurada e metade morta matriz virgem, o Verbo ou o coração de Deus, ou seja, o centro da Santíssima Trindade, tornou-se, sem violação de seu ser, uma imagem de homem. Apesar de que a primeira matriz virgem e viva em Adão não ter sido obediente à Deus, tornou-se sim, obediente à Deus quando ressurgiu da morte, doando-se humilde e ardentemente à vontade de Deus. Estava novamente presente em figura, a verdadeira imagem virgem em obediência à Deus; pois a primeira vontade deveria permanecer na morte, assim como aquele que imaginou contra a vontade de Deus, e uma vontade obediente e pura foi manifestada, permanecendo na brandura celestial e no ser, não mais passando pelo fogo, na esfera do Pai, para nela se inflamar, mas permanecendo em uma fonte; como de fato a Divindade vive apenas em uma fonte, ou seja, na luz, no Espírito Santo, ainda que mantenha seu controle em todos os três Princípios.
7. O mesmo devemos compreender com relação à encarnação de Cristo. Quando o Espírito de Deus fez ressurgir em Maria a vida virgem, que na essência terrestre permanece enclausurada na morte e na cólera, então esta vida se voltou unicamente para a vontade e amor de Deus, doando-se para o Espírito de Deus. É desta forma que ela se torna fecundada com a verdadeira

imagem virgem, o que deveria ter ocorrido com Adão, mas que não se realizou; uma imaginação recebeu a outra; A imaginação de Deus recebeu a imaginação na morte e a trouxe de volta para a vida; e esta vida imaginou novamente em Deus e se tornou fecunda com Deus, e da união entre Divindade e humanidade surgiu uma pessoa. A Divindade encontrava-se suspensa para a essência celeste, que desde a eternidade havia existido com o reino, poder e glória, ou seja, como o reino do Paraíso e do mundo angélico, como espírito e as sete formas em conexão com o *centrum naturae*. E a humanidade encontrava-se suspensa para o reino deste mundo. Mas tendo em vista que a vontade da humanidade se doou para a Divindade, esta imagem virgem tornou-se em Cristo Jesus apenas um visitante deste mundo, e Sua divindade era senhora deste mundo; o mesmo deveria ter ocorrido com Adão, a fim de que o fraco e inferior pudesse ser subjugado ao maior e Todo-Poderoso. Mas como a vontade de Adão penetrou o que era frágil e impotente, ele próprio tornou-se impotente, mergulhando no sono, e caiu novamente com relação ao Criador. Porém, com Cristo esta imagem persistiu na essencialidade divina, e a natureza terrestre a ele foi submetida na qualidade de um servo; não mais como mestre, como em Maria sua mãe antes da alta benção e revelação da Divindade, mas como servo; pois esta imagem encontrava-se agora, no Espírito e poder de Deus, senhor do terceiro Princípio deste mundo.

8. A Razão pergunta: O que ocorreu então nesta encarnação? A vida surgiu imediatamente, no momento da concepção, no curso natural, a fim de que a parte de Maria, ou seja, da semente da mulher, tivesse vida? Não, pois tratava-se de uma semente essencial, e era movida a seu próprio tempo natural, com alma e espírito, como todos os filhos de Adão; mas a parte da Divindade, envolvida pela essencialidade e sabedoria, tem tido vida de eternidade em eternidade. Nem tampouco nada saiu da Divindade; o que ela era, ela continuou sendo, e aquilo que ela não era é o que ela veio a ser. A Divindade, com sua essência divina e celeste entregou-se à essência e substância de Maria; a essência de Maria e a essência de Deus tornaram-se uma pessoa. Mas a essência de Maria era mortal, e a de Deus, imortal. Portanto, a essência de Maria tinha que morrer na cruz e passar da morte para a vida. Para tanto, as essências de Deus contribuíram, ao contrário nada seria possível. A essência de Deus nos ajudou, e ainda nos ajuda, através da morte de Cristo, na essência e vida de Deus.
9. Compreendemos, então, a encarnação de Cristo de forma natural, igual a de todos os filhos dos homens. Pois a essência divina e celeste, doou-se a si mesma, com sua vida, para a essência terrestre metade morta. O mestre submeteu-se ao servo, a fim de que o servo se tornasse vivo. Assim o Cristo, em nove meses, tornou-se um homem perfeito e ao mesmo tempo continuou a ser um verdadeiro Deus, e nasceu neste mundo nos mesmos moldes que todos os filhos de Adão, da mesma maneira que todos os homens. E isso não porque havia necessidade, ele poderia ter nascido magicamente, mas Ele desejou e estava destinado a remediar o nosso nascimento animal e impuro e a penetrar esta vida. Ele deveria entrar para este mundo pela nossa entrada, e nos conduzir para fora deste mundo pela entrada de Deus, nos trazendo para fora da qualidade terrestre.
10. Pois, se ele tivesse nascido magicamente, de forma divina, então Ele não poderia, por natureza, ter estado neste mundo. Pois a essência celeste teria, necessariamente, absorvido a qualidade terrestre e Ele não teria sido como nós. Como então Ele pôde desejar, penetrar e romper a morte? Mas não é assim. Ele é verdadeiramente a semente da mulher; adentrou a este mundo da forma natural, como todos os homens; mas foi embora através da morte, de forma divina, no poder e essencialidade divina. Foi a Sua essencialidade vivificante e divina, que permaneceu firme na morte, o que rompeu e desprezou a morte, conduzindo a humanidade ferida, da morte para a vida eterna. Pois a parte terrestre, recebida de sua mãe Maria, em Si mesmo, na natureza

divina, morreu na cruz para a natureza terrestre. A alma estava na essencialidade de Deus, e desceu como um conquistador ao inferno do demônio, ou seja, na cólera feroz de Deus, saciando-a com o amor e a brandura de Deus que caracteriza a essencialidade amorosa e divina. O fogo do amor penetrou o fogo da cólera e extinguiu a cólera, em que o demônio desejou ser Deus. O demônio tornou-se cativo das trevas e perdeu seu domínio. Quebrou-se aqui a espada do querubim. Esta é a razão pela qual Deus tornou-se homem, a fim de poder nos conduzir da morte para a vida eterna e saciar, com Seu amor, a cólera que queimava dentro de nós.

11. Compreenda bem, como a cólera de Deus foi amenizada. Ela não foi apaziguada pelo sangue mortal de Cristo, que ele derramou, e do qual os Judeus fazem brincadeiras, mas pelo sangue da vida eterna da essência de Deus, que era imortal e continha em si a fonte de água da vida eterna. Este foi derramado na cruz juntamente com o sangue exterior; quando este último afundou na morte, o sangue celeste afundou também, ainda que não fosse mortal.
12. Assim, a terra recebeu o sangue de Cristo, o que a fez estremece; a cólera de Deus estava agora dominada e na terra penetrou o sangue vivo vindo do céu, da essência de Deus. Este sangue celeste abriu o túmulo dos santos, e também a morte. Ele fez um caminho através da morte, e a morte tornou-se uma exibição aberta. Pois, quando o corpo de Cristo levantou-se da morte, ele fez em seu corpo uma morte aberta; pois o poder da morte fora rompido.

CAPÍTULO XI

SOBRE A APLICAÇÃO PRÁTICA: DE QUE SERVE PARA NÓS, POBRES FILHOS DE EVA, A ENCARNAÇÃO E O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO, O FILHO DE DEUS? O PORTÃO PLENO DE BONDADE AMOROSA

1. Nós, pobres filhos de Eva, estávamos todos mortos em Adão; vivíamos, de fato, mas apenas para este mundo e a morte nos aguardava, engolindo um após o outro. Não haveria remédio para nós, se Deus não tivesse nos gerado novamente a partir de seu ser; nós não teríamos reaparecido em corpo na eternidade, e nossa alma teria permanecido eternamente na fonte da cólera de Deus, com todos os demônios. Mas a encarnação de Jesus Cristo tornou-se para nós algo poderoso em operação; Deus tornou-se homem por nossa causa, a fim de poder trazer nossa humanidade de volta para ele, fora da morte, libertando nossas almas do fogo da cólera de Deus. Pois, a alma é em si uma fonte ígnea, contendo em si o primeiro Princípio, a austeridade amarga, que em si mesma trabalha somente no fogo. Mas se a brandura e o amor de Deus forem extraídos desta geração de almas, ou se ela for misturada com uma matéria dura e não resistente, então ela permanece uma fonte nas trevas, uma aspereza severa, que se auto devora e que, ao mesmo tempo, está sempre gerando na vontade, um novo desejo. Pois uma existência que não tem início e nem fundamento, também não tem fim; mas ela própria é seu fundamento, ela se produz.
2. Contudo, isto não significa que a alma não tenha um princípio. Ela tem, mas apenas com relação à criatura, não com relação à essência. Sua essência pertence à eternidade, pois o Fiat divino a abarcou no centro da Natureza Eterna, trazendo-a para um ser substancial, mais que nada com a inteira + , segundo o caráter da Santíssima Trindade, como uma semelhança do espírito ternário da Divindade, onde Deus habita. Mas isso pode ser feito tanto no amor como na cólera, ou seja, tanto no fogo como na luz, onde quer que a alma imagina; é com isso que ela se torna fecunda; pois ela é um espírito mágico, uma fonte em si mesma. Ela é o centro da eternidade, um fogo da Divindade no Pai, ainda que não na liberdade do Pai, mas na Natureza Eterna. Ela não é anterior ao ser, mas no ser; a liberdade de Deus é independente do ser, mas habita no ser. Pois no ser,

Deus é manifestado. Não haveria Deus sem ser, mas uma paralisação eterna, sem fonte. Mas na fonte ou fonte-princípio o fogo é gerado, e do fogo a luz. Aqui, dois seres se separam, carregando dois tipos de qualidade, ou seja, uma qualidade feroz, ávida e sedenta, no fogo e uma qualidade branda, amorosa e doadora, na luz, pois a luz dá e o fogo tira. A luz dá a brandura e da brandura surge a substancialidade, e este é o alimento do fogo; um espírito é feroz, ávido pelas trevas, se não tem a natureza da luz; como num veneno faminto. Mas se o espírito se atém à substância da brandura, ele atrai isto para si e ali habita, usando esta brandura como alimento e também como um corpo, pois torna-se permeado e impregnado por ela; pois seu ser substancial é a sua satisfação ou consolação, a ponto de acalmar a ânsia.

3. Devemos considerar a alma humana da seguinte forma: ela foi tirada do *centrum naturae*, não do espelho do Eterno, como se fosse tirada da fonte deste mundo, mas da essência eterna do Espírito de Deus, do primeiro Princípio, da propriedade do Pai, de acordo com a Natureza. A alma não foi tirada de uma substância ou de algo; o próprio Espírito da Divindade soprou-lhe a vida, na imagem em Adão, a partir dos três Princípios. Soprou dentro dele o *centrum naturae*, da fonte ígnea para a vida e também a brandura do amor, a partir do ser da Divindade, ou seja, o segundo Princípio com a essencialidade celeste e divina, assim como o espírito deste mundo, como o espelho e o modelo da sabedoria de Deus com suas maravilhas.
4. Mas o espírito deste mundo é corrompido pela inflamação do demônio e pelo veneno lançado por ele; pois o demônio habita neste mundo, infectando constantemente a propriedade e a natureza externa, embora seja poderoso unicamente na cólera e no desejo amargo. Mas ele coloca sua imaginação e sua falsa tintura até mesmo no amor, infectando a maior jóia da alma; ele infectou a alma de Adão com sua imaginação ou cobiça, com seu espírito ávido e mal, a fim de que Adão buscasse a qualidade terrestre, e com este desejo, a alma tornou-se fecundada pela qualidade terrestre; conseqüentemente, o reino exterior foi introduzido no interior; isto fez com que a luz no fogo do primeiro Princípio fosse extinta, e sua essencialidade divina, na qual deveria viver eternamente, ficou enclausurada na morte terrestre.
5. Assim, não havia remédio para esta imagem e alma humana, a menos que a Divindade se colocasse em movimento, de acordo com o segundo Princípio, ou seja, de acordo com a luz da vida eterna deste princípio, iluminando novamente, com o brilho do amor, a essencialidade que estava enclausurada na morte. Isto foi feito na encarnação de Cristo. Esta foi a maior maravilha feita por Deus, colocar-se em movimento na semente da mulher através do centro da Santíssima Trindade. O coração de Deus não se revelou no fogo, na tintura do homem, mas na tintura do espírito, no amor da vida; isto para que o fogo na tintura do homem pudesse ser atingida pela brandura e pelo amor de Deus. A vida eterna tinha que florescer novamente da morte enclausurada: encontra-se aqui a raiz de José e o verdadeiro bastão de Aarão, que floresceu e gerou belos frutos. O Paraíso foi fechado na morte, em Adão, quando este se tornou terrestre; mas em Cristo ele floresceu da morte.
6. De Adão, todos nós herdamos a morte; de Cristo herdamos a vida eterna. O Cristo é a imagem virgem, a qual Adão tinha que ter gerado de si mesmo, com as duas tinturas. Como ele não conseguiu, foi dividido, passando a ter que gerar a partir de dois corpos, até a vinda de Shiloh, ou seja, o Filho da virgem, nascido de Deus e do homem. Ele é o libertador, de quem falaram os profetas, crescendo como uma planta. Ele floresce como uma árvore de louros, na essência de Deus. Ele rompeu a morte quando entrou na essência humana desfalecida, pois ele cresceu, imediatamente, na essência humana e divina. Ele trouxe consigo, para a nossa humanidade a castidade virgem da sabedoria de Deus; Ele envolveu o fundamento de nossa alma com a essencialidade celeste; Ele se tornou vencedor no combate, no qual os dois reinos, ou seja, o da

cólera e o do amor, encontravam-se em conflito; Ele se entregou voluntariamente à cólera, extinguindo-a com o seu amor, compreenda na essência humana. Ele veio de Deus para este mundo, e tomou nossa alma para si, a fim de nos conduzir da materialidade deste mundo, novamente para si e para Deus. Ele nos regenerou em si, para que estejamos novamente qualificados para vivermos em Deus. De Sua livre vontade nos gerou, a fim de que colocássemos Nele a nossa vontade. Desta forma ele nos trouxe novamente para o Pai, em nossa terra nativa primordial, ou seja, no Paraíso, de onde Adão saiu. Ele se transformou em nossa fonte, sua água brota em nós; Ele é a fonte, nós somos as gotas nele. Ele se tornou a plenitude de nossa natureza, a fim de que Nele, possamos viver em Deus. Pois Deus se fez homem. Ele introduziu seu ser insondável e imensurável na humanidade; Seu ser, que preenche os céus, foi manifestado na humanidade. Com isso, o ser do homem e o ser de Deus tornaram-se um só ser, uma plenitude de Deus. Nosso ser é o seu movimento em seu céu. Somos seus filhos, sua maravilha, seu corpo insondável em movimento. Ele é Pai, e nós somos seus filhos. Vivemos nele e ele em nós. Somos seus instrumentos, através dos quais ele busca e faz o que quer. Ele é o fogo e também a luz com relação a cada ser, ele está oculto, e a obra o torna manifesto.

7. Assim, sabemos que Deus é um Espírito, e sua vontade eterna é mágica ou desejosa. Do nada ele faz continuamente o ser, e numa fonte dupla, ou seja, de acordo com o fogo e luz. Do fogo surge ferocidade, elevação, orgulho, a recusa de se unir à luz, uma vontade inflexível e colérica, o que não o faz ser chamado de Deus, mas de fogo feroz e consumidor. Este fogo não está manifestado na pura Divindade, pois a luz absorveu o fogo em si, oferecendo ao fogo o seu amor, sua essencialidade, sua água, a fim de que na natureza de Deus só haja amor, alegria e beatitude, nenhum fogo é conhecido. Mas o fogo é apenas uma causa do desejo da vontade e do amor, assim como da luz e da majestade; de outra forma não haveria ser.
8. Podemos perceber agora onde reside nosso novo nascimento (visto que, de fato, nos encontramos neste mundo cobertos pelo tabernáculo terrestre e submetidos à vida terrestre), ou seja, unicamente na imaginação: com ela devemos penetrar a vontade de Deus, nos unindo e nos entregando totalmente a ele, o que é chamado de fé. A palavra fé não é histórica; é um extrato da natureza de Deus, o alimento da natureza de Deus, a introdução da natureza de Deus pela imaginação no alma, a fim de apaziguar sua fome e revesti-la da natureza de Deus, não como um ornamento, mas como um corpo da alma. A alma deve ter a natureza de Deus em seu fogo; ela deve alimentar-se do pão de Deus, se pretende tornar-se filho de Deus.
9. Desta forma, ela será uma recém nascida também na natureza de Deus, quem a enxertou do campo da ferocidade e da cólera para o campo do amor, da brandura e da humildade de Deus; ela gerou uma nova flor, que cresce no amor de Deus, no campo de Deus. Esta flor, que cresce no amor de Deus, é a real e verdadeira imagem de Deus, aquela que Ele desejou quando criou Adão à Sua semelhança; esta imagem foi então regenerada para nós, por Jesus Cristo, o Filho de Deus e do homem. Pois o Seu novo nascimento, a partir da natureza de Deus e da nossa natureza é o nosso novo nascimento; Seu poder, vida e espírito é todo nosso; e não precisamos fazer nada mais para efetiva-lo, exceto penetrar com nossa vontade-espírito a natureza de Deus, através de Jesus Cristo. Então nossa vontade renasce na vontade de Deus, recebendo a essência e o poder divino. Não se trata de uma essência estranha, mas da nossa essência primordial, com a qual penetramos, em Adão, a morte: ela se encontra novamente despertada para nós, por aquele que primeiro nasceu da morte: o Cristo. Ele é Deus, mas nasceu de nós, a fim de poder nos receber da morte: não na forma de uma vida estranha, a qual não teríamos aqui neste mundo, mas na forma de nossa própria vida. Pois o propósito de Deus deve prevalecer, a flor e a imagem pura deve crescer do campo corrupto e também no campo puro.

10. Da virgem deveríamos renascer e não do homem da cólera, da tintura do fogo, mas da virgem do amor, da tintura da luz. Através de nossa resignação ou auto rendição, nos revestimos da virgem de Cristo, nos tornando a virgem da modéstia, da castidade e da pureza no *Ternarius Sanctus*, no mundo angélico, no espelho da Santíssima Trindade, no qual Deus se projeta, e esta virgem Ele tomou para si como esposa. Ele é nosso marido, o qual noivamos, desposamos e incorporamos em Cristo. Desta forma somos Maria no pacto da graça, de quem nasceu Deus e o homem. Maria foi a primeira na alta bênção, pois nela encontrava-se o alvo para o qual o pacto apontava; ela era conhecida em Deus, no precioso nome Jesus, antes que a fundação do mundo fosse estabelecida. Não que ela esteja relacionada com o trazer a vida da morte, mas Deus quis nela trazer a vida da morte. Portanto, ela foi altamente abençoada e a castidade pura e virgem nela foi colocada. Da mesma virgindade da qual Cristo nasceu, todos devemos nascer. Pois, devemos nos tornar virgens e seguir o Cordeiro de Deus, ao contrário não veremos à Deus. O Cristo disse: “Deves renascer através da água e do Espírito Santo, se quiseres ver o reino de Deus”. A água é a virgindade, pois a virgem carrega a tintura da água e da luz, ou seja, da brandura e do amor. O Espírito, do qual devemos nascer, é aquele que com o movimento da Divindade se entregou à semente da mulher, aquele que rompeu a morte; que fez brotar da água uma flor de luz flamejante. Pois ele é o espírito e a vida da flor: não segundo a fonte ígnea da cólera, mas segundo a fonte de luz na humildade.

CAPÍTULO XII

SOBRE A VIRGINDADE PURA. COMO NÓS, POBRES FILHOS DE EVA, DEVEMOS SER CONCEBIDOS NA ENCARNAÇÃO DE CRISTO, A PARTIR DA CASTIDADE VIRGEM E PURA, A FIM DE RENASCERMOS EM DEUS; DE OUTRA FORMA, NÃO VEREMOS À DEUS.

1. Nós, pobres filhos de Eva, não encontramos em nós nenhum pensamento virgem e casto; pois a mãe Eva, que era uma mulher, nos fez feminino e masculino. Em Adão e Eva nos tornamos homens e mulheres; só seremos novamente virgens se penetrarmos, com nossa vontade desejosa, a virgindade celeste, na qual Deus nos gerou de Cristo. Não segundo a vida terrestre, onde não há castidade nem pureza, mas segundo a vida da virgem celeste, na qual o Cristo se fez homem, aquela que foi colocada em Maria através do abrigo do Espírito Santo, que não tem fundamento, limite ou fim, que está em todo lugar diante da Divindade e é um espelho e imagem da Divindade. Nesta virgem, onde habita a Santíssima Trindade, onde fomos vistos antes dos tempos do mundo pelo Espírito de Deus, conhecido no nome Jesus, devemos penetrar com nossa vontade espírito. Pois nossa verdadeira imagem, onde somos a semelhança de Deus, desvaneceu-se e se tornou terrestre em Adão e Eva. Isto ocorreu pelo desejo ou imaginação; consequentemente, o semblante claro de Deus foi ocultado de nós, pois havíamos perdido a castidade celeste.
2. Mas, tendo em vista que Deus, por intercessão e amor para conosco, revelou novamente o seu semblante luminoso, na encarnação de Cristo, a questão reside apenas nisto: que assim como em Adão imaginamos na ânsia terrestre, o que nos tornou terrestre, devemos agora, colocar nossa vontade desejosa novamente na virgem celeste, depositando ali a nossa ânsia; nossa imagem sai então da mulher terrestre e recebe a essência e a propriedade virgem, onde Deus habita, onde a imagem da alma possa novamente alcançar o semblante de Deus.
3. A Razão exterior diz: Como poderemos nascer novamente da virgem que gerou o Cristo? Ela assim compreende Maria; mas nós a compreendemos de forma diferente, uma virgem criaturalizada, nós mesmos nos tornamos criaturas virgens, na castidade virgem imaterial.

Penetramos agora a encarnação de Cristo, não segundo a vida exterior dos quatro elementos, mas segundo a vida interior, em um elemento, onde o fogo de Deus absorve os outros quatro; e, novamente, em sua luz, ou seja, no segundo Princípio, no qual o homem e a mulher exteriores devem penetrar, através da morte, a ressurreição de Cristo, desabrochamos na verdadeira sabedoria virgem de Deus; uma virgem em um elemento, onde todos os quatro se encontram ocultos. Devemos morrer para o homem e para a mulher e crucificar o Adão corrupto. Ele deve morrer com Cristo e ser lançado na cólera de Deus. Essa absorve o homem e a mulher terrestre e dá à alma, através da encarnação de Cristo, uma imagem virgem, na qual o homem e a mulher tornam-se senão uma imagem, com seu próprio amor. Agora, o homem coloca o seu amor na mulher e a mulher no homem; mas se os dois amores são transformados em um, não há mais desejo de misturar-se na imagem única, mas a imagem ama a si mesma.

4. Ora, no princípio a imagem foi criada na sabedoria virgem de Deus, a partir da essência divina. Vendo que a essência tornou-se terrestre, caindo na morte, o Verbo que se fez homem despertou-a novamente. Desta forma, a natureza terrestre permanece na morte da cólera e o que está despertado permanece no Verbo da vida, na castidade virgem. Consequentemente, em uma pessoa carregamos um homem duplo, neste mundo, ou seja, uma imagem viva nascida da encarnação de Cristo, e uma imagem terrestre, masculina ou feminina, encerrada na morte e na cólera de Deus. A terrestre deve carregar a cruz, sofrer injúrias, perseguições e tormentos na cólera, sendo aos poucos entregue à morte; então a cólera absorve a imagem terrestre no fogo qualificativo de Deus. Se o Verbo da vida, que em Maria tornou-se homem, fizer parte da imagem terrestre, então o Cristo, quem trouxe de Deus o Verbo da vida, surge da morte, conduzindo a essência do fogo qualitativo, ou seja, a essência humana, que deixa a morte, pois surgiu da morte e vive em Deus; sua vida tornou-se a nossa vida, a sua morte a nossa morte; somos enterrados em sua morte, mas renascemos em sua ressurreição e vitória, em sua vida.
5. Compreenda o correto significado de tudo isso. Adão era a imagem virgem, ele tinha o amor apropriado, pois o Espírito de Deus o soprou em seu interior. O que mais pode o Espírito de Deus soprar de si mesmo senão aquilo que é? Ele é tudo, e mesmo assim não é chamado Deus segundo todas as fontes; mas em todas as fontes há um único Espírito que é Deus, ou seja, de acordo com o segundo Princípio na luz, lembrando que não há luz sem fogo. Mas no fogo ele não é o espírito de amor ou o Espírito Santo, mas a cólera da natureza e uma causa do Espírito Santo, uma fúria e um fogo consumidor; no fogo, o espírito da natureza é libertado, e o fogo essencial gera a natureza e é a natureza em si.
6. Compreendemos, contudo, que há senão um Espírito Santo na luz. Embora tudo seja um ser, acreditamos que a matéria gerada da brandura da luz esteja como que impotente e obscura. Essa o fogo atrai e absorve, mas oferece da fonte material, do fogo, um espírito poderoso que está livre da matéria e do fogo. Embora seja mantida pelo fogo, este não atinge sua qualidade; da mesma forma que a luz habita no fogo sem possuir a qualidade do fogo, mas um qualidade branda e amorosa, o que não poderia ser se a matéria não tivesse morrido e sido consumida no fogo.
7. Consideremos então o primeiro Adão. Ele era composto de essência e natureza da luz; mas como deveria penetrar uma existência criaturalizada, sendo uma completa semelhança de Deus, de acordo com toda a realidade, com todos os três Princípios, ele foi abarcado pelo *verbum Fiat* em toda a esfera dos três Princípios, sendo trazido para um ser criaturalizado. Todos os três Princípios encontravam-se, de fato, livres nele, estando um no outro, cada um em sua ordem; ele era uma completa semelhança de Deus. De acordo e derivado do ser de todos os seres. Mas como sabemos, o terceiro Princípio ou a fonte deste mundo, havia se tornado colérica, sedenta e

mal, por causa da inflamação de Lúcifer, e que esta fonte em Adão buscou saciar sua sede imediatamente no segundo Princípio, ou seja, na matéria celeste, fazendo com que a cobiça surgisse em Adão. Pois a fonte do puro amor que surge do Espírito Santo havia rejeitado tal fonte. Mas quando o amor de fato penetrou a fonte terrestre, a fim de satisfazer sua sede inflamada, o amor puro e imaterial recebeu a cobiça corrupta, terrestre e desejosa. Aqui se extinguiu o segundo Princípio, não como uma morte, no sentido de se tornar um nada, mas foi capturado na sede impetuosa. Tendo em vista que Deus é uma Luz, a pura fonte de amor permanece encerrada na morte, fora da luz de Deus. A imagem foi corrompida e capturada na cólera de Deus, e o amor apropriado perdeu seu poder, pois encontrava-se encerrado na terrenidade corrupta, amando a terrenidade.

8. Desta imagem, então, a mulher teve que ser feita, e as duas tinturas, ou seja, a essência do fogo e a essência aquosa da matriz, tiveram que ser divididas em homem e mulher, a fim de que o amor pudesse se movimentar numa fonte dupla, e que uma tintura pudesse amar e desejar a outra, podendo fundirem-se, proporcionando a continuidade e preservação desta linhagem.
9. Mas esta raça de homens, assim contida na fonte terrestre, não podia conhecer ou ver à Deus, pois o puro amor, sem mácula, encontrava-se encerrado numa fonte de sede terrestre, aprisionado na sede da cólera da Natureza Eterna, inflamada por Lúcifer; pois a cólera havia atraído o amor para si, através da terrenidade. Ora, neste amor aprisionado reside a castidade virgem da sabedoria de Deus, que, com o segundo Princípio, com a essencialidade celeste, estava incorporada ao corpo de Adão, e ainda mais, o espírito da essencialidade branda, através da insuflação do Espírito Santo, soprado em Adão.
10. Não haveria remédio, a menos que a Divindade movimentasse a Si própria na virgem divina, de acordo com o segundo Princípio, na virgindade encerrada na morte, e outra imagem deveria surgir da primeira. Sabemos e compreendemos bem que a primeira imagem teve que ser entregue à cólera, a fim de saciar sua sede, penetrar a corrupção, o fogo essencial, embora a essência não sofra corrupção ou morte. Por causa disto, Deus decretou um dia, no qual ele irá provar a essência do velho e primeiro Adão através do fogo, quando ela ficará livre da vaidade, da cobiça do mal e da cólera da Natureza Eterna.
11. Além disso, compreendemos como Deus trouxe novamente em nós a vida de seu santo Ser ao colocar-se em movimento, com seu próprio coração ou Verbo e com o poder da vida divina na virgindade, que encontrava-se encerrada na morte, ou seja no verdadeiro e puro amor; Ele reacendeu este amor e introduziu sua essencialidade celeste, com a virgindade pura, na virgindade encerrada na morte; a partir da virgindade celeste e da virgindade encerrada na morte e na cólera, Ele gerou uma nova imagem.
12. Compreendemos ainda, que esta nova imagem teve que ser novamente introduzida na essencialidade divina e celeste, através da morte e da ferocidade do fogo, no *Ternarius Sanctus*; pois a cobiça terrestre, possuída pelo demônio, tinha que continuar na cólera do fogo e foi dada a ele como alimento; isto o tornou um príncipe, segundo a fonte de cólera da Natureza Eterna; pois o demônio é o alimento da cólera feroz, e a cólera feroz é o alimento do demônio.
13. Então, o Verbo da vida eterna movimentou-se novamente em nosso gélido amor e na virgindade encerrada na morte, tomando para si nossa virgindade corrupta, e tornou-se homem interna e externamente, introduzindo o centro, ou seja, o fogo de nossa alma, em seu amor: nós reconhecemos o seu amor e virgindade, que foi introduzida em nós como se fosse nossa própria virgindade; pois seu amor e virgindade tomou como sua esposa o nosso gélido amor e

virgindade, entregando-se a eles, a fim de que Deus e o homem possam ser eternamente uma só pessoa.

14. A Razão dirá: Isto ocorreu com Maria, e só; só com uma pessoa, e eu? O Cristo não nasceu em mim.
15. Ó, nossa grande miséria e cegueira não nos deixa compreender nada! Como a ânsia material terrestre nos cegou e o demônio nos afastou através do abominável Anticristo em Babel, a ponto de nos recusarmos a compreender qualquer coisa! Considere o que tu és, vil e miserável Razão! Nada, senão uma mulher indecente com relação à Deus. Como mais poderia te denominar, se és perjúrio e traição para a virgindade pura, que é de Deus? Não tens tu o espírito, a alma e a carne de Adão; não viestes tu de Adão? Não surgistes da água e fogo de Adão? Tu és, de fato, filha de Adão. Faça o que fizer, debes te submeter e ser resignada; tu mergulhas no mistério de Adão, tanto na vida como na morte.
16. O Verbo de Deus, verdadeiramente, se fez homem na virgindade de Adão, que estava encerrada na morte. O coração de Deus se movimentou na virgindade de Adão e da morte, através do fogo de Deus, a introduziu na fonte divina. O Cristo tornou-se Adão, não o Adão dividido, mas o Adão virgem, tal como era antes de seu sono. Ele trouxe o Adão corrupto para a morte, para o fogo de Deus e trouxe o Adão puro e virgem da morte através do fogo. O Seu filho és tu, caso não permaneça na morte como madeira verde que não qualifica, que estando no fogo não exprime essência alguma, mas que toma a forma de cinzas negras.
17. A Razão dirá então: Como posso ser um membro de Cristo e filho de Deus, se não O encontro e não O sinto? Resposta: Sim, eis o atrito, caro pedaço de madeira sólida! Cheira o teu âmago; a que fedes? Ânsia demoníaca, ou seja, a prazer temporal, orgulho, honra e poder. Preste atenção, esta é a vestimenta do demônio. Despoja-te desta pele, jogue-a fora. Coloque o teu desejo na vida, no espírito, na carne e sangue de Cristo; imagine ali, assim como imaginastes na ânsia terrestre, então tu revestirás o teu corpo, a tua carne e o teu sangue, com o Cristo; te transformará no Cristo; a Sua encarnação irá desta forma começar a ser sentida em ti, e tu renascerás em Cristo.
18. A Divindade ou o Verbo, que movimentou-se em Maria e tornou-se homem, também tornou-se homem, ao mesmo tempo, em todos os homens descendentes de Adão, que haviam entregado e comprometido seu espírito à Deus ou ao messias prometido; Ele passou também sobre todos aqueles que ainda deveriam nascer do Adão corrupto, e serem despertado pelo Verbo, pois o primeiro homem compreende também o último. Adão é o tronco, somos todos os seus galhos; Cristo, contudo, tornou-se a nossa seiva, virtude e vida. Ora, se um galho da árvore secar, o que pode fazer a virtude e a seiva da árvore? A virtude não é dada a todos os galhos? Por que o galho não atrai a virtude e a seiva para si? A dificuldade reside no fato de que o homem atrai para si a essência e o poder demoníaco, ao invés da essência divina, e permite ser extraviado pelo demônio na ânsia e desejo terrestre. O demônio conhece bem o galho que cresceu para ele, em seu primeiro domínio, e que ainda cresce. Assim como no princípio ele era um mentiroso e assassino, ele continua sendo, infectando os homens, porque sabe que eles caíram no domínio exterior das estrelas, em sua ânsia mágica. Ele é um constante envenenador do complexo; onde quer que ele cheire uma fâisca que o sirva, esta ele sempre apresenta diante do homem; se um homem ali imagina, ele o infecta imediatamente.
19. Portanto, é dito: Vigia, ore, seja sóbrio, leve uma vida equilibrada, pois o demônio, seu adversário, ronda como um leão que ruga, buscando aquele que possa devorar (Pe. 1,8). Não

busque, então, a avareza, o dinheiro, o bem, o poder e a honra, pois em Cristo não somos deste mundo. Este Cristo foi ao Pai, ou seja, ao Ser divino, a fim de que O seguíssemos com nossos corações, mentes e vontades; Ele diz que estará conosco todos os dias, até o fim do mundo (Mat. 18,20); mas não na fonte deste mundo. Devemos forçar um caminho para fora da fonte deste mundo, fora do homem terrestre, entregar nossa vontade à Sua vontade, introduzir nossa imaginação e desejar nele; com isso nos tornamos fecundos em sua virgindade, que ele despertou novamente em nós e recebemos o Verbo, que se movimento nele, em nossa virgindade encerrada na morte, e renascemos em Cristo dentro de nós mesmos. Assim como a morte passa por todos nós através de Adão, o Verbo da vida passa por todos nós proveniente do Cristo. Pois, o movimento da Divindade na encarnação de Cristo permanece ativo e está aberto a todos os homens; há falha unicamente no poder de entrar, quando o homem permite ser recapturado pelo demônio. O Cristo não tem necessidade de deixar o seu lugar e nos penetrar, quando renascemos nele; pois o ser Divino, no qual ele nasceu, contém o segundo Princípio, em todo lugar. Onde quer que seja dito que Deus está presente, também pode ser dito que a encarnação de Cristo está presente; pois ela foi revelada em Maria remontando anteriormente até Adão e para frente até o último homem.

20. A Razão diz então: Só a fé é que pode alcançar tal feito! Sim, certamente, é na fé verdadeira que a gestação tem início; pois a fé é espírito e requer substância. A substância, mais que tudo, existe em todos os homens; nada mais é necessário além de que o espírito da fé a apreenda. Se a substância for apreendida, o belo lírio cresce e desabrocha, não apenas um espírito, mas a imagem virgem nasce da morte para a vida. A vara de Aarão, que está seca, floresce da morte seca e tira seu corpo da morte, a nova vida bela e virgem da virgindade meio morta. A vara de Aarão a exprime; Zacarias, Abraão e sua velha Sara confirmam, eles que estavam como que mortos, de acordo com o mundo exterior e não mais frutificavam. Mas a promessa do novo nascimento iria se realizar, a vida deveria florescer da morte. O velho Adão, que era terrestre, não deveria ser senhor; nem Isaú o primogênito, a quem, de fato, caberia a herança, se Adão tivesse permanecido firme; mas o segundo Adão, o Cristo, que surgiu do primeiro através da morte, deve permanecer o Senhor. Não é o homem ou a mulher quem devem possuir o reino de Deus, mas a virgem que nasce da morte do homem e da mulher é quem deve ser a rainha dos céus: um sexo, não dois; uma árvore, não muitas. O Cristo era o tronco, porque era a raiz do novo corpo que floresceu da morte, trazendo a virgem morta novamente para a condição de um belo ramo; todos nós somos os galhos que repousam sobre um tronco, o Cristo.
21. Somos então, os galhos de Cristo, seus ramos, suas criancinhas e Deus é o Pai de todos nós, e também do Cristo. Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Carregamos a carne e o sangue de Cristo em nós, se alcançarmos o novo nascimento; pois no Espírito de Cristo renascemos. Ele quem em Maria, na humanidade morta, tornou-se um homem vivo, sem contado de qualquer homem; da mesma forma, ele se torna em nós, em nossa virgindade morta, um novo homem; e nada se faz necessário, senão que expulsemos o velho Adão, ou debulhemos a morte, a fim de que o tormento da vida terrestre nos deixe e possamos, assim, abandonar o domínio do demônio.
22. Não se trata de algo *simplista*, pois o velho Adão não deve ser totalmente expulso, mas só a aspereza ou casca, na qual a semente está oculta. O novo homem deve brotar no movimento de Deus na antiga essência, como um espalhar do grão, assim que Cristo nos atinja. Portanto, a essência deve ser lançada na cólera de Deus, ser perseguida, torturada, desprezada e afundar sob a cruz; pois, da cólera-ígnea de Deus é que o novo homem deve nascer; ele deve ser testado e aprovado no fogo. Nós caímos no poder da essência da cólera, mas o amor de Deus apresentou-se na cólera, saciando-a com o amor no sangue da essencialidade celeste na morte de Cristo.

Assim, a cólera reteve a casca ou o homem corrupto, compreenda a natureza terrestre, e o amor reteve o novo homem. O sangue celeste não deverá ser derramado por algum outro homem, mas somente o sangue mortal terrestre. Pois unicamente o Cristo, concebido sem a intervenção de homem e mulher, poderia fazer isso; pois, em Sua essencialidade celeste não havia o sangue terrestre. Contudo, Ele derramou seu sangue celeste no sangue terrestre, a fim de poder libertar a nós, pobres homens terrestres, da cólera. Pois, seu sangue celeste tinha que, em seu derramamento, mistura-se com o terrestre, para que a *turba* presente em nossa materialidade, que nos mantinha prisioneiros, pudesse ser afogada e a cólera extinta pelo amor do sangue celeste. Ele entregou sua vida à morte por nós, por nós ele desceu ao inferno, na qualidade ígnea do Pai; Ele deixou novamente o inferno para Deus, a fim de que pudesse romper a morte, afogar a cólera e fazer um caminho para nós. Quando o Cristo foi crucificado e morreu na cruz, nós nos crucificamos com ele e nele; nele morremos, ressurgimos da morte e nele vivemos eternamente, como membros de seu corpo. Assim, a semente da mulher esmagou a cabeça da serpente; O Cristo realizou este ato em nós e nós em Cristo: a essência humana e a essência divina o realizaram.

23. Portanto, a questão agora é esta: devemos segui-lo. O Cristo, certamente rompeu a morte e saciou a cólera. Mas se desejamos nos tornarmos como a sua imagem, devemos segui-lo também em sua morte, tomar sua cruz sobre nós, sofreremos a perseguição, o escárnio, a ridicularização e o assassinio. Pois, a velha casca pertence à cólera de Deus; ela deve ser eliminada, visto que não é o velho homem que deve viver em nós, mas o novo. O velho é entregue à cólera. Pois, da cólera floresce o novo, assim como a luz surge do fogo. O velho Adão deve ser portanto, lenha para o fogo, a fim de que o novo possa nascer na luz do fogo; este tem que subsistir no fogo. Nada é eterno se não puder subsistir no fogo, e que não originalmente não surja do fogo.
24. Nossa alma vem do fogo de Deus, e o corpo vem do fogo da luz. Compreenda sempre por corpo, uma substancialidade muda, que não é espírito, mas um fogo essencial. O espírito é muito mais elevado, pois sua origem é o fogo da cólera, da qualidade colérica; e sua verdadeira vida ou corpo, que carrega consigo, é a luz da brandura; ela habita no fogo e dá ao fogo o alimento brando ou amor; ao contrário, o fogo não subsistiria; ele terá algo para alimentar. Pois, Deus o Pai diz: “Eu sou um Deus colérico, ciumento e irado, um fogo que consome (Deut, 4,24); além disso, Ele é chamado também de Deus amável e clemente (1 Jo 4,8), em referência à sua luz, ao seu coração. Portanto Ele diz: “Eu sou misericordioso, pois na luz nasce a água da vida eterna, que extingue o fogo e a cólera do Pai.

CAPÍTULO XIII

SOBRE O HOMEM BINÁRIO, OU SEJA, SOBRE O VELHO E O NOVO ADÃO, MOSTRANDO COMO O VELHO E MAL ADÃO COMPORTA-SE EM RELAÇÃO AO NOVO, QUE TIPO DE RELIGIÃO, VIDA E FÉ CADA UM PRÁTICA, E TAMBÉM O QUE CADA UM PENSA

1. Tudo o que é ensinado, escrito, pregado ou falado no velho Adão, com relação ao Cristo, seja resultado da ciência ou o que for, pertence à morte, não possui compreensão e nem vida; pois o velho Adão está morto em relação ao Cristo. Somente o novo Adão, nascido da virgem pode fazê-lo; só ele compreende a palavra da regeneração e entra no redil das ovelhas, pela porta de Cristo. O velho Adão tenta entrar pela ciência e pela investigação. Ele acredita que o Cristo pode ser suficientemente compreendido pela letra. Sustenta que todo aquele que estudou as ciências e as línguas, que leu bastante, é apontado por Deus e chamado a ensinar; que o Espírito de Deus deve falar através de sua pregação, mesmo que ele seja o velho e corrupto Adão. Mas o

Cristo diz: “quem não entra pela porta, no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante” (Jo 10,1). E diz mais: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem” (Jo 10,9). Pois aquele que não está comigo está contra mim.

2. Um mestre deve, necessariamente, nascer do Cristo, ao contrário ele é um ladrão e assaltante e se exhibe, pregando, por conta própria. Ele faz isso por dinheiro e honra, ensina sua própria palavra e não a palavra de Deus. Mas se ele nascer novamente do Cristo, ensinará a palavra de Cristo, pois vive na árvore do Cristo, e emite seu som da árvore de Cristo, na qual vive. Por isso há tanta contrariedade na terra, porque os homens amontoam mestres para si, para falarem a eles o que seus ouvidos querem ouvir, aquilo que o velho Adão está pronto para ouvir, o que ministrar para sua elevação e prazer carnal, o que conduz ao poder e à magnificência.
3. Sim, mestres demoníacos, como irão se apresentar diante da cólera de Deus? Por que ensinam, se não são enviados de Deus? Vós sois enviados de Babel, da grande prostituta, da mãe da grande prostituição espiritual sobre a terra. Vós não nascestes da virgem, mas da mulher adúltera. Pois não só ensinam ficções humanas, mas também perseguem os enviados, que nasceram do Cristo. Vocês lutam por causa da religião, mas em religião não há luta: há diversidade de dons, mas um único e mesmo espírito fala. Como uma árvore possui muitos galhos e os frutos diferentes formas, nunca são exatamente iguais; ou como a terra produz diversas ervas e flores, sendo a mãe única: o mesmo ocorre com aqueles que falam através do espírito de Deus; cada um deles fala através da maravilha de seus dons. Mas a árvore ou o campo deles, sobre o qual repousam, é o Cristo em Deus. Com vocês, ataduras do espírito, isto não ocorre. Pois insistem em calar a boca de seu Cristo, sobre quem ensinam sem conhecerem, com a língua terrestre, insistindo em atrelá-lo à sua lei. Ó, a verdadeira igreja de Cristo não possui lei alguma! O Cristo é o templo no qual devemos entrar. Um amontoado de pedras não faz o novo homem. Mas o templo de Cristo, onde o espírito Deus ensina, desperta a imagem meia morta, a fim de que comece a germinar. É uma questão de indiferença, Deus não liga para a ciência ou eloquência, mas aquele que vem a Ele, não será expulso por Ele. O Cristo veio ao mundo para chamar e salvar pobres pecadores; Isaias diz: “Quem é tão simples como meu servo? Portanto, a sabedoria deste mundo não irá servir para nada, ela só traz orgulho e inflamação da razão, ela tem altas pretensões, desejando ser sua senhora. Mas o Cristo diz: “Aquele que não abandonar casas, terras, bens, dinheiro, esposa e filhos, por minha causa, não é digno de mim”. Nada que está neste mundo deve ser mais querido do que o precioso nome Jesus. Pois tudo o que este mundo contém é terrestre, mas o nome Jesus é celeste, e em nome de Jesus devemos renascer da virgem.
4. Portanto, o filho da virgem é oposto ao velho Adão. Esse mostra a si mesmo através dos desejos do prazer temporal, da honra, do poder e da autoridade; ele é um dragão feroz e horrível, que busca unicamente devorar, como o apresenta a Revelação de João. O filho da virgem, contudo, está acima da lua, e usa uma coroa de doze estrelas; pois tem sob seus pés o que é terrestre ou a lua; ele cresceu da lua terrestre, como uma flor cresce da terra. Da mesma forma, a imagem virgem está acima da lua. Contra ela, o dragão feroz lança água de sua boca, na forma de dilúvio, e tenta afogar, continuamente, a imagem virgem. Mas a terra vem em auxílio da imagem e engole o dilúvio, trazendo a virgem para o Egito, onde a imagem virgem deve colocar-se em servidão. Mas a terra, ou a cólera de Deus, cobre a imagem virgem e engole a torrente do dragão. Muito embora este subjuguie a imagem virgem com suas abominações, calúnias e injúrias, isto não provoca nenhum dano ao filho da virgem; pois a cólera de Deus recebe a injúria derramada sobre o filho puro, a terra sempre significando a cólera de Deus. Assim o filho virgem permanece sobre a terra, ou seja, na lua terrestre, e deve sempre fugir do

dragão terrestre, rumo ao Egito. Lá deve servir ao faraó; mas está acima da lua, não abaixo. O príncipe Ieschua ou Jesus o traz a Jerusalém, pelo rio Jordão. Ele deve através da morte, entrar em Jerusalém e renunciar à lua. Ele não passa de um hospede neste mundo, um estranho e um peregrino; deve cumprir a sua jornada através da terra do dragão. Quando o dragão lança sobre ele a sua torrente, ele deve se curvar e se colocar debaixo da cruz; então a cólera de Deus recebe o fogo do dragão.

5. Sabe-se que o velho Adão nada conhece ou compreende acerca do novo; ele compreende tudo de forma terrestre. Ele não sabe o que é e onde está Deus; ele age como hipócrita, atribuindo pena a si mesmo e pensa servir à Deus, mas serve apenas ao velho dragão; sacrifica-se e seu coração é fiel ao dragão; ele será um devoto genuíno e com o que é terrestre se eleva ao céu, embora humilhe os filhos do céu. Com isto ele se mostra um alienado no céu; ele só é mestre sobre a terra e demônio no inferno.
6. Entre tantos espinhos e cardos, os filhos de Deus devem crescer. Eles não são conhecidos neste mundo, pois a cólera de Deus os ocultam. Nem mesmo um filho de Deus se conhece corretamente; ele vê unicamente o velho Adão que pesa sobre ele, que sempre busca afogar o filho da virgem. A menos que o filho da virgem obtenha um lampejo no *Ternarius Sanctus*; então ele se conhece, quando a bela coroa cavaleiresca é colocada sobre ele; neste caso, o velho Adão olha para traz e não sabe o que acontece com ele. Ele é alegre, mas dança como aquele que dança ao som de instrumentos de cordas: quando a música para, sua alegria tem um fim e ele continua sendo o velho Adão; pois ele pertence à terra e não ao mundo angélico.
7. Tão logo um homem atinge o ponto em que a imagem virgem começa a florescer do velho Adão, a alma e o espírito do homem se entregam à obediência de Deus; começa o combate, pois o velho Adão, na cólera de Deus, luta contra o novo Adão, no amor. O velho Adão deseja ser o senhor na carne e no sangue, e nesta conexão o demônio pode alcançar, infectar e possuí-lo. O ramo virgem o demônio não suporta, mas ele não deve tocá-lo. Porque a sua própria habitação nas trevas do abismo não o agrada, ele deseja habitar no homem; pois ele é um inimigo de Deus e fora do homem não tem poder algum. Portanto ele possui o homem, conduzindo-o, como lhe aprouver, na ira e cólera de Deus, assim ele pode zombar do amor e da brandura de Deus; é que ele ainda supõe, por ser uma fonte de fogo ígnea, ser maior que a humildade, visto que ele pode se movimentar rapidamente. Mas como ele não deve atingir o ramo virgem, faz uso de nada mais que da astúcia e da corrupção, cobrindo tal ramo, para que não seja conhecido neste mundo; ao contrário, muitos ramos novos nasceriam nas tão chamadas suas terras, o que não o agrada. Ele traz seus servos orgulhosos até o homem, com humilhação e molestação, a fim de que ele seja perseguido, ridicularizado e tomado como louco. Isto ele faz através da sabedoria racional mundana, através daqueles que se auto denominam pastores de Cristo, e assim são reconhecidos pelo mundo, a fim de que o ramo de lírio não seja conhecido; se assim não fosse, o homem poderia se aperceber, muitos ramos cresceriam e o demônio perderia seu domínio entre os homens.
8. Mas o nobre lírio cresce na humildade e na paciência, e recebe sua essência, poder e perfume do campo de Deus, ou seja, da encarnação de Cristo. O espírito de Cristo é o seu poder, a essência de Deus é o seu corpo. Não de uma propriedade estranha, mas de sua própria essência, encerrada na morte, que floresce no espírito de Cristo é que cresce o lírio virgem. Ele não busca e nem deseja a beleza deste mundo, mas a do mundo angélico; pois ele não cresce neste mundo, no terceiro Princípio, mas no segundo Princípio, no mundo paradisíaco. Portanto, há grande discussão na carne e no sangue, na razão exterior. O velho Adão nada sabe sobre o novo e ainda resiste à ele: o novo não deseja nada do que deseja o velho, ele está sempre conduzindo o

segundo à abstinência. Isto aflige o velho Adão, que só deseja o prazer, possessões e honra temporal e não suporta o desprezo ou a tribulação. Mas o novo Adão tem satisfação em carregar as marcas de Cristo, a fim de poder tornar-se como a imagem de Cristo. Portanto o velho Adão está sempre se lamentando, pois vê que deve ser considerado um tolo; não sabe o que será dele, pois não conhece a vontade de Deus, tudo o que tem é a vontade deste mundo: o que ali brilhar ele terá, ele busca sempre ser mestre, diante do qual as pessoas reverenciam. Mas o novo Adão curva-se diante de seu Deus; ele nada deseja, não tem vontade de nada, mas anseia por seu Deus, como uma criança anseia por sua mãe; ele se acomoda no seio de sua mãe e se entrega à mãe celeste no espírito de Cristo; de sua mãe eterna ele deseja comida e bebida; alimenta-se no seio de sua mãe, assim como uma criança no ventre. Pois enquanto estiver encoberto pelo velho Adão, ele ainda estará em processo de encarnação; mas quando o velho Adão morre, o novo nasce do velho: ele abandona o vaso, no qual estava e torna-se uma criança virgem, para a terra e para o julgamento de Deus; ele nasce como uma flor no reino de Deus. Então, quando o dia da restauração vier, todas as suas obras, realizadas no velho Adão, irão segui-lo; a iniquidade do velho Adão, contudo, deverá ser queimada no fogo de Deus e servida ao demônio, como alimento.

9. Aqui a Razão diz: Se o novo homem neste mundo, no velho Adão, está apenas em processo de encarnação, ele não é perfeito. Resposta: Isto não é diferente do que acontece com uma criança, a semente é semeada com as duas tinturas, masculina e feminina, unidas, e daí a criança cresce. Pois tão logo o homem se volta para Deus, de todo coração, mente e vontade, deixando o caminho ímpio, entregando-se sinceramente à Deus, então começa a gestação no fogo da alma, na imagem velha e corrupta; a alma busca em si mesma o Verbo que se colocou em movimento em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se entregou à Maria, à virgem meia morta, com a altíssima, casta, abençoada e celeste Virgem da sabedoria de Deus, fazendo-se um verdadeiro homem. Este Verbo, que se moveu em Maria, no centro da Santíssima Trindade, que se desposou com a virgem meia morta e encerrada, é mantido pelo fogo da alma, e a gestação começa imediatamente na imagem da alma, ou seja, na luz da alma na brandura, na essência virgem aprisionada. Pois a tintura-amor do homem, busca a tintura-amor de Deus, e a semente é semeada no Espírito Santo, na imagem da alma.
10. Preste atenção! Quando o sinal virgem se apresenta no amor de Deus, tal ramo pode realmente nascer, pois em Deus tudo é perfeito. Mas enquanto ele estiver coberto no velho Adão, e permanece na essência apenas como uma semente, grande perigo o cerca, pois muitos só se apercebem deste ramo no final da vida; e ainda que tenha trazido tal semente desde o ventre de sua mãe, ele pode deteriorar-se e até mesmo partir-se e materializar-se.
11. O mesmo ocorre com o pobre pecador. Quando se arrepende, mas posteriormente torna-se novamente mal, ocorre o mesmo que ocorreu com Adão, que era uma imagem bela e gloriosa, criada por Deus e altamente iluminada; mas quando se permitiu ser dominado pelo desejo, tornou-se terrestre e sua bela imagem ficou aprisionada na fonte terrestre, na cólera de Deus: isto ainda ocorre. Falamos disso, por termos recebido a iluminação na graça de Deus e por termos dedicado muito tempo em busca desta coroa: aquele que permanece firme, com uma real sinceridade, até que seu ramo se torne uma árvore, não terá seu ramo facilmente quebrado durante a tempestade; pois o que é frágil tem também uma vida frágil. Não é assim que penetramos a divindade. Ao contrário, a situação é natural e, de fato, tudo passa naturalmente; pois o Eterno tem a sua natureza própria, e uma procede da outra. Se este mundo não tivesse sido envenenado pela malícia e cólera do demônio, Adão teria permanecido neste mundo no Paraíso, não teria havido tal cólera nas estrelas e elementos; pois o demônio era um rei e grande senhor no lugar deste mundo: ele movimentou a cólera. Portanto, Deus criou o céu do meio das

águas a fim de que a natureza ígnea, ou seja, o firmamento ígneo, pudesse estar sujeito ao céu aquoso, para que sua cólera fosse extinta. Se a água desaparecesse, certamente veríamos o que teria neste mundo: nada, senão uma queimação ígnea amarga e fria, além de trevas, pois não haveria luz, uma vez que ela só existe na brandura; assim também como não pode haver fogo brilhante, a menos que contenha essencialidade branda. Reconhecemos que Deus transmudou a essencialidade celeste em água, o que foi feito naturalmente quando Deus, o Pai, colocou-se em movimento e o demônio caiu, aquele que desejava ser o senhor ígneo da brandura; assim, uma barreira foi colocada diante de sua malignidade venenosa, de modo que ele é agora um imitador de Deus e não um senhor, um raivoso e realizador na fonte colérica.

12. Sabendo que estamos rodeados pela cólera, devemos ter cuidado com nós mesmos e não nos subestimar; pois nosso ser não é só deste mundo, mas também do mundo divino, que permanece oculto neste mundo e está perto de nós. Devemos viver e, ao mesmo tempo, estarmos em três mundos, se desabrochamos novamente da vida demoníaca com a imagem virgem. Pois vivemos: 1º - no primeiro Princípio, no mundo do Pai, no fogo, segundo a alma essencial, ou seja, segundo a fonte ígnea, no centro da natureza da eternidade; 2º - com a verdadeira imagem virgem e pura vivemos no mundo paradisiaco, na luz flamejante, embora não esteja manifestado no lugar deste mundo, mas é conhecido na imagem virgem no Espírito Santo, e no Verbo que habita na imagem virgem; 3º - vivemos com o velho Adão neste corrupto e externo mundo destemperado, junto com o demônio em seu desejo aceso; portanto, é necessário ser cauteloso. O Cristo diz: “Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mat. 10,16). Acautelai-vos de vós mesmos. No reino de Deus não há necessidade de malícia, somos apenas crianças no seio da mãe; mas neste mundo devemos estar sempre atentos, carregamos o nobre tesouro num vaso terrestre. Ele é rapidamente arruinado, perde a Deus e o reino dos céus, que depois disso não pode ser alcançado. Aqui, estamos no campo, e como sementes, estamos em processo de crescimento; mesmo que o galho se quebre, a raiz ainda está presente e um outro galho pode crescer.
13. Nesta vida a porta da graça permanece aberta ao homem. Por maior que seja o pecador, se ele se voltar e produzir frutos honestos de arrependimento, ele pode renascer daquilo que é mal. Mas aquele que deliberadamente lança sua raiz ao fogo do demônio (corrupção) desperdiça o seu florescimento: quem irá ajudar aquele que não ajuda a si próprio? Mas se ele voltar sua vontade para Deus, então Deus o terá. Pois aquele que deseja na cólera de Deus, a cólera de Deus terá; mas aquele que deseja no amor, o amor de Deus terá. Paulo diz:

“Um homem pode fazer de si o que quiser: ele tem as duas coisas diante de si, o fogo e a luz. Se ele for um anjo na luz, então o Espírito de Deus em Cristo o ajuda a entrar na hoste angélica; se ele for um demônio no fogo, então a cólera e a fúria de Deus o ajuda, atraindo-o para o abismo, para o demônio. Além do mais, ele toma a predominância daquilo que desejou. Mas se ele rompe o primeiro desejo e entra em outro, adquire então uma outra predominância; mas o primeiro desejo adere à ele de forma muito forte, lutando continuamente para possuí-lo de novo. Portanto, o nobre grão deve estar freqüentemente em restrição, deixar-se espetar pelos espinhos, pois a serpente sempre pica a semente da mulher, ou seja, o filho da virgem, no inferno. A picada da serpente permanece no velho Adão, ela sempre pica o filho da virgem, no ventre da mãe, no inferno. Portanto, a vida neste mundo está conosco, pobres homens, aprisionada num vale de dores, cheia de ansiedades, tribulações, misérias e aflições. Somos aqui, visitantes estranhos em nosso caminho de peregrinação. Temos que atravessar uma grande ruína, lugares selvagens, cercados por bestas demoníacas, com cobras e serpentes, lobos e nada mais do que bestas horríveis, e a besta mais demoníaca, carregamos em nosso seio. É neste estábulo vil e demoníaco, que se aloja nossa bela virgem.

14. Sabemos disso e com razão dizemos que, quando o ramo nobre cresce e se torna forte, o velho Adão neste homem deve se tornar servo, deve andar atrás e normalmente fazer o que não quer. Deve sofrer tribulações, desprezo e morte. Ele não faz nada disso por vontade própria, mas a imagem virgem em Cristo o obriga; pois ele seguiria o Cristo com satisfação, Ele que é seu noivo, e se tornaria como Ele na tribulação e na aflição.
15. Certamente, ninguém é coroado com a coroa virginal de doze estrelas, usada pela mulher na Revelação de João, ou seja, com os seis espíritos celeste, e seis espíritos terrestres, a menos que permaneça firme contra a tormenta do dragão e fuja para o Egito, ou seja, sob a cruz e as pragas do Egito. Deve carregar a cruz de Cristo e colocar Sua coroa de espinhos; sofrer escárnio, desprezo e ser tomado como tolo, se quiser colocar a coroa de Cristo e da virgem. Primeiro deve usar a coroa de espinhos, se quiser usar a coroa celeste de pérolas no *Ternarius Sanctus*.
16. Revelamos aos iluminados um outro grande mistério: quando a pérola é semeada, a alma coloca a coroa pela primeira vez, no *Ternarius Sanctus*, com grande honra e satisfação, diante dos anjos de Deus e todas as santas virgens. Ocorre aqui grande satisfação, pois Deus se faz homem. Mas esta coroa se oculta novamente. Como não poderia haver satisfação naquele lugar? O velho Adão também dança, mas como um asno ao som da lira; mas a coroa está designada à encarnação.
17. Se fosses um campeão, poderias, mantendo os passos de Cristo, lutar contra o velho asno, assim como lutar contra o demônio. Se conquistares, tiver consciência e se aceitar como um corajoso filho de Deus, a coroa da mulher, de doze estrelas, será colocado sobre ti. Essa deverás usar, até que a virgem nasça da mulher, de tua morte ou pela tua morte; ela irá colocar sobre ti a coroa ternária, de grande honra, no *Ternarius Sanctus*. Pois, enquanto a imagem virgem estiver encerrada no velho Adão, ela não obtém a coroa angélica, já que ainda corre perigo. Mas quando nasce, na morte do velho Adão, emergindo da casca ou da concha, então é um anjo que não mais pode perecer e a coroa certa que lhe corresponde, na qual Deus se fez homem, é colocada sobre ela. Mas a coroa com as doze estrelas é retida por ela, como um sinal eterno; pois nunca se deve esquecer que Deus novamente revelou a virgindade e se fez homem na mulher terrestre. A Divindade é espírito, e o Elemento puro e santo nasce do Verbo da eternidade; o mestre passou a servo, diante disso todos os anjos do céu maravilharam-se: é a grande maravilha realizada desde a eternidade, pois é contra a natureza, e deve ser definida como amor. Os seis signos terrestres da coroa de doze estrelas, devem permanecer como uma maravilha eterna, um eterno hino de louvor, em que Deus nos redimiui da morte e da destruição; os seis sinais celestes devem ser a nossa coroa e glória, a prova de que superamos o que é terrestre pelo o que é celeste, de que éramos homens e mulheres, mas nos tornamos virgens castas repletas de amor próprio. Assim devem permanecer, por toda eternidade, os sinais de vitória, através dos quais se deve reconhecer a relação entre Deus e a humanidade, e como o homem é a maior maravilha no céu, diante da qual os anjos se regozijam.

CAPÍTULO XIV

SOBRE O NOVO NASCIMENTO: EM QUE SUBSTÂNCIA, ESSÊNCIA, SER E PROPRIEDADE É ENCONTRADO O NOVO NASCIMENTO, OU SEJA, O FILHO DA VIRGEM, ENQUANTO ELE AINDA PERMANECE NO VELHO ADÃO

1. Como estamos mergulhados na carne e sangue terrestres, neste mar de sofrimento, e nos transformamos numa natureza terrestre, onde estamos encerrados na obscuridade da reflexão, a

mente não para de questionar sobre o seu verdadeiro lugar e para onde está destinada a ir. Ela sempre diz: Onde então está Deus? Quando poderei ver a Sua face? Onde estará a minha nobre pérola? Onde está o filho da virgem? Não posso vê-lo! Como posso desejar aquilo que não sou capaz de ver? Certamente, O anseio e O desejo, mas não posso ver nada em que meu coração possa repousar. Estou sempre como uma mulher que ficaria feliz ao dar à luz; como ficaria feliz ao ver meu fruto, prometido por meu Deus! A mulher deseja dar à luz, continuamente, um dia após o outro, de manhã e ao entardecer, de dia e de noite; na privação, aguarda o momento em que a estrela da manhã surgirá, trazendo repouso à alma; ocorre com a alma, o mesmo que ocorre com a mulher, que entra em trabalho de parto, que sempre espera pelo sinal de seu fruto, com ânsia e desejo.

2. Isso sucede com todos nós, caros filhos de Deus. Pensamos que estamos longe de tudo isso, mas já estamos em trabalho de parto. Damos à luz com grande ânsia na angústia, e não conhecemos a semente que damos à luz, pois ela está oculta. Não damos à luz para este mundo; como então poderíamos ver o fruto com os olhos deste mundo? O fruto não pertence à este mundo.
3. Mas tendo em vista que recebemos o verdadeiro conhecimento, não de acordo como o homem exterior, mas de acordo com o homem interior, iremos descrevê-lo ao leitor, com prazer e deleite.
4. Ao nos observamos binários, com duplo sentido e vontade, o melhor que podemos fazer para nos conhecermos é considerar a existência criaturalizada. O que se vê são pedras brutas, algumas ocultam o melhor ouro. Assim, o ouro brilha na pedra, mas a pedra é inerte e não sabe que contém em si um ouro tão nobre. O mesmo ocorre conosco: somos um enxofre terrestre, mas possuímos um enxofre celeste, sendo que cada um está em sua própria possessão. Durante está vida, ambos estão juntos, mas não se qualificam um com o outro; um é o mero receptáculo e moradia do outro, como vemos no ouro. A pedra bruta não é o ouro, mas apenas o seu receptáculo. A aspereza da pedra não deixa o ouro aparecer, mas a tinteira do sol na pedra bruta o produz. A pedra bruta é a mãe e o sol, o pai; o sol impregna a pedra bruta, já que possui o *centrum naturae*, ao qual o sol deve a sua origem.
5. O mesmo ocorre com o homem: o homem terrestre é indicado pela pedra bruta e o Verbo que se fez homem é indicado pelo sol, que torna o homem corrupto fecundo. A causa disso é a seguinte: O homem corrupto é, de fato, terrestre, mas contém em si o *centrum naturae* eternamente; ele anseia pelo sol de Deus, pois na sua criação, o sol de Deus foi tomado em seu ser. A pedra bruta, contudo, cobriu e engoliu o sol, e este misturou-se com o enxofre bruto, a menos que seja purificado no fogo, a fim de que o que seja bruto derreta-se, e o sol permaneça isolado. Compreenda assim a morte e a corrupção, na qual a carne terrestre e inferior se dissolve, e a carne espiritual e virgem continua, sem a outra.
6. Compreenda bem o que queremos dizer; falamos solene e verdadeiramente, da forma como conhecemos. O novo homem não é um mero espírito; ele vive na carne e no sangue; assim como o ouro na pedra não é um mero espírito, ele tem corpo; não um corpo como a pedra bruta apresenta, mas um corpo que no *centrum naturae* subsiste ao fogo. O fogo não pode consumir seu corpo, pois o ouro tem outro princípio. Mas ele permanece como que mudo, pois a terra não é digna do ouro, ainda que o carregue e o produza. Da mesma forma o homem terrestre não é digno da jóia que carrega; ainda que ajude a produzi-la, ele nada mais é do que uma terra negra, comparado com o filho da virgem, nascido de Deus.

7. Assim como o ouro possui um corpo real, que se encontra aprisionado e oculto na pedra bruta, a tintura virgem no homem terrestre também possui um corpo real, divino e celeste, na carne e sangue, mas não como os terrestres; trata-se de um corpo que resiste ao fogo, passa através da pedra e da madeira e não se encontra exposto. Como o ouro penetra a pedra bruta, sem quebrá-la e sem quebrar a si mesmo, e a pedra nada conhece do ouro; o mesmo ocorre com o velho homem terrestre: quando ele recebe o Verbo da vida, que em Cristo se fez homem, o recebe no enxofre corrupto de sua carne e sangue, no centro virgem encerrado na morte, centro em que Adão era uma imagem virgem; ali a terra bruta ocultou de seu ouro a essencialidade cândida e divina, a fim de que a natureza celestial permanecesse na morte, no centro do fogo. No mesmo centro, o Verbo da vida, que em Maria se fez homem, movimentou-se; ali a essência encerrada na morte, obteve uma tintura viva. Neste ponto o ouro nobre ou a essência celeste começa a florescer na morte, e a possui em si, de uma só vez, no verbo da vida, o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho; a Sabedoria ou a virgem celeste, como espelho e imagem da Divindade, forma como que um enxofre puro, um puro sangue e carne, onde o Espírito Santo habita, não na forma de essência terrestre, mas na forma de essência divina, por meio da essencialidade celeste. Esta é a verdadeira carne e sangue de Cristo, no Verbo da vida que se fez homem, que rompeu a morte, a fim de que a tintura divina desabrochasse novamente e produzisse seres de si mesma, pois tudo nasce e surge do desejo de Deus. Mas como Deus é um fogo e também uma luz, sabemos muito bem de onde surgiu cada coisa individual. Não poderíamos dizer outra coisa senão que do amor surge o amor; pois uma vontade desejosa boa concebe em sua imagem o que lhe é semelhante, ela faz para si o que lhe é semelhante pela ânsia de seu próprio desejo.
8. Reconhecemos, então, que por ter desejado um espelho, uma imagem de si mesmo, o Divino, desejando em sua auto fecundação, gerou em sua vontade o que é bom e adorável, uma verdadeira semelhança de acordo com o Bem, de acordo com a pura Divindade. Mas o fato de o elemento terrestre ter se misturado à ela, consiste na falta da cólera desejosa, do fogo, do demônio, quem a inflamou pela sua cobiça.
9. Reconhecemos, igualmente, que Deus não abandonaria o que lhe pertence (ou seja, o que lhe é melhor e mais querido, criado à sua semelhança para ser um ser criaturalizado); ao contrário, ele mesmo se tornou tal ser, como o havia criado, a fim de regenerar da corrupção o que havia sido corrompido e transformá-lo no que é de melhor, onde ele poderia habitar eternamente. Dizemos com convicção, que Deus habita no novo homem, se auto sustentando, não por um reflexo ou brilho externo, mas essencialmente, ainda que em seu princípio. O homem exterior não o toca, não o atinge. Além do mais, a carne e o sangue do novo homem não é Deus, é essencialidade celestial. Deus é Espírito, Deus não decai ou perece; embora decaído e perecido, Deus permanece nele. Não possui a necessidade de partir, pois não faz uso de nenhuma entrada; mas se manifesta na carne e no sangue, é o seu prazer de possuir uma semelhança.
10. Se então, nos conhecermos bem, seguindo o caminho, descobriremos que esse homem (o homem completo) é a verdadeira semelhança de Deus. Pelo corpo e vida terrestre, ele pertence à este mundo, e pelo corpo e vida virgem, ele pertence ao céu; a essência virgem possui uma tintura celeste e torna a carne celeste, na qual Deus habita. Assim como o ouro na pedra tem uma tintura diferente da pedra bruta, e essa tintura tem um outro corpo; cada corpo surge de sua própria tintura, assim como a terra foi gerada da fonte feroz, do centro do fogo frio e azedo, do enxofre da austeridade na angústia para o fogo.
11. Do mesmo modo, um bom corpo é produzido de uma boa essência, pois a essência faz a vida, embora não seja a vida propriamente dita. A Vida tem a sua origem no Princípio ou no fogo,

seja ele frio ou quente, ou no fogo da luz; cada um deles consiste num princípio especial, mesmo que não haja separação.

12. Falaremos agora, com base na verdade, sobre a encarnação ou humanidade, usando uma linguagem clara, plena e desvelada; não nos basearemos em conjecturas ou opiniões, mas em nosso próprio e verdadeiro conhecimento, que nos foi dado por Deus na iluminação:
 1. O novo homem regenerado, que se encontra oculto no velho, como o ouro na pedra, possui uma tintura celeste e um corpo e sangue também celeste; o espírito desta carne, não é espírito de outro, mas dele próprio, gerado de sua própria essência.
 2. Reconhecemos e afirmamos que o Verbo, que se fez homem em Maria, a Virgem, é a causa primordial da tintura que teve início no enxofre; Reconhecemos que o espírito de Cristo, que preenche todos os céus, reside nesta tintura.
 3. Reconhecemos esta carne celeste como a carne de Cristo, onde o Espírito Santo habita de forma indivisível.
 4. Confessamos a possibilidade deste mesmo sangue e carne tornarem-se corruptos através da imaginação e do desejo, durante a existência do velho Adão, o que ocorreu com Adão.
 5. Dizemos que no processo de corrupção, nada surge da Divindade, nem ela é tocada por nada que seja mal; pois aquilo que o amor de Deus perde, é lançado à cólera de Deus. Aquilo que se afasta da luz é caçado pelo fogo, e o Espírito de Deus permanece incorruptível.
 6. Afirmamos que existe, em todos os homens, a possibilidade de um novo nascimento, senão Deus estaria dividido, e não num lugar assim como em outro. Reconhecemos que o homem é atraído pelo fogo e pela luz: para onde inclina sua vontade, ali cai; ele pode, no curso deste tempo levantar novamente o fiel da balança ou a vontade. Dizemos que a Divindade pura não deseja nenhum mal, nenhum demônio; deseja, muito menos, ver um homem no inferno, na cólera de Deus. Mas como não há luz sem fogo, reconhecemos que o demônio, pelo desejo, colocou sua imaginação no fogo-colérico. Desta forma todos os homens condenados não serão auxiliados, eles preenchem a fonte ígnea gananciosa. Eles se deixam ser atraídos, ainda que seria perfeitamente possível permanecerem firmes.
 7. Dizemos que o verdadeiro templo no qual o Espírito Santo prega, encontra-se no novo nascimento; morto, mudo, falso, cego e imperfeito é aquele que não é ou que não ensina do Espírito de Deus; o Espírito Santo não mistura-se ao som da boca do ímpio; nenhum deles é pastor de Cristo. Pois, embora no homem santo, o tempo é parado pela voz do ímpio, o que também poderia ser feito pelo grito de uma besta, se seu grito fosse inteligível, ou se o precioso nome de Deus fosse mencionado. Pois tão logo o nome de Deus é mencionado, provocando um som, o outro som fica aprisionado no lugar onde está soando, ou seja, na alma santa. Mas nenhum ímpio desperta outro ímpio da morte, pois ambos se encontram na cólera de Deus, fechados na morte. Se nós mesmos tivéssemos sido capazes de surgir da morte, nos tornando vivos, o coração de Deus não necessitaria de se tornar homem. Portanto, dizemos com razão, que somente aquele Verbo que se fez homem pode despertar o pobre pecador de sua morte para o arrependimento, gerando uma nova vida. Desta forma, nenhum dos blasfemadores ímpios beneficia-se do templo de Cristo. Mas aquele que possui o espírito de Cristo, estes são os Seus pastores.

8. Dizemos que todos os mestres que professam serem servos e ministros de Cristo, mas que não trilham o caminho da regeneração, por causa da honra e do orgulho, são Anticristo e a mulher no dragão na Revelação de João (Ver. 17.3,4).
9. Dizemos que toda tirania injusta e poder usurpador, pelo qual o fraco é oprimido, sugado, esmagado e atormentado, através do qual ele se torna inconstante e perdido, sendo levado e atraído para todo tipo de excessos e injustiça, é a horrível e abominável besta, onde o Anticristo se esconde.
10. Sabemos e afirmamos que aproxima-se o tempo e o dia em que esta besta mal e a prostituta irão para o abismo. Amém, Aleluia, Amém.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

LIVRO II

SOBRE O SOFRIMENTO, AGONIA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Como devemos penetrar o sofrimento, a agonia e arte de Cristo,
Ressurgindo da morte com Ele e por Ele, nos tornarmos a Sua
Imagem, e viver eternamente Nele

CAPÍTULO I

Sobre a vida que se origina do fogo. E mais, sobre o espírito Eterno na Virgem Eterna da Sabedoria de Deus; o que consiste o Eterno começo e fim

1. A Razão Externa diz: Não teria sido suficiente que Deus se fizesse homem em nós? Por que o Cristo teve que sofrer e morrer? Será que Deus não poderia ter introduzido o homem no céu, através de seu novo nascimento? Será que Deus não é poderoso o bastante para realizar a Sua vontade? Qual o prazer de Deus diante da morte e da agonia, a ponto de, não só, permitir que seu próprio Filho morresse na cruz, mas que todos nós também tenhamos que morrer? Se Deus nos redimiu pela morte de seu Filho, se ele pagou por nossos pecados, por que também temos que morrer e apodrecer? Assim, divaga a Razão.
2. Diante deste espelho, poderíamos atrair o Anticristo, que se denomina ministro e pastor de Cristo, assim como todas as universidades deste mundo com suas leis e disputas e todos os filhos de Cristo que carregam a Sua cruz. Todos veriam o real fundamento, não uma visão para maltratar alguém com sua ignorância, mas a visão da verdadeira doutrina, que cada um deve buscar e revelar por si mesmo. Pois, isto será uma questão seríssima e irá tocar o homem; tal questão requisita seu corpo e sua alma, não se deve brincar com isso de forma alguma, pois aquele que revelou este conhecimento, preparou a sua trombeta; isto interessa à raça humana, que cada um arrume a sua lâmpada. Um grande rei de dupla espécie virá através de duas portas; ele é um em dois; ele possui o fogo e a luz; ele prepara a sua entrada na terra como no céu: deixemos que isto seja uma surpresa.
3. Caros filhos de Cristo, quando observamos a morte, e como devemos através da morte penetrar a vida, encontramos uma vida bastante diferente, que surge da morte. Logo descobrimos porque

o Cristo teve que morrer, porque também temos que morrer na morte de Cristo, ressurgir Nele e com Ele, através Dele, entrar no reino de Deus.

4. Ora, se encontrarmos estas respostas, estaremos considerando a eternidade com referencia ao fundamento e ao não fundamento, ao contrário nada encontraríamos; só encontraremos isto onde está. Temos nossa origem na imagem de Deus, no fundamento eterno, mas com a alma e sua imagem, fomos introduzidos no que é temporal e perecível, ou seja, no sofrimento; a eternidade e o não fundamento é liberdade, fora ou além do sofrimento; portanto, é através da morte que iremos penetrar novamente a liberdade. Contudo, não se pode dizer que ali não haja vida; é a vida correta, que existe eternamente sem dor ou sofrimento. Dizemos tudo isso, para que se faça uma verdadeira comparação com o que é uma semelhança segundo o reino deste mundo; mas se adicionarmos a isso o mundo divino, isto passará a ser a própria realidade.
5. Bem sabes que nossa vida é enraizada no fogo, pois sem o calor não vivemos. O fogo tem um centro especial, seu realizador próprio em seu círculo, ou seja, as sete formas ou espíritos da natureza. Mas só as quatro primeiras formas estão relacionadas à natureza ou à fonte em que o fogo é despertado e inflamado; portanto, um princípio ou um centro-vida está presente; a *matéria* de combustão é formada nos próprios espíritos ou formas, sendo sempre consumida no fogo. Desta consumação o fogo produz algo diferente, melhor do que a primeira coisa que o fogo produz. Pois o fogo mortifica e engole a natureza que o próprio fogo produz (compreenda o fogo essencial, nas formas para o fogo); ele a consome e produz da morte algo muito mais nobre e melhor, que ele não pode consumir. É o que se vê no fogo e na luz, que não consiste meramente numa verdadeira semelhança, mas na própria realidade; somente os princípios devem ser distinguidos. Tudo é, de fato, um fogo, mas que se diferencia segundo a sua fonte.
6. Para que isso seja bem compreendido, é necessário que informemos sobre a origem do fogo. Isto já foi explicado minuciosamente no livro “Os Três Princípios” e outras obras, no entanto, daremos aqui um resumo para a compreensão e referência do leitor, caso deseje investigar as sete formas da natureza.
7. O fogo possui basicamente três formas em si como centro. A Quarta forma é o fogo propriamente dito, que fornece o princípio, ou seja, vida com espírito; pois nas três primeiras formas não há um verdadeiro espírito, só a essência, a saber, (1) a adstringência, que é a vontade desejosa, a primeira e principal forma; (2) o Amargor, ardente, é a Segunda forma a causa das essências; (3) a Angústia como o círculo ou o centro da vida, a roda em movimento, que abarca em si os sentidos ou as essências amargas, engole-as como se estivessem na morte e lança (4) da câmara de tortura, assim como da morte, a mente, ou seja, outro centro. Compreenda da seguinte forma:
8. Na eternidade, ou seja, no não fundamento da natureza, não há nada senão uma quietude sem ser; não há nada que possa originar coisa alguma; é um eterno repouso, sem paralelo, uma falta de fundamento sem começo, nem fim. Não há ali nenhum limite ou lugar, nenhuma busca ou apreensão, nada em que haja uma possibilidade. Este Não Fundamento é como um olho, pois é seu próprio espelho. Ele não possui princípio essencial, não possui nem luz nem trevas, e é acima de tudo uma magia, e possui uma vontade, sobre a qual não devemos lutar ou questionar, pois ela nos confunde. Através desta vontade, compreendemos o fundamento da Divindade, que não tem origem, pois consiste de si mesma; diante da qual emudecemos, pois está fora da natureza.

9. Estando nós na natureza, não conhecemos a vontade na eternidade, pois na vontade a própria Divindade é tudo, a origem eterna de seu próprio espírito e de todos os seres. Na vontade, a Divindade é toda poderosa e tudo sabe, mesmo assim, não é conhecida ou chamada como Deus, pois não há em si nem o bem, nem o mal. Temos aqui uma vontade desejosa, que é o princípio e o fim; pois o fim realiza, ao mesmo tempo, o início desta vontade, e o início novamente o fim. Isto faz com que todos os seres estejam incluídos em um olho, que é como um espelho, onde a vontade se fixa e descobre o que é; ao se fixar, torna-se desejosa da entidade que é ela mesma. Este desejo é uma atração, ainda que não haja nada para ser atraído; mas a vontade atrai a si mesma em seu próprio desejo, e em seu desejo representa a si mesma o que é; esta imagem representativa é o espelho em que a vontade vê o que é, pois é uma semelhança da vontade. Reconhecemos este espelho (no qual a própria vontade sempre se fixa e tem uma visão de si mesma) como sendo a sabedoria eterna de Deus, pois é uma virgem eterna sem ser substancial; ao mesmo tempo, é o espelho de todos os seres, no qual todas as coisas tem sido vistas desde a eternidade, seja o que fosse que tivesse que surgir.
10. O espelho não é a vista em si, mas a vontade que é faminta; quer dizer, a ânsia que sai da vontade é um espírito, que fabrica o espelho, na ânsia do desejo. O espírito é a vida, e o espelho é a manifestação da vida, sem o qual o espírito não se conheceria; pois o espelho ou a sabedoria é o seu fundamento, seu receptáculo; esta é a descoberta do espírito, já que o espírito encontra a si mesmo na sabedoria. A Sabedoria sem o espírito não é um ser, e o espírito sem a sabedoria não se manifesta, um sem o outro seria uma existência sem fundamento.
11. Assim, a sabedoria, como espelho do espírito da Divindade, é passiva, e é o corpo da Divindade ou do espírito, onde o espírito habita. É uma matriz virgem onde o espírito se revela, e é a essência de Deus, ou seja, uma sùlfur santo e divino formado na imaginação do espírito, do Não fundamento da eternidade. E este espelho ou sùlfur é o eterno primeiro princípio e o eterno primeiro fim, e em todo lugar assemelha-se à um olho, através do qual o Espírito vê o que é em si, e o que tem que revelar.
12. Este espelho não tem fundamento ou limite, da mesma forma, o espírito não tem fundamento, a não ser neste olho. Em todo lugar ele é inteiro, indivisível, assim como sabemos que o Não fundamento não pode ser dividido, pois não há nada que possa dividir: não há outro movimento senão o do espírito. Somos capazes de reconhecer, o que é o espírito eterno na sabedoria, e o que é o eterno princípio e o eterno fim.

CAPÍTULO II

O verdadeiro e preciosíssimo portão da Santíssima Trindade,
o olho do brilho vivo e eterno.
Sobre a Divindade além da Natureza.

1. Reconhecemos que o princípio eterno no Não fundamento é em si uma eterna vontade, cuja origem nenhuma criatura conhecerá. Mas nos foi dado conhecer e reconhecer em espírito, o seu fundamento, onde ela produz a si mesma, onde ela repousa. Pois uma vontade é tênue como uma não existência; no entanto ela deseja e quer ser alguma coisa, a fim de que possa se manifestar em si mesma. Pois o nada causa a vontade, que se torna desejosa; esse processo do desejo é um meio da imaginação, já que a vontade se fixa no espelho da sabedoria. Desta forma, ela imagina do Não fundamento, em si mesma, e faz para si, na imaginação, um fundamento, torna-se fecunda com a imaginação e através da sabedoria, ou seja, através do espelho virgem, que é a mãe, sem dar à luz, sem vontade.

2. A fecundação não ocorre no espelho, mas na vontade, na imaginação da vontade. O espelho permanece eternamente virgem sem dar à luz, mas a vontade torna-se impregnada com o aspecto do espelho. Pois a vontade é o Pai, e a fecundação no Pai, ou na vontade, é o coração ou Filho, pois é o fundamento da vontade ou do Pai, já que o espírito da vontade reside no fundamento, e procede da vontade no fundamento dentro da sabedoria divina. Assim, a imaginação da vontade, ou seja, o Pai, atrai a visão do espelho ou forma, ou seja, as maravilhas do poder, cores e virtude, para si, tornando-se fecundo com o esplendor da sabedoria, com poder e virtude. Este é o coração da vontade ou do Pai, já que a insondável vontade obtém um fundamento em si, através da imaginação insondável eterna.
3. Reconhecemos, então, a fecundação do pai como sendo o centro do espírito da eternidade, onde o espírito eterno sempre busca a si mesmo. Pois a vontade é o princípio e movimento ou atração para a imaginação, pois para o espelho da sabedoria, é o espírito eterno e insondável. Isso surge na vontade e busca a si próprio no centro do coração, no poder da sabedoria como atração, sendo a vida e o espírito do coração. Como a vontade insondável e eterna estava como que muda, buscou na sabedoria (conhecida como coração ou centro) o verbo da vontade, pois este é o som ou o poder, e é a boca da vontade que revela a vontade. Pois a vontade, ou seja, o pai, com o movimento do espírito expressa o poder no espelho da sabedoria. Com essa expressão o espírito procede da vontade, do verbo da boca de Deus, do centro do coração, naquilo que é expressado, ou seja, no espelho virgem, revelando o Verbo da vida no espelho da sabedoria, a fim de que a natureza ternária da Divindade se manifeste na sabedoria.
4. Assim, reconhecemos uma essência divina, insondável e eterna, e em sua natureza três pessoas, sendo que uma não é a outra. A primeira pessoa é a Vontade eterna, a causa de todos os seres. Esta vontade não é um ser propriamente dito, mas a causa de todo ser; ela está livre do ser, pois é o Não fundamento. Não há nada antes dela que pudesse constituí-la; ela se constitui de si mesma, daquilo que nós não temos conhecimento. Ela é tudo, e ao mesmo tempo, única em si; sem o ser ela é um nada. Nesta vontade única o princípio eterno surge da imaginação ou do desejo. No processo do desejo a vontade se fecunda pelo olho da sabedoria, que existe em co-eternidade com a vontade, sem fundamento e sem princípio. Essa fecundação é o fundamento da vontade e do Ser de todas as coisas, e é o Filho da vontade, pois a vontade cria este filho perpetuamente, de eternidade em eternidade; pois ele é o seu coração ou o seu verbo, como um som ou revelação do não fundamento da eternidade quieta; é a boca ou a compreensão da vontade. Ele é chamado de uma outra pessoa que não o Pai, pois é a revelação do Pai, seu fundamento e ser; a vontade não é um ser, mas a imaginação da vontade produz o ser.
5. Deste modo, a outra pessoa é o ser da Divindade (ou o ser da Santíssima Trindade), a boca ou a revelação do Ser de todos os seres, e o poder da Vida de todas as vidas.
6. A terceira pessoa é o Espírito, que procede do poder da fala, do alcance da vontade através da imaginação, da boca do Pai para o olho, assim como no espelho da sabedoria; este espírito é livre da vontade e do Verbo. Muito embora a vontade lhe dê origem através do Verbo, ele é livre, assim como o ar é livre do fogo. Vemos que o ar é o espírito e a vida do fogo, mas é algo diferente do fogo, embora seja dado pelo fogo. Vemos que o ar produz um céu de vida e movimento, que é brilhante e móvel; o mesmo ocorre com o Espírito Santo, a vida da Divindade, uma outra pessoa além do Pai e do Filho. Ele tem, mais que nada, um trabalho diferente; ele revela a sabedoria de Deus, a fim de que as maravilhas apareçam, assim como o ar dá início a toda vida deste mundo, para que todas as coisas vivam e cresçam.

7. Esta foi uma curta notificação com relação à Divindade no não fundamento, indicando como Deus habita em Si mesmo, sendo ele mesmo seu centro parturiente. Mas a mente humana não repousa satisfeita com isso; ela questiona a natureza, de onde este mundo se originou e tudo foi criado. Por conta disto, segue-se o texto do Princípio, que oferecemos à Razão.

CAPÍTULO III

O portão da sinceridade. Como, que aparte do Princípio do fogo,
Deus não é manifesto.
Sobre a Essência eterna e sobre a vontade insondável.

1. Já descrevemos como é a Divindade fora da natureza. É preciso compreender, que a Divindade, com relação as três pessoas é, com a sabedoria eterna, livre da natureza, e que a Divindade possui um fundamento ainda mais profundo que o Princípio do fogo. A Divindade, mais uma vez, sem o Princípio não se manifestaria. Compreenda a Divindade aparte do Princípio como um aspecto das grandes maravilhas, onde ninguém sabe ou pode saber o que é; onde todas as cores, poder e virtude brilham numa tremenda essência, a qual nenhuma essência se assemelha, mas que é como um terrível olho, onde nem o fogo, nem a luz e nem as trevas são vistos, mas somente o aspecto de um espírito correspondente, num profundo azul, verde e cores mistas, onde reside todas as cores, ainda que nenhuma seja conhecida da outra, mas que se assemelham a um tremendo lampejo, cujo aspecto confundiria e consumiria a tudo.
2. Assim, devemos conhecer a Essência eterna, ou seja, o Espírito eterno além ou fora do fogo e da luz; ela é uma vontade desejosa, que faz de si mesma um espírito. Esse espírito é a potência eterna do Não Fundamento, o Não fundamento transporta a si mesmo para um fundamento, de onde surgem todos os seres. Pois toda forma no espírito é uma fonte de imaginação, uma vontade desejosa, e deseja se manifestar. Cada forma fecunda a sua imaginação, e cada forma também deseja se manifestar. Portanto, o espelho do aspecto é uma maravilha do Ser de todos os seres; das maravilhas não há número, origem, nem fim; trata-se de maravilha pura, cujo conteúdo é impossível de escrever. Pois só o espírito da alma, que surge de tal maravilha, pode compreendê-la.
3. Em segundo lugar, compreendemos como essa vontade insondável deseja se manifestar, se encontrar e descobrir o que é, de eternidade em eternidade, a fim de transformar as maravilhas num ser, revelando a si mesma nas maravilhas. O processo do desejo é um molde da imaginação, já que a vontade se contrai e se torna fecunda, protegendo-se com a imaginação, a fim de que da vontade livre surja uma vontade oposta, liberada da proteção ou das trevas. Pois o que é atraído forma as trevas da vontade livre, já que aparte da imaginação estava livre, ainda que em si fosse como um nada: surge assim na vontade primordial, no processo do desejo, uma vontade oposta. Pois o desejo é interno, e a vontade primordial ainda não tem um ser, mas impregna-se com o desejo, a fim de se tornar repleta de ser, a saber, das maravilhas e poder que as encobrem e a torna trevas, com isso nos poderes atraídos outra vontade se forma para sair das trevas para a liberdade. Esta outra vontade é a vontade do coração ou do Verbo, pois é a causa do Princípio, uma causa que a roda da angústia acende um fogo. Passando da angústia pelo fogo, com o brilho da luz, ou da Majestade, na qual a natureza da Santíssima Trindade é revelada, recebendo aqui o santo nome de DEUS. Compreenda melhor:
4. A vontade primordial, ou seja, Deus o Pai, é e permanece sendo eternamente livre da fonte de angústia, no que se refere a vontade propriamente dita. Mas seu desejo torna-se fecundado, e no processo do desejo, pela primeira vez surge a natureza e as suas formas. A natureza habita na

vontade, em Deus, e a vontade na natureza, apesar disto não há promiscuidade. Pois a vontade é efêmera como um nada, por isso não é alcançada, e não é aprisionada pela natureza. Caso ela pudesse ser capturada, haveria na Divindade senão uma só pessoa. Ela é, de fato, a causa da natureza, mas ela está e permanece na eternidade, em outro mundo, e a natureza, da mesma forma, permanece num outro mundo em si. A natureza existe em virtude da essência da qual o Princípio surge; mas a límpida Divindade na Majestade não existe na essência ou Princípio, mas na liberdade, fora ou além da natureza, e a luz brilhante que procede do Princípio faz a inapreensível e insondável Divindade manifesta. O Princípio fornece o brilho da Majestade, mas não a contém em si, mas a tira do espelho da sabedoria virgem, da liberdade de Deus. Pois se o espelho da sabedoria não existisse, nenhum fogo ou luz poderia ser gerado: tudo tem a sua origem no espelho da Divindade. Além do mais, isto pode ser compreendido da seguinte forma:

5. Deus é em si o não fundamento, ou seja, o primeiro mundo, do qual nenhuma criatura sabe coisa alguma, pois vive de corpo e espírito unicamente no fundamento. Deus, também não se manifestaria a si próprio no não fundamento, mas da eternidade sua sabedoria transformou-se em seu fundamento, o qual a vontade eterna do não fundamento da Divindade desejou, por onde a divina imaginação surgiu, a fim de que a vontade insondável da Divindade, desde a eternidade na imaginação, se fecundasse do poder da visão ou forma do espelho das maravilhas. Ora, por fecundação entende-se a origem eterna dos dois princípios, ou seja, (1) As trevas eternas, de onde surge o mundo do fogo; (2) a essência da cólera nas trevas, onde compreendemos a cólera de Deus e o abismo da natureza; assim, reconhecemos o mundo do fogo como a grande vida.
6. Compreendemos, em segundo lugar, como que a luz é gerada do fogo, e como entre o mundo do fogo e da luz a morte aparece; como a luz brilha da morte, e como o mundo de luz flamejante é em si um princípio e uma fonte diferente do mundo ígneo, sendo que um não está separado do outro, e tampouco podem apreender um ao outro. Em terceiro lugar, compreendemos como o mundo de luz preenche a liberdade eterna, ou a vontade primordial, conhecida como Pai. Em quarto lugar, compreendemos também sincera e fundamentalmente como a vida natural que deseja habitar no mundo de luz flamejante deve passar pela morte e nascer da morte – compreenda a vida que tem a sua origem das trevas, da essência da natureza de trevas, como a alma do homem, que em Adão, se afastou do mundo ígneo para a natureza de trevas. Em quinto lugar, compreendemos fundamentalmente e de forma exata porque Deus, ou seja, o coração de Deus, tornou-se homem. Porque ele teve que morrer, penetrar a morte e romper sua vida na morte, para trazê-la através do mundo do fogo para o mundo de luz flamejante; e porque devemos segui-lo. Em sexto lugar, porque muitas almas permanecem no mundo do fogo, não podendo passar através da morte para o mundo de luz flamejante; o que é a morte; o que é a alma. Agora acompanhe este raciocínio:
7. Quando consideremos o que é a vida, encontramos que ela consiste principalmente de três elementos, ou seja, desejo, disposição e pensamento. Se investigamos mais um pouco, o que ela é e o que a origina, encontramos o centro ou a roda essencial, que contém em si a própria forja ígnea. Com um pouco mais de reflexão sobre a origem do fogo essencial, descobrimos que esta origem está no desejo da vontade insondável e eterna, que pelo desejo faz para si um fundamento; pois cada desejo é adstringente ou atrativo daquilo que a vontade deseja, e ainda não há nada antes dela que se possa desejar, a não ser ela mesma.
8. Este é o grande olho que tudo vê, sem limite e fundamento, onde todas as coisas residem, e ainda é um nada, a não ser na vontade desejosa, onde se torna algo. Isto é efetivado pela imaginação, onde a vontade torna-se uma substância, embora ainda seja um nada, pois é apenas uma ofuscação da vontade livre. Esta substância ofusca a liberdade ou a vontade efêmera

e insondável, provocando o surgimento de dois mundos: o primeiro, que em si é inatingível ou inapreensível, uma existência não fundamentada e liberdade eterna; o outro, que alcança a si mesmo e se transforma em trevas. Ainda não estão separados um do outro, somente por esta diferença, que as trevas não podem se apoderar da liberdade, pois ela é muito efêmera e também habita em si mesma, do mesmo modo que as trevas.

O PORTÃO DA SINCERIDADE

9. Ora, sabemos que (1) a outra vontade do Pai, a que Ele atrai para o espelho da sabedoria, para o seu centro do coração, torna-se fecunda na imaginação do Pai com a substância, e que esta fecundação é trevas em comparação à liberdade da primeira vontade (chamada de Pai), e nestas trevas ou substância todo poder, cores e virtudes permanecem envolvidas na imaginação, assim como todas as maravilhas. (2) o poder, as maravilhas e as virtudes devem se manifestar através do fogo, ou seja, no Princípio, onde tudo entra em sua essência; pois no Princípio a essência tem a sua primeira origem. (3) No Princípio, antes que o fogo surgisse, a morte apareceu, ou seja, a grande vida angustiante, que na verdade não é morte, mas uma fonte mortífera, áspera e amarga, de onde surge a grande e forte vida, ou a vida-ígnea, e do que morreu surge a vida-luz, com o poder do amor. Esta vida-luz habita com o amor na liberdade eterna, ou seja, na vontade primordial chamada de Pai; pois o Pai a requer em sua própria vontade, Ele é a própria vida-luz, e não necessita de mais nada.
10. Observe que não existe luz sem fogo, e não há fogo sem severa dor, dor esta que se assemelha ao morrer; a substância do qual o fogo queima deve morrer e ser consumida. Do processo de consumo surge os princípios de duas grandes vidas: a primeira, na dor (Qual), é chamada Fogo; a outra, derivada da subjugação ou da morte, é chamada Luz, é imaterial e sem dor, ainda que contenha em si toda fonte ou qualidade (Qual), mas não aquela da cólera, pois a cólera permanece na morte. A vida-luz brota da morte como uma bela flor que brota da terra, e não mais é atingida pela morte. De fato, a luz habita no fogo e o fogo não pode movimentá-la; não há nada ali que possa movimentar a luz, pois ela é como a liberdade eterna, e habita a liberdade.
11. Compreende-se aqui como o Filho é uma outra pessoa que não o Pai, pois ele é o mundo-luz, ainda que habite no Pai, e o Pai o gera em sua vontade. Ele é verdadeiramente o amor do Pai, assim como a maravilha, conselho e poder, pois o Pai o gera em sua imaginação, em si mesmo, e o leva adiante através de seu próprio fogo, através do Princípio, através da morte, a fim de que o Filho faça e seja no Pai um outro mundo ou outro Princípio do que o mundo-ígneo nas trevas.
12. Compreenda como o Espírito eterno do Pai dividi-se em três mundos: Primeiro, ele é a vontade primordial que emerge da imaginação, do não fundamento chamado de Pai; através da emersão ele revela a sabedoria e habita na sabedoria, se revestindo dela como seu ornamento de grande maravilhas.
13. A demais, ele é a causa da contração para a existência das trevas, ou seja, do segundo mundo, e é a causa e espírito da origem do fogo essencial. Ele próprio é a fonte na angústia do Princípio, e também o mundo ígneo como a grande vida.
14. Em terceiro lugar, ele é aquele que, no morrer do Princípio, traz o poder a partir do fogo, onde o poder, emergindo da angústia, da morte, separa-se da morte e penetra a liberdade, habita a liberdade, produzindo o mundo-luz. Assim, ele é a chama do amor no mundo-luz. Neste lugar o precioso nome de Deus o Pai, Filho e Espírito Santo tem a sua origem. Pois no mundo do fogo ele não é chamado de Espírito Santo ou Deus, mas é conhecido como a cólera de Deus, a fúria

de Deus, diante do que Deus chama a si mesmo de fogo consumidor. Mas no mundo-luz, no Filho de Deus, ele é a chama do amor e o poder da própria vida santa e divina; aqui sim ele é chamado de Deus, o Espírito Santo. O mundo-luz é chamado de maravilha, conselho e poder da Divindade; é o Espírito Santo que o revela, pois ele é a vida. Todas as coisas juntas, onde quer que nossos corações e mentes possa alcançar, é nada senão aqueles três mundos: neles permanecem todas as coisas. Primeiro, a liberdade eterna, e nela a luz com o poder no espelho da sabedoria, e é chamado de Deus, o Pai, Filho e Espírito Santo. O segundo mundo é a natureza de trevas na imaginação, na vontade amarga e desejosa, a impregnação do desejo, onde tudo está nas trevas, na perpétua morte temível e angustiante. E o terceiro mundo é o mundo do fogo ou o primeiro Princípio, que surge na angústia e é a grande, forte e toda-poderosa vida, na qual o mundo-luz habita, mas inapreendida por parte do fogo.

CAPÍTULO IV

Sobre o princípio e a origem do mundo do fogo.
Sobre o centro da natureza e como a luz se separa do fogo,
de modo que dois mundos estão contidos um no outro,
de eternidade em eternidade

1. Não iremos escrever veladamente, mas de forma demonstrativa. Sabemos que toda vida tem a sua origem na angústia, como em um veneno, que é a morte; ainda assim constitui vida, como acontece com o homem e toda criatura. Pois, sem a angústia ou veneno, não há vida, isso é evidente em qualquer criatura, particularmente no homem, que vive nos três Princípios; são eles: o fogo, onde encontra-se a grande vida-ígneia, ao qual pertence uma poção mortal, ou seja, o fel, cuja poção produz a câmara de tortura onde a vida-ígneia tem a sua origem. Da vida-ígneia surge o segundo Princípio ou a vida-luz, de onde surge a nobre mente com os sentidos, onde carregamos nossa nobre imagem; compreendemos como a vida ígneia no coração surge da morte do fel. Vemos o terceiro Princípio numa outra câmara de tortura, ou seja, o estômago, onde armazenamos os quatro elementos com o *astrum*; essa outra câmara de tortura ou o terceiro centro constitui, como reino deste mundo, um tormento mau e fedorento, onde nasce a terceira vida, a vida astral e elementar, que através do corpo exterior governa com a razão do terceiro Princípio.
2. Compreendemos muito bem que no coração, no centro do fogo, há um outro mundo oculto, incompreensível para a casa do tormento das estrelas e elementos; pois o coração anseia por esse mundo e o espírito que nasce fora da morte do veneno do coração e se torna um ser, possui esse outro mundo, já que é livre do veneno que inflama o fogo, ainda que habite no fogo do coração; é através de sua ânsia que o espírito toma o outro mundo da liberdade na imaginação, habitando na liberdade e deixando o tormento do fogo, na medida em que haja o desejo de Deus.
3. Há como que um domínio ternário no homem. Isto é ainda mais verdadeiro fora do homem. Pois, se assim não fosse, não haveria como chegar ao homem. Onde nada existe, nada surge; mas o algo que surge é produzido do que ali há. Toda imaginação molda em si, apenas o que lhe é semelhante e se manifesta nesta semelhança. Assim, o Ser de todos os seres é uma eterna maravilha nos três Princípios, que também produzem unicamente maravilhas; cada Princípio produz segundo a sua propriedade e cada propriedade novamente, através de sua imaginação, o que demonstra que o Eterno é pura maravilha. É preciso meditar sobre tal maravilha e considerar a natureza e propriedade da *genetrix* eterna, pois não pode haver propriedade sem uma mãe que a origine.

4. Compreendemos agora a grande maravilha de todas as maravilhas, que é Deus e a eternidade com a natureza, em particular as sete mães, de onde surge o Ser de todos os seres. Cada uma delas consiste numa existência única, não há primeira ou última, as sete são igualmente eternas, sem princípio. O princípio de todas elas é a abertura das maravilhas de uma vontade eterna, chamada de Deus o Pai; as sete mães não se manifestariam se a vontade eterna, o Pai, não desejasse. Mas como ele deseja, passa a ser uma imaginação em si mesmo, uma ânsia de se encontrar. Ele se encontra na imaginação, em sete formas, onde uma não é a outra, ainda que uma não exista sem a outra; uma manifesta a outra. Se uma não existisse as outras também não existiriam; a vontade permaneceria um eterno nada, sem brilho ou esplendor.
5. Por ser desejosa, a vontade torna-se atrativa daquilo que está na imaginação; contudo, como não há nada, ela atrai a si mesma, fecundando-se na imaginação, não na vontade, pois a vontade é débil como um nada.
6. Todo desejo é adstringente, pois essa é a sua propriedade. Eis a primeira mãe e a atração da vontade no desejo, é a segunda mãe; trata-se de duas formas contrárias. A vontade ainda é como um nada, inflexível como a morte, a atração é o seu movimento. A vontade quieta na adstringência não pode sofrer atração e se contrai ainda mais violentamente, polindo sua própria vontade na atração; ela poderia encerrar e conter a atração através de sua contração adstringente, mas o único que faz é despertá-la. Quanto mais a adstringência se retrai tentando suportar a dor, maior a dor, o atrito e o rompimento; pois a dor não se deixará ser capturada, embora seja mantida por sua mãe tão rigorosamente que não pode se retirar. Ela deseja estar acima, sua mãe deseja que esteja abaixo; pois a adstringência se contrai em si mesma, torna-se pesada e afunda-se; ela produz no enxofre o fur, e no mercúrio o sul. E produz no fur a forma amarga, um inimigo na adstringência, sempre desejando ficar livre da adstringência, mas não pode. Assim, um ascende, outro descende. Quando isso não é possível eles permanecem girando como uma roda, girando continuamente em si mesma. Essa é a terceira forma, de onde surge a essência e a maravilha da pluralidade, sem número ou fundamento. Por roda, entenda a maravilha ou poder que a vontade (a vontade primordial e insondável) atrai para si do espelho do não fundamento, para o seu centro ou coração; tal é a vontade do poder e maravilha. Nessa roda de grande angústia, surge a outra vontade, a vontade do Filho, que sai da angústia ainda na liberdade da vontade primordial insondável, pois a roda faz com que a natureza exista. É desta forma que a natureza tem a sua origem; isto forma o centro e o rompimento da eternidade quieta; isto não mata nada, mas constitui a grande vida.
7. Quando falamos em matar, entenda-se assim: Não se trata de matar mas de sensibilizar; é que a vida anterior ao fogo é muda, sem sentimento; é apenas uma ânsia pela vida, assim como o mundo material, e em sua ânsia trabalha tanto, mesmo no Princípio, que captura o fogo, o que faz com que a vida exterior deste mundo surja. Não há possibilidade de ser de outra forma, a menos que a primeira matriz ou o desejo adstringente se rompa, ou seja, a rodas das três primeiras formas ou a adstringência; a atração da adstringência produz a esfera da angústia e do tormento. Trata-se de um terror em si mesmo, já que o nada deve alcançar a sensibilidade; temos aqui a fonte venenosa, quando surge a cólera e tudo o que é mau, mas é também a verdadeira origem da vida sensível. A vida encontra a si mesma, na angústia. Observe que a vida tem sua origem no sangue reprimido, em todas as criaturas; na agonia, seja a vida essencial ou da criatura, como no estrume fedorento da corrupção, onde na morte do grão surge a vida maior; na essência, nenhuma morte é conhecida, somente a angústia, já que a mãe sendo uma entidade muda, deve se separar como se percebe no grão, onde a vida essencial surge da ruptura.

8. O mesmo ocorreu com o centro da natureza. A dor da angústia é o verdadeiro centro e produz o triângulo na natureza e a carne-ínea, ou seja, a quarta forma da natureza, faz do triângulo uma cruz; pois há o Princípio, separado em dois mundos ou dois Princípios, como numa dupla fonte e vida. A vida angustiante ou o fogo é, e permanece sendo, uma fonte; a outra fonte surge no rompimento da angústia. Compreenda assim: A primeira forma da Essência, ou a adstringência, na vontade desejosa insondável, deve se doar inteiramente à fonte da angústia, na roda da natureza, pois a dor torna-se excessivamente forte. Desta maneira, a adstringência cai como uma morte, ainda que não seja morte, mas uma fonte mortal; a dor se torna mestre e transforma a adstringência em sua propriedade, num lampejo impetuoso, numa dor angustiante, amarga, como na natureza do veneno. O veneno ou a morte possui três formas: a adstringência, a natureza da angústia do fogo.

9. Compreenda-nos corretamente! O não fundamento é desprovido de vida, mas numa propriedade nasce a vida eterna. O não fundamento não tem movimento ou sentimento, mas com a propriedade, ambos são gerados; é desta forma que o nada encontra a si próprio na vontade eterna, cujo fundamento não conhecemos, nem tampouco devemos buscar, já que nos confundiria. O que sabemos é que há uma vida essencial sem compreensão, como a terra, a morte e a agonia, onde há, de fato, uma fonte em si mesma, obscura, sem compreensão; pois a angústia adstringente se contrai, e o que é atraído em seu interior, causa as trevas, de modo que a vida angustiante encontra-se nas trevas. Pois todo ser é obscuro em si, a menos que possua a tintura da luz; a tintura é a liberdade das trevas; ela não é atingida pela dor da angústia, pois pertence ao mundo de luz. Embora esteja envolvida na essência, como num corpo escuro, sua natureza é do mundo de luz, onde não existe circunscrição.

10. Já falamos anteriormente, sobre o espelho da sabedoria das maravilhas de todo ser; e também sobre a trindade do Ser de todos os seres, mostrando como esta trindade surge de uma vontade eterna única, chamada de Pai de todos os seres, e como ele atrai em si uma outra vontade, a fim de manifestar ou encontrar a si mesmo, em si mesmo, ou como poderia ser dito, a fim de sentir o que é e como é. Foi dito também, como esta outra vontade mágica, recém atraída, se sentiu em seu coração ou morada peculiar, e como a vontade primordial insondável foi fecundada na imaginação, a partir do espelho das maravilhas, que no mundo de luz é chamada de sabedoria. Expusemos então, como que a mesma vontade primordial insondável, juntamente com a fecundação e com o espelho das maravilhas ou sabedoria não é, em tal propriedade, anterior ao Princípio do fogo, corretamente chamado de ser divino, mas sim um mistério das maravilhas de todos os seres, mistério que recebe no fogo a separação em infinitas partes ou seres, embora permaneça como um único ser.

11. Falaremos agora sobre a outra vontade – aquela atraída pela vontade primordial em sua imaginação ou fecundação; é o grande mistério, através do qual a vontade primordial, chamada de Pai, busca, encontra e sente a si mesmo, como uma vida no coração; esta outra vontade é a matriz parturiente na fecundação daquilo que está impresso ou estampado na imaginação. Essa vontade é a causa das sete formas da natureza e da roda da angústia ou agonia. É essa vontade que, na angústia, passa da morte para a liberdade, despedaça a morte e fornece a vida; ela inflama o fogo e no fogo recebe o esplendor da majestade; na luz da majestade, ela habita o fogo, sem ser apreendida pelo fogo, como alguém que nada sente, que está morto para a fonte, tendo em si uma outra fonte, que não sente a primeira, para a qual está morto.

12. Para continuarmos informando ao leitor de forma breve, embora fundamental e exata, sobre a origem do fogo, reconhecemos a fundo e pela graça de Deus, que o fogo em sua origem

depende de duas causas: uma delas é o espírito-vontade do coração, a outra vontade do pai, ou a propriedade do Filho; a Segunda causa é a da vontade, ou seja, a maravilha da roda da vida essencial ou a câmara da angústia. A angústia busca a vontade da liberdade e a vontade busca a manifestação; a vontade não pode se manifestar na liberdade, sem a vida essencial, a qual, na angústia ou na agonia se apega à manifestação, ou à grande vida.

13. Assim, a vontade está na angústia obscura e a angústia é as trevas. Tendo em vista que a angústia busca a vontade da liberdade como um lampejo, como um grande terror, como se a água fosse derramada no fogo. Ocorre aqui a verdadeira morte, pois a angústia feroz e trevosa fica terrificada diante do lampejo, como as trevas diante da luz, pois as trevas passa a ser subjugada e morta; o terror é um terror de grande satisfação. Ali o veneno salgado e áspero cai na morte e se enfraquece, pois perde a dor e ainda assim não é morte. Ao contrário, a verdadeira vida de sentimento e desejo é inflamada: é como se o aço e a pedra estivessem juntos, eles que tem fome de essência e da vida. A vontade fornece a vida e a essência fornece a manifestação da vida. Como um fogo queima na vela, assim queima a vontade na substância essencial. A vontade não é a luz propriamente dita, mas o espírito da luz ou fogo; a luz surge da essência, e a essência, por sua vez, surge da vontade. O fogo essencial angustiante é a matéria do fogo brilhante e a vontade torna-se iluminada no fogo essencial, fornecendo o fogo branco e amoroso, que habita no fogo quente, sem sentir. A vontade tira seu sentimento da ferocidade do fogo essência, na quarta forma, a fim de se manifestar em si mesma e ainda assim permanecer livre da ferocidade, pois a fonte é transformada na iluminação, numa fonte branda de amor.
14. Aqui a outra vontade recebe seu nome: *Espírito*. Pois por meio do fogo essencial, ela se atém à *própria* de todas as maravilhas e também à vida reta do poder, sobre a vida-ígneia essencial, já que da natureza ela adquire poder e também tem em si a liberdade. A liberdade é uma quietude sem ser, que se doa à natureza da angústia, esta recebe a liberdade livre de dor, com a qual se torna tão prazerosa que a angústia é transformada em amor (a quinta forma da natureza); pois a vontade que se doou para a angústia, é desta forma libertada da morte e da angústia: com isso ela encontra-se na liberdade, deixando o atrito da angústia. Aqui a morte é quebrada, embora continue a ser a morte em si mesma. Mas o espírito-vontade, ou seja, a verdadeira vida santa, deixa a angústia na ocasião deste rompimento e também passa a ser um fogo, mas um fogo na liberdade, e queima na fonte do amor. Isso pode ser observado no fogo e na luz. O fogo essencial é uma dor que queima e a luz um deleite prazeroso, sem dor sensível; mesmo assim, a luz contém todas as propriedades do fogo, mas em outra essência, como uma essência beneficente graciosa, um verdadeiro aspecto do reino da alegria, e o fogo um aspecto do terror e da angústia; um habita no outro e um não é encontrado sem o outro, na fonte essencial.
15. Desta forma, dois mundos estão contidos um no outro; nada pode entrar para o mundo de luz senão através da morte; a imaginação deve Ter sobre a morte. A vontade angustiante deve buscar a liberdade do poder da luz, e se render totalmente, pela imaginação desejosa se apossar do poder da liberdade. Então, a vontade poderosa passa da morte das trevas, para o fogo essencial, rompe as trevas e cai no mundo-luz, habita o fogo livre de dor, no reino da satisfação. Esse é o portão para o Ternarius Sanctus, e a fé no Espírito Santo, caros filhos dos homens.
16. Aqui vós compreendeis a queda do demônio, aquele que voltou a vontade de seu espírito unicamente para o fogo essencial, e desejou ali governar a luz. Compreenda também a queda do homem, que voltou sua imaginação para a substância essencial material, saindo da luz; por causa disto, a vontade do amor do mundo-luz penetrou novamente a essencialidade material, na humanidade, e novamente se comprometeu e se entregou ao espírito-ígneo essencial no homem,

quer dizer, na alma, trazendo-a através da morte e do fogo para o mundo-luz, no *Ternarius Sanctus*, na vontade da Santíssima trindade.

17. Que isto seja uma descoberta e um conhecimento para vós! Ainda que isto não esteja ao alcance de todos, por causa da grande profundidade, a razão é trevas às quais o homem se liga. Ao contrário, todos encontrariam este conhecimento, se o caminho terrestre fosse rompido e a má carne Adâmica não fosse tão estimada, o que é um obstáculo.

CAPÍTULO V

Sobre o Princípio em si, o que ele é.

1. É preciso examinar um pouco mais as quatro formas da natureza, compreenderemos então o que é um princípio. Pode-se chamar de princípio quando uma existência se torna aquilo que não era, quando do nada surge uma fonte, e da fonte uma verdadeira vida com compreensão e sentidos. Reconhecemos, mais uma vez, o correto princípio na origem do fogo, na fonte-ígnea, que rompe a substancialidade e também as trevas. Reconhecemos então, a essência e propriedade do fogo como um princípio, uma vez que constitui e fornece a origem da vida e de todo movimento, assim como o forte poder da cólera feroz.
2. Reconhecemos também como um princípio, aquele que pode habitar no fogo, sem ser apreendido pelo fogo, que pode privar o fogo de seu poder e transmutar a qualidade do fogo num amor gentil; onipotente sobre tudo, que sabe como vencer a raiz do fogo e fazer do fogo trevas; uma fome e sede seca, que não encontra alívio, como o tormento do inferno: assim é o abismo, onde a essência é faminta, onde a morte exercita sua dor como um veneno mortal, onde há, de fato, uma vida essencial, mas numa inimidade consigo mesma, onde não se realiza a inflamação do fogo correto, mas que brilha unicamente como um lampejo que não queima.
3. Compreenda que no Eterno não há mais do que dois Princípios: (1) O fogo que queima, preenchido pela luz; a luz dá ao fogo a sua propriedade, a fim de que da fonte que queima surja um reino elevado de alegria; pois a angústia alcança a liberdade, e o fogo que queima permanece como a causa de se encontrar a vida e a luz da Majestade. O fogo toma para si a propriedade da luz, ou seja, a brandura, e a luz toma para si a propriedade do fogo, ou seja, a vida e a auto-descoberta. O segundo Princípio é compreendido na luz; mas a substancialidade essencial de onde queima o fogo, permanece sendo eternamente trevas e fonte de cólera, onde o demônio habita, como vemos que o fogo é algo diferente daquilo de onde o fogo queima. Assim, o Princípio permanece no fogo, e não na fonte essencial da substancialidade; a fonte essencial é o centro da natureza, a causa do princípio, mas é obscura e o fogo, brilhante: vemos aqui o que é o rompimento da cólera, ou seja, a morte e a liberdade eterna da natureza, ambos são a causa do brilho; Pois o espírito-maravilhoso do não fundamento é portanto desejoso, a fim de poder brilhar; esse espírito se traz a uma qualificação, para poder encontrar e sentir a si mesmo, para que possa manifestar suas maravilhas na qualificação, pois sem qualificação não pode haver manifestação.
4. Compreenda mais: A qualificação como ferocidade não possui verdadeira substancialidade, mas a ferocidade salgada é a substancialidade da dor, a qual penetra; a angústia e o fogo também não formam ou produzem qualquer substancialidade verdadeira, há somente um espírito correspondente; no entanto, um deve ser mais denso que o outro, senão nada é encontrado, isto quer dizer, a adstringência faz com que seja denso e obscuro. Assim, a dor amarga encontra a angústia na propriedade obscura salgada, como na matéria; pois não havia matéria, nem poderia

haver espírito ou descoberta. O não fundamento encontra-se nas trevas salgadas, mas tem a capacidade de dispersar as trevas, deixando-a como um espírito que se encontrou na fonte da angústia; ele abandona esta matéria salgada das trevas onde se encontra, e penetra a si mesmo, novamente na liberdade, no fundamento, e habita em si mesmo. Desta forma, a qualificação deve ser sua descoberta e nitidez e, portanto, a inflamação de sua liberdade, da luz na qual o espírito se vê e descobre o que é.

5. Com isso, não há mais a necessidade de qualificação, pois o espírito é agora um princípio qualificante; ele se modela e se vê segundo todas as formas, e toda forma é desejosa de se encontrar e manifestar; toda forma, por sua vez, se encontra em si mesma, mas com o desejo sai de si mesma e se manifesta como uma figura ou espírito; é a eterna sabedoria em caráter, maravilhas e virtudes, ainda que não exista em particularidade, mas como universalidade, embora em forma infinita. Essas formas se expressaram em espíritos, ou anjos, através do movimento da vontade primordial, chamada de Pai, a fim de que a natureza oculta possa ver, sentir e se encontrar nas criaturas, e para que possa haver uma eterna atuação nas maravilhas da sabedoria de Deus.
6. Compreendamos a substancialidade do mundo-luz, que é realmente uma verdadeira substancialidade, pois nenhuma substância real pode subsistir no fogo, somente o espírito da substância. Contudo, o fogo é a causa da substância, pois é uma fome, um desejo sincero; ele deve ter substância ou se retira. Compreenda isso da seguinte forma: A brandura dá e o fogo tira. A brandura é emanante de si mesma, originando uma substância semelhante, cada forma que sai de si mesma, o fogo engole, mas produz a luz. O fogo produz algo mais nobre do que aquilo que engoliu, ele dá o espírito à substância; pois ele engole a beneficência branda, ou seja, a água da vida eterna, mas ao mesmo tempo fornece o espírito da vida eterna: verifique que o vento surge do fogo, do mesmo modo, o ar ou o verdadeiro espírito surge do fogo-vida.
7. Deus, o Pai, é em si a liberdade na natureza, mas se torna manifestado pelo fogo na natureza. A natureza do fogo é a sua propriedade, embora ele seja em si o não fundamento, onde não há nenhum sentimento de dor. Mas ele traz a sua vontade desejosa para a dor (Qualidade), e atrai para si, na dor, outra vontade, a de sair da dor e mergulhar novamente na liberdade além da dor. Essa outra vontade é seu Filho, que Ele gera de sua vontade única e eterna desde a eternidade. Ele a conduz através do fogo, através do rompimento da fonte da morte, fora de seu feroz fervor. É esta vontade, ou seja, o Filho de Deus, o Pai, que vence a morte cuja fonte é obscura e que ilumina o fogo e que procede do fogo como um brilho lampejo do fogo, preenchendo a primeira vontade, chamada de Pai; pois o lampejo também é frágil como um nada ou como a vontade chamada de Pai. Portanto ela pode habitar na liberdade, ou seja, na vontade do Pai, e tornar o pai brilhante, claro, gracioso e amigável, pois é o coração do Pai ou misericórdia; é a substancialidade do Pai, ele preenche o Pai em sua plenitude, ainda que nele não haja lugar, nem começo, nem fim.
8. O fogo do Pai engole a branda substancialidade, ou seja, a fonte-água da vida eterna, junto ao fogo de sua própria essência, e através deste ato ele modera e abranda a si mesmo. Aqui a substancialidade deve morrer no fogo, pois o fogo a engole e a consome, e produz da concepção um espírito alegre e vivificante. Esta é o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho nas grandes maravilhas da santa Essência, revelando-as sempre e eternamente.
9. A Divindade é portanto um laço eterno que não pode se dissolver. Ela se manifesta de eternidade em eternidade, onde o primeiro é também sempre o último, e o último novamente o primeiro. Compreenda, então, o Pai como o mundo do fogo, o Filho como o mundo da luz e do

poder, e o Espírito Santo como a vida da Divindade, ou seja, o poder emanante e guiador; todos são senão um Deus, assim como o fogo, a luz e o ar são senão uma única existência, ainda que divididos em três partes, e nenhum pode subsistir sem o outro. Pois o fogo não é luz, nem o vento que surge do fogo; cada um tem o seu trabalho, e cada um é uma natureza específica em si mesmo, ainda que cada um é a vida do outro e uma causa da vida do outro. Pois o vento sopra o fogo, ao contrário seria extinto em sua cólera, a fim de que caísse na morte escura; de fato, a extinção é a morte real, já que o fogo da natureza é extinto e não mais atrai a substância para si.

10. Há um bom exemplo de tudo isso na vida exterior, em todas as criaturas, mostrando como cada vida, ou o fogo-vida essencial, atrai a substância, que é seu alimento, em si mesma; além do mais, o fogo de sua vida consome a substância e produz do que é consumido o espírito do poder, que é a vida das criaturas. Vemos aqui, como a vida toma sua origem da morte. Nenhuma vida vem à existência a não ser que rompa aquilo de onde a vida deve surgir. Tudo deve penetrar a câmara de tortura, no centro, e se ater na angústia do lampejo-fogo, ao contrário não há iluminação. Contudo, o fogo é múltiplo, assim como a vida; mas da maior das angústias surge a maior das vidas, como se fosse do verdadeiro fogo.
11. Assim, queridos filhos de Deus em Cristo, oferecemos a vós o nosso conhecimento e o nosso propósito, para reflexão. No início, dissemos que mostraríamos a morte de Cristo, porque o Cristo foi obrigado a morrer, e porque nós também devemos morrer e ressurgir em Cristo. Com esta descrição tudo fica claro, verás quão grande é a nossa miséria, para que fosse preciso que o Verbo, ou a vida do santo mundo-Luz, se fizesse homem e nos gerasse novamente Nele. Aquele que aqui nada compreende não é nascido de Deus. Pense bem em que morada Adão nos introduziu. Ele era um extrato dos três Princípios, uma completa semelhança, de acordo com todos os três mundos; em sua alma e espírito havia a qualidade angélica. Ele havia sido introduzido no santo poder e essencialidade, bebendo da água da vida eterna, de uma forma angélica. Mas ele perdeu a essencialidade divina e a qualidade angélica, e imaginou no nascimento externo, no reino da qualidade terrestre, a qual o demônio havia aceso em sua queda. Adão voltou seus olhos para longe de Deus, para o *spiritus mundi* ou deus terrestre, longe da luz divina para a luz deste mundo; ele se fez cativo e permaneceu na qualidade terrestre. Caiu na frágil qualidade terrestre, que passou a preenche-lo e a governa-lo. Ela colocou nele um corpo, que é novamente rompido e consumido em sua própria essência, em seu fogo essencial.
12. Mas como a alma foi soprada dentro do homem, a partir do Espírito de Deus, ou seja, do Eterno, de modo que a alma é um anjo, Deus demonstrou interesse por ela novamente; e o poder do santo mundo-luz, ou seja, do coração de Deus, penetrou a essência humana, aprisionada na morte, penetrou a câmara de tortura de nossa miséria; o coração de Deus atraiu uma alma para si, de nossa essência; tomou pára si nossa vida mortal, trouxe a alma, através da morte, através do severo fogo de Deus o Pai, para o mundo-luz, vencendo a morte que nos mantínhamos cativos e revelou a verdadeira vida.
13. Ora, isso não pode ser de outra forma. Aquele que quer possuir o mundo-luz deve entrar pelo mesmo caminho de Cristo. Deve penetrar a morte de Cristo, e na ressurreição de Cristo ele entra no mundo-luz. Sabemos que o Verbo eterno do Pai, que é o Seu coração, é gerado de eternidade em eternidade, da cólera da morte das trevas, através do fogo do Pai, sendo em si o verdadeiro centro da Santíssima Trindade, e de si, com o Espírito Santo processional, é a Majestade de luz flamejante ou mundo-luz: da mesma forma e com a mesma capacidade, devemos com nosso coração, mente e alma sair da terrenidade má, áspera e adstringente, fora de nós mesmos, fora do corrupto homem Adâmico, rompê-lo e aniquilá-lo através de nossa sincera vontade e

ação. Devemos tomar a cruz do velho Adão, que se adere à nós enquanto vivermos, e que deve sobre a cruz e na cruz penetrar o *centrum naturae*, o Triângulo, e renascer fora da roda da angústia, para que nos tornemos anjos e vivamos eternamente em Deus.

14. Como não éramos capazes de fazer isso, o Cristo doou-se a este centro da cólera, venceu a cólera feroz, extinguindo-a com seu amor. Pois ele trouxe a substancialidade divina e celestial para a cólera, para o centro da câmara de tortura, extinguindo da alma o fogo-angústia, ou seja, a cólera feroz do Pai do mundo ígneo na alma, de modo que nós, não mais caímos na cólera ígnea; mas se nos entregamos à morte de Cristo, e saímos do mal Adão, então caímos na morte de Cristo, no caminho que ele fez para nós, caímos no seio de Abraão, ou seja, nos braços de Cristo; ele nos recebe. Pois o seio de Abraão é o mundo-luz aberto na morte de Cristo; é o Paraíso em que Deus nos criou. A questão agora reside nisto: que não sejamos cristãos da boca para fora, conceber para nós a morte de Cristo, permanecendo hipócritas no coração, alma e espírito; abandonemos as más inclinações de mente e coração, vontade e ação, de forma séria e sincera, e lutemos contra elas. Ainda que elas se aderem a nós, é preciso mortificar esta má vontade e ação Adâmica, a cada hora, diariamente. Devemos fazer aquilo que não temos vontade, negar nossa vida maligna e terrestre, e atrair a vida de Cristo para o nosso interior; então o reino dos céus sofre uma violência, e aqueles que o forçam, acabam atraindo-o para si próprios, como o Cristo diz.
15. Desta forma, nos tornamos fecundados pelo reino dos céus e penetramos, ainda vivos, na morte de Cristo; recebemos o corpo de Cristo ou a essencialidade divina; carregamos o reino dos céus conosco. Somos as crianças de Cristo, membros e herdeiros no reino de Deus, a imagem do santo mundo divino, que é Deus o Pai, Filho, Espírito Santo, e a substancialidade desta mesma santa Trindade. Tudo o que nasce e é revelado da sabedoria é o nosso Paraíso; e nada morre em nós senão o Adão morto, o maligno e terrestre, cuja vontade aqui vencemos, para quem nos tornamos o inimigo. O inimigo se retira de nós, penetra o fogo, no fogo essencial, nos quatro elementos e no mistério, e deve no final deste tempo ser provado pelo fogo de Deus, e deve nos apresentar, outra vez, nossas maravilhas e obras. O que quer que o mistério terrestre tenha engolido, isto deve ser fornecido no fogo de Deus e não um mal correspondente. Ao contrário, o fogo de Deus absorve o mal, devolvendo uma tal coisa que encontramos em nossa busca ansiosa. Assim como o fogo absorve a substância, mas oferece o espírito para a substância, nossas obras realizadas no espírito e alegria celeste, fora do fogo de Deus, nos serão apresentadas como um claro espelho, como a maravilha da sabedoria de Deus.
16. Que isto seja revelado a vós, caras crianças, pois trata-se de um conhecimento elevado; não sofram por serem tocados ou cortejados pela morte de Cristo e de concebê-la como uma obra que nos basta se soubermos e acreditarmos que ela tenha sido realizada para nós. De que me vale saber que há um tesouro escondido, se eu não cavar para buscá-lo? Não basta se confortar, ser hipócrita, pronunciar belas palavras com a língua, e manter o impostor na alma. O Cristo diz: “A menos que nasceres de novo, não verás o Reino dos Céus”. É preciso voltar e tornar-se como uma criança no ventre e nascer da essência Divina. Devemos revestir nossa alma com um novo ornamento, ou seja, o revestimento de Cristo, a humanidade de Cristo; fora disso, nenhum brilho aparente é válido. Tudo não passa de mentiras contada por oradores, que retratam o Cristo como se ele tivesse feito tudo isso para nós, a fim de que nós apenas nos confortássemos, e ao mesmo tempo vivêssemos no velho Adão, na avareza, no orgulho e falsidade, no brilho da fraqueza. É a fraude anti-cristã do falso clero, do qual nos alerta o Apocalipse. Se nada adianta que sejamos hipócritas para conosco, que nos deliciemos com o sofrimento e morte de Cristo; devemos penetrá-los, nos tornarmos a sua imagem, então o sofrimento e a morte de Cristo nos serão válidos. Devemos tomar a sua cruz, segui-lo, superar e aniquilar os desejos malignos, e

sempre exercitar a boa vontade: então, veremos seguramente o que consistem os passos de Cristo, quando devemos lutar contra o mal, o velho Adão e o mundo fraco, contra a razão terrestre que só deseja o prazer temporal. A cruz de Cristo estará, verdadeiramente, colocada sobre nós, pois o que temos aqui é o demônio, o mundo e nosso próprio Adão maligno: todos eles são nossos inimigos, aqui o novo homem deve se erguer como campeão e lutar nos passos de Cristo. Ó, inúmeros inimigos irão despertar aqui, todos cairão diante dele! O principal é lutar como um campeão pela cavalheiresca coroa de espinhos de Cristo, e mesmo assim ser considerado como alguém que não é digno da terra. Aqui a guerra e a fé devem ser o lema. Onde a razão externa isso contradiz, os sofrimentos e a morte de Cristo devem ser colocados diante do demônio, do mundo, da morte e da razão terrestre, e não se desesperar; pois aqui uma coroa angélica está a prêmio, podendo ser um anjo ou um demônio. Na tribulação devemos renascer; custa muito combater a cólera de Deus e vencer o demônio. Se não tivéssemos o Cristo conosco e em nós, perderíamos a luta. Nada vale um punhado de conhecimento, para nos deliciarmos com a Graça de Deus e fazer de Deus um manto para os nossos pecados, para ocultar e sutilmente acobertar o impostor e o monstro do demônio sob o sofrimento de Cristo. Ó, não! O impostor deve ser destruído nos sofrimentos e morte de Cristo; não deve ser um impostor, aquele que deseja ser uma criança; é preciso se tornar um filho obediente, trabalhar nos sofrimentos de Cristo, trilhar os passos da verdade, da retidão e do amor; é preciso fazer, e não apenas saber. O demônio sabe de tudo isso muito bem, e de que adianta? É preciso praticar, o resto é falsidade e enganação.

17. A Razão hipócrita diz: O Cristo fez, nós não podemos. Sim, de fato Ele fez o que não poderíamos fazer; ele venceu a morte e restaurou a vida. De que serve isso se eu não penetrar Nele? Ele está no céu, eu neste mundo; pelo caminho que Ele nos traçou, devo penetrá-Lo, de outra forma permaneço de fora. Pois o Cristo diz: “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tome meu jugo para ti, e aprende de mim, pois eu sou humilde e modesto de coração, e vós encontrareis repouso em vossas almas”. É no seu caminho que devemos penetrá-Lo; devemos fazer o bem no lugar do mal e amar uns aos outros, como ele nos amou, dando sua vida por nós.
18. Se assim procedermos, extinguimos a cólera de Deus também em nosso semelhante. Devemos dar um bom exemplo, não de forma falsa e artificial, mas na simplicidade, com boa vontade e amor. Não como uma prostituta hipócrita que diz: “Sou uma virgem”, com falsa modéstia, mas que no fundo não presta. Total e inteira seriedade se faz necessária. É melhor não ter nenhum bem, nem dinheiro, e até mesmo perder a honra e poder temporais, do que perder o reino de Deus. Aquele que encontra Deus, encontra tudo, e aquele que O perde, perde tudo; perde a si mesmo. Ó, como é difícil romper a vontade terrestre! Faça a sua escolha, logo não irás mais questionar sobre os passos de Cristo, pois os vereis muito bem. Tu irás certamente sentir a cruz de Cristo, assim como a cólera de Deus, que em geral, repousa e adormece no velho Adão, até que tu a fertilize abundantemente, então ela dará a ti o seu reino do céu, semeado por ti aqui, no qual tu deves te deliciar eternamente.

CAPÍTULO VI

Sobre a nossa morte. Por que devemos morrer, já que o
Cristo morreu por nós

Citatio Prima

1. Chegue mais perto, cara, pomposa e ilusória Razão, cheguem mais perto todos vós, conhecedores e ignorantes, todos vós que desejam ver à Deus. Há um selo solene e um cadeado a serem abertos. Meditem sobre isso, pois tem haver com todos vós.
2. A Razão diz: Não era Deus poderoso o bastante para perdoar Adão de seu pecado? Havia a necessidade, de se tornar homem, sofrer e permitir-se ser entregue à morte? Qual o prazer de Deus na morte? Ou, ainda, já que Ele desejava nos salvar, por que nós também devemos morrer, se o Cristo nos redimiu? Sim, lamente, cara Razão, apoie-se na suposição até que consigas te aproximar; aqui és doutora e conheces nada, és erudita e tola. Não será possível compreender, a menos que venhas à esta escola, a escola do Espírito Santo. Quem é que pode abri-lo? Não é este o livro fechado daquele que se senta sobre o trono na Revelação de Jesus Cristo? Então diz o hipócrita: Nós o conhecemos muito bem. Diante de tal afirmação digo, que nunca ouvi nada sobre o Espírito Santo de seus lábios, nem tampouco li em seus escritos; eles me proibiram de questionar, interditaram-no, e declararam pecado para aqueles que questionarem ou desejarem conhecer o livro fechado; assim, a justa mulher permaneceu subtilmente velada. Ó, o Anticristo tem atuado sob tal cobertura! Mas ele será revelado, contra a vontade do demônio e do inferno; pois é chegado o tempo, o tempo da restauração manifesta-se, de modo que aquilo que Adão perdeu será encontrado.
3. As Escrituras dizem: “Somos poeira e cinzas” (Gen. 18,27). Está correto, somos poeira e cinzas. Mas devemos questionar se Deus fez o homem a partir da terra. A Razão insiste em manter que sim, autenticando tal afirmação com Moisés, a quem a Razão não compreendeu. A investigação também não oferece uma posição, dizendo que o homem é um *limos*, ou seja, um extrato dos três Princípios. Se ele estava destinado a ser uma semelhança, de acordo com a natureza de Deus, deve ter vindo da natureza de Deus; pois tudo aquilo que não vem do Eterno é desordem. Tudo o que tem um começo pertence àquilo de onde surgiu. Mas se viemos, simplesmente, da terra, somos da terra: o que nos deve então acusar de só realizar obras e vontade de propriedade terrestre? Mas se houver uma lei em nós, que nos acusa de viver unicamente no caminho terrestre, ela não é terrestre, mas pertence àquilo que nos dirige e nos atrai, o Eterno; nossa própria consciência nos acusa diante do Eterno de fazer aquilo que é contrário ao Eterno; Mas se nos submetemos àquilo que nos atrai ao Eterno, então aquilo que nos atrai ao que é terrestre deve ser vencido e deve penetrar a vontade terrestre; mas a vontade que oferecemos ao Eterno, é por ele recebida.
4. Se Deus criou o homem num ser, para estar ali eternamente como carne e sangue, então a vontade que se oferece ao Eterno deve estar encoberta pela carne e pelo sangue, assim como era quando Deus o criou para o Paraíso, para o Eterno. Com isso reconhecemos claramente que Deus não nos criou na carne e no sangue, como os que carregamos agora, mas numa carne que reveste a vontade no novo nascimento; de outra forma ela seria terrestre e perecível, mesmo antes da queda. Por que então, a minha consciência me culpa por aquilo em que Deus me criou? Ou, por que ela deveria desejar algo mais do que aquilo que era em sua própria natureza? Isso nos revela plenamente que há em nossa carne uma outra natureza, que busca o que agora não é mais. Mas se nossa carne aspira por algo que não é mais, então ela deve ter pertencido à sua própria natureza, no princípio; ao contrário não haveria aspiração ou desejo algum. Sabemos que toda entidade busca aquilo que lhe deu origem.
5. Desta forma, nossa vontade busca aquela carne criada por Deus, capaz de subsistir em Deus, e não uma carne perecível terrestre, na dor, mas uma carne durável, livre de dor: com isso, compreendemos claramente que trocamos o que é Eterno pelo o que é perecível; que atraímos a matéria para o limos nos tornando terrestres; contudo, Deus nos extraiu dali como uma massa,

introduzindo ali seu Espírito com o Eterno. Pois a imaginação de Adão atraiu a fonte terrestre das estrelas e dos quatro elementos para o limos, e as estrelas e os elementos absorveram a ânsia da terra. A matéria celeste, da carne celeste, tornou-se terrestre; pois o Espírito de Deus, que pelo *verbum fiat* foi soprado no limos, do coração de Deus, continha a essencialidade celeste ou a carne e o sangue celeste em si: esse Espírito deveria governar Adão, de acordo com a propriedade divina celeste. Mas como o demônio havia infectado o limos, quando encontrava-se no céu, também fez de Adão esta infâmia, infectando-o com sua imaginação, a fim de que ele comesse a imaginar segundo a ânsia corrupta da fonte terrestre, por onde acabou sendo capturado pelo reino deste mundo pervertido, que entrou no limos como um mestre. A imagem de Deus foi prejudicada e caiu na fonte terrestre.

6. Estando o espírito celeste no enxofre terrestre e corrupto, o brilho celeste e o fogo divino não poderiam subsistir na queimação, pois a luz do fogo eterno tem a sua subsistência na liberdade, fora da fonte. A água da liberdade, que era o alimento do fogo eterno, havia se tornado terrestre, ou seja, preenchida pela terrenidade, e o brando amor fora infectado pela ânsia do mal terrestre: assim, o fogo eterno não podia queimar, nem dar à luz, mas surgiu na carne corrupta como um fogo abafado que não pode queimar por falta de água. Esse fogo agora nos consome e sempre nos acusa; ele queria queimar novamente e estar apto à essência celeste. Ele tem que devorar em si mesmo a qualidade terrestre, ou seja, a imaginação terrestre, com a qual a ânsia do demônio se mistura: conseqüentemente, ele também se torna mal, e nos atrai continuamente em direção ao abismo, ao centro da natureza, para a câmara de tortura, onde ele surgiu no princípio.
7. Ó, homem, veja então o que tu és; veja o que fizestes de ti mesmo e o que serás para a eternidade. Verás a necessidade de mudar e morrer, pois o reino deste mundo passa. Tu não és, em teu ser exterior, mestre deste reino, para continuar em sua atmosfera (perpetuamente), mas ali tu não tens poder e só existe numa constelação contida no *astrum*, quando começastes a crescer no ventre, carne e sangue da natureza terrestre. Tu és pela vida externa tão fraco que não pode se defender de tua constelação; deves entrar na dissolução de teu corpo quando a constelação te abandona. Vês então o que és, um pó da terra, uma terra mal cheirosa, uma carcassa morta onde tu ainda vives. Tu vives nas estrelas e nos elementos; eles te regem e te conduzem, de acordo com suas propriedades, eles te fornecem ações e regras práticas. Mas quando suas *saeculum* e constelação, sob as quais fostes concebido e nasceste neste mundo, é completada, te deixam cair. Então teu corpo é entregue aos quatro elementos, e teu espírito, que te guiou, no Mistério do qual o *astrum* foi produzido, e é mantido para o julgamento de Deus, quando Deus irá provar a todos pelo fogo de seu poder. Assim, deves apodrecer e te tornar terrestre, um nada, exceto o espírito, que procedeu do Eterno e que Deus introduziu no limos. Observe então o que és, um punhado de terra, casa de tormento das estrelas e elementos. Se neste mundo, neste tempo, tu não te iluminas novamente na luz de Deus, tua alma e espírito eterno, dados a ti pelo Deus altíssimo, a fim de renascer na luz da Essência divina, então a alma cai novamente no Mistério do *centrum naturae*, como na primeira mãe, entrando para a câmara de tortura das quatro primeiras formas da natureza. Ali deve ser um espírito na trevosa fonte de angústia, juntamente com todos os demônios, consumindo tudo o que fora introduzido em si, neste tempo; este será seu alimento e vida.
8. Tendo em vista que Deus não desejou nada disso ao homem, Sua imagem e semelhança, Ele próprio tornou-se aquilo que o pobre homem se transformara, depois de ter caído da essencialidade divina, do Paraíso, a fim de ajudar o homem a retornar e ter em si o portão da regeneração, para que ele pudesse, no fogo da alma, renascer em Deus, e que este mesmo fogo pudesse novamente atrair em si a essencialidade divina e ser preenchido com a fonte-amor divina, por onde o reino divino da alegria poderia ser novamente gerado e o fogo da alma

pudesse manifestar novamente o Espírito Santo; o Espírito procederia do fogo da alma e arrancar a vontade ímpia da carne Adâmica, a fim de que a pobre alma não fosse outra vez, invadida pela ânsia demoníaca e terrestre.

O portão do novo homem

9. Compreenda o seguinte: Deus se fez homem e introduziu nossa alma humana na essencialidade divina novamente em Cristo; ele prova novamente da essencialidade divina, ou seja, do amor e brandura, e bebe do espírito-água da vida eterna, essa que da sabedoria eterna, que é a fonte da essencialidade divina. A própria alma de Cristo recebeu em si a carne e sangue celestial e divino, pelo Verbo que é o centro do mundo-luz, Verbo que buscou a pobre alma aprisionada. O Verbo habitava na essencialidade divina e na virgem da sabedoria, mas veio em Maria, tomou nossa própria carne e sangue na essencialidade divina, atravessando o poder que nos mantinha cativo na cólera da morte e da ferocidade, na cruz, ou seja, no centro da natureza da origem, na vontade eterna do Pai para a natureza, de onde nossa alma foi tirada, e novamente iluminada nessa essência, no fogo escuro da alma, o fogo-luz que queima; Cristo trouxe a vontade externa da alma através do fogo de Deus, ou seja, da origem para a luz clara e branca incandescente. Quando a natureza sentiu isso na alma, ela se alegrou, venceu a morte e floresceu pelo poder de Deus no mundo-luz, e fez do fogo um desejo-amor, a fim de que na eternidade nenhum fogo seja mais conhecido, mas uma grande e poderosa vontade no amor para com seus ramos e galhos, ou seja, para com nossa alma.
10. Isso é o que afirmamos: Deus anseia pela alma. Ele se tornou nosso tronco, nós somos seus ramos e galhos. Como um tronco sempre transmite sua seiva aos galhos, a fim de que vivam e gerem frutos, para a glória de toda a árvore, o mesmo faz à nós o nosso tronco. A árvore Jesus Cristo no mundo-luz, que se revelou em nossa alma, terá nossas almas como galhos. Ele veio no lugar de Adão, quem nos fez decair e perecer; ele se tornou Adão no novo nascimento. Adão trouxe nossa alma para este mundo, para a morte da cólera feroz; Cristo trouxe nossa alma para fora da morte, através do fogo de Deus, e a reacendeu no fogo, a fim de que obtivesse novamente a luz brilhante, pois de outra forma, teria que permanecer na morte obscura, na fonte de angústia.
11. Ora, só depende de nossa própria aceitação, de seguir o mesmo caminho feito pelo Cristo. Só precisamos introduzir Nele a nossa imaginação e toda a nossa vontade, chamada de fé, e resistir à velha vontade terrestre: então recebemos do novo nascimento o espírito de Cristo; ele atrairá a essencialidade celeste para nossas almas, ou seja, a carne e o sangue celestial de Cristo. Quando a alma prova desta essencialidade celeste, ela vence a morte escura em si e acende ali o fogo da eternidade, de onde queima a luz da brandura; a alma atrai a brandura novamente em seu fogo, absorvendo-o em si; da morte gera a vida e o espírito de Cristo. Assim, esse espírito, que procede do fogo eterno, habita no mundo-luz com Deus, e é a verdadeira imagem da Santíssima Trindade. Ele não habita neste mundo, o corpo não o compreende, mas a mente nobre, na qual a alma é um fogo, compreende-o, embora não de forma possessiva. Certamente, a nobre imagem habita no fogo da alma da mente, mas ela apenas paira sobre ela, como a luz no fogo. Pois, enquanto o homem terrestre viver, a alma sempre corre perigo, já que o demônio é seu inimigo, e está sempre emitindo seus raios com falso desejo no espírito astral e elemental, e com isso alcança o fogo da alma; seu objetivo é infectá-la continuamente com a ânsia demoníaca terrestre. Aqui a nobre imagem é compelida a se defender contra o fogo da alma; trava-se uma luta pela coroa angélica; quando o demônio ataca a alma, normalmente surge no velho Adão, o medo, a dúvida e a descrença. Ó, cruz de Cristo, és tão pesada algumas vezes! Ó, como o céu se

oculta! Mas é assim que o nobre grão é semeado; e quando ele brota, manifesta muitos belos frutos na paciência.

12. Desta forma, cada ramo na alma cresce da divina sabedoria. Todos devem surgir para fora da câmara de tortura, e crescer como um galho, da raiz da árvore: tudo é gerado na angústia. Se um homem deseja obter o conhecimento divino, deve entrar repetidamente na câmara de tortura, penetrar o centro. Pois toda centelha do conhecimento divino, que procede da sabedoria de Deus, deve nascer do centro da natureza, do contrário não é duradoura e nem eterna. Ela deve repousar sobre o fundamento eterno, sobre a raiz eterna. Desta forma ela será um ramo no reino de Deus, brotando da árvore de Cristo.
13. Assim, compreendemos o ato de morrer, a necessidade da morte de Cristo e de nossa própria morte, a fim de possuímos a sua glória. O velho Adão não possui condições de receber tal glória; ele deve voltar para aquilo de onde saiu, deve ser provado pelo fogo de Deus e restaurar as maravilhas por ele absorvidas. Elas devem retornar ao homem, transparecer em sua vontade, na medida em que são manifestadas aqui, na vontade de Deus; mas se penderem à desonra de Deus, é por que pertencem ao demônio, no abismo.
14. Portanto, que cada um fique atento ao que faz e ao que provoca neste mundo, com que inclinação e consciência interna fala, age e vive: tudo deve ser testado pelo fogo. Tudo o que for suscetível deste fogo, será engolido e entregue ao abismo, à angústia. O homem precisa se livrar de tudo o que perece no fogo, a fim de entrar no outro mundo livre de tudo isso, mundo do qual deveria ter extraído sua satisfação, se fosse um operário do vinhedo de Deus; como está, será considerado um servo de ídolos. Portanto, o poder, a grandeza e a clareza nas maravilhas da sabedoria divina, também serão desiguais no outro mundo. Muitos são aqui como reis, no outro lado porém, poderão ser nomeados porqueros na clareza e sabedoria: isso porque suas maravilhas serão entregues ao abismo por serem más.
15. Sim caros homens, observem, mostro-lhes uma similitude do mundo angélico: Olhe a terra florescente ou as estrelas, veja como uma erva ou estrela excede a outra em vigor, beleza e graciosidade de sua forma: assim é o mundo angélico; pois estaremos corporificados numa carne e sangue espirituais e não da forma que temos aqui. O corpo espiritual pode passar pelas pedras terrestres, de tão sutil que é; de outra forma, não seria suscetível da Divindade; pois Deus fora ou além da fonte palpável, na liberdade, e seu próprio ser é a luz e poder da Majestade. Nós também devemos obter um corpo-poder, mas verdadeiramente na carne e sangue, onde, contudo, há um brilho da tintura. O Espírito é tão sutil que é inapreensível pelo corpo, mas é apreensível na liberdade, do contrário seria um nada. O corpo é muito mais denso do que o espírito; este pode apreender e consumir o corpo, a fim de preservar a vida-espírito no fogo; o espírito produz, do espírito da luz da Majestade, a brandura na carne e sangue, é por isso que há um ser eterno.
16. Encontrar e conhecer a si próprio, é ver e saber o que é Deus, o que é capaz de fazer, e o que é o Ser de todas as coisas. Descobrimos que temos sido guiados de forma errônea e cega, sobre o que nos é dito com relação à vontade de Deus; a Divindade é representada sempre como uma natureza estranha, remota, como se Deus fosse uma existência estranha que apenas possuísse uma vontade inclinada à nós; como aquele que perdoa pecados em troca de favor, como um rei garante a vida a alguém que a tenha perdido. Mas não, ouças, esta não é uma questão para se bancar o hipócrita e continuar sendo um impostor; é necessário nascer de Deus ou se perder eternamente de Deus. A fé e a vontade correta realizará a obra; esta deve penetrar sinceramente em Deus e se tornar um Espírito com Deus; é preciso adquirir a essência celeste, nenhum outro

canto, som ou espetáculo resplandecente irá adiantar. Deus não necessita de serviço; devemos servir e amar uns aos outros, e dar graças ao grande Deus, ou seja, nos elevarmos em uma única mente à Deus, proclamarmos suas maravilhas, invocar seu nome e adorá-lo. Esta é a satisfação no *Ternarius Sanctus*, onde maravilhas, poder e crescimento são compreendidos a partir do louvor, pela sabedoria eterna. O reino do demônio é assim destruído, e o reino de Deus vem até nós, e sua vontade é feita. Fora disso, tudo não passa de obras e conceitos humanos aos olhos de Deus, algo inútil, uma hipocrisia, não traz reconciliação e só afasta o homem de Deus.

17. O reino de Deus deve surgir em nosso interior e Sua vontade deve ser feita em nós, é assim que O serviremos corretamente. Se O amamos de todo coração, com toda a nossa alma, toda força e ao próximo como a nós mesmos, esta é toda a adoração que Ele aceita. Por que nos fazemos de hipócritas? Se somos corretos, somos deuses no grande Deus; então, o que fazemos, Deus faz em nós e através de nós. Se seu Espírito está em nós, por que nos preocupamos tanto com a adoração divina? Se ele fizer algo, devemos ser servos e condescendente; ele deve ser o mestre de obra, se uma obra pretende agradá-Lo. Tudo o que está fora disso, é construído de forma terrestre, no espírito deste mundo; construímos o mesmo nos céus exteriores, nas estrelas e nos elementos, que têm sua realização e maravilhas em nós, e servimos o demônio negro através de obras fora do Espírito de Deus.
18. Que isto seja declarado, pois trata-se de um conhecimento elevado: Nenhuma obra agrada à Deus, a menos que surja da fé em Deus. Sejam hipócritas o quanto quiserem, vós que trabalhais unicamente neste mundo, semeais num campo terrestre. Mas se quiseres colher o fruto celeste, deves plantar a semente celestial. Se ela recusar a lançar suas raízes no campo de outro, tua semente volta a ti e cresce em teu campo, e tu mesmo irás desfrutar do fruto.

CAPÍTULO VII

Sobre a visão espiritual; como o homem pode, neste mundo, obter o conhecimento divino e celeste, a fim de falar a respeito de Deus corretamente; como é a sua visão

A Segunda citação ou mensagens da Razão exterior deste mundo na carne e sangue

1. A Razão EXTERNA diz: Como o homem deste mundo pode ver à Deus, num outro mundo, e afirmar o que Ele é? Isso é impossível; trata-se de uma fantasia, com a qual o homem se conforta e se ilude.
2. Resposta: Sim, até onde a Razão pode alcançar, além disso, nada pode explorar, e deve repousar. Se eu ainda estivesse envolvido nesta ciência, falaria do mesmo modo. Pois aquele que nada vê, afirma: não há nada lá. Aquilo que vê, é o que sabe; ele é ciente apenas do que está diante de seus olhos. Mas eu perguntaria ao zombador e ao homem terrestre: o céu é cego, assim como o demônio ou o próprio Deus? Existe uma visão no mundo divino? O Espírito de Deus pode ver, tanto no mundo do amor e da luz, e também na ferocidade do mundo da cólera, no centro? Se ele disser que, de fato, há uma visão- o que é uma verdade- que olhe cuidadosamente, para que não veja com os olhos demoníacos, em sua fraqueza propositada; quando almeja de antemão ele fantasia para si mesmo algo em sua imaginação, manifestando este algo numa malícia culpável, e vê de antemão como pode e de fato realiza a sua fraqueza. Se ele pode antever o que é mal, por que não veria também a sua recompensa? Não, o fraco vê com

os olhos e encobre a pena, a fim de poder realizar as fraquezas. Se ele expulsasse o demônio, veria a grande bobagem imposta a si mesmo. Ele vê o mal e entrega seus olhos a este fim, de modo que vê aquilo que está distante, o que ainda vai acontecer; ele é cego e nada sabe do que vê com os olhos demoníacos.

3. Da mesma maneira, aquele que é santo vê com os olhos de Deus, aquilo que Deus tem em vista, e isso o Espírito de Deus vê no novo nascimento, através dos verdadeiros olhos humanos, pela imagem de Deus. Esse Espírito é para o homem sábio, um ver e um realizar; não para o velho Adão, quem deve ser um servo do Espírito, ele deve praticamente realizar o que o novo homem vê em Deus. O Cristo diz: “O Filho do homem nada faz senão o que vê o Pai fazer, isso ele também faz”. Ora, o Filho do homem tornou-se nossa habitação, aquela que penetramos; ele se tornou nosso corpo, seu espírito é o nosso espírito. Se vivemos em Cristo, seremos cegos em Deus? O espírito de Cristo vê através de nós e em nós a sua vontade; sua vontade é que vejamos e conheçamos nele; fora dele nada conhecemos de Deus. Ele realiza obras divinas e vê o que quer e quando quer, não quando Adão quer, quando Adão espontaneamente (com orgulho de se mostrar) derramaria sua malignidade. Ó não, aqui ele se esconde e nada vê em nós na luz da alegria em Deus, mas na cruz, na tribulação, nos sofrimentos e morte de Cristo, na perseguição e na reprovação, em grande pesar; com isso, ele vê e vive o velho asno para se esforçar e carregar a cruz de Cristo, este é o seu trabalho. Mas através da morte de Cristo o novo homem vê no mundo angélico; passa então a ser mais fácil e mais claro compreender o mundo terrestre. Isso acontece naturalmente, não pela ilusão, mas através dos olhos que vêem, por aqueles olhos destinados a possuir o mundo angélico, olhos da imagem da alma, pelo espírito que procede do fogo da alma. O mesmo espírito vê no céu, olha Deus e a eternidade, e ninguém mais pode ver assim; esta é também a nobre imagem de acordo com a semelhança de Deus.
4. O resultado de tal visão, foi por esta caneta escrita, não com a orientação de outros mestres ou a partir de conjecturas, se é verdadeiro ou não. Embora a criatura seja uma parte e não um todo, de modo que sua visão seja fragmentada, mesmo assim este conhecimento fragmentado é perfeito. Mas a sabedoria de Deus não pode ser escrita, ela é infinita, sem número e circunscrição; só a conhecemos em parte. Embora saibamos muito mais, a língua terrestre não pode exaltar e declará-la: ela só fala a língua deste mundo, e retém o significado no homem oculto. Portanto, um sempre compreende de forma diferente de outro; assim cada um é dotado da sabedoria de forma diferente, a fim de que a busque e a interprete.
5. Ninguém compreenderá meus escritos com o sentido que quero dar e nem com nenhum outro. Mas todos recebem segundo essa doação, pois o aperfeiçoamento é maior em uns, menor em outros, conforme a propriedade do Espírito que reside em cada um. O Espírito de Deus está freqüentemente sujeito aos espíritos dos homens, caso estes pratiquem a boa vontade e se o espírito vê que o homem quer que o que é bom em si não permaneça oculto, mas que a vontade de Deus seja feita em todo lugar. Pois o espírito que nasce do fogo da alma, da brandura e essência de Deus, também é um Espírito Santo. Ele habita na qualidade divina e tudo vê segundo essa qualidade.
6. O que é estranho em nós, que não nos permite ver à Deus? Este mundo e o demônio na cólera de Deus são as causas de não vermos com os olhos de Deus; fora isso não há outro tipo de impedimento.
7. Se alguém diz: “Não vejo nada divino”, deve considerar que a carne e o sangue, além da subtilidade do demônio constituem um obstáculo e um véu para ele: freqüentemente pelo fato de desejar, em seu orgulho, ver à Deus para sua própria glória, e também por estar repleto e

cego com a malignidade terrestre. Se ele olhasse para os passos de Cristo, assumisse uma nova vida, se submetesse sob a cruz de Cristo e desejasse unicamente penetrar o Cristo, através de Sua morte, descesse ao inferno e subisse ao céu: como, em verdade, não veria o Pai, seu Salvador o Cristo e o Espírito Santo?

8. Seria o Espírito Santo cego quando habita no homem? Escrevo tudo isso para minha própria glorificação? Não, escrevo a fim de orientar o leitor, para que desista de seu erro e passe do caminho da injúria e da blasfêmia para uma existência santa e divina, para que ele também possa ver com olhos divinos, as maravilhas de Deus, para que a vontade de Deus possa ser feita. É para esse fim que esta caneta tanto escreve, nunca para minha glória e nem em nome dos prazeres desta vida, como o opressor está sempre nos acusando e impedindo, mesmo assim ele não passa de um opressor, na cólera de Deus, a quem desejaríamos o reino dos céus, se pudesse se libertar do demônio e de seu interesse pelo orgulho, o que o torna cego.
9. Portanto, queridos filhos de Deus, vós que buscais com muitas lágrimas, apenas coloquem vossa parte terrestre seriamente neste trabalho. Tudo o que vemos e conhecemos está em Deus. Ele revela a todos neste mundo, o quanto quer, tanto quanto sabe que é bom e benéfico para Ele. Pois, aquele que vê com os olhos de Deus, tem que realizar Sua obra; deve trabalhar, ensinar, falar e realizar o que vê, ao contrário, a visão é dele retirada. Este mundo não é digno da visão de Deus; mas por causa das maravilhas e manifestação de Deus é dado a alguns ver, a fim de que Seu nome se manifeste ao mundo, o qual dará testemunho a todo ser descrente, daqueles que pervertem a verdade em mentiras, apesar do Espírito Santo. Nós não pertencemos a nós mesmos, mas àquele a quem servimos em sua luz. Nada sabemos de Deus; Ele próprio é o nosso conhecimento e visão. Somos como um nada, para que Ele possa ser tudo em nós. É preciso ser cego, surdo e não conhecer vida alguma em nós, a fim de que Ele seja a nossa vida e alma, e que nossa obra seja a Sua. A nossa língua não deve revelar o que fizemos de bom: nós fizemos, ou melhor, o Senhor fez em nós; que seu nome seja louvado! Mas o que faz este mundo fraco? Se alguém disser: “O bom em mim é realizado por Deus”, o mundo rebate: “Tolo, tu é que fizestes”; “Deus não está em ti, tu mentes”. Assim, o Espírito de Deus, deve ser tolo e mentiroso. O que significa isso, ou quem fala com blasfêmia? O demônio, inimigo de Deus, a fim de encobrir a obra de Deus, para que o Espírito de Deus não se torne conhecido, e ele possa continuar sendo o príncipe deste mundo, até o julgamento.
10. Se o mundo luta contra você, te persegue e calunia, por conta do conhecimento em nome de Deus, então considere ter o demônio negro diante de ti. Portanto, bênção, e que o reino de Deus venha à nós e destrua o ataque do demônio. Desta forma, trabalharás corretamente no vinhedo e se livrará do reino do demônio, produzindo frutos para a mesa de Deus; no amor e na brandura renascemos da cólera de Deus. Devemos, no amor e na brandura, nadar entre os espinhos do demônio e, neste mundo, lutar contra ele; o amor é veneno para o demônio, é como um fogo de terror onde não pode permanecer. Se ele permitisse um lampejo de amor dentro de si, logo o expulsaria, ou o queimaria, a fim de livrar-se dele. Portanto, amor e brandura consistem na espada, com a qual podemos, sob a coroa de espinhos de Cristo, lutar contra o demônio e o mundo, pela nobre coroa. O amor é o fogo do segundo Princípio; é o fogo de Deus, a quem o demônio e o mundo são hostis. O amor possui os olhos de Deus e vê em Deus; a cólera possui os olhos da ferocidade na cólera de Deus, vê no inferno, tormento e morte.
11. O mundo simplesmente acredita que se pode ver à Deus com os olhos estrelar e terrestre; não sabe que Deus não habita na vida exterior, mas na interior. Se o mundo não vê nada de estranho nos filhos de Deus, diz: Ah! Ele é um tolo, nasceu louco, é um melancólico. Isso é tudo o que

sabe! Escute, Mestre Hans, eu sei muito bem o que é melancolia, sei também o que é de Deus; Conheço tudo isso e também a ti, em tua cegueira. Tal conhecimento não requer nenhum estado de melancolia, mas uma luta cavalheiresca; pois a ninguém é dado, sem luta (a menos que seja um alvo escolhido por Deus). De fato, muitos são escolhidos ainda no ventre, como João Batista (Lc. 1,15) e outros se prendem ao pacto da promessa de Deus, que é sempre o objetivo de um *saeculum*, nascido no tempo do grande ano, escolhido por Deus, para revelar as maravilhas que tem diante de si. Nem todos surgem deste objetivo, mas muitos de uma busca zelosa; Diz o Cristo: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Mt. 7,7). E mais: “Todo aquele que o Pai me der, virá a mim e quem vem a mim eu não rejeitarei” (Jo 6,37). Ainda: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, eles estejam comigo” (Jo 17,24), ou seja, com o novo homem nascido de Cristo em Deus seu Pai. E mais: “Pai, eu vou para que vejam minha glória, recebida antes da fundação deste mundo”. Vemos aqui a partir do espírito de Cristo, do reino de Deus, no poder do Verbo, da essência da Divindade, com os olhos de Deus, e não com os olhos deste mundo e da carne exterior.

12. Portanto, tu, mundo cego, saiba com o que vemos, falamos e escrevemos sobre Deus, e pare com teu falso julgamento. Vejas tu, com teus olhos e deixe os filhos de Deus verem com seus olhos. Tu vêes com teus dons; os filhos de Deus com o seus dons; Do modo como forem chamados, assim deve ver e caminhar; pois não estamos aqui para convencer a todos a tomarem o mesmo caminho e conversão, mas cada um segundo seu Dom e chamado, para maior honra e maravilhas de Deus. O Espírito de Deus não se curva, como a Razão exterior, com suas leis e Assembléias, que estão sempre a formar uma corrente do Anticristo, de modo que os homens aventurem-se a julgar o Espírito de Deus, atrelando seus conceitos e raciocínios ao pacto de Deus, como se Deus não estivesse em casa, neste mundo, ou como se eles fossem deuses daqui; através do juramento, confirmam aquilo que escolheram para acreditar. Não é tolice querer reter o Espírito Santo e seus dons maravilhosos a um juramento? Ele acredita no que deseja, e os homens não o conhecem, não nasceram dele, e ainda fazem leis relacionadas ao que deveria realizar.
13. Digo que esses mascarados são Anticristos e desprovidos de fé, seja lá qual for o show de santidade que representam; o Espírito de Deus é livre, não entra em acordos, mas aparece livremente à mente humilde e buscadora, segundo o seu Dom, de acordo com sua constituição. Ele torna-se até mesmo sujeito à ela, caso o deseje total e sinceramente. Qual é então o objetivo do pacto na sabedoria humana deste mundo, relacionada à honra de Deus? Não nasceram todos do orgulho pessoal? Uma conversa amigável é certamente bom e necessário, quando um pode mostrar seus dons aos outros, mas os mascarados constituem uma falsa corrente, contrária à Deus. Deus fez um pacto conosco, em Cristo, isto basta para toda a eternidade; Ele não fará outro. Ele tomou a raça humana, de uma vez por todas, no pacto, formando um testamento permanente através da morte e do sangue. Isso é suficiente, nós nos contentamos com esse pacto e a ele nos fixamos. Não devemos dançar atrevidamente ao redor do cálice de Cristo, como se faz atualmente, ele poderia ser afastado de nós, como ocorreu com os turcos.
14. Há uma grande e sincera severidade em nossas mãos, como nunca se viu no mundo. Saibam: É dito que o Anticristo deve permanecer nu. Compreenda bem isso, para que não te tornes pior! Pois o machado é colocado na árvore: a árvore mal deve ser derrubada e lançada ao fogo. A hora está próxima; que ninguém se esconda nos prazeres carnavais. Não adianta nada que ninguém saiba como renascer, continuando na antiga pele, na sensualidade do velho Adão, no orgulho, avidez e iniquidade, na libertinagem e na vida escandalosa: esse está morto enquanto vive, encontra-se nas garras da cólera de Deus; seu conhecimento irá acusa-lo e condená-lo no julgamento. Se ele receber e aceitar o Verbo que Deus lhe dá a conhecer, toma o correto

caminho da vida, deve ao mesmo tempo, tornar-se um realizador do Verbo e abandonar o que é mal, caso contrário terá um severo julgamento. No que ele é melhor do que o demônio? O demônio também conhece a vontade de Deus, mas realiza a sua própria vontade má. Ninguém é bom enquanto não for um realizador do Verbo: assim irá trilhar os caminhos de Deus, engajado em Sua obra, no vinhedo.

15. A Babel hipócrita ensina que nossas obras não tem mérito, que o Cristo nos redimiou da morte e do inferno, que só precisamos acreditar nisso, e portanto devemos ser retos. Ouça Babel! O servo que conhece a vontade de seu mestre e não a cumpre, deve ser punido. Um conhecimento sem realização é igual a um fogo que brilha mas não queima, por causa da umidade. Se queres que teu fogo divino ou fé queime, deves soprar o fogo, e extrair dele a umidade do demônio e do mundo; deves penetrar a vida do Cristo; te tornar criança de Cristo, entrar em Sua casa e fazer o Seu trabalho, do contrário estais de fora e és hipócrita, aquele que pronuncia o nome de Deus em vão. Ensinas uma coisa e fazes outra, testemunhando assim que o julgamento de Deus está correto, com relação a ti. Mais uma vez, qual a satisfação de Deus diante do seu conhecimento, uma vez que permaneces um impostor? Pensas que Ele aceita a tua hipocrisia quando dizes: Senhor, dá-me uma fé forte, pelos méritos de teu Filho, o Cristo, a fim de que eu creia, de todo o meu coração, que ele pagou pelos meus pecados? Pensas que isso é suficiente? Ó, não! Deves penetrar os sofrimentos e morte de Cristo, e nascer de novo, a partir de Sua morte; torna-te um membro com ele e em nele; crucifica continuamente o velho Adão e agarre-se sempre à cruz de Cristo; torna-te uma criança obediente, que sempre dá ouvidos ao que diz o Pai, e prontamente o realiza. Deves penetrar a ação, de outro modo não passas de uma forma de mostro, sem vida; deves, com Deus, realizar boas obras de amor para o próximo, praticar sua fé constantemente, e estar sempre pronto diante da voz do Senhor, quando ele te ordenar que vá para casa, fora da velha pele, para a veste pura. Note! Embora trilhes neste caminho, terás fraquezas e muita sensibilidade em ti. Ainda irás realizar o mal, pois temos um mal hóspede habitando em nós. Não se deve acomodar, mas lutar e guerrear contra ele; é preciso matá-lo e extinguí-lo continuamente; em qualquer caso, ele é demasiadamente forte, e terá a mão levantada. De fato, o Cristo venceu a morte por nós e em nós, traçando um caminho para Deus; mas de que adianta me confortar e tomar conhecimento disso e continuar fechado na cólera negra, aprisionado nas correntes do demônio? Devo penetrar este caminho e nele caminhar, como um peregrino que dirige-se da morte para a vida.

CAPÍTULO VIII

O caminho do peregrino, que vai da morte para a vida

1. Filhos de Deus, discutamos profundamente sobre o fundamento das coisas. Nossa verdadeira vida, através da qual devemos ver à Deus, é como um fogo abafado; para muitos, chega a ser como um fogo encerrado numa pedra; devemos acendê-lo com um correto e sincero voltar-se para Deus. Pense na diligência de Deus: Ele nos regenerou em Cristo através da água da vida eterna e nos deixou a mesma água, no pacto do batismo, como uma chave para a restauração, com a qual podemos destravar e espargir o fogo de nossas almas, a fim de que se tornem aptas ao fogo divino. Ele nos deu seu corpo por alimento e seu sangue por bebida, para deles nos apropriarmos, nos aderirmos ao seu pacto e alimentarmos a nossa alma, para que ela seja vivificada e desperte da morte, a fim de que possa acender o fogo divino. Caros filhos, a alma precisa queimar e não ficar encerrada numa pedra ou ser como uma faísca que não brilha, devido a umidade do demônio. A fé histórica é faísca, que brilha como uma pequena chama; ela precisa ser inflamada; devemos dar-lhe substância, na qual a faísca possa se inflamar. A alma deve deixar a razão deste mundo e penetrar a vida de Cristo, sua carne e seu sangue, só assim é

que recebe substância para inflamar-se. Tem que haver sinceridade; pois a história não atinge a carne e o sangue de Cristo. A morte deve ser vencida; Assim como o Cristo a venceu, o mesmo deve fazer o desejo sincero, de forma prazerosa, trabalhando sempre na conquista deste resultado, como um peregrino ou mensageiro, que vai por uma longa e perigosa viagem, sempre correndo em busca do fim ou meta, sendo infatigável: embora a miséria e a calamidade estejam presentes, ele ainda espera o fim ou o objetivo, aproximando-se cada vez mais, na espera de sua recompensa e deleite; ele regozija-se de que sua dura viagem irá chegar a um fim.

2. Assim, um homem disposto a realizar uma jornada para Deus, deve partir pelo caminho do peregrino. Deve partir, mais e mais, da razão terrestre, da vontade da carne, do demônio e do mundo. A dor e a angústia, freqüentemente ocorrem, quando se tem que abandonar aquilo que se poderia ter, e com o que se poderia movimentar nas glórias temporais. Mas, para trilhar o caminho estreito, é preciso se revestir do casaco da retidão, despindo-se daquele da cobiça e da vida hipócrita e ilusória. É preciso partir seu pão com o faminto, dar a sua túnica como veste e não ser um opressor do fraco, desejando apenas encher os bolsos, extorquindo o suor do homem simples e miserável, aplicando-lhe leis que servem unicamente a seu próprio orgulho e prazer. Aquele que assim procede não é um Cristão, mas alguém que segue o caminho deste mundo, assim como as estrelas e os elementos; é a infeção e o desejo do demônio o que o impele. Ainda que ele conheça o rito de fé, relacionado à Misericórdia de Deus, e à reparação de Cristo, isso não servirá para nada. Pois nem todos aqueles que dizem, “Senhor, Senhor, permita que eu entre no reino dos céus, entrarão; mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai, que estás no céu”. Essa vontade é: “Amar ao próximo como a ti mesmo”; Seja o que quer que os homens tenham feito a ti, faça tu algo bom por eles.

3. Nunca diga em seu coração: Ocupo este espaço e o domino por direito; eu o trouxe ou o herdei; o que meus vassalos fazem por mim, devem a mim. Observe e questione: de onde este direito se origina? Foi ordenado por Deus ou surge da fraude, do orgulho pessoal e da avareza? Se chegares a conclusão de que se trata de uma ordenação de Deus, então observe e caminhe de acordo com os mandamentos de amor e retidão. Pense que nesta posição, és um servo e não um senhor das crianças de Cristo, e tu não só te acomodas, arrancando-lhes o suor, como também age como juiz e pastor, e deverás prestar conta deste encargo: a ti foi dado cinco habilidades, debes entregá-las ao teu senhor, com entusiasmo. Deves encaminhar seus inferiores no caminho correto, dando-lhes bons exemplos, aliados à doutrina e à punição dos fracos. De ti será cobrado, caso não punas o fraco e não protejas o oprimido. Não és governador, a fim de ser o senhor destas criaturas; Deus é o Senhor, não tu; dentre eles, debes ser o juiz, aquele que decide, não por causa de teu orgulho, mas por causa da consciência. Deves ensinar, guiar e direcionar o simples, não meramente através da pressão do trabalho, mas através da brandura. Tua carga és pesada; debes ter muita seriedade na hora de prestar contas. Quando o homem fraco reclamar de ti, em sua miséria, o acusará diante do senhor que é dele e teu: neste caso, estarão juntos diante do julgamento; a sentença é pronunciada para almas, a hipocrisia não servirá de nada.

4. Tudo o que se semeia são lágrimas, falo com sinceridade real e verdadeira, que tornam-se uma substância, pertencente ao julgamento de Deus; a menos que o homem pare e se reconcilie através dos benefícios praticados ao oprimido, a fim de que este o abençoe: com isso, a substância é dissolvida. Portanto, vós que tens autoridade, uma carga pesada recai sobre vós. Analise seriamente seu grau ou posição, onde quer que ela se origine, a raiz será procurada; todos deverão prestar contas de seu grau ou posição. Tenha cuidado para que tu não sejas conduzido ao fogo do inferno, como faz o próprio demônio feroz, a fim de encontrar seus servos; como nos mostra o espírito das maravilhas, vós viestes para saciar a cólera eterna. Não

diga em teu coração: Assim viveram meus pais e meus antepassados; eu herdei este modo de vida. Tu não conheces a que morada penetraram. Se queres ser um Cristão e um filho de Deus, não debes dar atenção aos caminhos dos predecessores; não te preocupes com o luxo, mas com a palavra de Deus: deve haver uma lâmpada sobre teus pés. Pois muitos que praticaram o mal foram para o abismo, e tu farás o mesmo se seguir seus passos. Não deixe o demônio traçar para ti o caminho hipócrita e ilusório; suas cores brilham por fora e na essência é veneno.

5. Ó, quão perigoso é o caminho que devemos trilhar neste mundo! Seria bom que, nos fracos, não houvesse nada eterno, assim não sofreriam reprovação e tormento eternos. Como nesta vida são inimigos dos filhos de Deus, permanecem eternos inimigos de Deus e de seus filhos. Assim, os filhos de Deus devem tomar a cruz, e aqui suar no banho de cardo e espinhos, ser um recém nascido, na angústia; devem trilhar o caminho estreito, onde a Razão sempre diz: “És um tolo, debes viver na alegria e serás salvo do mesmo jeito”. Ó, como a Razão externa ataca a nobre imagem, que cresce fora do banho de espinhos, na tribulação! Quantos ramos são arrancados da árvore de pérolas, por conta da dúvida e da descrença, trazendo o indivíduo para um falso caminho! O homem fraco busca a nutrição temporal e amaldiçoa o opressor que lhe arranca esse privilégio, pensando que age corretamente; na verdade, atrai para si nada mais do que a destruição, age de forma tão fraca quanto o seu opressor. Se tivesse paciência e lembrasse que está no caminho da peregrinação; se colocasse sua esperança como objetivo, considerando que assim, sob a miséria e a tribulação, sob opressão, trabalha no vinhedo de Cristo: Quão abençoada seria a jornada! Ele teria motivos para buscar uma vida melhor, tendo em vista que aqui, deve estar na angústia e na miséria. Se pudesse ao menos compreender como Deus está inclinado à ele, e que assim Ele o atrai, com a intenção de que o homem não construa sobre a vida terrestre. Quando o homem vê que este é senão um vale de dor e um estado de aflição, que deve passar seus dias em dura constrição, na miséria, trabalhando, percebe que Deus não permite que as coisas tomem um curso em vão, mas que assim Ele oferece a oportunidade para que o homem tanto busque como encontre o repouso, que não pertence a este mundo. Além do mais, o homem tem a necessidade, à toda hora, de esperar a morte e deixar seu trabalho para outros. Por que colocar então suas esperanças neste mundo, onde é um visitante e um peregrino, que deve trilhar o caminho de sua constelação? Se ele adotasse a constelação interior, ó, quão abençoada seria sua obra, na obra de Deus, deixando que a vida exterior flua como puder.
6. Um homem neste mundo, que pretende possuir o reino de Deus, não tem caminho melhor, e não pode ter melhor auxílio, do que se lembrar constantemente de que está no vinhedo de Deus, com tudo o que é e o que faz, a fim de que o faça por Deus. Sua alma deve ser direcionada à Deus, em constante esperança de que possa obter Dele, a recompensa de seu trabalho, para que possa trabalhar na alegria de Deus. Para tanto, é preciso ser diligente na obra que realiza; muito embora se sinta compelido a servir seu opressor, trabalhando de graça, lembre-se de que trabalhas exclusivamente para Deus; tenha paciência, pois Deus irá recompensá-lo no devido tempo. Acontece que o mestre do vinhedo não paga seus trabalhadores no dia, mas à noite, quando o dia de trabalho está completo. Quando vamos para casa, para o nosso Senhor, após deixar o vale do tabernáculo, então todos receberão seu pagamento. Aquele que trabalhou por muito tempo, tem muito a receber; mas o fanfarrão, o resmungão, o preguiçoso e mal trabalhador, por falta de paciência, pouco adquiriu, e pode esperar de seu Senhor, até mesmo a punição; pois ele apenas desencaminhou outros trabalhadores, sendo um trabalhador inútil, e nada fez senão um falso trabalho de injúria para com seu Senhor, e receberá a justa punição, ao invés de recompensa.

O portão no centro da natureza

A terceira citação

7. A Razão pergunta: “Por que Deus permite que as coisas tomem tal caminho, onde só há miséria e dificuldade neste mundo, além de coerção e opressão, de modo que um atormenta e aflige o outro? Onde muitos possuem muito, não tem necessidades, mas também não tem repouso; está sempre buscando problemas e tumultos, e seu coração nunca está tranqüilo.
8. Vejas tu, cognição fechada! A fundação do mundo é assim, a origem da vida também. Não pode ser de outra maneira neste mundo, a menos que o homem renasça. Sua existência é diferente no novo homem, e mesmo assim o impulso do velho homem está sempre a lhe atormentar. É a luta do espírito contra a carne, onde a carne luta contra o espírito e o espírito luta contra a carne. Diante disso pergunta a Razão: Onde então tudo isso começou?
9. Resposta: Note, no centrum naturae há um modo de ser especial. Reflita. A vontade eterna, chamada de Deus, é livre, pois contém em si nada mais do que a luz da Majestade, habitando no eterno nada; desta forma o nada também pode movimentá-lo. Mas seu desejo, que produz o centrum naturae, possui uma única propriedade. Isso porque ali, a adstringência é encontrada, ou seja, a primeira forma da natureza. Ela está sempre atraindo para si, e toma de onde não há nada; onde nada é produzido, dali ela toma e disso se apropria, ainda que dele não se alimente, e de não trazer nenhuma vantagem para a adstringência; com isso, cria a angústia, a tortura e o tormento, do mesmo modo que o orgulho e a avareza é produzida no homem. A Segunda forma é a sua atração ou aflição, ou seja, seu servo que se agrupa no que o desejo deseja; é o trabalhador que não trabalha o suficiente; ele é bravo, colérico, furioso; age e se encoleriza na adstringência. A adstringência não pode aceitar isso de seu servo e o atrai mais veementemente; o servo torna-se mais furioso e fora de si, e devasta a casa do mestre. Diante desta situação, o mestre tenta refrear e conter o servo, que se liberta raivosamente, além da medida. Se então seu mestre, ou seja, a adstringência, não puder submetê-lo, os dois caem em grande angústia, inimizade e oposição, vindo a produzir uma roda giratória, a fim de matar, assassinar e aniquilar um ao outro. Tal é a terceira forma da natureza, de onde surge a guerra, o conflito, a devastação de países e cidades, a inveja e a terrível malícia, onde um quer ver o outro morto, atraindo e devorando todas as coisas em si. Ela deseja obter unicamente para si, ainda que isso não sirva para nada, além de dano. Ela age do mesmo modo que a cólera da natureza: essa se devora, do mesmo modo, se consumindo e se destruindo, ainda que também se gere. É desta forma que surge todo o mal, o demônio e cada coisa má. É aqui que surge pela primeira vez.
10. Como a natureza, no centro, age à parte da luz, da mesma forma age o demônio, a besta, as heras, o mato e tudo o que é hostil. Temos aqui, a roda de veneno, onde a vida tem a sua origem; ela nos leva a uma grande angústia, dor, pesar e devastação, até extrair para si uma outra vontade que acabe com a angústia, mergulhe na morte e atinja a liberdade da vontade primordial, que acende a angústia da morte com a mesma liberdade; isso faz com que a angústia fique terrificada, vença a morte, e da angústia surja como uma chama, a vida de alegria.
11. O mesmo ocorre com o homem. Quando ele se encontra na angústia da inimizade e a ferroadada da morte e da cólera agem sobre ele, deixando-o num estado de angústia, cobiça, inveja, raiva e hostilidade, ele não deve permanecer nesta natureza má; caso contrário estará nas formas da morte, da cólera, da raiva e do fogo do inferno. Se a fonte de água não estivesse nele, conectada à carne e ao sangue, ele já seria um demônio iluminado e nada mais. Mas o homem precisa refletir e em sua angústia maligna extrair uma outra vontade, para sair da malícia da cobiça e penetrar a paz. Ele deve mergulhar na morte, na paciência, desejando se entregar à roda da angústia, e extrair a sede do alívio de Deus, que é a liberdade; deste modo, ele mergulha através

da morte angustiante na liberdade. Quando então sua angústia experimenta a liberdade, que ainda é aquela vida branda, a fonte angustiante fica terrificada; no terror, a morte inflexível e hostil é vencida, pois esse terror é um terror de grande alegria e um acender da vida de Deus. Assim nasce o ramo de pérolas; ele se encontra em uma satisfação trêmula, mas em grande perigo, já que a morte e a fonte de angústia é a sua raiz; esse ramo é envolvido, como um belo ramo verde, que cresce do estrume mal cheiroso, da fonte fétida, e adquire uma essência, uma fragrância e uma qualidade diferente daquela de sua mãe, de quem nasceu; de fato, a fonte na natureza tem tal propriedade, é do mal e da angústia que a grande vida é produzida.

12. Além disso, sabemos que a natureza, diante do terror, divide-se em dois reinos – (1) no reino da alegria, e (2) num mergulhar da morte nas trevas – podemos dizer que o mesmo ocorre com a natureza do homem; se o ramo de lírio, requisitado para o reino da alegria, for gerado de acordo, divide-se em duas vontades. A primeira surge no lírio e cresce no reino de Deus; a outra afunda-se na morte escura, e deseja a terra como a sua mãe. Essa Segunda vontade está sempre lutando contra o lírio, que evita a aspereza. Assim como um ramo cresce da terra, e a essência exala da terra, sendo atraída pelo sol, até que um talo ou árvore seja produzida: da mesma forma, o sol de Deus, em seu poder, sempre extrai o lírio do homem, ou seja, do novo homem, da essência má, produzindo uma árvore no reino de Deus. Deus permite então, que a árvore velha e má, caia na terra, a mãe que tanto procura; permite também que saia novamente da terra para o *centrum naturae*, no final do dia da separação, onde tudo penetrará novamente o seu éter. Neste dia, o lírio também penetrará o seu éter, a vontade da liberdade, a luz da Majestade.
13. Compreenda mais além, da seguinte forma: Quando dois reinos se separam desta forma, no terror da natureza, o terror é em si um raio de luz e a causa do fogo, ou da iluminação da vida. A *prima materia*, que a adstringência produziu através de sua contração, onde surgiu o inimigo, separa-se em duas partes. São elas: uma abaixo de si mesma na morte, que é a vida essencial com a substancialidade deste mundo, tal como pedras e terra; a outra parte, separa-se do terror do fogo para a luz da liberdade; é que o fogo-terror inflama a liberdade, de modo que ela também se torna desejosa, atraindo para si o reino da alegria, ou seja, a branda beneficência, fazendo dela uma *matéria*. Eis a essencialidade divina e celeste; essa, por sua vez, atrai novamente o fogo e o absorve com seu terror, que é a fonte do fogo. Ali, a fonte consome a essencialidade branda e é trazido a uma enorme satisfação, de forma que a angústia é transformada em amor e o fogo, num amor que queima; do ato de queimar, surge o alegre espírito da vida eterna, chamado de Espírito de Deus, que surge originalmente na vontade primordial chamada de Pai. É o desejo da natureza que no fogo é uma fonte-fogo; na angústia da morte uma dor de morte, de cólera e inimizade na essência da natureza, ou seja, no centro. Na luz, trata-se do reino de Deus da alegria, revelando na Essência divina ou na sabedoria (o caráter das virtudes) a nobre tintura, que forma o brilho da Essência celestial; na Essência, ela produz o Elemento do mundo angélico, do qual este mundo é um produto externo, mas iluminado na cólera, pelo demônio; foi por sua causa que a cólera da natureza inflamou-se, fazendo com que, na Essência, surgissem a terra e as pedras, como é evidente, tendo a fonte poderosa sido separada no *verbum fiat*, num Princípio.
14. Compreenda, então, o raio-fogo como a Quarta forma da natureza, e o nascimento-amor do reino da alegria, como a Quinta forma; a absorção da essencialidade da brandura, pela fonte ígnea, onde o fogo também contém o reino da alegria, ou seja, o som ou manifestação das cores, maravilhas e virtudes, de onde surgem os cinco sentidos: a visão, audição, o olfato, o paladar e o tato, é a Sexta forma da natureza; a essencialidade da luz, que contém o Elemento divino, de onde surge o Paraíso, compreenda como sendo a sétima forma, ou, novamente, como a mãe de todas as formas, de modo que haja uma vida eterna, um arrebatamento da vida. A sétima forma

contém em si o mundo angélico, assim como o Paraíso ou o verdadeiro dos céus, em que a natureza da Divindade é manifestada, assim como tudo aquilo que o mundo-luz inclui.

CAPÍTULO IX

Mais algumas particularidades com relação à esta terceira citação,
a ser considerada de forma elevada

1. Assim, filhos dos homens, vejam, não sejam cegos. Orem, observem o que lhes é revelado, isso não ocorre em vão; há algo por traz. Não adormeça, o tempo é chegado. Simplesmente, veja o que é o Ser de todos os seres. Este mundo é gerado do Eterno; o centro da natureza, existe desde a eternidade, mas não era manifestado. Através deste mundo e através da cólera feroz do demônio esse centro da natureza foi trazido à uma existência substancial. Compreenda o que é o demônio. Ele é o espírito de suas legiões que procede do centro da natureza. Ele foi criado na essencialidade divina, tendo que ser testado no fogo e tendo que colocar seu desejo no amor. Ele colocou seu desejo de volta para o centro da ferocidade, na Quarta forma da angústia, desejando, no fogo, governar sobre a brandura de Deus, como um inimigo do reino da alegria; ele desprezou o amor, porque viu que o fogo proporcionaria fogo e poder: portanto, ele foi colocado para fora do fogo de Deus, para a angústia das trevas, para o centro das quatro formas. Ele não tem mais nada de fogo, senão o terrível relâmpago, que é sua verdadeira vida; mas a vontade de Deus, que nos anjos e nos homens busca à vida, que vem em auxílio da vida com liberdade, ou seja, brandura, esta o abandonou. Por esse motivo, ele não pode obter a Luz na eternidade, nem pode formular desejo algum por ela, pois o espírito-vontade de Deus, o atormenta na câmara de tortura, nas quatro primeiras formas da natureza; a Quinta forma ele não pode alcançar. Embora ele possua todas as formas da natureza, tudo é hostil e adverso; pois o Espírito Santo o abandonou, e agora a cólera ou a qualidade feroz está nele. Deus, que é tudo, abriu Sua ferocidade ou o centro da origem em nele, para que esta também se tornasse criaturalizado, pois ela também deseja se manifestar. E quando Deus se colocou em movimento, para a criação dos anjos, tudo o que estava oculto desde a eternidade, nas maravilhas da sabedoria, no centro, tanto no amor como na cólera, foi revelado.
2. Já que sabemos o que somos, e que Deus permite que saibamos, tenhamos cautela e façamos de nós algo bom. Pois temos o centro da natureza em nós. Se fizermos de nós um anjo, assim seremos; se fizermos de nós demônios, assim também seremos; Neste mundo estamos na fonte do fazer e do criar, estamos no campo. A vontade de Deus no amor é apresentada a nós no centro da vida. Deus se fez homem e desejou nos possuir; Sua cólera também nos desejou, no reino da ferocidade. O demônio deseja nos ter em sua companhia, assim como os anjos: aquele a quem nos inclinarmos, é a quem nos entregaremos. Se colocamos nosso desejo na luz de Deus, penetrando-a com sinceridade, entramos e somos atraídos, com sinceridade. Se colocamos nossa vontade na glória deste mundo e deixamos a glória Eterna partir, podemos esperar que a vontade irá, necessariamente, penetrar a ferocidade deste mundo, no primeiro Mistério. Se não possuímos então, a imaginação divina (poder formativo) ou fé, o amor divino irá nos abandonar e não nos aceitará à sua porta. Na verdade, se Deus não romper (nossa prisão escura), encontramos a miséria. Se tu não trazes o Espírito de Deus contigo, nunca irá alcançá-lo: portanto, é bom que se atinja um crescimento completo aqui nesta vida. O Cristo tornou-se o nosso campo, devemos realizar o trabalho sem grande angústia e aflição. O objetivo é um só: romper a vontade; isso é doloroso, porque Adão não o fará, muito menos a cólera ou o demônio.
3. Cuidado, homem, tu és teu próprio inimigo. O que consideras amigo, é teu inimigo. Para seres salvo e ver à Deus, deves te tornar o pior inimigo de teu melhor amigo, ou seja, da vida exterior.

Não que devas romper com ela, mas só com sua vontade. Deves fazer o que não farias, deves te tornar teu próprio inimigo, ou não verás à Deus. Aquele que agora consideras teu amigo, surgiu da câmara de tortura, e ainda contém em si a vida-angústia; ele possui a ânsia da fonte-cólera e do demônio. Deves extrair uma vontade em Deus, de tua alma deves extrair uma vontade e com ela deixar a fraqueza, em Deus; desta forma, serás introduzido no fogo de Deus, ou seja, a Vontade-espírito, que irá iluminar tua alma. Procure alcançar a vida e o espírito de Cristo, tu receberás. O espírito de Cristo irá de regenerar com uma nova vontade. Esta vontade é a flor de tua alma, onde repousa a nova criança na imagem de Deus: a ela Deus dá a carne e o sangue de Cristo como alimento, não ao ignorante Adâmico, a quem Babel engana, como se o descrente pudesse participar do corpo de Cristo. Não! Ele recebe os quatro elementos, e com eles a cólera de Deus, porque ele não reconhece o corpo do Senhor, que está presente no céu, e só é absorvido pela alma que contém o céu. Não como um pecado, como fantasia; nada de espírito sem essencialidade, mas a essencialidade do espírito que se desdobra na sabedoria de Deus, na carne de Cristo que preenche o mundo-luz em todo lugar, o qual o Verbo que se fez homem trouxe com ele em Maria. Essa essencialidade, embora revelada em Maria, em sua carne e sangue, e que tomou a essência humana em si, ocorreu no tempo em que Cristo estava no ventre de Maria, no céu, no Elemento, em todo lugar. Ele não percorreu muitas milhas de algum lugar até Maria: não; mas o centro fechado, que Adão fechou na cólera de Deus, na morte, foi que o Verbo da Divindade abriu, introduzindo a essencialidade divina no centro virgem que encontrava-se fechado na morte. Isso ocorreu no ventre de Maria, no pacto, não por meio do arrebatamento ou do êxtase, mas pela revelação, no objetivo do pacto, não por distração ou encantamento, mas revelável, não gerado, mas gerável neste mundo; Deus e Homem, uma Pessoa, celestial assim como na morte, encerrada de forma virgem e essencial, uma Essência, um Homem no céu e neste mundo. Temos que chegar a isso, pois o Verbo que se fez homem está ativo na alma e permanece no som vital de todas as almas; ele atrai todas as almas, do mesmo modo que faz a cólera. Ora, faça segundo a tua vontade, tens em ti o centro da Divindade no som e no movimento, e também o centro da cólera; aquele ao qual te diriges e no qual te desperta, é onde tua vida está enraizada. Faça o que queiras, és livre e Deus permite que saibas disso. Ele te chama; se vens, torna-te Seu filho; se te diriges à cólera, também serás bem recebido.

CAPÍTULO X

Sobre a imagem de Deus que é homem, ou sobre a semelhança entre Deus e o homem

1. Não podemos neste mundo observar a nossa substancialidade ou novo corpo, por estarmos na vida terrestre. O homem exterior não o conhece, mas o espírito, gerado e procedente do novo homem, este conhece seu corpo.
2. Como temos conhecimento deste corpo e desejamos saber se estamos no novo nascimento, não há teste melhor do que a semelhança de Deus, que compreendemos como sendo desejo, sentido e mente. Essas três coisas contém o centro do espírito, de onde é gerada a vontade poderosa, onde reside a verdadeira e real semelhança e imagem de Deus, na carne e sangue, aquela que o homem exterior não conhece. Pois esta imagem não está neste mundo, ela tem um outro princípio no mundo angélico, e durante esta vida permanece no mistério, no oculto, como o ouro na pedra, onde o ouro possui uma outra tintura, essência e brilho e a aspereza da pedra dela não se apercebe; nem tampouco o ouro se adere à aspereza, ainda que a aspereza, assim como o centro da angústia, seja a causa do ouro, pois é a mãe e o sol, o pai. O velho Adão também é a

causa do novo corpo, pois é a mãe: Da velha entidade surge o novo corpo, e o Espírito de Deus em Cristo é o Pai. Assim como o sol é pai do ouro, o coração de Deus é o pai do novo homem.

3. Ora, não há como conhecer melhor o novo homem, do que no centro, ou seja, no desejo, sentidos e mente. Se conseguíssemos que o nosso desejo se encontrasse totalmente de acordo com Deus e direcionado à Deus; que nossos sentidos coincidissem com a vontade de Deus, que a mente se entregasse totalmente, em obediência, à vontade de Deus, e que a imaginação buscasse algo do poder de Deus, saberíamos certamente, que o nobre ramo de lírios nasceu, que a imagem de Deus existe no ser essencial, que Deus se fez homem na semelhança. Se faz extremamente necessário aqui, salvaguardar a nobre imagem e não dar chance para que o velho Adão, com seu brilho, a extermine continuamente, a fim de que o novo homem possa crescer, progredir e ser adornado com as maravilhas da sabedoria.
4. A Razão, no entanto, pergunta: Como é então a semelhança de Deus? Observe, Deus é um Espírito, e a mente com os sentidos e desejos também constitui um espírito. A mente é a roda da natureza, o desejo é o centro, como a primeira coisa para a realização da natureza, e os sentidos são as essências. Pois os sentidos surgem das essências, possuem sua origem na dor do desejo, da amargura; eles são a amargura e percorrem sempre a mente, ou seja, a roda da angústia, e buscam o repouso, para ver se podem conquistar a liberdade de Deus. São eles que, na roda da angústia ou mente, acendem o fogo, e neste acender, no terror, desejam se entregar à morte, e assim afundam-se do tormento para a liberdade, como uma vida que surge da morte. São as raízes do novo paladar, que penetra a sabedoria e maravilhas de Deus; eles trazem o desejo para fora da angústia mortal; eles preenchem sua mãe, a mente e dão à ela o poder da essência de Deus.
5. Assim, a mente (das Gemüth) é a roda ou a verdadeira câmara da vida, a própria habitação da alma, da qual é uma parte, caso a essência (compreenda a essência da tintura) seja considerada; e é o fogo-vida, pois do fogo-vida surge a mente e o fogo-vida habita na mente. Mas a mente é mais nobre que o fogo, pois é a mobilidade do fogo-vida; ela faz a compreensão. Os sentidos são os servos da mente, os mais sutis mensageiros; eles vão até Deus, e novamente saem de Deus para ir aos demônios, e onde quer que eles se manifestem, quer em Deus, quer nos demônios, quer na falsidade, o mesmo trazem para casa, para a mente. Portanto, a nobre mente deve sempre atacar o mal, extinguindo-o em sua angústia, sempre que os sentidos permitam que a falsa imaginação penetre o desejo.
6. Compreenda finalmente então, assim: Deus é tudo em tudo; mas Ele sai da ferocidade e encontra o mundo de luz e poder em si mesmo. Ele próprio constitui tudo isso, de forma que a ferocidade com todas as formas, nada mais é do que a causa da vida (e o encontro de si mesmo nas grandes maravilhas). Ele é o fundamento e o não fundamento, liberdade e também a natureza, na luz e nas trevas. O homem também é tudo isso, se ele buscar e encontrar a si mesmo, como Deus.
7. Tudo o que escrevemos e ensinamos resume-se a isso: buscar, fazer e por fim encontrar a si mesmo; devemos gerar, a fim de sermos um espírito com Deus, para que Deus possa estar em nós e nós em Nele, para que o amor-espírito de Deus possa ser em nós a vontade e a realização, e para que possamos escapar da fonte da angústia; para que possamos nos ordenar na verdadeira semelhança nos três mundos, onde cada um encontra-se em sua ordem, e que o mundo-luz possa ser senhor em nós, como aquele que governa; para que assim o mundo-angústia possa permanecer oculto no mundo-luz como permanece oculto em Deus, e seja apenas uma causa de

vida e das maravilhas de Deus. Se não nos atermos ao mundo-luz, o mundo-angústia em nós será a influência dominante, e viveremos eternamente na dor hostil. Esta luta ocorre enquanto persiste a vida terrestre; depois dela, tal vida passa pelo éter eterno, pela luz ou pelas trevas, do qual não há libertação, e da qual o Espírito de Deus nos alerta e nos instrui no caminho reto. Amém.

CONCLUSÃO

8. O Deus-amor, leitor, sabe que um homem é a verdadeira semelhança de Deus, a qual Deus ama e revela-Se nessa semelhança como em seu próprio ser. Deus é num homem o meio, o centro, mas ele habita apenas em si mesmo, a menos que o espírito do homem torne-se um espírito com ele, quando ele se manifesta na humanidade na mente, sentidos e desejo, de modo que a mente o sinta; de outra forma, ele encontra-se neste mundo de forma muito sutil e não percebemos. Mas os sentidos O percebe no espírito, compreende no espírito da vontade, pois a vontade envia os sentidos para Deus e Deus entrega-Se aos sentidos e se torna um ser com eles; os sentidos então, trazem o poder de Deus para a vontade, que o recebe com satisfação, mas ao mesmo tempo tremulamente, pois se sabe indigno por vir de uma morada rude, da mente inconstante; ela recebe o poder prostrando-se diante de Deus. Seu triunfo é transformado em humildade, que é e abarca a verdadeira natureza de Deus; essa mesma natureza abarcada é na vontade o corpo celestial e é chamado de verdadeira e correta fé, recebida pela vontade na vontade de Deus; ela penetra a mente e habita no fogo da alma.

9. Assim, a imagem de Deus está completa, e Deus vê ou encontra a Si mesmo em tal semelhança. Não devemos, de forma alguma, pensar em Deus como um ser estranho; para o descrente ele é um ser estranho, pois o descrente não o apreende. Com certeza, Deus está em nele, mas não manifestado segundo sua luz-amor na vontade e mente do homem descrente. Apenas a cólera de Deus está revelada em nele; a luz ele não pode alcançar, ela está nele, mas não é aproveitada; sua essência não a busca, ele se esconde dela; ela é sua dor e tortura, ele nada mais faz do que demonstrar inimizade a ela, assim como o demônio é hostil ao sol e também à luz de Deus. O demônio ficaria mais satisfeito se pudesse viver eternamente nas trevas e se soubesse que Deus está longe dele, assim não sentiria vergonha e reprovação em si. No entanto, ele sabe que Deus está bem perto, mas que mesmo assim não pode alcançá-Lo, este é o seu grande tormento, já que é um inimigo contra si mesmo e produzindo uma eterna contra-vontade, medo e desespero; ele sabe que não pode alcançar o semblante e o auxílio gracioso de Deus; sua própria falsidade o atormenta, mas ele não consegue atrair o consolo de alcançar a graça. Ele não alcança à Deus, mas somente o centro na angústia, na cólera; ele permanece na morte e na fonte mortal; ele não consegue vencer, pois nada vem ao seu auxílio, para que pudesse se manter e conseqüentemente se estabelecer no reino de Deus. Embora ele continue, por milhares de anos, no abismo, nas profundezas, nas trevas e fora de Deus, Deus está em nele, e isso não o beneficia em nada; ele não O conhece, mas tem consciência de Deus; ele só é sensível à Sua cólera feroz.

10. Compreenda: Como o fogo existe numa pedra, e a pedra não o conhece, não o sente, mas sente a feroz causa do fogo, que mantém a pedra dura aprisionada num corpo: do mesmo modo o demônio só sente a causa da luz. Esta causa é o centro feroz que o mantém como prisioneiro, e assim, ele a odeia, e nem possui qualquer coisa melhor. Ele nada mais é do que uma malignidade feroz e envenenada, uma dor mortal, ainda que não haja morte, mas um veneno faminto, uma fome e uma sede sem nenhum alívio. Tudo é mau, invejoso, duro e amargo, tudo o que deixa a humildade, como ele fez, consiste na sua força e no seu desejo hostil. Tudo o que demonstra inimizade para com Deus e abandona Seus cursos, transforma-se no servo do demônio. Tudo o que transforma verdade em mentira, é a sua vontade sobre os quais comanda e

onde sua vontade habita. O mesmo ocorre com o descrente: quando ele perde a Deus, passa para a fonte-angústia e possui a vontade do demônio. Mas saiba que:

11. Deus rompeu na alma humana a dureza da morte penetrando o limite onde a morte é vencida. Ele rompeu o limite no centro da alma e colocou sua luz contra a luz de vida do homem; a luz é concedida ao homem enquanto ele viver na virtude do sol. Se ele escolher voltar, penetrando na luz de Deus, ele será recebido: nenhuma eleição está concluída com relação à ele. Mas quando ele perde a vida do sol e também nada possui da vida de Deus, tudo está acabado com ele, ele é e continua sendo um demônio. Mas Deus conhece os seus e sabe quem irá se voltar para Ele, sobre estes estabelece-se a eleição, da qual fala as Escrituras. O homem possui em si dois centros: Se ele quer ser um demônio, irá Deus lançar pérolas no caminho do demônio? Irá ele derramar o espírito na vontade descrente? Além disso, da vontade do homem deve nascer o espírito de Deus, o próprio homem deve se tornar Deus no espírito da vontade, não há outra forma de ater a essencialidade divina ou a sabedoria.
12. Reflita portanto, caras crianças, e entrem pela porta correta. Não basta ser perdoado, é preciso nascer. Então poderemos ser considerados perdoados, ou seja, o pecado não passa de uma casca. O novo homem nasce desta casca e depois a joga fora; nisso consiste o perdão de Deus. Deus elimina o mal do novo homem, ele livra o homem do mal. O pecado não é carregado com o corpo, mas dado ao centro como um combustível, devendo ser a causa do Princípio do fogo, de onde a luz brilha, devendo servir para o bem no homem santo, como diz São Paulo: “E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio” (Rom 8,28).
13. O que mais podemos dizer? Será que devemos pecar para que nossa salvação seja gerada? Deus proíbe. Como poderia desejar penetrar novamente aquilo onde sou morto? Devo deixar a luz novamente para penetrar as trevas?
14. Com certeza, os santos de Deus nada perdem; tudo deve estar a serviço deles. Aquilo que para o pecador é uma dor de morte, é para o santo um poder na vida.
15. A Razão exterior diz: Devo pecar para que maior seja a minha salvação. Sabemos que tudo o que deixa a luz, penetra as trevas; que se lance um olhar para as trevas, a fim de que nela nada permaneça, pois ali se peca deliberadamente contra o Espírito Santo. Não se engane; Deus não é um zombador. Como resultado de seu amor temos que, depois da queda, nos tornarmos novamente retos, através da sua penetração em nossa carne. Mas aquele que deliberadamente penetrar o pecado, o desprezo, e desonrar a encarnação de Cristo, receberá em si um ônus pesado. Que este observe cuidadosamente: será muito mais difícil deixar novamente o pecado, do que para aquele a quem o caminho de Deus ainda não foi revelado.
16. Portanto, é bom evitar e abandonar o mal; voltar os olhos para longe do que é falso, para que os sentidos não o penetre, trazendo-o para o coração, onde a luxúria e o desejo surge na mente: processo pelo qual a nobre imagem é destruída e se torna uma abominação aos olhos de Deus.
17. Alertamos o leitor que ouve e que ama a Deus, de nosso mais profundo coração e conhecimento: expusemos a ti, da forma mais sincera e honesta, o caminho da verdade e da luz, e Cristicamente o exortamos a meditar sobre isso e ler diligentemente; ela contém o fruto em si. Aleluia, Amém.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

LIVRO III

A ÁRVORE DA FÉ CRISTÃ

Como devemos penetrar o sofrimento, a agonia e arte de Cristo,
Ressurgindo da morte com Ele e por Ele, nos tornarmos a Sua
Imagem, e viver eternamente Nele

CAPÍTULO I

O QUE É FÉ, COMO A FÉ É UM ESPÍRITO EM DEUS

1. O Cristo diz: Buscai, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mth 6.33). Meu Pai dará o Espírito Santo aos que o pedirem (Lc. 11.13). Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará (JO 16.13,14). Pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer (Lc. 16.15). E São Paulo diz: Não sabemos pedir o que convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito (Rm 8.26).
2. Ora, a fé não é um conhecimento histórico, com o qual o homem pode criar artigos e confiar unicamente neles, forçando sua mente nas obras da razão: ao contrário, a fé é um Espírito em Deus, pois o Espírito Santo se movimenta no espírito da fé.
3. A fé verdadeira é um poder de Deus, um Espírito em Deus. Ela opera em Deus e com Deus. Ela está livre de qualquer artigo, a não ser do verdadeiro amor, onde reúne o poder e a força de sua vida; a conjectura e desilusão humana não tem nenhuma consequência.
4. Assim como Deus é livre de qualquer inclinação, de forma que faz o que quer, sem precisar prestar contas sobre isso, a fé verdadeira também é livre no espírito de Deus. Ela não tem inclinação senão ao amor e à misericórdia de Deus; a fé lança sua vontade na vontade de Deus, se afastando da razão sideral e elemental; a fé não se busca na razão carnal, mas no amor de Deus. E quando, neste caminho, ela se encontra, se encontra em Deus e opera com Deus; não age segundo a razão, seja ela qual for, mas age em Deus seja qual for o Espírito de Deus. Isto porque a fé, considera a vida terrestre como nada, a fim de que possa viver em Deus, e que o Espírito de Deus nela possa ser a vontade e a realização. A fé se rende à vontade de Deus e sucumbe na razão e na morte, mas ressurgue com o Espírito de Deus, na vida de Deus. É como se fosse um nada, mas que em Deus é tudo; é um ornamento e uma coroa da Divindade, uma maravilha na magia divina. Ela faz onde não há nada e vai onde nada é feito. É operativa e ninguém vê o seu ser; ela se eleva, embora não precise de elevação. É poderosa e ao mesmo tempo a mais modesta humildade. Ela tudo possui e ao mesmo tempo não aspira mais do que a bondade. Ela é, desta forma, livre de qualquer iniquidade e não possui lei, pois a implacável ira da natureza não tem influência alguma sobre ela. Ela existe na eternidade, pois não é compreendida na terra; ela não é ameaçada por nada, e exatamente como a eternidade, é livre e não repousa em nada a não ser em si mesma, onde há uma eterna bondade (tranqüilidade).

5. Assim também ocorre com a fé verdadeira e reta. Ela é em si um ser essencial. Ela tem vida, mas não busca sua vida e sim a vida da tranquilidade eterna. Ela sai do espírito de sua vida e se possui: está livre de dor, assim como Deus está livre de Dor, e habita na eterna liberdade de Deus. Com relação a eterna liberdade de Deus, é como um nada, e mesmo assim está em tudo. Tudo o que Deus e a Eternidade são e são capazes de fazer lhe serve em algum lugar. Ela não se deixa aprisionar por nada, embora seja uma amostra do habitar no grande poder de Deus. É um ser e não é dominada por nenhum ser. É companheira e amiga da Virgem Divina que é a sabedoria de Deus; nela reside as grandes maravilhas de Deus. É livre de todas as coisas, assim como a luz é livre do fogo, ainda que gerada pelo fogo, contudo o tormento do fogo não pode surpreendê-la ou alcançá-la.
6. Tentamos mostrar que a fé é extraída do espírito da vida, de um fogo ardente e que brilha neste fogo; ela enche o fogo de vida e ainda assim nunca se mantém aprisionada. Mas se ela se encontra aprisionada é porque adentrou a razão como quem se adentra a uma prisão, não estando mais em Deus, em sua liberdade, está num tormento; ela se atormenta, embora tenha condições de se libertar. Na razão ela opera maravilhas no fogo da natureza, e na liberdade ela opera as maravilhas de Deus no amor.

CAPÍTULO II

SOBRE A ORIGEM DA FÉ, E PORQUE A FÉ E A DÚVIDA HABITAM JUNTAS

1. Observando então que a fé é um Espírito com Deus, refletamos sobre sua origem, pois não podemos dizer que seja um aspecto ou imagem da Razão. Ao contrário, é a imagem de Deus, a semelhança de Deus, um aspecto eterno, ainda que possa ser destruída durante o tempo do corpo, ou ser transformada em fonte de angústia. Isto porque ela é, em sua própria natureza, em seu estado original, uma mera vontade; esta vontade é uma semente: a semente necessita do espírito de fogo ou de semear a alma na liberdade de Deus. Desta forma, cresce de semente à árvore, de onde a alma consome e satisfaz seu fogo-vida, a fim de que a alma se torne forte e transmita seu poder à raiz da árvore, fazendo com que cresça no Espírito de Deus, e até mesmo nas maravilhas da Majestade de Deus e floresça no Paraíso de Deus.
2. Ao descrever a fé podemos ser considerados estúpidos e obscuros, pois a Razão quer ver e tocar todas as coisas. Mesmo assim, iremos revelar claramente porque a fé e a dúvida são companheiras e estão como que conectadas por uma corrente, havendo um violento conflito no homem toda vez que ele visita este tabernáculo da vida terrestre, a menos que mergulhe tão profundamente em si mesmo, sendo capaz de introduzir o fogo da vida na liberdade de Deus: assim, ele fica como que morto para a vida da Razão. Não obstante, ele vive, vive para Deus, que é a altíssima e preciosa vida de um homem, raramente encontrada em neles, pois se assemelha à primeira imagem criada por Deus. Embora o que é mortal ainda se apegue a ele, a razão é como uma imagem morta, que pertence à dissolução, onde o verdadeiro homem não vive. Pois a verdadeira vida permanece no lugar oposto, e está em outro mundo, em outro Princípio, vive em outra fonte.
3. Compreendam da seguinte forma: a origem da vida humana é vista e conhecida, surge no ventre; sabe-se no que ela se qualifica e se movimenta, nas quatro formas - fogo, ar, água e carne. Apesar disto, em tal vida não há nada mais do que vida animal, pois que sua razão vem das estrelas; o sol e as estrelas fazem uma tintura nos quatro elementos, quando vem a razão e o poder-qualidade, assim como o prazer na dor. Mas isto está longe de ser a verdadeira vida

humana, pois a razão natural não busca nada mais elevado que a si mesma, em suas maravilhas. Não obstante, há no homem um desejo e uma grande ânsia por uma vida melhor, mais elevada e eterna, onde tal tormento não exista. Embora a razão não compreenda e não veja este desejo, há na razão um *mysterium* que o prova e o conhece, de onde surge o desejar. Com isto, reconhecemos que este *mysterium* foi implantado já na primeira criação e é uma possessão própria do homem, assim como o desejo e o anseio são um apetite mágico. Além do mais, acreditamos que assim como este *mysterium*, estamos num lugar estranho, e que o *mysterium* não é encontrado no espírito deste mundo, pois este não o compreende e não o encontra. Podemos ver que Adão caiu violentamente e que este *mysterium* na vontade da alma é uma fonte oculta, revelada num outro Princípio. Acreditamos, mais que tudo, que este *mysterium* reside oculto no fogo, na fonte da angústia, e é revelado através da angústia da vontade. Observamos ainda, como o mesmo *mysterium* é mantido aprisionado pelo espírito deste mundo e como a razão da vida exterior tem o poder de adentrá-lo e frustrá-lo, não permitindo que o *mysterium* se atenha à luz, mas o encobre, a fim de que a força geradora (amor divino) não se manifeste, mantendo-se oculta no *mysterium*. Quando o corpo se dissolve, a vontade não tem nenhum outro corpo que possa revelar o *mysterium*; conseqüentemente o espírito da alma, ou o fogo espírito, permanece nas trevas, e o *mysterium* é eternamente oculto na alma, como num outro Princípio.

4. Reconhecemos, então, o *mysterium* como o reino de Deus, que está oculto na alma e que proporciona a ela um desejo ardente, para que se imagine neste *mysterium*, onde é magicamente impregnada no mesmo *mysterium*. Daí surge na alma a vontade de sair do fogo-vida e penetrar o *mysterium* de Deus. Se a alma eleva espiritualmente a vontade e a lança no *mysterium*, a vontade passa a ser impregnada no *mysterium*, pois tem o desejo ardente e adquire o corpo e a essência do *mysterium*, ou seja, a essência de Deus, que é incompreensível para a natureza. Assim, a vontade extrai a semelhança ou imagem de Deus para si mesma.
5. Veja então, que a vontade é adquirida do fogo da alma; ela é, de fato, enraizada na alma, e não há separação entre vontade e alma. A vontade se torna assim um espírito em Deus, uma veste da alma, a fim de que a alma na vontade se oculte em Deus, ainda que habite no corpo. A alma é na vontade ou na fé verdadeira e sincera uma filha de Deus, e habita em outro mundo.
6. Não se deve compreender esta vontade como sendo histórica, em que a Razão sabe que há nela um desejo por Deus, mas que mantém este desejo aprisionado na fraqueza, não permitindo que a vontade saia da alma e penetre na vida ou no *mysterium* de Deus. Esta Razão forma opiniões e envolve a vontade na desilusão, com a desilusão, a vontade não pode alcançar o *mysterium* de Deus. Ela permanece, desta forma, na desilusão, ou bem escondida na alma, direcionada para algo futuro, na medida em que a Razão mantém a vontade como uma prisioneira no desejar da carne, na magia sideral, sempre dizendo: “Amanhã tu sairás em busca do *mysterium* de Deus. Na verdade, não há faculdade individual de descoberta: esta idéia é enganadora. Do mesmo modo, não existe liberdade na desilusão, em que a vontade é capaz de penetrar e ver a Deus, de forma que a Razão possa se imaginar realizando alguma coisa e agradando a Deus.
7. Não há caminho mais perfeito do que tirar a vontade da Razão, ao invés de fazer a vontade buscar a si mesma; mas se lançar totalmente no amor e na vontade de Deus, desprezando a Razão pelo caminho. Embora estes tenham sido grandes pecados e vícios perpétuos, aos quais o corpo se entregou, deveríamos, pela vontade unicamente, superá-los, valorizando o amor de Deus muito mais do que a corrupção do pecado. Deus não é Aquele que recebe pecados, mas Aquele que recebe a obediência e a vontade livre. Ele não tolera o pecado junto de Si, mas sim uma vontade humilde que deixa a casa do pecado e que não mais deseja pecar, que se afasta para fora ou além da razão, e entra no Seu amor, como uma humilde criança obediente: esta

criança Ele recebe, pois é pura. Mas se a vontade ainda permanece na desilusão, fica circundada por esta desilusão, ela não é livre. Observe que Deus é em si livre do que é mal, a vontade também deve ser livre, pois assim será a imagem, semelhança e a própria possessão de Deus; Como o Cristo nos ensina: “Todo aquele que o Pai me der virá a mim e quem vem a mim eu não o rejeitarei” (João 6.37).

CAPÍTULO III

SOBRE A PROPRIEDADE DA FÉ, COMO ELA EMERGE DA VONTADE DO DESEJAR NATURAL PARA PENETRAR A VONTADE LIVRE DE DEUS.

1. Compreendamos melhor, da seguinte forma: Sabemos e reconhecemos nas Sagradas Escrituras, assim como pela luz da natureza, que tudo procede do Ser eterno, o bem e o mal, o amor e a ira, a vida e a morte, alegria e tristeza. Não é por isso que podemos dizer que o mal e a morte vêm de Deus, pois em Deus não há morte e mal algum, e por toda eternidade nada do que é mal entra em Nele. A fúria vem unicamente do fogo da natureza, onde a vida é encontrada como na magia, onde cada forma de anseio deseja e desperta um outro anseio. Como consequência, surge as essências da pluralidade, de onde maravilhas são geradas pela manifestação da eternidade em similitudes. É preciso dizer ainda, que na vontade de Deus é um desejo o que faz surgir a magia de onde floresce a pluralidade. Contudo, a pluralidade não é a própria vontade de Deus, esta é livre de todos os seres, mas no anseio da vontade a natureza é trazida à tona com todas as formas; assim, tudo surge do processo de desejo ou da magia eterna.
2. Sabemos que tudo aquilo que busca a vida, que se imagina no anseio e coloca sua vontade na natureza, é o filho da natureza e tem com ela uma única vida. Mas tudo aquilo que com sua vontade se afasta do anseio da natureza para aderir à vontade livre de Deus é conhecido e recebido pela vontade livre, é um espírito em Deus, e embora esteja na natureza, da mesma forma que a natureza foi gerada desde a eternidade na vontade de Deus, seu espírito-vida está fora da natureza, na Vontade-livre; por este intermédio, as maravilhas da natureza permanecem reveladas em Deus, ainda que não sejam o próprio Deus. Se o espírito da vontade da alma (a imagem) deixa a razão da natureza para adentrar a Vontade-livre de Deus, então o espírito da vontade é o filho de Deus, a natureza-espírito uma maravilha de Deus e a criatura se encontra introvertida em si mesma, como o próprio Deus. O espírito-razão ou sideral busca em sua magia, em seu centro de razão, as maravilhas da eternidade, com esse fim é que Deus criou a alma no corpo de outra natureza, embora a alma só seja apreendida na vida interior. O espírito da vontade busca a liberdade de Deus, onde é guiado no livre e divino *mysterium* pelo Espírito Santo, a fim de que a Divindade seja revelada no espírito da vontade, e na razão-espírito é revelada a magia da natureza com suas maravilhas.
3. Vemos então, que a alma é o centro onde o verdadeiro espírito da vontade, diferenciado da liberdade de Deus, passa a integrar esta liberdade divina, dentro do *mysterium*, possuindo também o espírito sideral através da conexão. Se a alma domina este espírito, não permitindo que opere nenhuma fraqueza, ela será capaz de conhecer as maravilhas siderais, que no espelho elemental foram feitas como substância, diante da Majestade de Deus e na vontade livre de Deus, a fim de que as maravilhas aparecessem na liberdade da Majestade Divina como uma semelhança da vontade de Deus. Não se deve pensar com isso, que a liberdade de Deus se mistura com as maravilhas da Natureza e com o que é semelhante, com intuito de ser Um. Não; Deus permanece eternamente livre, ele habita nas maravilhas assim como a alma habita o corpo. Quanto menos o corpo estiver ligado à alma ou ao fogo da luz, menos a Natureza estará ligada à

Divindade. Ainda que o fogo seja um ser e tenha, desde a eternidade, se separado em duas partes, em fogo e luz, entendendo por fogo a fonte da natureza e por luz o *mysterium* do espírito-vida sem uma fonte, o fogo também é um *mysterium*.

4. Assim, compreendamos que isto também se aplica ao homem. A alma é o fogo da verdadeira vida humana, que Deus soprou com seu espírito, da natureza eterna ou do centro de Deus em Adão. O espírito gerado do fogo da alma, formado pelo espírito de Deus à sua própria imagem, possui o *mysterium* divino, de onde a vontade do amor de Deus é gerada; de onde surge a magia ou desejo, para que o espírito da vontade anseie à Deus. Quando a magia divina surge, ou sai do *mysterium* oculto na liberdade de Deus, é como uma ramificação ou um crescimento no reino de Deus. É algo que cresceu do *mysterium* de Deus e opera na vontade de Deus, revelando as maravilhas na sabedoria de Deus. Nunca, ainda que em Deus, algo novo foi gerado sem ser eterno na sabedoria de Deus, que não tenha número ou fundamento, mas só no espírito da alma, este infinito e eterno *mysterium* é revelado para maior glória de Deus e da própria alma, ou seja, para a alegria eterna da criatura.
5. Desde então, a ânsia corrupta e terrestre se mistura com as fontes siderais; a alma, na dolorosa queda de Adão, se imaginou, com sua vontade, nas estrelas, e na ânsia terrestre, introduzindo em si mesma a magia contrária; sua vontade foi quebrada e a imagem divina destruída. A celeste imagem divina do homem tornou-se terrestre, afim de que a vontade correta se voltasse para o espírito deste mundo, razão pela qual são geradas as estrelas. Se faz necessário agora, para a verdadeira imagem de Deus, destruída e tornada terrestre, que se torne outra e renasça. Não haveria sido encontrado remédio algum para esta imagem, se o Verbo do centro de Deus, que é a própria vida de Deus, não tivesse se tornado homem e dado um novo nascimento em si próprio à pobre alma, cuja imagem estava corrompida. Com isto um novo socorro foi prestado à verdadeira imagem, senão ela teria sido eternamente roubada da liberdade e majestade de Deus.
6. Sendo as almas procedentes de uma, todas tem sido geradas a partir da raiz corrupta; contudo, desde que a nova vida regenerada no Cristo veio habitar a alma novamente, é preciso que lancemos nossa vontade na regeneração, através de Cristo. Pois em Cristo renascemos com nossas almas em Deus, alcançando mais uma vez a imagem. Depois da Queda, o *mysterium* em nossa alma, só permaneceu na magia da natureza cujo centro é um fogo. A imagem havia deixado a liberdade de Deus para adentrar uma outra magia, ou seja, o princípio externo. Ora, quando isto se quebra em pedaços no ser, a pobre imagem corrupta da alma fica nua, exposta, como uma criança perdida; a única coisa que ela pode despertar em seu próprio centro é a fonte do fogo ardente. Pois ela deixou o Verbo de Deus, ou o *mysterium* de Deus, para penetrar um espelho destrutível, o Espírito deste mundo, que tem um começo e um fim. É também por isso que o corpo da alma se tornou totalmente terrestre e uma oração à destruição e à morte.
7. Tendo Deus, através da graça, voltado seu amor a nós, dirigido a alma através de Cristo para a liberdade e enfraquecido o *mysterium* na imagem, a fim de que esta possa, mais uma vez, habitar em Deus ou no paraíso das maravilhas, se faz necessário que apartemos nossa vontade do outro centro, o da vida transitória, introduzindo-a na vontade livre de Deus. Para que tudo isto ocorra, não se faz necessário apenas uma história ou ciência, para que o homem possa dizer: “Eu acredito que seja...”, “Eu sei e Eu desejo”, e continue com sua vontade mergulhada no princípio externo. Não, nas Escrituras vemos, “É preciso nascer de novo através da água e do Espírito Santo, para ver o reino de Deus” (Jo. 3.5). É preciso haver determinação, a vontade da razão deve ser quebrada, deve haver um movimento vivo da vontade que atravessa e luta contra a razão. E embora isto seja muito difícil para a alma, já que é muito corrupta, não há outro ou melhor remédio para ela do que se fazer de morta com toda sua razão e mente, se deixando

envolver apenas pela misericórdia de Deus, a fim de que não haja mais espaço para a razão, para que Deus seja o mestre. Quando a vontade vence a razão, esta aparece como que morta, embora ainda viva. Ela se torna o servo da vontade reta, ainda que fora desta circunstância seria mestre. A vontade de Deus deve ser o mestre da razão, se é que a razão pretende realizar algum bem que subsista diante de Deus, pois este bem é feito na vontade de Deus e é extraído daquilo que tem seu princípio no eterno.

8. Ainda que não possamos afirmar que nossas obras ou conquistas durem para sempre, com certeza seu reflexo ou sua imagem resistirá, embora permaneça, verdadeiramente, no ser. No *mysterium* isto tem o nome de magia divina, diante da sabedoria de Deus, contra a qual só o princípio externo se quebra. Pois, na imagem humana, nada mais é quebrado do que o domínio externo nos quatro elementos, agrupados, mais uma vez, em um. Também todas as cores e formas dos quatro elementos são reconhecidos com tudo o que são gerados. Portanto, um dia final de separação foi apontado por Deus na Natureza, quando tudo deve ser testado pelo fogo, seja gerado na vontade de Deus ou não, quando cada princípio irá colher suas maravilhas. Muitas obras do homem permanecerão no fogo, pois não foram geradas na vontade de Deus; em Deus não entra nada impuro (Ver. 21.27; 22.15). Tudo o que é gerado da outra magia não é puro.
9. Temos um exemplo disto na terra, que é corrupta. Se perguntarmos: Por que? A resposta é: Embora o diabo tenha sido criado um anjo, com sua criação ele e sua legião passaram a ocupar o Enxofre, ou o centro da Natureza, de onde a terra foi, mais tarde, criada. Foi ele quem excitou a ira na Natureza afim de que a terra tivesse uma ânsia impura e diabólica, ainda que esteja fechada na morte e reservada para a putrefação. Ela será então testada no fogo eterno, e voltará àquele estado anterior à criação, chamado na magia eterna de natureza eterna.

CAPÍTULO IV

O QUE É O TRABALHO DA FÉ E COMO A VONTADE IRÁ ACOMPANHÁ-LA E TORNAR-SE SUA GUIA

1. Desde então tudo o que é gerado na natureza é compreendido na vontade de Deus; compreendamos com isso que nada pode adentrar a vontade de Deus, a menos que seja gerado ou feito na vontade de Deus; compreendamos claramente que precisamos nos entregar à vontade de Deus com toda nossa razão e mente, trabalhar com nossas mãos no mundo, buscando o alimento da fome, mas não colocar aí toda a nossa vontade, nem mesmo desejar acumular bens terrestres: pois onde estiverem a nossa vontade e o nosso coração estará também o nosso tesouro. Se nossa vontade estiver na vontade de Deus, teremos o Seu grande *mysterium*, de onde este mundo foi gerado, como semelhança. Assim, possuímos ambos, o eterno e o perecível e ainda mais; trazemos as maravilhas de nossas obras para o *mysterium* eterno, pois elas buscam a vontade-espírito. Mas quando desviamos nossa vontade do eterno para o *mysterium* terrestre e consideramos o dinheiro nosso tesouro, a beleza do corpo a nossa glória, a honra e o poder a nossa jóia mais valiosa, então a nossa vontade fica prisioneira deste *mysterium* terrestre e nos agarramos somente ao espelho, não realizamos a liberdade de Deus. O espelho, que é o reino externo, será testado pelo fogo e a ira será separada do puro, pois a ira será uma queimação eterna.
2. Quando a razão se insere na mente da alma e em sua vontade-espírito, onde está a imagem de Deus e o verdadeiro homem dentro do espelho exterior, ou desejo hipócrita, de fato a imagem e o verdadeiro homem são feitos prisioneiros da razão e infectados com a magia exterior, que é aquele mesmo desejo hipócrita. A imagem usa esta substancialidade exterior, não só como uma

mera vestimenta, trata-se de uma infecção e uma completa mistura. Pois, ainda que o fogo da alma não se mistura com o reino externo, a vontade-espírito da alma, que é a da magia, está misturada a ele, sendo a imagem de Deus destruída e transformada numa imagem terrestre, por onde o fogo-vida da alma permanece ardente, tendo uma imagem terrestre na vontade-espírito.

3. Quando o corpo se enfraquece e morre, a alma retém sua imagem, que é a vontade-espírito. Ela está agora desligada da imagem corporal, pois na morte há separação. A imagem aparece então naquelas coisas que a vontade-espírito carregava consigo aqui, aquilo que a corrompia, já que possuem a mesma fonte. Aquilo que amou aqui, e que foi portanto seu tesouro e aquilo que a vontade-espírito adentrou; a imagem da alma também será confeccionada de acordo com essa vontade. Se durante sua vida um homem usou seu coração e sua mente com orgulho, esta mesma fonte irá sempre irromper na alma e na imagem, e está estará longe do amor e da bondade, que é a liberdade de Deus, não podendo assegurar ou possuir liberdade. Ao contrário, ela experimentará um tormento angustiante tão grande, na medida em que contínuas confecções se formaram, de acordo com as coisas terrestres que a vontade penetrou. Isto irá cintilar no fogo da alma e fazer com que nasça nela o desejo de passar pelo fogo, pela bondade de Deus, pois não pode criar outra vontade. Ela não pode penetrar a liberdade de Deus, o santo *mysterium* onde poderá obter uma outra vontade, ela vive só em si mesma. Ela não tem nada, nem pode almejar a nada, a não ser aquilo que tinha na vida interior e que permanece com ela. Isto também ocorre com o homem avarento que tem em sua vontade e imagem, a magia do desejo avarento. Ele sempre deseja ter muito para si e busca na vontade espírito, aquilo a que se associou na vida do corpo. Mas esta última o desamparou e seu ser não é mais terrestre, ele ainda carrega consigo a vontade e a pestilência terrestre, isto o atormenta tremendamente, mas ele não pode se apegar a mais nada.
4. Coisa pior ainda ocorre com a Falsidade, que o infeliz apregoou e com que amaldiçoou o falso homem pela sua opressão. Pois o que quer que tenha sido forjado na fraqueza foi causado por ele, segue à ele, pois foi forjado no *mysterium* da cólera. Portanto, a alma corrupta após a morte do corpo, cai nesta cólera e deve banhar-se nestas mesmas abominações. Se fosse possível usar a vontade para entrar no amor de Deus, ainda assim estas mesmas abominações e fraquezas a segurariam, pois produzem um desespero eterno, forçando a alma a se desesperar, renunciar à Deus e desejar unicamente surgir e viver naquelas abominações. Está passa a ser sua alegria: blasfemar contra Deus e seus santos, exaltando-se nas abominações, acima de Deus e do Reino dos céus, sem reivindicar ou ver nenhum dos dois.
5. Com isto, levamos o leitor a considerar o que é a vontade e a convicção, o mestre e o guia, que introduzem a imagem do homem, tanto no amor de Deus como na ira de Deus. Pois na vontade é gerada a fé verdadeira e reta onde permanece a nobre imagem de Deus; na fé, renascemos em Deus, através de Cristo, e obtemos novamente a nobre imagem que Adão perdeu e que Cristo trouxe novamente dentre a humanidade, com a vida de Deus.
6. A vontade falsa, mais que tudo, destrói a imagem, pois a vontade é a raiz da imagem, ela atrai o *mysterium* de Deus para dentro de si. O espírito do *mysterium* revela aquela bela figura e a reveste com o *mysterium* divino, que é a substancialidade de Deus; entendam por isso o corpo celeste de Cristo que nasceu de Deus através da amável e bem-aventurada virgem de sua sabedoria, e que enche o céu. Portanto, se nossa mente e vontade se concentrar nisto e se nossa vontade realmente desejar, ela se torna mágica e adentra o mistério. Se a vontade tiver fome, poderá comer do pão de Deus; assim, o novo corpo cresce sobre ela, é a árvore abençoada da fé Cristã, pois todo corpo preza a si mesmo. Quando a alma recebe o corpo de Deus, que é tão doce

e justo, como poderia não amar aquilo que lhe é dado por seu próprio mérito, que é o lugar onde habita e vive, e de onde extrai o poder para se alimentar e se fortalecer.

7. Nenhum homem deve se enganar e permanecer fixo em sua falsidade e injustiça, sentindo-se confortável com uma fé histórica, pensando: com certeza Deus é bom, sem dúvida irá me perdoar; Vou acumular riqueza, desfrutá-la bem, deixar a meus filhos muita honra e prosperidade e mais tarde me arrepender. Tudo isto é decepção pura. O que mais se acumula é falsidade e o que mais se atrai é a injustiça. Mesmo que isto seja feito com a melhor intenção e da forma mais correta, continua sendo terrestre, pois “tu afundastes teu coração e tua vontade num vaso terrestre, tu cobristes tua nobre imagem e infectastes a santidade que ela continha. Além do mais, tu deixastes como herança a teus filhos apenas o orgulho, a fim de que eles também coloquem sua vontade-espírito apenas nisto. Tu ainda pensas estar fazendo o bem a ti e a teus filhos, mas fazes a ti e a eles o pior”. A vida exterior deve, verdadeiramente ter sustentação e não passa de um tolo aquele que dá o seus bens a perder. Mas muito mais tolo é aquele que se torna um homem fraco com os seus bens, colocando seu coração neles e levando muito mais em conta o prazer temporal, transitório do que o bem eterno que não tem fim.
8. A vida externa deve, verdadeiramente, ter sustentação; é tolo aquele que, voluntariamente, coloca seus bens a perder. Mas, mais tolo ainda é aquele que se torna mau por causa de seus bens, colocando seu coração neles, levando mais em conta o prazer temporal e transitório do que o bem eterno e duradouro, que não tem fim. Aquele que socorre os pobres atrai sobre se muitas bênçãos, pois estes desejam-lhe tudo de bom e oram a Deus para que Ele possa abençoá-lo em corpo e alma. Este desejo e benção entram, com o doador, no *mysterium* que o rodeia e o segue como uma boa obra nascida em Deus. Este tesouro o homem leva consigo, o terrestre não. Pois quando o corpo morre a imagem entra no *mysterium*, ou seja, ela é revelada no *mysterium* de Deus, já que durante o período da vida terrestre o princípio externo foi o seu revestimento. Com a morte do corpo este revestimento cai e o *mysterium* divino aparece na imagem e dentro dele toda boa ação e obras geradas pelo amor na vontade de Deus.
9. O desejo e a oração de todos os bons filhos de Deus permanecem no *mysterium* e os unem à imagem, pois os filhos dos pobres a quem ajudaram em suas necessidades e atribulações enviaram sua vontade, em suas orações, ao *mysterium* de Deus e ali se juntaram ao seu Consolador e libertador, abrindo-lhe um caminho no *mysterium* divino. Assim, quando este benfeitor entra no *mysterium* e sua vida terrestre é eliminada, todas as coisas são reveladas, se juntando umas as outras e com a vontade que as direcionou.
10. Tudo isto será reservado para o julgamento de Deus Espírito Santo no *mysterium*, quando cada homem irá colher o que tiver plantado aqui neste campo. Tudo irá então florescer numa nova terra celeste, em que o homem irá cobrir sua imagem divina com o corpo do *mysterium* perfeito de Deus; e diante dele, diante de sua imagem corporal, verá sua retidão e compreenderá porque é tão justo. Ele conhecerá sua causa, regozijar-se-á eternamente e modelará sua canção de louvor à honra e magnificência de Deus. Por outro lado, a multidão ímpia terá desprezo, inveja, orgulho, malícia; amaldiçoará os pobres em seu *mysterium* se unindo na ira, e estes irão segui-la. Assim, sempre saberão a causa de seu tormento e serão portanto eternos inimigos de Deus e de Seus filhos.

CAPITULO V

PORQUE O DESCRENTE NÃO É CONVERTIDO; QUAL É A PARTE MAIS DOLOROSA DA CONVERSÃO; SOBRE OS FALSOS

**PASTORES; COMO DEVEMOS ENTRAR NO REINO DE DEUS; SOBRE
A DESTRUIÇÃO DO REINO DO DEMÔNIO; SOBRE AS TRÊS
FORMAS E O QUE HERDAMOS DE ADÃO EM CRISTO.**

1. A multidão descrente não pode, agora, apreender tudo isto, porque não há neles a vontade que deseja compreender; o ser terrestre os mantém atados, a fim de que não adquiram uma vontade no *mysterium* de Deus. Diante de Deus eles são como os mortos, não há o sopro da vida divina em neles. Nem eles tampouco o desejam, pois estão trancados no *mysterium* da ira de Deus, a fim de que não conheçam a si mesmos. Não foi Deus quem fez isto a eles, mas eles mesmos penetraram e se afundaram neste estado, por sua própria vontade-espírito; desta forma, correm como homens loucos. Ainda que o tesouro esteja oculto dentro deles, no centro, no princípio divino e ainda que possam, muito bem, superar o ser terrestre e a fraqueza e penetrar a vontade de Deus. Eles permitem, intencionalmente, que a ira os tomem, pois o orgulho e a honra própria os satisfazem perfeitamente, e é isto que os aprisionam.
2. Mas após esta vida, não há mais remédio para eles. Quando o fogo da alma é exposto e ardente ele só pode ser apagado por nada menos que a bondade de Deus, ou seja, pela água da vida eterna no *mysterium* de Deus. Mas ninguém se preocupa com isto, pois há um grande abismo entre eles, ou um princípio inteiro. Mas nesta vida, enquanto a alma ainda nada e queima no sangue, tudo é possível, pois o Espírito de Deus voa nas asas do vento. Deus se tornou homem, o Espírito de Deus penetrou a alma com a vontade, ele deseja a alma, ele coloca sua magia em direção à alma; a alma precisa unicamente abrir a porta e ele irá entrar, voluntariamente, para desvelar o nobre grão da árvore da fé Cristã.. Esta é porém, a parte mais dolorosa, a mais difícil de ser compreendida pelo homem: a necessidade de ter o espírito de sua vontade guiado para fora de seu tesouro terrestre, fora do orgulho, da avareza, da inveja, da ira e da falsidade, que ameaça o Espírito de Deus. Sua boca não pode ser um dissimulador e nem a sua vontade e seu coração permanecer fixo no *mysterium* terrestre: ele deve ser sério desde o fundo de sua alma e de seu coração; a vontade deve se voltar para o *mysterium* divino, chamado o amor de Deus, a fim de que o Espírito de Deus possa ter espaço e lugar em nele para soprar a pequena centelha divina. Não há outro remédio e o fingimento não serve para nada.
3. Um homem pode decorar as Escrituras e se sentar a vida inteira numa igreja, mas mantém na imagem de sua alma um homem bestial e terrestre que só tem falsidade em seu coração, sua vontade dissimulada não serve para nada. Um sacerdote que age externamente de acordo com o *mysterium* de Deus, mas que não tem a imagem de Deus dentro de si, e ainda se sustenta unicamente na honra e avareza, é um recinto para o demônio, um dos mais egoístas, pois é apenas um impostor que se utiliza do *mysterium* de Deus, além de ser um ilusionista sem poder. Ele mesmo não possui o *mysterium* de Deus, como então irá oferecê-lo aos outros? Trata-se de um falso pastor, e um lobo entre as ovelhas. Pois todo aquele que carrega o *mysterium* de Deus, ou seja, que o despertou e dele se rodeia, é guiado pelo espírito de Deus, ele é o sacerdote de Deus, pois prega a partir de Deus. Nenhum homem pode ensinar corretamente, a não ser que ensine a partir do *mysterium* de Deus. Mas como irá ensinar aquele que esta fora dele? Não irá ensinar a arte e razão terrestre? E no que isto afeta o *mysterium* de Deus? Ainda que a razão seja algo nobre, sem o Espírito de Deus ela é sega. Pois o Cristo diz: “Sem mim não podes fazer nada” (Jo 15.5). “Aqueles a quem o espírito de Deus guia são os filhos de Deus (Rom. 8.14). Aquele que sobe ao aprisco por outro caminho e não através do espírito de Cristo é um ladrão e um assassino e veio apenas para roubar em benefício próprio (Jo. 10.1). Ele não alimenta as ovelhas, mas as devora como um lobo.

4. É desta forma que devemos compreender a árvore da fé Cristã. Ela deve ser viva e não como uma história ou ciência morta. O verbo da vida deve dar à luz um homem na imagem, a fim de que a alma possa conter a imagem de Deus, ao contrário não será filho de Deus. Não há porque ser hipócrita ou renovar esperanças, pois enquanto o homem carregar unicamente a imagem terrestre em sua alma, ele estará fora do *mysterium* de Deus. Ainda que pense: Eu irei, de fato me converter um dia, mas antes irei juntar o suficiente para mim, para que não fique necessitado e para que os negócios terrestres não fiquem no meu caminho mais tarde. Não, este é um truque demoníaco. Mas é através da perseguição, da cruz, da tribulação, do desprezo e do desdém que devemos adentrar o reino de Deus. O demônio mantém seu controle na imagem terrestre e ridiculariza os filhos de Deus em seu trono de orgulho, quando estes tencionam escapar de suas garras. Portanto, a multidão fraca serve o demônio e o ajuda a realizar sua obra.
5. O homem que deseja chegar à Deus não deve levar nada disso em conta. Deve considerar que está num país estranho, entre assassinos e que é um peregrino a caminho de sua verdadeira terra natal. Ele cai em meio aos assassinos que o atormentam e o roubam, mas se ele suporta o bastante para preservar sua nobre imagem, suas posses são suficientes; como retorno ele receberá o *mysterium* celeste, onde tudo reside e do qual este mundo não passa de um espelho. Tolo é aquele que toma o reflexo de um espelho como um ser substancial, pois o espelho se quebra e seu amante fica privado de sua existência. É como alguém que constrói sua casa na areia perto das águas que, aos poucos, a levam embora. O mesmo acontece com a esperança terrestre.
6. Ó, filho do homem! Nobre criatura, não ceda ao poder. Irá te custar o reino eterno. Busca a ti mesmo e te encontrarás, mas não no reino terrestre. O homem encontra realmente, o reino de Deus, quando penetra e se encerra no divino e celeste *mysterium*. Toda a pompa deste mundo é nada se comparada com a beleza celeste, não vale a pena que um homem fixe seu amor nela, mesmo quando se chega à conclusão de que Deus também a tenha criado.
7. Compreendam-me: o homem exterior manifesta as maravilhas da natureza exterior, ou seja, no *mysterium* exterior, tanto fora da terra como acima da terra. Tudo o que as estrelas possam fazer e que a terra contém em si, tudo isto o homem tem que expressar em maravilhas, formas e seres, de acordo com o modelo eterno, como é visto na sabedoria de Deus antes dos tempos do mundo. Mas sua vontade não deve ser colocada aí, e nem considerar tudo isto seu tesouro, deve apenas usar estas maravilhas para seu ornamento e deleite. Com seu homem interno, deve trabalhar no *mysterium* de Deus, então o espírito de Deus também irá auxiliá-lo na busca e encontro daquilo que lhe é destituído.
8. Desde a dolorosa queda, temos sido tão corruptos que nossa mente voltou-se do *mysterium* celeste para o *mysterium* terrestre, ou espelho. Desta forma, metade de nós está morta. É fundamental portanto, que tiremos nossa mente e vontade do brilho terrestre e busquemos, em primeiro lugar, a nós mesmos antes do adorno terrestre, e que aprendamos primeiro a reconhecer onde está a nossa casa, e não tornar nossa mente terrestre.
9. Pois o homem, embora esteja na imagem de Deus, ainda possui uma vida ternária. Mas quando perde a imagem de Deus, fica apenas com uma vida binária, sendo a primeira aquela da alma que surge no fogo da natureza eterna. Ela permanece liderando em sete formas, todas de acordo com o espírito da natureza. A segunda vida permanece na imagem que procede da fonte da natureza eterna, chamada o fogo da alma, cuja imagem permanece na luz, numa outra fonte e tem seu espírito vivo, assim como o fogo e a luz. Pois a fonte da luz não é a mesma fonte do fogo, ainda que a luz proceda do fogo; e por fonte da luz compreendemos o espírito suave, puro e agradável e por fonte do fogo a sua causa. Vemos que do fogo surge o ar, que é o espírito, e sabemos que o

ar está nas quatro formas; um seco, de acordo com a ferocidade do fogo, e um úmido como a água da atração adstringente. Um terceiro é suave, procedente da luz e o quarto é procedente do terror do fogo feroz.

10. Em segundo lugar, compreendemos a outra água no terror-brando, na qual a fonte afunda através da mortificação e na morte se torna como se não fosse nada, pois no nada a liberdade eterna, que é o abismo eterno da eternidade, é alcançado. Quando a luz impalpável está afundando e olha para a eternidade, afundando cada vez mais, o poder da luz desabrocha na luz e isto é vida vindo da morte enterrada, pois a ira do fogo permanece na fonte feroz, da água feroz e não adentra a morte. Isto não pode ocorrer porque pois a ferocidade é a vida almejada mais forte que não pode morrer e não pode atingir a liberdade eterna, pois é chamada e permanece sendo a vida da natureza, para sempre. Ainda que também se possa encontrar uma natureza na vida da luz, ela não é dolorosa ou hostil como na origem da natureza, com relação à nomenclatura que Deus dá a si mesmo: a de Deus irado e ciumento. Pois na fonte da luz a água que através da morte afundou na liberdade, se torna uma fonte e água da eterna vida de júbilo. Onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima, não afundando mais, mas desabrochando e sendo um paraíso. O movimento gerado na fonte da água é conhecido como Elemento, este é o elemento puro no mundo angélico. A causa do fogo na luz é o eterno firmamento onde o eterno conhecimento de Deus é manifestado em sabedoria, do qual podemos reconhecer uma similitude no firmamento exterior e nas estrelas. Compreendemos que a luz, em todas as formas, é mestre, pois ela possui bondade e é uma vida gerada através da morte amarga, ou da fonte de angústia na queda. O poder da luz desabrocha na luz e isto significa vida surgindo da morte putrefata, pois a ira do fogo permanece na fonte ígnea da água que não penetra a morte. Isto não seria possível, pois a é a vida forte que não pode morrer e não pode alcançar a liberdade eterna, já que é chamada de vida natureza, permanecendo assim para que sempre se encontre natureza na vida luz, não se trata de nada hostil ou doloroso como na origem da natureza, com referência ao que Deus chama a si mesmo de Deus irado e ciumento. É que na fonte da luz, a água que, através da morte encontra a liberdade, torna-se uma água fonte de vida e alegria, onde o amor e a bondade fluem eternamente para cima. Não se trata mais de afundar, mas de um desabrochar chamado paraíso. Este mover-se para fora da fonte da água é conhecido como Elemento, um elemento puro no mundo angélico. O fogo na luz é o eterno firmamento em que o conhecimento eterno de Deus é manifestado na sabedoria, da qual vemos uma semelhança no firmamento externo e nas estrelas.
11. Percebemos assim, dois mundos, um dentro do outro, sendo que um não compreende o outro; um na ira da natureza feroz, na água da venenosa e angustiante fonte, onde habitam os demônios; outro na luz, onde a água da luz se afundou e ressurgiu da angústia, rumo a liberdade eterna; isto a água venenosa não pode conseguir ou se apoderar; a única coisa que separa estes dois mundos é a morte, dividindo-os em dois princípios, em duas vidas: a vida da ira e a vida do amor, onde a vida é conhecida como a verdadeira vida em Deus. É por esta razão que Deus se tornou homem, pois com Adão, saímos desta (luz) vida e penetramos na vida (mundo) exterior. Ele teve que, através de Sua morte, nos trazer de volta da fonte feroz, fora da vida de angústia e voraz, passando pela morte, rumo a vida de luz e de amor. Embora o portão da morte estivesse, de fato, fechado, na ira da alma humana, (já que a alma estava na fonte de angústia na natureza interna, no fogo do veneno, que é a água da angústia), o Senhor Cristo quebrou o lacre da morte, e com sua alma humana desabrochou da morte, na luz de Deus e de sua vida-luz mantém a morte capturada. Isto tornou o demônio um escárnio. Pois com este lacre, Lucifer pensou ser mestre e príncipe todo poderoso da ira; mas quando o lacre foi quebrado, o poder da Divindade na luz destruiu o seu reino. Lá se manteve um servo capturado, pois a luz de Deus e a água da bondade são a morte para ele, pois através destes dois elementos a ira é eliminada.

12. Desta forma, a luz e o amor penetraram a ira com o elemento paradisiaco e a água da vida eterna, a ira de Deus foi extinta. Por esta razão Lucifer permanece consigo mesmo, como uma fonte de fogo angustiante e repleta de ira, em que seu corpo é um veneno e uma fonte de água venenosa. Ele perdeu a confiança do fogo de Deus, caindo na matriz da natureza eterna, a áspera adstringência que gera as trevas eternas. Ali ele leva adiante o governo externo no Mercúrio angustiante; não passa de um desgraçado ou banido, aquele que em sua origem foi um príncipe. Falamos não mais do que um vilão executor e infame, que na ira de Deus tem que ser como um carrasco que pune o mal quando é ordenado pelo seu Senhor. Ele não tem poder para nada mais além disso, embora ainda seja um enganador que gostaria de por as mãos em muitas coisas, para que seu reino se tornasse grande: ele quer ter muito para não ser um escárnio. Da mesma forma que pensa uma prostituta, “se houver muitas prostitutas pelo menos eu não serei a única, mas como tantas outras”, ele também deseja uma grande tribo para que assim possa zombar de Deus. O demônio sempre culpa a Deus por sua queda, dizendo que a ira de Deus o sugou e o confiou a tal vontade de orgulho, incapaz de resistir. Ele pensa que se pelo menos pudesse levar muitos consigo, muitos daqueles que fazem o mesmo que ele, seu reino cresceria e todos poderiam amaldiçoar a Deus, tentando se justificar. Sua força e seu deleite em sua obscura e amarga angústia, é nunca poder eliminar o fogo de dentro de si e voar sobre os tronos. Ele ainda se diz senhor e rei, e ainda que seja mau, é o senhor de sua legião, na ira de suas criaturas. Mas com a ira fora de suas criaturas, ele não tem poder de agir, ali tem que permanecer como um cativo impotente.
13. É preciso compreender que, a vida humana tem duas formas, uma de acordo com o fogo da natureza, outra de acordo com o fogo da luz, onde queima o fogo do amor, onde a nobre imagem de Deus aparece. A vontade do homem deve penetrar a vontade de Deus; assim, ele passa pela morte de Cristo e com a alma de Cristo penetra a liberdade eterna de Deus, na vida de luz, permanecendo ali com Deus em Cristo. A terceira forma de vida é a vida exterior criada pelo mundo, pelo sol, estrelas e elementos; o espírito de Deus soprou esta vida nas narinas de Adão, com o espírito do mundo maior, quando ele também se tornou uma alma exterior, que nada no sangue e na água e queima no fogo ardente e exterior, ou calor.
14. Esta vida exterior não penetra a imagem, ou a vida interior; nem a imagem permite que ela penetre a luz interior (que brilha através da morte e com seu poder desabrocha na liberdade eterna) pois a vida exterior é apenas uma similitude da vida interior. O espírito interior deveria apenas manifestar as maravilhas eternas no espelho exterior (como a sabedoria de Deus estava por traz da magia divina) e trazê-las a um espelho figurativo, ou seja, um espelho maravilhoso para a honra de Deus e satisfação do homem interior, gerado de Deus. Mas sua vontade não deveria penetrá-lo trazendo as maravilhas externas para a imagem, como reconhecemos agora com grande pesar, que o homem traz para sua mente e imagina um tesouro terrestre que destrui a imagem pura de Deus de acordo com o segundo princípio.
15. Em seu atual estado, a vontade-espírito do homem penetra o ser terrestre introduzindo ali o seu amor; sua imagem reside no ser terrestre, ou seja, penetra o tesouro ou vaso terrestre. A imagem em tal imaginação, também se torna terrestre e passa novamente pela morte, perde Deus e o Reino dos Céus, pois sua vontade-espírito permanece fixo no seu amor pela vida externa. A vida externa precisa morrer e ser rompida, a fim de que o homem crie a imagem tal como possa parecer o reino interno, seu espírito-vontade irá então, permanecer com seu amor nas maravilhas externas; com a morte da vida exterior ele irá trazer estas imagens diante do julgamento de Deus. Ali o espírito-vontade terá que passar através do fogo e pelo fogo sua imagem será testada. Tudo o que for terrestre deve ser queimado e banido da imagem, pois esta deve ser pura, sem manchas. Assim como a luz subsiste no fogo, a vontade-espírito também deve subsistir no fogo de Deus, e

se ela não pode passar desobstruída através do fogo de Deus e através da morte, esta mesma imagem da alma será lançada nas trevas eternas.

16. Esta é a dolorosa queda de Adão, ele colocou sua vontade-espírito na vida exterior, no princípio externo, na ânsia falsa, e se imaginou na vida terrestre. Com isto, saiu do paraíso que, através da morte, desabrocha no segundo princípio, no Exterior, ele penetra então a morte. Teve portanto que morrer, para que sua imagem fosse destruída. Isto nós herdamos de Adão. Mas herdamos também a regeneração do segundo Adão, o Cristo, devemos penetrar a encarnação de Cristo e ir com ele em sua morte, e com ele, da morte, desabrochar no mundo paradisíaco na eterna substancialidade da liberdade de Deus.

CAPÍTULO VI

O QUE A LUXÚRIA PODE PROVOCAR; COMO QUE CAÍMOS COM ADÃO E RENASCEMOS COM CRISTO; SOBRE A DIFÍCIL TAREFA DE SER UM VERDADEIRO CRISTÃO.

1. Compreendemos que tudo ocorreu por causa da luxúria; a corrupção surgiu da luxúria, e continua surgindo. A luxúria é um imaginar em que a imaginação se insinua em todas as formas da natureza, a fim de que fiquem impregnadas com a coisa da qual surge a própria luxúria. Com isto compreendemos o espírito exterior do homem, que é similar ao interior. Ele cedeu à luxúria diante da imagem pura e por causa disto, fixou sua imaginação no interior, ocasião em que foi tentado. Como ele não caiu morto imediatamente, deu espaço em sua vontade-espírito para o exterior. Assim o exterior encontrou abrigo no interior e acabou por se tornar dono da casa, obscurecendo o interno, a fim de enfraquecer a imagem pura. A imagem pura caiu entre assassinos, ou seja, entre os espíritos cruéis da natureza e da origem da vida. Isto manteve a imagem cativa e extraiu dela o manto do paraíso, deixando-a meia morta.
2. Houve a necessidade de um Samaritano, o Cristo. Foi por isto que Deus se tornou homem. Se a ferida pudesse ser curada através de uma palavra ou uma palavra de perdão, Deus não teria se tornado homem. Mas Deus e o paraíso estavam perdidos e mais que tudo, a nobre imagem havia sido destruída e desolada; ela precisava ser regenerada a partir de Deus. Portanto, Deus veio com seu Verbo que é o centro da vida de luz, e se tornou carne, a fim de que a alma pudesse novamente receber uma morada paradisíaca e divina. Compreenda que como a alma de Adão havia aberto a porta das essências ígneas, deixando entrar a essência terrestre (cujas fontes se insinuou na imagem paradisíaca tornando-a terrestre), então o coração de Deus abriu a porta das essências de luz e cobriu a alma com um corpo celeste, e assim as essências do corpo santo foi imaginado diante da imagem, diante das essências da alma. A alma foi então, mais uma vez impregnada, para que com sua vontade-espírito entrasse através da morte na vida-paraíso. Veio então a tentação de Cristo; Ele foi tentado para se verificar se a alma comeria do Verbo do Senhor, podendo, através da morte, penetrar a vida de Deus. Isto finalmente se realizou na árvore da cruz, quando a alma de Cristo passou pelo fogo da ira, pela fonte externa, pela morte e desabrochou no mundo paradisíaco santo, onde Adão foi criado. Com isto, nós homens fomos auxiliados mais uma vez.
3. Portanto, se faz necessário, tirarmos nossa vontade, mente e coração de todas as coisas terrestres e colocá-los no sofrimento, no processo de morte, na morte e ressurreição de Cristo; crucificar continuamente o velho Adão com a morte de Cristo e morrer, continuamente, com o pecado na morte de Cristo; com Ele ressurgir sempre da angústia da morte num novo homem, desabrochando na vida de Deus. Não há outro remédio senão este. É preciso morrer para o

mundo terrestre em nossa vontade, e renascer, continuamente, na fé para o novo mundo na carne e sangue de Cristo. Devemos nascer da Carne de Cristo se é que pretendemos ver o reino de Deus.

4. Não é nada fácil ser um verdadeiro Cristão, é uma das coisas mais difíceis. A vontade deve se tornar campeã, lutando contra a vontade corrupta. A vontade deve sair da razão terrestre e mergulhar na morte de Cristo, na ira de Deus e como uma valiosa campeã, interromper o poder da vontade terrestre. Para tanto, é preciso ousar de tal forma que a vontade interrompa a vida terrestre no homem; que ele não desista até que tenha interrompido sua vontade terrestre. Esta é, de fato, uma guerra onde dois princípios lutam para obter domínio. Não há dúvida: tem que haver determinação na luta pela coroa cavalheiresca, e nenhum homem a conquista se não for vitorioso. Ele tem que interromper o poder da vontade terrestre, apesar de ser incapaz de fazê-lo com sua própria força. Mas, se ele se retirar da razão terrestre com sua vontade interna, ele irá mergulhar através da morte de Cristo, através da ira de Deus, no mundo paradisíaco, na vida de Cristo, apesar de toda oposição do Espírito das Trevas. É preciso tornar sua vontade como que morta; assim irá viver para Deus e mergulhar no amor de Deus, embora ainda viva no reino exterior.
5. Mas eu falo da coroa cavalheiresca que o homem irá receber no éden assim que nele penetrar. Lá, a nobre semente está plantada e o homem recebe o mais precioso bem do Espírito Santo que passará a guiá-lo e a orientá-lo. Mesmo que, neste mundo, ele tenha que caminhar num vale de trevas onde o mal e a fraqueza do mundo sempre o ataquem e freqüentemente lançam o homem exterior em abominações encobrendo assim, o nobre grão de semente de mostarda; ainda assim, o Espírito Santo não permitirá que ele seja recapturado, mas que desabroche, e que cresça dali uma árvore no Reino de Deus, não importa todo o barulho e armadilhas do demônio e de seus seguidores. Quanto mais a nobre árvore de pérolas for podada, mais vigorosa e potente ela crescerá. Ela não se deixará ser suprimida, mesmo que isso custe a vida exterior.
6. Portanto, minha cara alma, investigue corretamente a árvore da Fé Cristã. Ela não pertence a este mundo. Ela deve estar, de fato, dentro de ti, mas tu e a árvore devem estar com Cristo em Deus, de forma que este mundo apenas paire sobre ti, assim como pairou sobre o Cristo. Que não se entenda com isto, que este mundo não vale nada e que não tenha proveito diante de Deus. É o grande *mysterium* e o homem foi criado neste mundo como um sábio administrador, para que pudesse desvendar todas as suas maravilhas (que se encontram eternamente no enxofre, de onde foi criado este mundo, suas estrelas e elementos) e dar a elas formas, corpos e imagens, de acordo com sua vontade, para sua satisfação e glória.
7. O homem foi criado inteiramente livre, sem lei alguma. Ele não tinha outra lei senão a lei-natureza, pela qual não podia misturar um elemento com outro. O homem interior não deveria permitir que nada terrestre penetrasse seu interior, mas deveria governar poderosamente o princípio externo. Nunca a morte e sua agonia deveriam ter penetrado o homem, nem os quatro elementos externos deveriam tê-lo tocado. Pois a nobre imagem que deve subsistir no fogo, é a mesma que deve governar todo o homem, através dos três princípios, e governar tudo, e tudo preencher com a fonte do paraíso.
8. Mas como isto não pode ser e a carne se tornou terrestre, devemos agora ser gerados na fé, já que a vida terrestre, de fato, encobre a verdadeira vida. Devemos portanto vestir o correto traje da Esperança, colocar nossa vontade na esperança e sempre trabalhar na árvore da fé, para que ela dê seus frutos, o abençoado amor para com Deus e nossos semelhantes. Um homem deve ser bom, não só por sua causa, mas também para que com seu exemplo e vida possa reparar seu

semelhante. É preciso considerar que ele é uma árvore no reino de Deus, podendo carregar o fruto de Deus, crescer no campo de Deus, para que seu fruto seja colocado na mesa de Deus, e para que ele possa revestir suas obras e maravilhas com o verdadeiro amor, caminhando no amor que pôde trazê-lo para o reino de Deus. Pois Deus é um espírito, e a Fé também é um espírito em Deus e Deus se tornou homem em Cristo. O espírito de Fé também se fez homem em Cristo. A vontade-espírito vive em Deus, pois é um só espírito com Deus, e com Deus opera obras divinas. Ainda que a vida terrestre encubra o homem, a fim de que ele não conheça as obras que gerou com a fé, com a destruição da vida terrestre elas se manifestarão, pois a esperança é seu santuário e um mistério no qual as obras da fé são conhecidas e preservadas.

CAPÍTULO VII

COM QUE FINALIDADE ESTE MUNDO E TODOS OS SERES FORAM CRIADOS, COM RELAÇÃO A DOIS MISTÉRIOS ETERNOS; SOBRE O TREMENDO CONFLITO CRIADO NO HOMEM PELA IMAGEM, E SOBRE ONDE ESTÁ A ÁRVORE DA FÉ CRISTÃ, COMO CRESCE E DÁ SEUS FRUTOS.

1. Como o homem possui uma vida ternária, cada vida é um *mysterium* para a outra; cada uma deseja a outra. É com este fim, que o mundo e todos os seus Seres foram criados, pois a essencialidade divina deseja o espelho ou a similitude. Este mundo é uma similitude, de acordo com o ser de Deus, e Deus é revelado numa semelhança terrestre. Pois, as maravilhas do segredo oculto podem não ser reveladas no mundo angélico, na origem-amor. Mas neste mundo, onde o amor e a ira estão misturados, onde há uma genetrix binária, sim. Pois todas as coisas se originam da raiz ígnea, mas são rodeadas pela água da doçura, a fim de se tornar um ser de amor. Mas, já que no mundo angélico o fogo não é conhecido, uma vez que o centro da genetrix permanece na luz e é a palavra de Deus, as maravilhas da natureza não podem se manifestar, a não ser por uma magia espiritual, ou seja, precisam ser vistas na sabedoria de Deus. Mas como isto é quase impossível para os anjos e para as almas dos homens assegurar, e como Deus quer ser conhecido dos anjos e dos homens, o mundo angélico anseia que as grandes maravilhas os conheçam, pois desde a eternidade estão na sabedoria de Deus. Na similitude terrestre isto ocorre em substância, formas e imagens, todas de acordo com as essências eternas do centro da natureza, a fim de que assim as maravilhas possam resistir para sempre. Não essencialmente, mas em figuras, imagens, similitudes e formas. A magia, de acordo com a vontade geradora, está no centro das maravilhas, pois foi certa vez despertada do fogo, mas ela será engolida novamente no *mysterium* e permanecer como uma vida oculta. Portanto, todos os seres devem se manifestar como uma imagem no mundo angélico, mas somente aqueles que na vontade de Deus foram inseridos no *mysterium*. Pois há dois *mistérios* eternos, um no amor, outro na ira. Onde quer que a vontade-espírito se insira com suas maravilhas, lá estará também todas as suas obras e maravilhas.
2. Da mesma forma portanto, precisamos saber que o externo deseja veementemente o interno, pois tudo se volta para o centro ou origem, aspirando a liberdade. Pois, no fogo da natureza há angústia e tormento; ora, a formação ou imagem da bondade na fonte do amor deseja ser livre, e ainda não pode ser livre na fonte das essências ígneas, até chegar o tempo em que as fontes se dividirão na ruptura: então cada uma passará para seu *mysterium*. Da mesma forma, o fogo quer ficar livre da água, pois a água é também a morte do fogo, e também um *mysterium* para ele. Vemos aqui, como a água mantém o fogo cativo, ainda que não haja mortificação no fogo, mas somente um *mysterium*, como pode ser visto quando ele rompe na água e se manifesta, quando se revela do centro de sua geração. Isto pode ser observado na iluminação, e também reconhecido numa pedra, que é água. Vemos contudo, como que todas as formas da natureza

desejam a luz, pois neste desejo é gerado o óleo em que a luz se torna conhecida, ela que tem origem na bondade.

3. Nossa vida deve ser assim, conhecida de nós, ou seja, que em nós o centro do fogo permaneça aberto, pois a vida queima no fogo. Consideremos então, o desejo pelo amor que tem origem na palavra da vida, no mundo angélico onde o coração de Deus com seus desejos, permanece voltado para nós com sua concepção, que também nos atrai para o *mysterium* divino.
4. É preciso ainda considerar o reino mágico deste mundo, que também queima em nós e nos atrai veementemente para suas maravilhas, pois deseja se manifestar. O homem foi criado para este fim: revelar o *mysterium* e trazer as maravilhas à luz e à forma, de acordo com a sabedoria eterna. Sabendo que este é o seu papel e que assim queima num fogo ternário, o verdadeiro espírito, onde a imagem angélica habita, possui uma grande inquietação e corre grande perigo, pois caminha numa via bastante estreita e possui dois inimigos que lhe atraem continuamente, cada um deles deseja estar na imagem e introduzir ali sua fonte. Trata-se do fogo interno e do fogo externo; o reino interno da ira e o reino terrestre externo do espelho. Assim, a verdadeira imagem permanece no meio, comprimida. Pois o reino interno deseja manifestar as maravilhas através do reino externo, mas por ser bastante astuto o reino externo esquiva-se do reino interno, se contendo no meio, ou na imagem, que permanece na liberdade de Deus, deixando-se rodear pela imagem. A imagem tudo alcança fora do coração de Deus, assim como o centro do reino do contentamento. A imagem tem que se defender, para não deixar entrar o hóspede terrestre, muito menos um que seja ígneo, ainda que seja gerada do dois, ou seja, a vida do fogo e as maravilhas da vida externa. Portanto é extremamente necessário para a imagem do homem ter uma vida temperada e tranqüila e não se saturar do reino externo, o que a impediria de habitar a nobre imagem.
5. Com isto compreendemos a grande luta do homem pela imagem de Deus, pois há três vidas lutando por ela; a vida-ígnea externa; a vida divina e por fim, a vida terrestre. A nobre imagem permanece ao meio, sendo disputada pelas três. É preciso então, se ocultar na fé, no *mysterium* da esperança e permanecer firme neste *mysterium*, visto que o diabo na vida-ígnea interior se escapa continuamente para a vida terrestre exterior, na forma de orgulho, falsidade e avareza, encobrindo a nobre imagem, podendo trazê-la para uma vida de fogo e angústia, o que seria a sua interrupção. Ele sempre pensa que o espaço deste mundo é seu reino; que ali ele não sofrerá outra imagem. Ora, a nobre imagem cai em sofrimento, tribulações, angústia e aflição, e neste ponto um grande conflito ocorre, pela luta de conquistar a coroa cavalheiresca da imagem de Deus. Assim surge a oração para que a imagem possa sempre sair, com ela, do ser terrestre, e também fora do orgulho, das abominações infernais, que penetram continuamente a vida de Deus e seu Amor. Desta forma a verdadeira imagem mata continuamente o Adão terrestre assim como o abominável mal do orgulho; ela deve permanecer sempre como uma campeã. A coisa mais necessária para a imagem é se envolver de paciência, se atirar à cruz e sempre brotar no amor, que é a sua espada, com a qual mata o mal e se retira da natureza terrestre. Não há outra espada com que se defender senão a doce água da vida eterna; esta o orgulhoso e terrível espírito-ígneo não abomina, pois é como veneno que o coloca em fuga.
6. Se desejamos justamente, fazer com que a árvore da fé Cristã seja conhecida, devemos dizer: Sua raiz se encontra no *mysterium* da esperança, ela cresce no amor e seu corpo na manutenção da fé, que é quando a imagem, com o seu mais puro desejo, penetra no amor de Deus e alcança a substancialidade de Deus, ou seja o corpo de Cristo. Este é o *corpus* onde a árvore se sustenta, cresce, floresce e frutifica na paciência. Todos estes frutos pertencem ao mundo angélico, eles

são o alimento da alma; é deles que a alma se alimenta e refresca sua vida ígnea a fim de que se transmute para luz de bondade.

7. Assim cresce a árvore no paraíso de Deus, uma árvore que o homem exterior não conhece, e que razão alguma alcança, mas muito bem conhecida da nobre imagem. Quando a vida externa é interrompida, a árvore se manifesta e todas as suas obras a seguem no *mysterium* da esperança onde foi semeada. Portanto, aqueles que pretendem seguir o caminho dos peregrinos de Deus, não busquem ter, neste mundo, dias bons e prazerosos, repletos de honras terrestres; mas tribulação, escárnio e perseguições o esperam a cada minuto. Aqui ele está apenas num vale de miséria e deve permanecer continuamente na guerra, pois o demônio o ataca como um leão que rugir, e incita todos os seus filhos da fraqueza contra ele. Ele é considerado um tolo, um estranho ao seu irmão, a casa de sua mãe o despreza e o rejeita. Ele passa por tudo isto, semeia na tribulação, sofre angústias, mas não há ninguém que o compreenda ou que tenha seu coração tocado. Todos dizem que sua loucura é sua ruína. Assim ele permanece oculto ao mundo, pois com sua nobre imagem ele nasceu, não do mundo, mas de Deus. Ele semeia na dor e colhe na alegria. Mas quem poderia expressar a glória com que é recompensado? Ou quem ousaria falar sobre a coroa cavalheiresca que lhe pertence? Quem poderia expressar a coroa virginal que a virgem da sabedoria de Deus coloca sobre ele? Onde estará tal beleza que vai além do Céu? Ó nobre imagem! Tu és, de fato, a imagem da Santa Trindade onde o próprio Deus habita. Deus coloca sobre ti suas jóias mais preciosas, para que tu te regozije eternamente Nele.
8. Qual é então, a natureza deste mundo, visto que se interrompe e leva o homem unicamente à dor, angústia e miséria, e o que é pior, à ira de Deus, destrói sua imagem pura e o cobre com uma monstruosa casca? Ó, que vergonha imensa o homem terá por causa disto, quando no dia do julgamento de Deus aparecerá assim, com uma imagem bestial, sem falar do que aconteceu depois, que o fará permanecer ali para sempre. Agora uma repetição terá início, choro e lamentações pelas garantias perdidas, que não podem ser recuperadas em toda eternidade, pois a imagem tem de estar eternamente diante do terrível demônio e realizar o que Lucifer, o príncipe das abominações, deseja.

CAPÍTULO VIII

DE QUE MANEIRA DEUS PERDOA O PECADO, COMO SE TORNAR UM FILHO DE DEUS

1. Meu caro, buscador, mente ansiosa, faminto e sedento pelo reino de Deus, preste muita atenção ao solo que lhe é mostrado. Não é nada fácil se tornar um filho de Deus, como Babel nos ensina. Ali, consciências são levadas por histórias, são encantadas pelo sofrimento e morte de Cristo; ali o perdão dos pecados é ensinado historicamente como num tribunal mundano, lá a culpa é perdoada em troca de favores, embora o homem permaneça um hipócrita em seu coração. Aqui tudo é totalmente diferente; Deus não terá nenhum hipócrita. Ele não tira os nossos pecados enquanto nos apegamos unicamente à ciência e nos confortamos com os sofrimentos de Cristo, sendo que nossa consciência permanece nas abominações. As Escrituras dizem: “É preciso nascer de novo, ou não verás o reino de Deus”. Um homem que se encanta com os sofrimentos e morte de Cristo, atribuindo isto a si mesmo, mas que com sua vontade não se regenera no homem Adâmico, é como aquele que acredita que seu patrão irá lhe conceder alguma terra, embora não seja seu filho, mesmo que o patrão tenha prometido entregar a terra somente a seu filho. Aqui é a mesma coisa: Para receberes a terra de teu mestre e tê-las como tua, debes te tornar seu verdadeiro filho, pois o filho da serva não herdará o mesmo que o filho da mulher livre. O filho da História é um estranho; tu debes nascer de Deus em Cristo, para que possas te

tornar um verdadeiro filho; assim serás filho de Deus e um herdeiro do sofrimento e morte de Cristo. A morte de Cristo é a tua morte, a Sua ressurreição do túmulo é a tua ressurreição, e Seu reino eterno o teu reino. Com isto tu nascerá como o verdadeiro filho de Sua Carne e Sangue e herdarás Teus bens. Não há outra forma de se tornar o filho e o herdeiro de Cristo.

2. Enquanto o reino terrestre permanecer na tua imagem, tu és o filho terrestre do corrupto Adão. Não há como disfarçar. Podes dizer belas palavras diante de Deus, à vontade, tu não passas de um filho estranho e os bens de Deus não serão teus até que tu retornes com o filho pródigo num real ato de penitência e arrependimento por tua herança perdida. É preciso, para tanto, que tu saias com tua vontade-espírito desta vida terrestre e interrompa a vontade terrestre; (é doloroso renunciar, com a mente e vontade-espírito, aos tesouros uma vez possuídos, nos quais a vontade-espírito foi gerada), e tu entrarás na vontade-espírito de Deus. Ali tu irás semear a tua semente no reino de Deus e renascerá em Deus como um fruto que cresce nos campos do Senhor, pois receberás o poder de Deus, o corpo de Cristo e o novo corpo em Deus irá crescer em ti. Serás tu o filho de Deus e os bens de Cristo pertencerão a ti. Seu mérito será teu mérito, Seu sofrimento, morte e ressurreição, todos teus, tu és um membro de Seu corpo, Seu Espírito é teu espírito, Ele irá te guiar no caminho correto e tudo o que fizer, farás a Deus. Tu semeias neste mundo e colherás no céu de Deus; tu és a obra maravilhosa de Deus e tu revelas Suas maravilhas na vida terrestre e as atraem, com tua vontade-espírito para o santo mysterium.
3. Lembre-se disto: a avareza, o orgulho, a inveja, o falso julgamento, os homens fracos, que colocam sua vontade e desejos nos bens terrestres, dinheiro e possessões, nas doçuras desta vida e consideram dinheiro e posses como seu tesouro, depositando aí os seus desejos, embora desejem ser filhos de Deus; estes que se posicionam diante de Deus e fingem, a fim de que Ele perdoe seus pecados, mas que com sua imagem permanecem na pele de Adão, na carne de Adão, e que se consolam com os sofrimentos de Cristo, não estão mais que fingindo. Eles não são filhos de Deus; para serem filhos de Deus é preciso nascer em Deus, de outra forma estarão apenas se enganando, juntamente com os hipócritas que produzem aspectos ilusórios diante de ti. Eles ensinam, mas não são conhecidos de Deus, e não são enviados para ensinar. Ensinam para sobreviverem e para receberem honras mundanas, são os grandes prostitutos de Babel, que fingem diante de Deus com seus lábios, mas que com seu coração e sua vontade-espírito servem ao dragão de Babel.
4. Cara alma, se queres te tornar filha de Deus, prepara-te para a tentação e tribulação. Não é fácil e nem prazeroso entrar na vida de filho, principalmente quando a razão se encontra aprisionada no reino terrestre. A razão deve ser quebrada, e a vontade deve abandoná-la, semeando a si mesma no Reino de Deus, numa humilde obediência, como um grão é semeado no campo. A vontade tem que se tornar como que morta na razão e se doar à Deus; assim o novo fruto cresce no reino de Deus.
5. O homem portanto, permanece numa vida ternária e tudo pertence a Deus; as essências ígneas interiores do primeiro princípio são incorporadas ao novo corpo em Cristo, para que possam fluir da vontade de Deus para a carne e sangue de Cristo. Seu fogo é o fogo de Deus, de onde queima o amor, a bondade, a brandura, de onde emana o Espírito Santo e os auxiliam a manter a batalha contra a razão terrestre e também contra a carne corrupta e a vontade do demônio. O jugo do homem pela vontade terrestre se torna mais fácil para ele, mas é preciso se manter na guerra enquanto estiver neste mundo, pois o sustento pertence à vida terrestre; este homem deve buscar o seu sustento, sem contudo colocar aí o seu coração e a sua vontade, separar as coisas; ele deve confiar em Deus, sua razão terrestre cai continuamente na dúvida de que ele pode sofrer perdas;

ele deseja continuamente ver a Deus, mas não consegue, pois Deus não habita no reino terrestre mas em si mesmo.

6. Desta forma, a razão, por não poder ver a Deus, deve ser dirigida para a esperança; lá a dúvida corre contra a fé e destruiria a esperança. Então a vontade determinada irá lutar com a verdadeira imagem contra a razão terrestre. Isto é doloroso e geralmente vai mal, principalmente quando a razão considera o curso deste mundo, e reconhece sua vontade-espírito como tola em relação ao curso deste mundo. Dizem as Escrituras: Seja moderado, vigie, jejue e ore, a fim de que tu possas adormecer a razão terrestre, e torná-la como que morta, para que o espírito de Deus possa encontrar um lugar em ti. Quando ele aparece, domina rapidamente a razão terrestre e olha com seu amor e doçura para a vontade em sua angústia, e cada vez que isto ocorre um formoso pequenino galho da árvore da fé é gerado, e toda tribulação e tentação servem para o bem dos filhos de Deus. Pois, quando Deus ordena que seus filhos sejam trazidos para a angústia e tribulação, eles se preparam para dar à luz a um novo galho da árvore da fé. Cada vez que o espírito de Deus aparece ele provoca um crescimento, o que proporciona grande regozijo na nobre imagem. É só uma questão do primeiro terrível ataque violento, quando a árvore terrestre deve ser dominada e o grão nobre semeado no campo de Deus, a fim de que o homem possa aprender a conhecer o homem terrestre. Pois quando a vontade recebe a luz de Deus, o espelho se vê em si mesmo, uma essência vê a outra na luz. Assim o homem em sua totalidade, se encontra em si mesmo e sabe o que é, o que não pode saber na razão terrestre.
7. Portanto, que ninguém pense que a árvore da fé Cristã possa ser vista ou conhecida no reino deste mundo. A razão externa não a conhece, e embora a árvore justa já se encontre no homem interior, a razão externa e terrestre ainda duvida, pois o Espírito de Deus é para ela uma bobagem, que não pode ser compreendida. Embora possa ocorrer que o Espírito Santo se revele no espelho exterior, a fim de que a vida exterior tenha grande satisfação e pense: Agora eu ganhei um convidado valioso, agora eu vou acreditar, ainda que não haja uma continuação perfeita, pois o Espírito de Deus não mantém seu domínio na fonte terrestre. Ele terá um vaso puro, e quando se retirar em seu princípio, ou seja, sua verdadeira imagem, a vida exterior fica desesperada e retraída. Assim, a nobre imagem deve lutar sempre contra a vida-razão exterior, e quanto mais ela luta, mais cresce aquela árvore justa, pois a imagem coopera com Deus. Pois da mesma forma que uma árvore terrestre cresce ao vento, chuva, frio e calor, também a árvore da imagem de Deus cresce dentre sofrimento e tribulação, na angústia e na dor, no escárnio e no desprezo, e floresce no reino de Deus e gera frutos na paciência.
8. Observe que sabemos que devemos aplicar tudo isto a nós mesmos, antes de nos deixarmos levar por qualquer medo ou terror, pois iremos, de fato, aproveitar e colher por toda eternidade, aquilo que plantamos aqui em meio a angústia e a miséria, a fim de que tenhamos o conforto eternamente, Amem, Aleluia!

FIM



Sociedade das Ciências Antigas